IV 33511

ALBUM N.º 249
Preço: Cr$ 30,00

PARA uma das mais belas solenidades da vida de seus filhos, a senhora encontrará nêste album os mais graciosos modêlos e sugestões de vestidos, próprios para o ato, caprichosamente idealizados e executados com o mais fino gôsto. Êste modernissimo album contem variados modêlos que agradam pela graça, simplicidade e distinção.

VESTIDOS DE NOIVAS

ALBUM N.º 246
Preço Cr $ 30,00

INEDITA! LUXUOSA DESLUMBRANTE! VARIADISSIMA!

A mais bela e sugestiva coleção de VESTIDOS DE NOIVA, em páginas que oferecem oportunidade de uma escolha demorada, atenta e consciencioso.

O melhor mentor que possa desejar uma noiva no período inesquecivel do preparo do enxoval para o grande dia.

Pormenores de elegância, etiqueta e distinção social da cerimônia. Modêlos de todos os complementos do enxoval, em suas maiores minucias.

ALBUM N.º 253
PREÇO CR$ 30,00

REALIZE seus sonhos, encantadora jovem... sendo, ao mesmo tempo, feliz e elegante! Êste album incomparável, sugere, ensina tudo quanto deve figurar em seu enxoval... e tudo quanto deve enfeitar seu lar, como ninho de ventura e distinção.

ALBUM N.º 256
Preço Cr$ 30,00

A graça, a delicadeza, o bem estar do "principezinho" do lar exigem (e merecem...) todos os cuidados! Colaborando com as mães, êste album facilita a confecção, através de riscos admiráveis, de enxovais práticos e lindos para o recém-nascido.

BICHINHOS BORDADOS

ALBUM N.º 3
PREÇO: CR$ 30,00

PARA a vivacidade e alegria da roupa de seus filhos, a senhora tem centenas de sugestões neste album. Todos os bichinhos são desenhados em vários tamanhos, facilitando sua aplicação também em toalhas, panos, enfeites...

ALBUM para NOIVAS

ALBUM N.º 241
Preço Cr$ 30,00

MARAVILHOSA coleção de peças de lingerie, de cama e mesa, de enfeites... de tudo quanto o bordado pode oferecer de belo e de prático para o enxoval para o adôrno do futuro lar!

RISCOS PARA BORDAR

ALBUM N.º 251

PREÇO: CR$ 30,00

NUNCA se reuniu tanta cousa bonita em matéria de riscos e modêlos — para adôrno do lar; para beleza e confôrto da mesa e da cama; para uso pessoal. Apresentando tudo em dimensões para execução. Album que é grande pelo formato e pela utilidade!

Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.

ESTES albuns são editados pela Bibliotéca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º and. - Caixa Postal, 880 - Rio

A ALBUM N.º 250 Preço Cr$ 30,00

LINGERIE

QUANTA mulher gosta de confeccionar sua própria roupa intima, economizando... e aperfeiçoando seus conhecimentos? Êste album orienta o côrte, a costura e o bordado de modêlos muito finos e atraentes, duma elagância irrepreensivel.

TOALHAS ARTÍSTICAS

ALBUM N.º 248
Preço Cr$ 30,00

EXPLICAÇÕES ao alcance de todos transformam em verdadeiro prazer da dona de casa a confecção de encantadoras toalhas — das mais simples as mais luxuosas. Mas todas de muito gôsto. Riscos para bordar na medida da execução.

ALBUM N.º 252
Preço Cr$ 30,00

O LAR, A MULHER E A CRIANÇA

BLUSAS, camisolas, sáias, casaquinhos, pijamas, toalhas, lençóis, guardanapos, barras, monogramas... em riscos de aspecto encantador, fáceis de bordar e muito práticos. Para o bem estar e a beleza do lar, da mulher e da criança!

Lençóis ARTÍSTICOS

ALBUM N.º 243 Preço Cr$ 30,00

O título diz bem o que é êste deslumbrante album de Bibliotéca de Arte de Bordar! Todos os riscos— em desenhos modernos, elegantes e atraentes — são apresentados com as mais claras explicações, tornando-os de execução muito simples.

MONOGRAMAS ARTÍSTICOS

ALBUM N. 6
PREÇO Cr$ 30,00

AM
RS

TODAS as letras... todas as combinações que, com elas, se podem fazer... estão nas páginas dêste album, prático e encantador! Os mais variados tamanhos de modelos completam a utilidade de tão original coleção de monogramas.

Roupinhas DO NENÊ

MUITO útil e prático êste album é insubstituivel na confecção do enxoval do jovenzinho que vem por ai... Poupando tempo, faz que a futura mãe tenha a alegria de, ela mesma, preparar todo o vestuário de seu bebê.

Modêlos belissimos!

ALBUM N.º 257
Preço Cr$ 30,00

CAMA e MESA

ALBUM N.º 255
Preço Cr$ 30,00

EM qualquer lar o toque feminino é a graça do ambiente. Surpreenda seu espôso com uma linda toalha ou uma formosa colcha que a senhora mesma executará com as facilidades e belezas dos modêlos dêste album, tão prático e distinto.

COPA E COSÎNHA

ALBUM N.º 244
Preço Cr$ 30,00

O bom gôsto, a simplicidade e o aspecto saudável dos desenhos, variados e bonitos, fazem dêste album um guia para as copas e as cosinhas de hoje. Em grande formato, dois magníficos suplementos, utilíssimos!

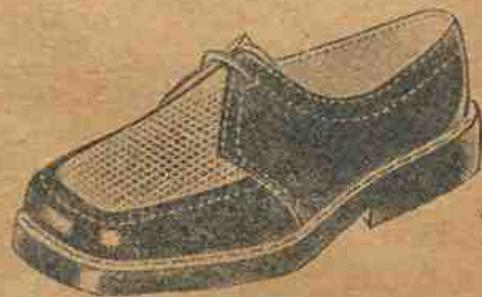
PREÇO Cr$ 30,00

Blusas BORDADAS

QUALQUER que seja o tipo, o estilo, o feitio da blusa bordada... é encontrado nas belíssimas páginas dêste album. Grande variedade de elegantes desenhos, ideais para meninas, mocinhas e senhoras.

ALBUM N.º 254
Preço: Cr$ 30,00

Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.

ESTES albuns são editados pela Bibliotéca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância. Aceitamos encomendas pelo servico de reembolso postal. — Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º and. - Caixa Postal, 880 - Rio

Rua Uruguaiana, 19, esq. com Sete de Setembro, FONES: 43-5537 e 43-5547 FILIAL: Av. N. S. de Copacabana, 894, Fones: 43-5930 e 47-7154

VISITANDO a nossa SEÇÃO FESTIVAL encontrará sugestões para as suas mesas de festas de aniversário, batisado, comunhão etc., tornando-as mais encantadoras e alegres. Variado e lindo sortimento de enfeites, toalhas, copos, pratos e guardanapos de papel e muitas outras miudezas próprias para festivais.

Casa Mattos

ARTIGOS PARA DESENHO E PINTURA

A AMIGA NÚMERO UM DOS ESTUDANTES DO BRASIL

MATRIZ: RAMALHO ORTIGÃO, 24—TEL. 43-4929

FILIAIS

RUA MARIZ E BARROS, 210 — TELEFONES: — 28-0722 e 48-9228.
R. VISCONDE DE PIRAJÁ, 84-A — (Praça General Osório) Tel. 27-8292.
RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 134/136. — Telefone: 27-0450.

* * *

Os elefantes quando vadeiam um rio, ajudam seus filhotes a fazê-lo segurando-os com a tromba!

*

O leque apareceu, na China, há uns quatro mil ou cinco mil anos. A princípio, não passava de uma vara tôsca, encimada por fôlhas de palmeiras ou penas de pavão. Mais tarde, passaram a ser feitos de palha, pergaminho ou mesmo lâminas de madeira ou metal. Pouco a pouco, foi assumindo formas de fantasia e eram feitos com bambú, tartaruga, asa de insetos, contas de vidro, lentejoulas, sedas, etc.

As armações eram de madeira, metal ou marfim, sendo que no Egito apareceram os leques de sândalo, os quais tinham a propriedade de perfumar a mão de quem os usasse.

*

A felicidade não se dá, troca-se, pois a nossa felicidade vem sempre de outrem. — **C. Diane.**

O AR SAIU TODINHO...

UM GULOSO FAMOSO

LÚCULO foi um general romano cuja riqueza era fabulosa e que vivia à maneira mais faustosa que se pode imaginar.

Uma tarde, em que jantava só, foi servida uma refeição menos suntuosa que as de costume.

Carrancudo, chamou para isso a atenção do chefe da cozinha, o qual, para sua defesa, explicou que não vira necessidade de preparar uma refeição magnífica, já que não havia convidados...

— Que diz você? — rugiu o

general. — Não sabe que Lúculo janta em casa de Lúculo?

De outra feita, recebia alguns gregos de passagem em Roma. Êstes, constrangidos por serem tão bem tratados e acreditando encontrar uma forma de acarretar menos despêsas, pediram que os dispensasse do jantar, em casa dêle.

— Oh! respondeu o hospedeiro, sorrindo; alguma despêsa se faz em vossa honra, mas o maior gasto se faz por Lúculo...

Havia êle instalado numerosas salas de refeições, que receberam cada uma o nome de uma divindade. E não havia necessidade de dizer o que queria comer; bastava dizer que desejava o jantar servido em tal sala para que o mestre-cuca de seu palácio soubesse o que devia ser servido, e a quanto montavam as despêsas.

Um dia, Pompeu e Cícero quiseram saber exatamente como era o comum de suas refeições e chegaram imprevistamente em casa dêle para cear. E para que êle não pudesse dar ordens, não deixaram o amigo um instante. Lúculo, porém, com a maior indiferença e calma, disse ao mordomo que avisasse o mestre-de-cozinha que desejava jantar no salão de Apolo, o que significava: "devia dar à refeição a maior magnificência possível".

HABITANTES DE NOMES ESTRANHOS

QUEM NASCEU EM:	CHAMA-SE:
Dalmácia	— Dálmata
Braga	— Bracarense
Gasconha	— Gascão
Congo	— Conguês
Córsega	— Côrso
Abissínia	— Abexim
Jerusalém	— Hierosolimitano
Gália	— Galo ou Gaulês
Mônaco	— Monegasco
Galícia	— Galego
Oxford	— Oxoniano
Balí	— Baninês
Flandres	— Flamengo
Sardenha	— Sardo
Cádiz	— Caditano
Madagascar	— Malgaxe
Chipre	— Cipriota
Ceilão	— Cingalês
Cambridge	— Cantabrígio
Damasco	— Damasquino
País de Gales	— Galês
Bordéos	— Bordelês
Afghanistan	— Afghão
Bengala	— Bengali
Coimbra	— Conimbricense.

PREÇO 30 CRUZEIROS

Tudo o que interessa à mulher, apresentado sob forma artística, agradável e atraente.

Pedidos pelo reembolso postal à S. A. O MALHO — R. Senador Dantas, 15 - 5.º andar — Rio.

A TREPIDAÇÃO E OS MANEQUINS

•

A batalha do Outeiro da Cruz, travada no Maranhão, teve como consequência a retirada dos holandeses daquele trecho do Brasil.

•

Foi o governador de Pernambuco, Alexandre de Moura, que rompeu o armistício com La Ravardière, invasor francês do Maranhão, obrigando-o a uma capitulação definitiva.

•

A Flórida, nos Estados Unidos, foi descoberta no Domingo de Páscoa, dia 27 de março de 1513, pelo explorador espanhol Ponce de León, que procurava a fonte da juventude eterna.

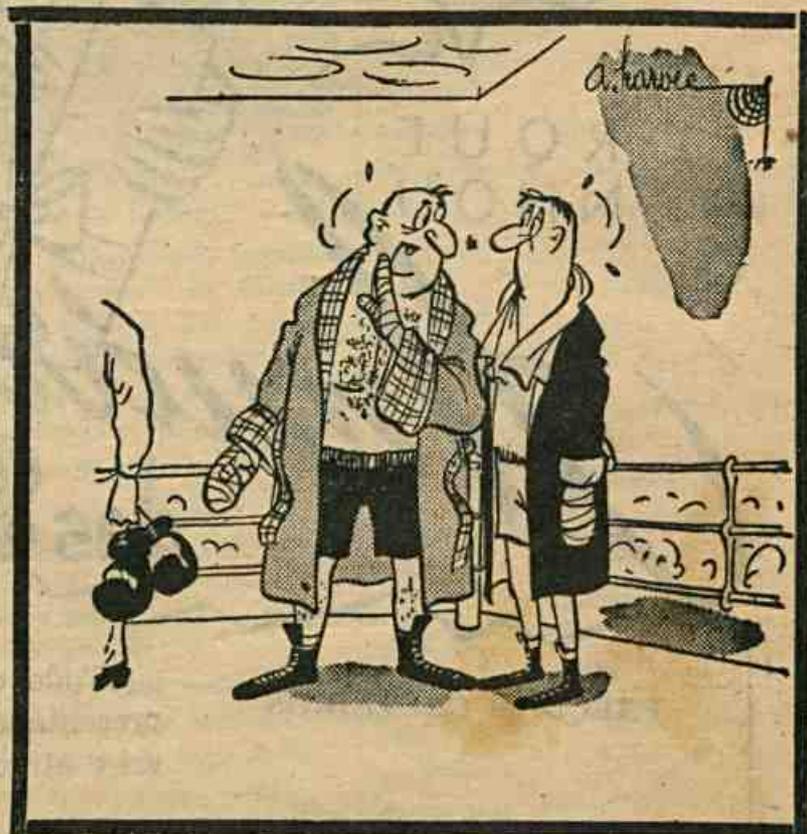
•

A primeira sociedade literária fundada no Brasil, foi a "Academia Brasileira de Adultos".

•

ERA PACIENTE...

No Século IV, os penteados eram obras de "arquitetura" monumentais. Mediante os postiços, cada cabeça se convertia em uma tôrre de cabelos, chegando a altura até ao ridículo. As perucas eram tão desmesuradas, que o Concílio de Constantinópla, no ano 672, proibiu o seu uso. Foi, no entanto, no tempo de Luiz XIV, que a arte do penteado se afirmou e apareceram os "coiffeurs des dames", os quais faziam cabeças primorosas, engalanando-as, abrilhantando-as, perfumando-as, tingindo-as de louro ou empoando-as com cinza.

ADVERSÁRIO CAMARADA...

— *Quando chegar ao Hospital, diga que fui eu que o mandei e lhe farão um abatimento...*

LETÍCIA BONAPARTE, mãe de Napoleão, nasceu em 1750. Foi casada com um homem por demais sonhador, o que fez que tivesse uma vida bem dura, embora nunca o recriminasse. Costumava dizer sempre: "O que eu temo não é a pobreza; é, sim, a deshonra".

Dotada de grande beleza, possuia também uma perfeita formação de caráter. Seguiu o filho na glória, como no declínio, pois, segundo o seu modo de pensar, dizia: "O filho que mais amo é sempre aquêle que sofre mais".

No seu palácio de Roma, aguardou ainda a volta de Napoleão, exilado em Santa Helena, tendo sobrevivido ao filho ainda quinze anos.

O PASSEIO DE JACIRA

Era domingo e, no Alto da Boa Vista, as crianças brincavam e corriam felizes, encantadas com a quantidade de borboletas que enchiam a paisagem de movimento e colorido.

De repente, como por milagre ou por magia, tôdas aquelas borboletas começaram a voar numa só direção. E começaram a adejar em tôrno de uma menina que chegava: era Jacira!

Todos ficaram curiosos e correram para ver, para saber a razão daquela coisa espantosa. E Jacira explicou: — Deve ser o perfume do meu sabonete predileto... Eu só uso o perfumadíssimo sabonete DORLY...

E como, justamente, levava na bolsa alguns sabonetes, distribuiu-os com as crianças, que batiam palmas de contentes, pois todas eram também "fans" de DORLY, o sabonete querido e preferido em todo o Brasil.

A RAPOSA VAIDOSA

EM um recanto retirado da floresta viviam muitos animais. Levavam vida tranquila, protegendo-se mùtuamente contra os caçadores que de vez em quando apareciam para lhes perturbar a paz.

Um dia, entretanto, surgiu alí uma raposa que fugira de um Jardim Zoológico, e, como era muito bonita e simpática, logo se tornou amiga dos outros animais.

— Eu — costumava contar a raposa — era a principal atração do "Zoo". E olhem que lá se exibiam os mais raros exemplos trazidos de tôdas as partes do mundo!

— E por que fugiste, então?

Quem falava era a coruja, conhecida como pessoa desconfiada.

— Otima pergunta! Porque nada vale tanto como a liberdade! E eu, nascida em cativeiro, sempre desejei ter esta vida independente, cheia de tantas maravilhas, como me contavam meus velhos pais. Além disso, já estava farta de biscoitos e de ser apontada com o dedo pelos visitantes.

— Com certeza falavam mal de ti! — disse uma caturrita.

— Não! Apontavam-me pela minha beleza, embora eu seja suspeita para dizer-lhes isto!

— Não creio que os seres humanos nos admirem — interveio um javalí.

— Não deves usar o plural, tu que és tão feiosa; êles admiram a beleza, em qualquer animal que a possua. Por acaso não se enfeitam com penas e peles de animais.

— Cale a boca! Não diga isto! Parece-me sentir que já me estão arrancando a pele!

— interrompeu um coelho muito medroso, fazendo todos os outros rirem.

E foi assim que a raposa começou a espalhar a vaidade entre os animais, principalmente entre as suas novas amigas. Falava-lhes de concursos de beleza para eleger a rainha disto e daquilo...

— Deveríamos organizar um aqui, para festejar dignamente a entrada da primavera. Mas, como seria muito complicado fazer a escolha entre todos os animais, os de pena e os de pêlo, faremos por classes.

Claro que tinha que começar pelos animais de pêlo! O que a raposa queria era ser eleita rainha da beleza. Ela e mais ninguém.

Em vão alegaram os do sexo forte que, entre os animais, êles são mais belos do que elas. As do sexo fraco correram a inscrever no concurso as belezas das famílias.

Assim foi que, no dia da entrada da primavera, todos se reuniram em tôrno das grandes pedras que serviriam de palanque para o desfile das mais belas concorrentes.

O juri, que devia ser masculino para êste caso, era presidido por um puma, espécie de tigre manso, um nhandú, um caboré ,um guanaco, um papagaio, um macaco, um caimão e um guará, conjunto que parecia garantir a lisura do veredito, e que, entretanto, em sua maioria, havia prometido o voto à ambiciosa forasteira.

A raposa considerava como sérias rivais, a marta, a chinchila, a doninha, a lobinha do rio, a lebre, a cabra, a coelha, a lhama, a lebre da Índia e a alpaca. O pior é que a jaguatirica, a gata montesa e a suçuarana também competiam, e nenhuma destas três desejaria envolver-se com as outras.

TRADUÇÃO DE M. M. EME

Tôdas desfilaram, ostentando suas lindas peles e suas graças, entre rugidos, balidos, gritos, assobios, etc., com que o público as aplaudia ou repudiava.

Em seguida, procedeu-se à votação, que, embora tivesse sido anunciado que seria secreta, não o foi, com o que se aborreceu o caboré, com os demais jurados, provocando reclamações da multidão:

— Estes nove estão comprados pela raposa, que aliás, não é nem azul nem prateada, e sim vermelha, vulgar e silvestre! Devemos eleger para rainha a marta, que tem a pele tão apreciada pelos homens, que a criam em viveiros especiais!

A marta, que era muito modesta, baixou os olhos... principalmente por causa do olhar ameaçador que lhe botou a jaguatirica.

Então, teve lugar uma desordem e uma algazarra tão grandes que ensurdeciam. Cada qual gritava mais por sua favorita e, a todo custo queria impô-la aos demais.

O assunto terminaria mal de qualquer maneira, especialmente, para aqueles que possuiam poucas defezas naturais; mas, — cúmulo dos cúmulos! — com o interêsse que tomaram por tal eleição, descuidaram-se da necessária vigilância de sempre e não ouviram, nem viram os caçadores que marchavam em sua direção, atraídos pela gritaria.

Surpreendidos por encontrar tão estranha reunião, os homens ficaram paralizados um instante. Então o bentevi deu o alarme:

— Bem-te-vi! Os caçadores estão se aproximando! Salve-se quem puder!

O pânico e o imprevisto fizeram os animais debandarem desatinadamente, tropeçando uns nos outros, facilitando assim a ação dos caçadores.

— As chinchilas, que são as que valem mais! — gritou o chefe. — E com o auxílio de rêdes cobriram a que acabava de se exibir, além de tôda a sua parentela.

Depois, por mais que procurassem, os caçadores não encontraram nenhum outro animal; parecia que a terra os tinha tragado. Mesmo assim saíram muito satisfeitos com as belas chinchilas... vivas, pois os ferimentos de balas ou de faca estragam sua pele.

Em outro lugar tornou a reunir-se a assembléia, com vigias ao redor e até à distância. Agora reuniam-se para julgar a raposa.

— Foi por sua causa, saco de vaidade! Você nos enloqueceu e nos fêz perder uma família inteira, provocando a nossa ruina! Por culpa sua vivem constantemente a perseguir-nos, pois êsses caçadores estão certos de que aqui há boa caça! — acusava outro.

— Nem siquer conseguiu o seu objetivo, uma vez que os homens elegeram rainha da beleza a chinchila! Pobrezinha! Teria cedido, com prazer, o seu lugar, contanto que lhe poupassem a vida!

— Como castigo você será entregue aos seus "amigos", para que tratem sua formosura e sua manha como merecem... — sentenciou o jaguar, na qualidade de juiz.

— Perdôem-me! Estou arrependida! — gemia a raposa.

Então o juiz, diante daquela humilhação, resolveu amenizar a pena. Em vez de entregá-la aos "amigos", para que fizessem justiça, expulsou-a dali. E nunca mais foi encontrada uma raposa naquelas paragens. Ela poderia ter lá vivido feliz muito tempo, se não tivesse sido extremamente vaidosa, defeito êsse que prejudica muitas criaturas.

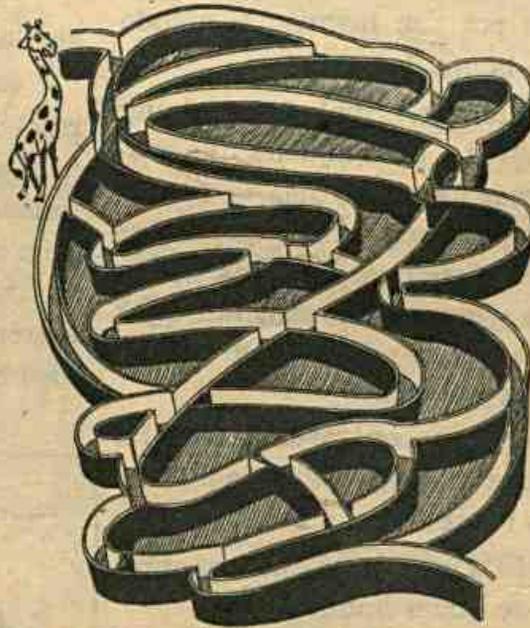
Três LABIRINTOS

QUANDO se apresenta em nossa vida uma dificuldade a vencer, em vez de nos sentirmos derrotados antecipadamente, e tristes, devemos é enfrentá-la com espírito esportivo. Tudo tem solução.

Para estar preparados para êsses momentos, devemos "cultivar" as dificuldades, buscando-as, para vencê-las. É sempre um treino...

Êstes três labirintos são exercícios muito bons. Vença a preguiça, leitor, e solucione-os, que com isso só tem a ganhar...

Com tantas entradas, nosso amigo não sabe qual preferir. Mesmo porque, só uma o levará à saida. Qual será?

O rei das selvas quer evitar as armadilhas que lhe estão preparadas. Qual o caminho, então, que deve tomar, o único livre e desimpedido?

A girafa também tem seu problema... Precisa passar, e depressa. Por onde deve fazê-lo, para não encontrar obstáculo?

CURIOSO DE FATO

O primeiro carro (pai do automovel...) movido por motor de explosão, sendo nele utilizado combustivel liquido (o petroleo) foi construido pelo austriaco Siegfried Marcus, em 1865. O carro que construiu e que dirigiu, fez seu primeiro percurso, e com relativo sucesso, em 9 de abril de 1865. Esse carro, pelas suas caraterísticas, é o que mais se aproxima ao automovel atual. Marcus, desde criança, manifestava grande tendencia por tudo que dizia respeito à arte mecânica. Em sua oficina, tentando aperfeiçoar a iluminação artificial, com uma mistura de ar e gasolina, entrando em ignição por meio de faiscas elétricas, esperava produzir uma luz mais brilhante do que a do gás comum, e, como resultado, obteve forte explosão. Abandonou as experiências. Tempos depois, ocorreu-lhe a ideia de aproveitar a fôrça daquela explosão para movimentar um pistão em um cilindro. E foi o que fez. E conseguiu construir o primeiro motor a gasolina, que acionou um carro. O primeiro automovel movido por motor de explosão.

●

Segundo a História, teria sido no ano 216, da éra cristã, que o imperador Septimus importara cavalos do Norte da Africa — puro sangues — para correrem na Inglaterra, então sob o domínio das aguias de Roma.

CURIOSIDADES SÔBRE OS PAPAS

Do reinado de S. Pedro até hoje, 208 Papas foram italianos, 104 foram romanos, tendo havido além destes 15 franceses, 5 asiaticos, 7 alemães, 3 espanhóis, 3 africanos, 9 gregos, 2 dalmatas; a Palestina, a Inglaterra, a Holanda e a Trácia tiveram cada uma, um Papa e, para terminar, Portugal teve sentado na cadeira de S. Pedro dois dos seus filhos mais ilustres, que foram o Papa S. Dámaso e João XXI.

Dos primeiros 30 Papas, 29 foram mártires. O único que não recebeu as honras do martirio foi o 25º Papa, São Dionisio. O papa de maior reinado foi S. Pedro que viveu os primeiros sete anos do seu Pontificado em Antioquia e os restantes 31 anos em Roma; segue-lhe em duração S. Santidade Pio IX com 31 anos, 7 meses e 21 dias.

Ocupa o terceiro lugar Leão XIII que governou a Santa Igreja durante cerca de 26 anos.

Na série de Pontifices romanos, nove tiveram menos de um mês de pontificado; trinta menos de um ano, onze mais de 20 anos, e seis mais de 23 anos.

1	D	FRAT. UNIV. CIRC.
2	S	SS. NOME DE JESUS
3	T	St.ª Genoveva
4	Q	S. Cáio
5	Q	S. Simeão
6	S	SANTOS REIS
7	S	S. Luciano
8	D	S. Severino
9	S	S. Vital
10	T	S. Marciano
11	Q	S. Sílvio
12	Q	St.º Ernesto
13	S	St.ª Verônica
14	S	St.º Hilário
15	D	S. Mauro
16	S	S. Marcelo
17	T	St.ª Rosalina
18	Q	St.ª Beatriz
19	Q	S. Canuto
20	S	SÃO SEBASTIÃO
21	S	St.ª Inês
22	D	S. Vicente
23	S	S. Raimundo
24	T	S. Timóteo
25	Q	CONVER. DE S. PAULO
26	Q	S. Policarpo
27	S	S. João Crisóstomo
28	S	S. Leônidas
29	D	S. Francisco de Sales
30	S	St.ª Martinha
31	T	S. João Bosco

A MAIOR GRUTA DO MUNDO

Crê-se que a gruta de maiores dimensões que existe em todo o mundo, se encontra em Black Hills, ao sul da grande curva que descreve o Missouri, lugar em que há montanhas enormíssimas, de algumas das quais os cimos excedem 2.000 metros de altura.

A gruta a que nos referimos mede 83 quilômetros de comprimento e tem 1.500 salas, algumas das quais chegam a alcançar 60 metros de altura. Esta gruta fica situada a 120 metros sobre a terra, a uma altura de 1.800 metros sôbre o nível do mar

A PRIMEIRA PONTE

A primeira ponte de ferro fundido, foi construída em Coalbrookdeale (Inglaterra) no ano de 1779. As pontes metálicas são muito superiores às pontes de alvenaria; oferecem, sob o mesmo peso e, com muito mais razão, sob o mesmo volume, uma resistência mais considerável.

Constrói-se, agora, grande número de pontes em cimento armado. O cimento armado é uma substância de custo pouco elevado e que tem a vantagem de ser incombustível e não se deformar ao fogo.

1	Q	St.º Inácio
2	Q	PURIFICAÇÃO DE N. S.ª
3	S	S. Braz
4	S	St.ª André Corsino
5	D	St.ª Águeda
6	S	St.º Amando
7	T	S. Romualdo
8	Q	S. João da Mata
9	Q	St.ª Sabina
10	S	S. Guilherme
11	S	N. S.ª DE LOURDES
12	D	CARNAVAL
13	S	CARNAVAL
14	T	CARNAVAL
15	Q	CINZAS
16	Q	St.ª Juliana
17	S	S. Donato
18	S	S. Cláudio
19	D	St.º Álvaro
20	S	S. Zenóbio
21	T	S. Saturnino
22	Q	St.ª Margarida
23	Q	S. Pedro Damião
24	S	S. Matias
25	S	S. Cesário
26	D	S. Nestor
27	S	S. Procópio
28	T	St.ª Hermínia
29	Q	St.º Agostinho

1	Q	St.º Adriano
2	S	S. Simplício
3	S	St.ª Lucíola
4	D	S. Casimiro
5	S	S. Frederico
6	T	St.ª Felicidade
7	Q	S. Tomaz de Aquino
8	Q	S. João de Deus
9	S	St.ª Francisca
10	S	S. Gustavo
11	D	St.ª Rosina
12	S	St.ª Josefina
13	T	St.ª Cristina
14	Q	St.ª Matilde
15	Q	S. Clemente Maria
16	S	S. Julião
17	S	S. Patrício
18	D	DOMINGO DA PAIXÃO
19	S	SÃO JOSÉ
20	T	St.ª Cláudia
21	Q	S. Bento
22	Q	S. Benvindo
23	S	S. Fidelis
24	S	S. Gabriel Arcanjo
25	D	RAMOS - ANUNCIAÇÃO N. S.ª
26	S	S. Bráulio
27	T	S. João Damaceno
28	Q	TREVAS
29	Q	ENDOENÇAS
30	S	PAIXÃO
31	S	ALELÚIA

O HOMEM MAIS TATUADO DO MUNDO

Um cidadão londrino H. Tipton é considerado como o homem mais tatuado de todo o mundo.

O seu corpo assemelha-se a uma verdadeira galeria de pinturas: três gerações de soberanos ingleses, a rainha Vitória, o rei Eduardo VII e o rei Jorge V, se encontram alí representadas, assim como um leão, a bandeira britânica, um grupo de sacrificados, uma coleção de armas, várias borboletas, um colar de pássaros em volta do pescoço, e, por último, inclusive, os sepulcros dos pais de Tipton.

O PESCADOR E O OFICIAL

O caso passou-se durante a guerra mundial. Um pequeno vapor de pesca, da costa vasca, de que era patrão um velho pescador, Teófilo Basterrechea, entra em águas inglesas sem dar por isso. De súbito, surge-lhe pela proa um submarino britânico que o aborda.

O comandante aparece na tolda do submersivel e interrogo-o em inglês, sem que êle o compreenda. Então, interpretando mal o silêncio do pescador, o oficial grita-lhe em espanhol:

— Bem se vê que você é germanófilo!

— "No soy"...

— Quê?... E' anglófilo?

— "Tanpoco"...

— Então que é? — perguntou o oficial.

— "Soy Teófilo!"

1	D	PÁSCOA
2	S	S. Francisco de Paula
3	T	S. Ricardo
4	Q	S. Platão
5	Q	S. Vicente Ferrer
6	S	S. Marcelino
7	S	S. Rufino
8	D	PASCOELA
9	S	St.ª Cacilda
10	T	S. Pompeu
11	Q	St.º Isac
12	Q	S. Júlio
13	S	St.ª Ida
14	S	S. Justino
15	D	S. Lúcio
16	S	St.ª Bernadete
17	T	St.º Elias
18	Q	S. Galdino
19	Q	St.ª Ema
20	S	S. Cesário
21	S	TIRADENTES
22	D	S. Sotero
23	S	S. Jorge
24	T	S. Roberto
25	Q	S. Marcos
26	Q	N. S.ª DO BOM CONSELHO
27	S	St.ª Zita
28	S	S. Paulo da Cruz
29	D	St.º Emiliano
30	S	St.ª Sofia

O PEDAÇO DE COURO

QUANDO o sapateiro, depois de haver cortado a sola de um par de sapatos, atirou ao chão os restos de couro, pisando-os com desprêso, uma voz clara e doce se ouviu:

— Não mereço êste mau trato! Por que me espesinha e despreza?

Atônito, o sapateiro procurou ver de onde partia aquela voz.

Não lhe foi difícil acertar. Em pé, com a cabeça erguida e os braços ao alto, o pedaço de couro, continuou:

— Sou o seu ganha-pão! Sem mim você teria, talvez, que buscar outro trabalho mais árduo e menos rendoso. Jamais me queixei dos pregos com que você acerta a fôrma, cravando-os em minha carne; nunca maldisse os nós duros e apertados; os furos cruéis da sovela... Não. Eram do seu mister; eram da minha finalidade: você, a ser sapateiro; eu, o calçado...

Mas, agora, menosprezar-me, a mim, que o ajudo, isto é demais!

E o pedaço de couro estava deveras zangado.

— Que graça! respondeu-lhe o sapateiro. Quem és tu? Se tens valor, sou eu com o meu ofício quem to dá; eu, que, com arte, faço sapatos, botas, eu...

— Espere! Com que direito sua arte sacrifica um animal? Arte é beleza, harmonia, eu não sei que matar queira dizer beleza...

Por que o homem se julga senhor de tudo e mata, sacrifica, maltrata? Por quê?

— Ora, deixa-te de tolices. Que serias tu sem meu ofício?

— Tudo ou nada! Viveria livre. Antes, eu era o couro, a cobertura, a pele do corpo de um boi, um útil, um pacífico animal — o boi! Ia com êle pelos campos; sentia sôbre mim a carícia do vento, o calor do sol. Junto a mim os insetos voavam e, muita vez, mergulhei no frescor do riacho...

— E, depois?

— Depois, venderam meu dono. Levaram-no ao matadouro. Lá, antes do sacrifício, o mísero passou dias e dias sem comer, sem beber água, ruminando, apenas, pelo hábito de ruminar! Pobre animal! Depois, mataram-no. Tiraram-lhe as vísceras; separaram-lhe os músculos e eu, pôsto a secar, fui logo objeto de cobiça.

Venderam-me. Trataram-me. Curtiram-me. Fui mandado para as lojas, em grandes fardos com outros couros, e lá vendido a retalho. E aqui estou!

— Estás aborrecido por isso?

— Não! Tenho até orgulho; sou útil! Mas, o que me dói é a ingratidão com que você nos trata, a nós que o ajudamos...

— Bem... Tens razão. Eu estava aborrecido. Vês? Vai chover e quem virá aqui comprar calçado?

— Espere! Acabe-me; coloque-me depois no mostruário. Verá!

Em silêncio, o sapateiro começou a trabalhar. Um par de sapatos fortes, resistentes ao mau tempo, em pouco, estava pronto.

Pô-lo, cuidadoso, no mostruário.

* * *

— Quer experimentar-me êstes sapatos? Há muito que não encontro calçado assim tão bom! E para o tempo, pois já chove, vem o mesmo a calhar!

O sapateiro atendeu ao freguês. Os sapaatos serviram. O homem pagou-os, satisfeito, e fêz a encomenda de mais três pares para os filhos.

— Viu? — disse o pedaço de couro — como tudo foi bom? Seja amigo de quem é seu amigo. Trate-nos sempre assim e tudo lhe virá a contento. Ouça: a sovela outro dia chorou porque você a atirou longe, com raiva. Cuidado! A arte, repito, é doçura, bondade, compreensão...

O sapateiro não respondeu. Ficou um momento silencioso. Depois, num impulso sincero de gratidão, colheu, nas mãos calosas, a sovela, o martelo, os fios, os preguinhos, como se os estivesse a acariciar, e depois, sem o sentir, apanhou o pedaço de couro e... beijou-o!

— Obrigado! — foi a leve, sutil, a feliz resposta.

LEONOR POSADA

CODEINOL NUNCA FALHA

PREFERIDO PELAS CRIANÇAS POR SER DE GÔSTO AGRADAVEL.
PREFERIDOS PELOS MÉDICOS POR SER O REMÉDIO QUE ALIVIA, ACALMA E CURA.

Infalivel contra resfriados, ásma e bronquite.

1	T	DIA DO TRABALHO
2	Q	St.ª Mafalda
3	Q	S. Juvenal
4	S	St.ª Mônica
5	S	St.ª Irene
6	D	S. Ricardo
7	S	St.ª Flávia
8	T	APAR. DE S. MIGUEL
9	Q	St.º Hermes
10	Q	ASCENÇÃO
11	S	S. Fábio
12	S	S. Nereu
13	D	St.º André
14	S	St.ª Enedina
15	T	St.º Isidoro
16	Q	S. João Nepomuceno
17	Q	S. Bruno
18	S	S. Venâncio
19	S	S. Pedro Celestino
20	D	ESPÍRITO SANTO
21	S	St.ª Virgínia
22	T	St.ª Rita de Cássia
23	Q	St.º Epitácio
24	Q	N. S.ª AUXILIADORA
25	S	St.º Adelino
26	S	S. Felipe Neri
27	D	SS. TRINDADE
28	S	S. Germano
29	T	S. Máximo
30	Q	St.ª Joana d'Arc
31	Q	CORPO DE DEUS

A RAINHA VITÓRIA

A rainha, nos tempos relativamente modernos, que reinou com nome diverso daquele que lhe correspondia, foi a rainha Vitória, da Inglaterra. O seu verdadeiro nome era Alexandrina; Vitória era um segundo nome, e como Alexandrina Vitória foi designada na sua proclamação, bem como em todos os documentos que a esta se referiam. Mas a primeira vez que teve de assinar como rainha, pôs "Vitória" ùnicamente, manifestando o desejo de ser assim chamada daí em diante.

O CÚMULO DA DISCRIÇÃO

Conta-se que, um dia, estando D. João IV na tribuna real da Capela do Paço, viu um homem roubar os castiçais de prata do Altar-mór. O gatuno, vendo-se surpreendido, e sem conhecer o rei, voltou-se para ele e fez-lhe sinal para que se calasse.

Ao dar-se pelo furto, o intendente da polícia perguntou a D. João IV se não desconfiava de ninguém, ao que o rei respondeu, sorrindo misteriosamente:

— Eu sei quem foi, mas pediu-me segrêdo!

1	S	S. Firmino
2	S	S. Marcelino
3	D	St.ª Paula
4	S	St.º Hildebrando
5	T	St.ª Zenáide
6	Q	S. Norberto
7	Q	S. Gilberto
8	S	S. Severino
9	S	S. Primo
10	D	S. Getúlio
11	S	S. Fortunato
12	T	St.º Olímpio
13	Q	SANTO ANTÔNIO
14	Q	S. Basílio
15	S	S. Vito
16	S	St.ª Julita
17	D	St.º Ismael
18	S	St.ª Marina
19	T	S. Gervásio
20	Q	S. Silvério
21	Q	S. Luiz Gonzaga
22	S	S. Paulino
23	S	St.ª Agripina
24	D	SÃO JOÃO BATISTA
25	S	S. Próspero
26	T	S. Virgílio
27	Q	S. Ladislau
28	Q	S. Benígno
29	S	S. PEDRO E S. PAULO
30	S	St.ª Lucina

No Dia da Bandeira

Por JOÃO GUIMARAES

BANDEIRA do Brasil: no dia consagrado às tuas celebrações, deixa-nos fazer uma evocação dos que te enobreceram!

O coração nacional — envôlto em tuas dobras sagradas — o coração nacional se enternece diante dos nomes tutelares, nomes que representam acontecimentos, exemplos e glórias!

Defendidos por ti e teus defensores, os grandes brasileiros de outrora continuam nos grandes brasileiros de hoje, através do culto fervoroso com que te apoteosamos, Bandeira do Brasil!

Abençoada por ti, exaltemos a glória dos que sempre foram atalaias de tua integridade; na paz e na guerra; na escola e no quartel; na indústria e no comércio; nos ares e nos mares; nos campos e nas cidades; no trabalho e no lar!

Para todos êsses teus filhos, ó pendão luminoso! és um estelário que os conduz ao preito do futuro, como os soubeste guiar às homenagens das novas gerações!

A todos, que tombaram por ti, imortalizando-se na morte, a tua benção elegeu para as páginas eternas da História; porque ser digno de ti, Bandeira do Brasil, é ser digno da grandeza da Pátria, da amada Pátria cujo sol tem o encanto, o vigor e a beleza das "promessaas" divinas da esperança"!

NECESSIDADE DE MAPAS GEOGRÁFICOS

Foi durante a primeira guerra mundial que se cuidou de sua necessidade inadiável. E depois da guerra uma missão austriaca veio para o Brasil com a finalidade de assentar as bases da nossa futura cartografia. Foi quando se fizeram aqui os primeiros trabalhos de aerofotogrametria. Mas a grande mudança na confecção dos mapas só se fez durante a segunda guerra mundial. Foram os Estados Unidos os primeiros. Os mapas passaram a ser desenhados e impressos com grande rapidez. Para vencer essa guerra, os americanos tiveram que aerofotografar quase todo o mundo, inclusive dois terços do nosso país. Para a invasão do continente europeu, tudo foi fotografado durante as incursões dos bombardeiros e cerca de 150 milhões de mapas foram impressos. No oriente, os japoneses, igualmente não se privaram de bons mapas e imprimiram uma carta do seu território e adjacencias. Nos nossos dias, nas nações mais adiantadas, "a cartografia civil é sempre mais largamente praticada, enquanto a cartografia militar se torna mais uma função especializada". E a despeito dos serviços cartográficos terem sido transferidos dos militares para os civis, ambos coexistem em diversos países.

MENINO JESÚS, FONTE DE PERDÃO

AMBIENTE: —

Belém, por ocasião do nascimento do Menino Deus.

PERSONAGENS

Sara, 18 anos, Ester, 20 anos; Ruth, 19 anos; Joãozinho, 7 anos; Marta, 40 anos; Raquel, 32 anos; Magda, 50 anos. — S. José, Nossa Senhora, Menino Jesus e os três Reis Magos.

CENA PRIMEIRA

Terreiro — A um canto, Maria lava roupa numa tina. Ao centro, conversam Sara. Ester e Ruth; esta com um cântaro à cabeça, vai à fonte. Tôdas vestidas à moda da época, com túnicas vistosas, coloridas, e de alpercatas. Comentam as últimas notícias.

SARA: — Vocês já sabem da última ?

ESTER: — Não, mas conta, conta que eu adoro uma novidade.

RUTH: — Mas fala depressa, que eu tenho que ir à fonte e já estou atrazada.

SARA: — Vocês conhecem o meu tio João?

RUTH: Eu conheço.

ESTHER: — Eu também; êle é muito amigo do meu pai.

RUTH: — Disseram até que êle estava em Jerusalém...

SARA: — Estava, mas acaba de chegar...

MARTA: — (à parte) Que meninas para gostarem de falar da vida alheia!

SARA: — Meu tio contou que na véspera de partir de Jerusalém...

RUTH: — Já sei!... entrou na cidade um imenso cortejo.

ESTER: — Isso é velho; tôda a Judéia sabe disso...

MARTA: — (à parte) O' meninas! Deus que as perdoe...

SARA: — Se vocês já sabem, não preciso contar...

RUTH: — Nós sabemos como boato. E queremos a certeza.

ESTER: — E'... queremos mais detalhes...

SARA — Êsse cortêjo é formidável: soldados de semblante altivo, mais de cem. Camelos, elefantes; cada manta linda! Trazem cofres, jóias, uma coisa nunca vista!

ESTER — Que coisa maravilhosa!

RUTH — Será verdade tudo isso ?

SARA — Meu tio não mente; êle viu. Os escravos, uns tinham a pele bronzeada, outros tinham a pele negra. Aliás, uns dos reis também era negro!...

ESTER: — Reis?...

SARA: — Ah! Pois é! Os chefes daquele imenso e pomposo cortêjo eram três poderosos reis.

RUTH: — Hum! A coisa está ficando boa. Continúa...

SARA: — Três poderosos reis que vêm de seus países longínquos, guiados por uma estrêla maravilhosa e à procura de um menino!

ESTER: — Menino?

SARA: — Um menino, que querem adorar...

RUTH: — E quem será êsse menino?

SARA: — Nas proximidades de Jerusalém a estrêla desapareceu e agora procuram um indício para lhes guiar os passos.

ESTER: — Que coisa! Três poderosos soberanos vindos de tão longe para renderem homenagens a um menino da Judéia!

RUTH: — Qual será a cidade em que êle está ?

MARTA: — Qual! Meninas terríveis! São mais curiosas que umas gatas...

SARA: — Belém, não é, tão pequenina e humilde, não há de ser ela...

JOÃOZINHO: — *(entrando, aos berros)* Mamãe... Mamãe... *(corre em direção a Marta)* — Os reis! Os reis... Vêm aí...

MARTA: — *(que larga tudo)* Onde? Meu filho, onde?... *(braça-se a êle e saem correndo...)*

SARA: — Vamos nós também *(começam a pular, a gritar e...)*

RUTH — *(deixa cair o pote, que se parte)* — Não faz mal! Hoje ninguém bebe água...

(PANO RÁPIDO)

CENA SEGUNDA

Sala bem armada, com objetos de valor. Casa de gente rica.

RAQUEL *(nervosa)*: — Depressa, Magda! Tenho a certeza de que os Reis vêm pra cá. Minha casa é a mais bela e rica da cidade de Belém. As minhas arcas estão cheias de peças de ouro!... E' para cá que êles vem!

MAGDA: — E'... Quem sabe?!...

RAQUEL — Quem sabe, não! Tenho certeza. Meu filho, que tem apenas três mêses, é forte e belo! E há-de ser um rei, nem que eu tenha de comprar um reino para êle!

MAGDA: — E'... Quem sabe?!...

RAQUEL: — A estrêla ha-de trazer os reis para cá, para a minha casa, a casa de Raquel, esposa do rico mercador de joias!

MAGDA: — Senhora Raquel não deve falar assim... sem ter certeza... Se êles vêm, mesmo...

RAQUEL: — Tola! E para onde irão?

MAGDA: —Não sei. Quem sabe?...

RAQUEL: — Êsse teu "quem sabe" já está irritando. Não vês que entre os meninos de Belém não há nenhum mais rico e belo do que meu filho?

MAGDA: — E'... quem...

RAQUEL: — *(irritada)* Chega, mulher! Mando-te pôr na rua e chicotear-te, se ousas...

MAGDA: —Não, senhora! Perdão, eu não repito mais...

RAQUEL: — Acho bom; e fica sabendo que meu filho há-de ser o futuro rei de Israel!

MAGDA: — Mas, os pastores disseram...

RAQUEL: — Ora! Vens tu com a conversa dos pastores *(dá uma gargalhada)*. Os pastores, que disseram terem sido mandados pelos anjos ao filho de Maria de Nazaré! *(ri novamente)*. E tu, ignorante, acreditas...

MAGDA: — E'...

RAQUEL: — Loucos! Loucos é que êles são! Quando essa mulher e o marido, o carpinteiro, chegaram a Belém, vieram aqui pedir hospedagem a meu marido. Ele queria dar, mas eu estava à porta e fui logo dizendo que não, pois a casa estava cheia de viajantes ricos.

MAGDA: — Chi!...

Raquel: — Chi o quê?!... Eles foram embora e, soubeste o que aconteceu? *(pausa)*. O filho de Maria nasceu num estábulo! *(gargalhada)* Entre bois e burros, em cima de u'a manjedoura!...

MAGDA:— — Senhora...

J. SILVEIRA THOMAZ

RAQUEL: — E é "êsse" que dizem que há-de ser o rei de Israel? Loucura!... Os reis hão de vir é para cá! (*Continua arrumando. Fora ouve-se um vozerio da caravana que passa*) (*Raquel corre para ver*): Magda! Magda! Vê que beleza! Que maravilha A estrêla está guiando os Reis para aqui! Êles vêm para cá. Eu disse, eu sabia!... O meu filho está destinado a ser adorado.

MAGDA: — Realmente, senhora, nunca vi tanta riqueza. Mas...

RAQUEL: — Tal qual como me contaram. Garbosos os cavaleiros do rei Gaspar; solícitos os escravos do rei Melchior e assombrosos os elefantes do rei Baltazar! Que maravilha! Magda, fica aqui, para abrires a porta para êles, enquanto me preparo... (*sai*).

MAGDA: — Coitada! Enfim, tenho pena dela. Ela não crê. Coitados daqueles que não têm fé! Tenho a certeza de que a estrêla os guiará ao estábulo, onde se acha o filho de Maria. Não se enganaram os pastores.

RAQUEL: — (*entrando, tôda enfeitada*). Já chegaram, Magda?

MAGDA: — (*abstrata*) Ham?!

RAQUEL: — Acorda, mulher! Onde estão êles?

MAGDA: — Êles, quem?

RAQUEL: — (*nervosa*) — Os reis?

MAGDA: — Ham... foram...

RAQUEL: — (*corre à janela*) — Não, não, não pode ser!... (*chora*) E foram em direção ao estábulo... Maldita estrêla!

MAGDA: — Calma, senhora. Calma! E depois a senhora esquece que... o seu filho... não amanheceu bom, hoje...

RAQUEL: — (*desanimada*): — E'... amanheceu com febre. Mas, queiram ou não queiram, há-de ser o rei de Israel!

MAGDA: — Êle já tomou o remédio hoje?

RAQUEL: — (*sai e volta com um bebê ao colo*): — Magda... Magda! Meu filho! Piorou... está morrendo!

MAGDA: — Não! Não pode ser... Venha comigo... (*saem juntas*).

(PANO RÁPIDO)

CENA TERCEIRA

— Presépio — Menino Jesus na manjedoura, São José, Nossa Senhora. Os três Reis Magos em adoração. Populares, pastôres e entre êles Sara, Ruth, Ester, Maria e o filho. Todos cantam "Noite, Feliz". Terminado o canto, silêncio. Entra Raquel, pé ante pé, com o filho no colo e Magda estimulando-a.

MAGDA: — Vá até lá, ajoelhe-se aos pés do Menino e peça perdão.

RAQUEL: — (*patética, solene, humilde*): Senhor! Perdoai-me. Sou uma infeliz. (*oferece o filho ao Menino Jesus*): Menino Deus, por misericórdia, salvai meu filho! Êle não tem culpa dos meus desvairos. (*chora*).

N. SENHORA: — (*pondo a mão no ombro de Raquel*): — Tem fé e a tua fé te salvará. Volta para casa e teu filho será salvo! Não vês que o Menino te sorriu?!...

MAGDA: — Vamos?

RAQUEL: — Não. Não, minha amiga! Não sairei daqui; não sairei jamais...

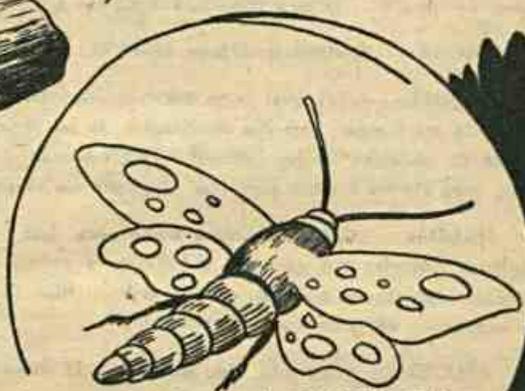
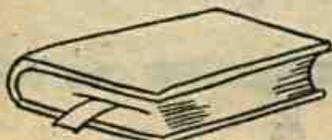
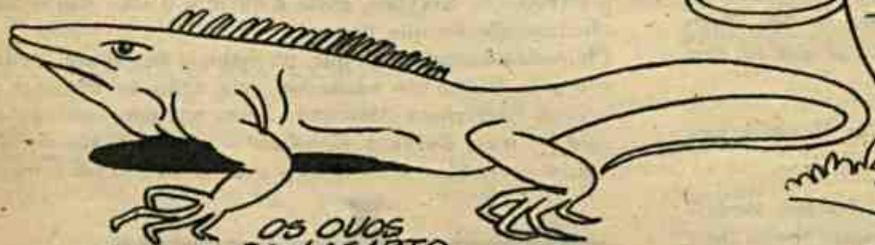
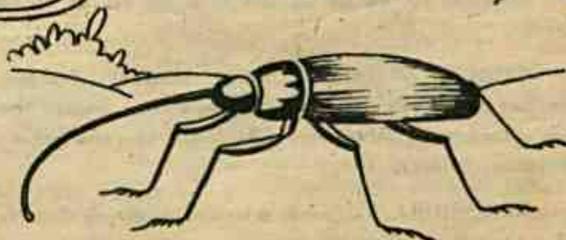
Todos cantam "Noite Feliz".

PANO.

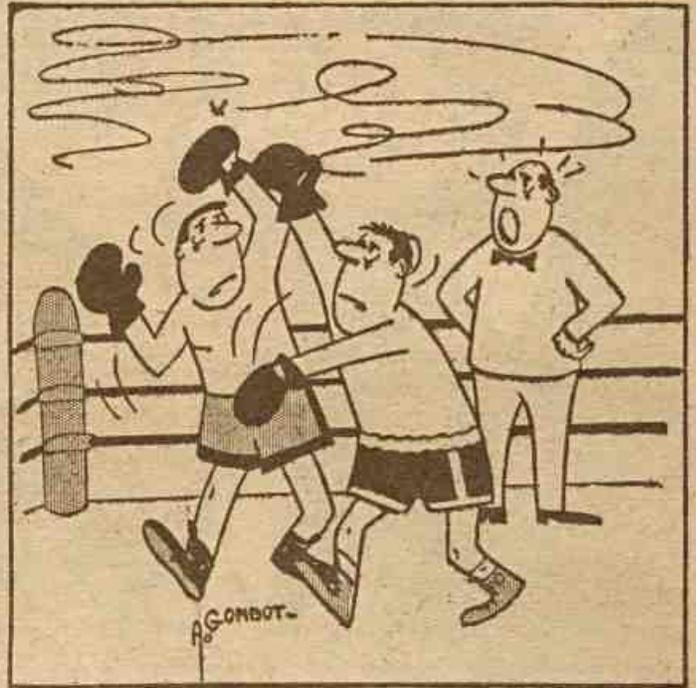
Agora, cada vez que usar KOLYNOS
V. obtém MAIS PROTEÇÃO do que nunca!

Um novo e miraculoso ingrediente, agora acrescentado à fórmula de Kolynos, evita a cárie e o mau hálito mais eficazmente do que nunca!
Cientistas descobriram que, na maioria das vêzes, a cárie e o mau hálito são causados pela ação de enzimas de origem bacteriana. Mantendo essas enzimas inativas durante horas, Kolynos significa — agora mais do que nunca — dentes mais limpos e mais sadios para todos!

Durante o dia todo, proteção contra os ácidos que causam a cárie e o mau hálito!

Curiosidades
por Paulo Affonso
A MADEIRA DE MENOR PÊSO QUE SE CONHECE É A BALSA, DUAS VEZES MAIS LEVE QUE A CORTIÇA.
O PAPAGAIO QUANDO LIVRE, NÃO BEBE ÁGUA, CONTENTA-SE COM SUCOS DE FRUTAS SILVESTRES.
A MARIPOSA ATACA E COME OS OUTROS INSETOS DESDE O MOMENTO EM QUE NASCE.
OS OSSOS DURAM MAIS QUE O FERRO E OUTROS METAIS SUCESPTIVEIS A AÇÃO DA UMIDADE.
O NARIZ HUMANO TEM GRANDE CAPACIDADE DE DESTRUIR OS MICRÓBIOS QUE POR ÊLE PASSAM.
OS ANTIGOS ROMANOS ACREDITAVAM QUE OS OVOS POSTOS EM QUINTA FEIRA ERAM EXCELENTE REMÉDIO CONTRA AS CÓLICAS.
O MENOR LIVRO DO MUNDO É UM NOVO TESTAMENTO, ESCRITO EM INGLÊS; TEM 860 PÁGINAS E MEDE 18x12 MILIMETROS.
UMA VISÃO NORMAL PERMITE DISTINGUIR UMA VELA ACESA A 22 QUILÔMETROS DE DISTÂNCIA.
ALGUMAS ESPÉCIES DE PATOS NÃO MERGULHAM.
OS OVOS DO LAGARTO IGUANA DAS ILHAS GALÁPAGOS SÃO INQUEBRÁVEIS.
BANG
A VELOCIDADE DO SOM É DE 1227 KMS POR HORA.
O BALANINO É UM CURIOSO INSETO QUE PERFURA COM SEU AGUDISSIMO FERRÃO DETERMINADAS FRUTAS, EM CUJOS COTILEDONES PÕE SEUS OVOS.

ALMANAQUE
d'O TICO TICO
1956
AOS seus leitores e amigos o ALMANAQUE D'O TICO-TICO envia os mais sinceros votos de ditoso Natal e feliz início do Novo Ano de 1956, que a todos deseja seja um ano de paz e prosperidade.

BOM HUMOR

— Afinal de contas — dizia um otimista — ter calos na planta dos pés sempre tem sua vantagem: neles, ninguém pisa!

NA HORA DA LUTA?

— Vamos deixar a môsca em paz e tratar de lutar? Ora bolas!!

OS BOMBEIROS NÃO AGUENTARAM...

QUE CALMA!!

— E' com o ilustre comandante do brioso Corpo de Bombeiros, a modelar corporação, que tenho a honra de falar?

NO RESTAURANTE

— Garçon! Isto é café ou chá? Tem gôsto de querozene!

— Se tem gôsto de querozene, é café. Nosso chá tem gôsto de óleo...

ÊLE SABIA...

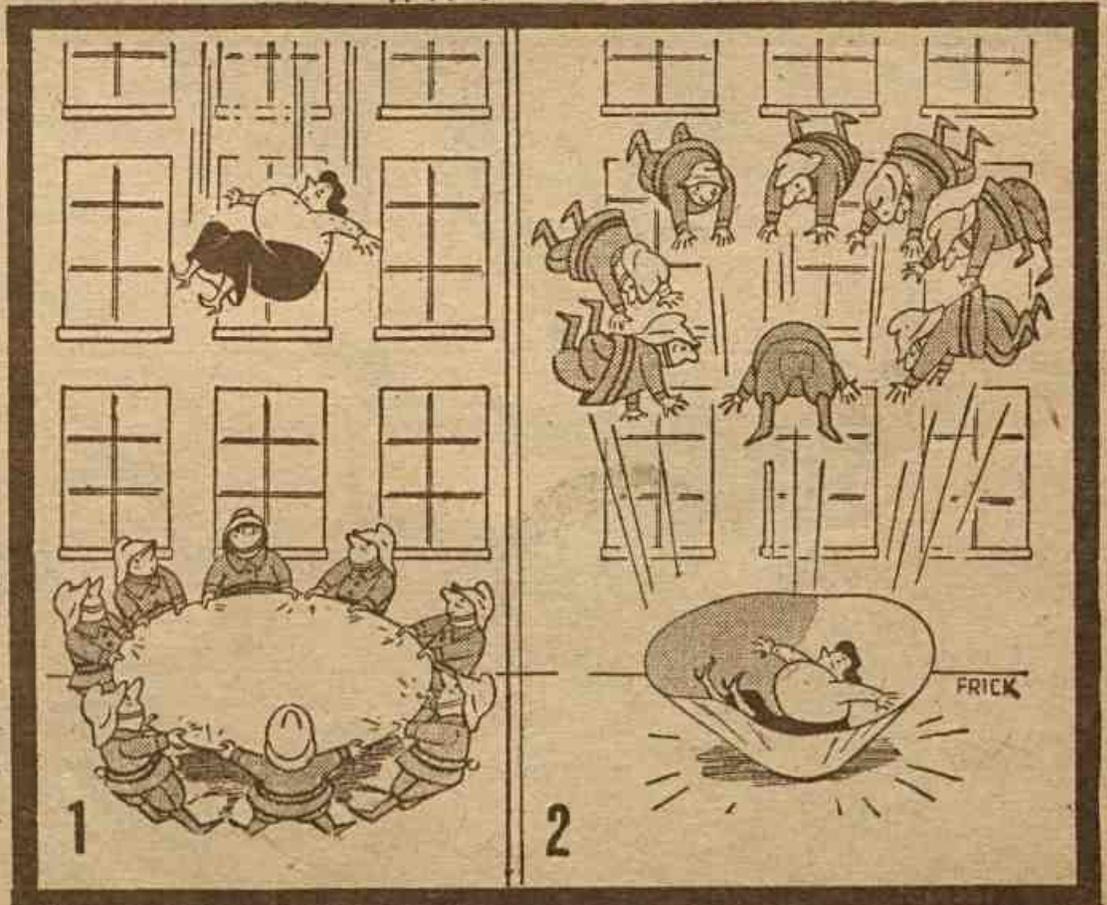
— Passaste nos exames, Juca?

— Bem . . . Imagine você que o professor . . .

— Não precisas dizer mais. Já sei. Eu também fui reprovado . . .

NA DELEGACIA

— Muito bem, muito bem. Mas, agora, vamos a saber: como é que estava o cadáver?

— Estava morto, sêo Comissário.

PIADINHAS

— Êste fosforo não presta! Não quer acender!

— Que houve com êle?

— Não sei! Ainda há pouco estava bom e acendeu direitinho!

●

— Se me convidares para uma ceia logo mais à noite — disse Abraão a seu amigo David — te direi uma coisa que vale mais de cem mil contos!

Depois que Abraão comeu opiparamente em casa de David, êste perguntou-lhe:

— Agora, cumpre a tua promessa! Dize-me o que prometeste, isto é, uma coisa que vale mais de cem mil contos.

— Duzentos mil contos!

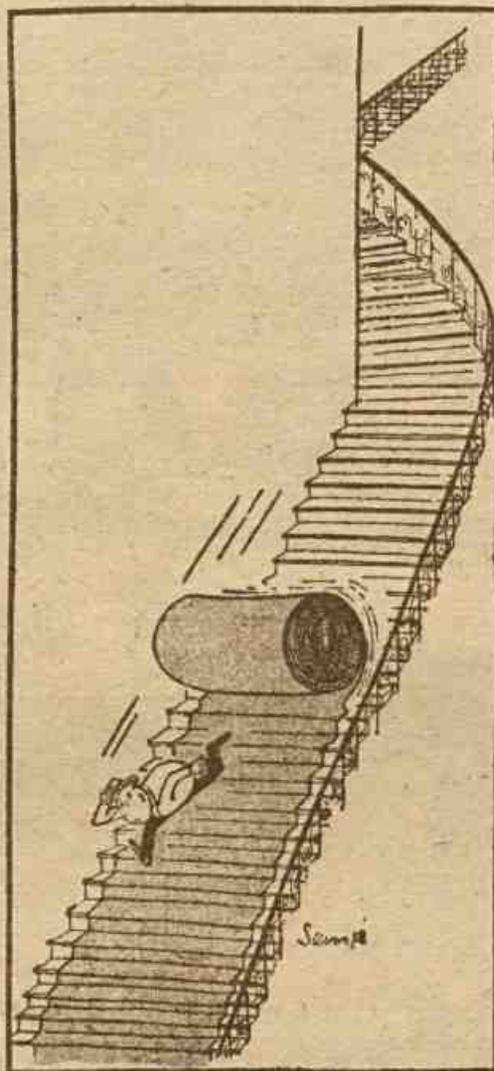
●

Um camarada muito econômico foi ao dentista. Sentou-se na cadeira e perguntou:

— Quanto me cobra para arrancar êste dente?

— Vinte cruzeiros.

— Tanto assim? Pois, então, tome só dez cruzeiros e afrouxe o dente um bocadinho, sem arrancar... Depois eu puxo.

O TAPETE ERA CRUEL...

É MESMO!

Um camarada diz a outro:

— Escuta aqui. Se há Passadeiras onde nos passam a roupa enquanto esperamos e Sapataria onde consertam os sapatos, enquanto a gente espera, por que é que não há também Barbearias onde cortem os cabelos da gente enquanto a gente está esperando?

— E' mesmo!

●

— Quanto custa esta corôa?

— Quatrocentos cruzeiros.

— E' cara!

— Não, E' corôa...

SURPRESA

SÓ MESMO ASSIM..

ERA UMA VEZ...

... uma centopeia que voltou para casa às duas da madrugada e, como não queria acordar a mulher, ficou até às seis horas tirando os sapatos.

EXAME DE CATECISMO:

— Diga-me agora você: quantas coisas são precisas para um batismo?

— Quatro.

— Como quatro?... Não bastam a água, o sal e o óleo?...

— Não senhor: falta o menino.

Sonho

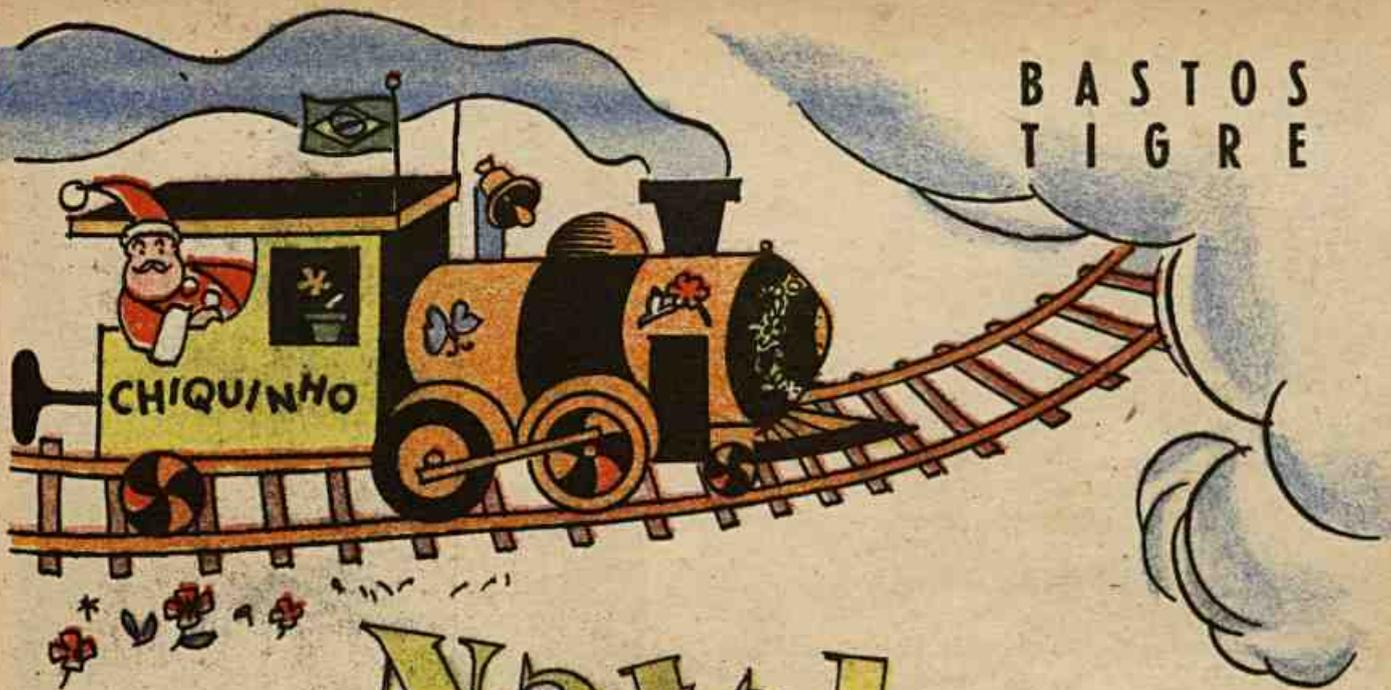
EU tive esta noite um sonho
formidável, colossal!
Um sonho que até suponho
que ninguém já teve igual.

Era um trem; um trem que vinha
de algum país encantado;
e a locomotiva tinha
meu nome em ouro pintado.

À frente, *Papai Noel!*
eu *pude ver muito bem,*
garboso no seu papel
de maquinista do trem

Que coisa, meus amiguinhos!
Imaginar nem se póde!
Cem vagões cheios, cheínhos
de brinquedos "de pagode"!

BASTOS TIGRE

Natal de Chiquinho

Foram fazendo a descarga
dos vagões todos do trem.
E eram em autos de carga
levados pro armazem.

E o armazem,—que coisa boa!
era lá em casa! Era, sim!
Papai Noel, em pessoa,
trouxera tudo pra mim!

Bonecas, polichinelos,
piões, cavalos, soldados,
oficiais guapos e belos
uns a pé, outros montados,
com seus galões amarelos,

espingardas de dois canos,
metralhadoras, canhões,
até tanques e aeroplanos,
estandartes e bandeiras
de mais de vinte nações!

Bandas de música, inteiras,
cornetas, bombos e pratos,
e todos os bichos: gatos,
zebras, tigres, jacarés,
Era um bandão de animais
de dois pés e quatro pés!

E tinha mais, muito mais:
era um bazar verdadeiro!
Ferramentas de pedreiro,
regadores de jardins,
e caixas de marceneiro,
e até um par de patins!

Grandes petecas com penas
de côres belas e vivas,
bolas de gude às centenas,
bonitas locomotivas
com trilhos e com desvios,
e dez vagões engatados,
jangadas, botes, navios;
automóveis maquinados,
desde o "landaulet" de luxo
até a simples "baratinha"!

E livros cheios de estampas,
com lindos contos de fadas...

Ih! Quanta coisa bonita!
Qual a mais bela, nem sei!
Nisso... o trem apita... Apita
e... com o apito, acordei!!

JULIO VERNE, considerado o precursor dos tempos modernos no domínio científico, nasceu a 8 de Fevereiro de 1828 na Ilha Feydeau. Seu pai era procurador judicial. Nos romances de Julio Verne encontram-se antecipações geniais da caça submarina, da astronautica, das V-8, das bombas atômicas, do microfone, do alto falante, do helicóptero e de tantas coisas mais. Da janela da casa paterna, êle avistava o porto, o cais Duguay-Trouin e a sua atividade extraordinária, os veleiros que chegavam das Antilhas, de retôrno das suas viagens aventurosas. Aquele lugar foi, certamente, para Julio Verne, o ponto de partida da sua sêde de descoberta, da sua vocação literária. A ilha da sua infância constituiu uma obsessão, para êle, e raros são os livros em que não descreve uma ilha.

A sua necessidade de aventura era tão forte, que aos 12 anos embarcou clandestinamente a bordo do "La Coralie" de partida para a ilha dos Ventos, porque uma prima lhe pedira um colar de coral. O menino saia em busca da joia, só encontrada em mares longinquos. Mas não iria longe, porquanto, avisado por um trabalhador do porto, o pai conseguiu apanhá-do em Saint-Nazaire, antes que o veleiro se fizesse ao largo.

Essa fuga frustrada foi a sua única maluquice. O irmão tornou-se marinheiro, e êle passou a viver as suas aventuras no terreno da imaginação.

JÚLIO VERNE

O HOMEM QUE VIA O FUTURO

Inclinado na mesa de trabalho, Julio Verne começou a descrever, valendo-se apenas da fantasia, horizontes que jamais vira, enredando os seus heróis em aventuras extraordinárias e fantásticas, em que antecipava invenções a que os cientistas só chegaram meio século depois.

Graças ao seu gênio visionário, êle criou o mundo fantástico do futuro, a imaginação marchando à frente da ciência.

George Claude descobriu o princípio da utilização da energia térmica dos mares numa frase do capitão Nemo, herói das "Vinte mil leguas submarinas".

— "Sem Julio Verne, declarou o almirante Bird, jamais teria ido ao Polo Norte". "Robur, o Conquistador" permitiu a La Cierva construir o autogiro, antepassado do helicóptero. E a leitura da "Viagem ao Centro da Terra" levou Casteret à prática da espeleogia.

O pai de Julio Verne, querendo que êle seguisse a sua carreira, mandou-o a Paris, estudar direito. Mas o jovem preferia percorrer as redações, para vender sua prosa fantasiosa.

Por um acaso extraordinário, travou conhecimento com Alexandre Dumas, tendo, por fim, sido apresentado ao editor Heizel. Julio tinha, então, trinta e cinco anos.

Ao ser recebido pelo editor, no escritório dêste, cheio de louças e bibelôs diversos, o escritor entregou-lhe o manuscrito do relato de uma viagem em balão sôbre a Africa.

Antes de conhecer Heizel, quinze outros editores haviam rejeitado o trabalho. Era a sua última tentativa.

— Volte dentro de quinze dias, disse-lhe o editor, folheando distraidamente o manuscrito, com ar de enfado.

Duas semanas mais tarde, aquele cujo título de glória é haver descoberto Julio Verne, apresentava no novo autor uma proposta que representaria, hoje, um milhão de francos por original... Então, o escritor entrou com o pé direito na estrada da fama.

Sessenta e quatro livros, traduzidos em setenta linguas, inclusive o chinês, comprovaram que o romancista francês tornou-se universal, e que a sua obra não se destinava apenas às crianças.

Embora a história da sua vida fale dos seus sonhos de evasão, sentado numa cadeira perto da estufa, não devemos esquecer que êle adquiriu, posteriormente, três iates. Nem sempre permaneceu o imaginoso romancista no seu quarto, de chinelos.

Realizou cruzeiros pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo.

— O melhor das viagens é a volta, costumava dizer em tom de pilhéria.

Julio Verne atravessou mesmo o Atlântico, indo do Hávre a Nova York, a bordo do "Great-Eastern", por ocasião da viagem inaugural dêsse transatlântico gigante de 46 mil toneladas, previsto para transportar cinco mil passageiros, e cuja propulsão era feita por uma roda de dezoito metros de diâmetro e uma hélice.

Julio Verne faleceu em Amiens, a 20 de Março de 1905. Toda a nação chorou a sua morte e os jornais do mundo inteiro registraram o acontecimento.

Soberanos, presidentes das Repúblicas, chefes de govêrno, estiveram representados nos seus funerais por embaixadores extraordinários. Entre êles, viu-se a figura rigida do conde von Flotow, de monóculo, enviado do imperador Guilherme II, da Alemanha.

A. W.

São Gabriel, arcanjo

SÃO GABRIEL, cuja festa é celebrada a 24 de Março, e um dos arcanjos mais bem colocados na hierarquia celeste, figura entre os primeiros príncipes do céu. Quando apareceu ao profeta Zacarias, disse-lhe: —"Sou Gabriel. O Senhor me tem ao seu lado" Gabriel é chamado também o "General dos Soldados Celestes". Na língua dos hebreus, seu nome significa "Fôrça de Deus". Mas Gabriel é, sobretudo, conhecido como o Anjo da Anunciação, o mensageiro escolhido para anunciar à Virgem Maria que ela seria a mãe de Jesús.

O grande poeta Milton, autor do "Paraiso Perdido", fez de Gabriel o guardião do Paraiso. No extremo ocidente, onde o céu encontra o oceano e a terra, o sol, descendo, enviava com lentidão seus raios horizontais para a porta do Paraiso. Era esta uma rocha de alabastro subindo em direção às nuvens e que se avistava de longe. Um caminho tortuoso, acessível pelo lado da terra, chegava até uma entrada elevada. O resto era um pico escarpado que pendia e se elevava e no qual era difícil se subir. Entre duas pilastras de pedra estava sentado Gabriel, chefe da guarda dos anjos.

Quando de sua aparição ao profeta David, que tinha visto chegar até êle quatro monstros simbólicos, Gabriel predisse a vinda do Anticristo, que seria mais poderoso que seus antecessores. Sua arrogância seria tal que blasfemaria contra os céus, oprimiria seus servidores, vangloriar-se-ia de ditar leis e costumes e alimentaria durante quase quatro anos uma impiedosa guerra contra a santidade, a justiça e a verdade. Éste ímpio, que devia vir acompanhado do poder de Satã, seria anunciado por tôda a sorte de milagres, sinais e prodígios enganosos.

Quando da Anunciação, Deus disse a Gabriel: "Descerás à terra e dirigir-te-ás à pequena cidade de Nazaré, na Galiléia. Entrarás na pobre casa de Joaquim e Ana e inclinando-te profunda e respeitosamente diante da jovem da qual lhes tenho confiado a posse, lhe dirás, "Eu te saúdo, cheia de graça! O Senhor está contigo e serás bendita entre tôdas as mulheres!" Dissiparás, então, a inquietação que esta saudação fará criar em sua humildade. Anunciarás sua nobreza de Mãe do Senhor e o nome adorado que tomará o Verbo feito carne, entrando para a família dos homens.

O arcanjo dirigiu-se então para Nazaré. Quando transpunha o umbral da casa de Joaquim e Ana, Maria estava noiva de José. Um e outro viviam pobremente, com as suas famílias. José era carpinteiro, Maria ganhava a vida com seu trabalho. Sua casa estava situada, conforme a tradição, nas proximidades do atual convento da Anunciação. Não resta da casa mais do que a parte escavada na rocha, em comunicação com a cripta. Uma escada de quinze degraus desce em direção a uma primitiva capela cujos dois altares são dedicados um a São Gabriel, e o outro a S. Joaquim e Sant'-Ana.

Segundo a bíblica narração, Gabriel lhe anuncia o nascimento de seu filho e também lhe comunica o nome que devia dar à criança. Maria não manifestou nem hesitação nem temor à aparição do mensageiro celeste, que lhe disse: "Não temas, Maria. Caíste nas graças do Senhor. E eis que terás um filho e lhe darás o nome de Jesús e o Senhor lhe dará o trono de David, seu pai. Êle reinará eternamente na casa de Jacó e seu reinado não terá fim" Ela respondeu: "Que seja feita a Vossa vontade". Depois o anjo se retirou.

O PRÍNCIPE GLUTÃO

TRADUÇÃO DE ZAMARA

O príncipe Zagul era um glutão. Tudo que êle via, que fosse de comer, desejava engolir imediatamente. Para despertar tal vontade não havia necessidade de ser alimento doce; bastava que fosse alimento. E tudo êle devorava com um apetite raro, verdadeiramente fenomenal.

O resultado dessa gula desmedida, porém, não se fez esperar, e é o que vocês vão ver, nesta história.

* * *

UMA noite, em que Zagul comeu ainda mais do que o costume, e se deitou em seguida para dormir, horas depois despertou com fortes dôres no estômago.

Acompanhando tais dôres, sentia arrepios, náuseas e suores frios, que lhe causavam terrível mal-estar. Depois de muito se contorcer, vencido afinal pelo cansaço, adormeceu. Ardia em febre. No meio daquele letargo, viu, então, algo terrivel. Viu numeroso exército de peixes e mariscos, comandado por uma enorme lagosta, que se aproximava de sua cama, ruidosamente.

Na frente vinham salmões, linguados e atuns, que constituiam a infantaria; depois as cavalas, que eram de cavalaria, e por último as sardinhas enlatadas, cujas latas eram puxadas por caranguejos, e que formavam a artilharia. Os caranguejos faziam as vezes de tanques. E tôda essa tropa cada vez mais se aproximava de sua cama e a cercava. O general aproximou-se de Zagul e, com seus enormes tentaculos, pegou uma das mãos do menino...

O príncipe deu um grito e despertou. Ao seu lado, tomando-lhe o braço, o médico do palácio contava suas pulsações... Que horrível delírio!

Zagul esteve um mês de cama, tomando muitos remédios, cada qual de pior sabor. Quando ficou bom estava tão magrinho, tão fraco que mal se podia ter em pé. Os criados, quando tinham necessidade de se dirigir a êle, cobriam a bôca com a mão, para que seu sôpro não derrubasse o príncipe. Ficou tão magrinho! Tão fininho!

Entretanto, não terminou aí o castigo do glutão. Sofrimento maior o aguardava, como verão vocês.

Assim como o Rei Midas, que ao tocar em alguma coisa logo a transformava em ouro, o pobre príncipe, tudo que olhava transformava em doce. Se dava a mão a um amigo, êste continuava em forma humana, porém passava a ser de creme. Se montava a cavalo, êste se transformava em uma bela figura de chocolate, que lhe dava trabalho desprender das pernas. Castelo que visitasse, convertia-se imediatamente numa imensa torta. Rio que êle olhasse, em imensa corrente de calda.

E, assim, tudo ia se mudando em guloseima...

Zagul, que a princípio estava achando interessante essa história, acabou por se enfarar.

Para evitar tantas transformações cobriu os olhos com um lenço e só saia acompanhado de um pajem, no qual, porém, não tocava. Senão...

Um dia, o pajem parou para conversar com um trabalhador do campo e Zagul, querendo conhecê-lo, tirou a venda dos olhos. E, oh ! surpresa ! O homem permaneceu de carne e osso, sem se transformar em nada comestível !

O príncipe viu, então, com que alegria, com que prazer aquele trabalhador comia, enquanto aproveitava o tempo que tinha para descanço.

E sendo êle um soberano, senhor de muitas vidas e riquezas, teve inveja daquele modesto trabalhador que se sentia feliz com tão pouca coisa.

— Diga-me, bom homem, — interrogou. — Você é feliz, comendo isto, não é verdade ?

— Não, senhor — respondeu o trabalhador, pondo-se de pé e tirando o chapéu. — Sou um homem feliz porque sinto a satisfação do dever cumprido e esta comida tem mais sabor para mim do que os melhores manjares de Vossa Alteza, porque a ganhei com o suor do meu rosto e porque, além disso, sei comer com moderação.

— Que quer dizer isso ?

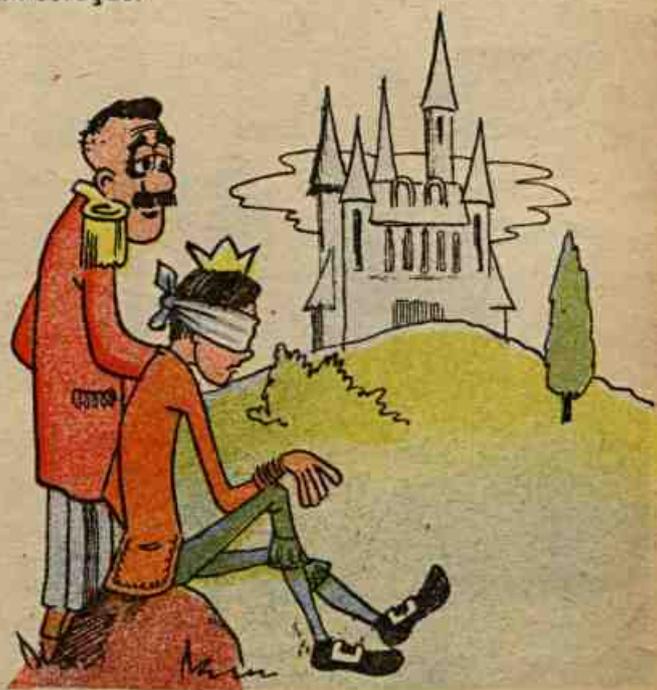
— E' a virtude de moderar o apetite... de comer para viver, em vez de viver para comer . . .

— E's feliz por poder fazê-lo. A mim está vedada esta alegria. Tudo quanto fito se transforma imediatamente em comida . . .

— Para evitar isso tomai estas pílulas, Alteza, e vereis como desaparecerá o que crêdes irremediável desgraça.

O príncipe estendeu a mão e pegou as pílulas, côr de âmbar, em cujo interior, semelhante a gotinha dágua de um nível, se movia uma gôta menor; de substância oleosa e mais escura.

Depois de agradecer ao trabalhador e prometer-lhe que, se ficasse curado, o faria Ministro, saíu correndo até o palácio, onde, efetivamente, curou o terrível defeito da gula.

Desde aquele dia Zagul é sóbrio para comer e tudo o que gastava em comida e gulodices, agora reparte com os pobres, que louvam sempre o seu bom coração.

MATAR O BICHO

Qual a origem dêste dito, assás comum, e tão usado entre tôdas as classes sociais?

Pelos princípios do século XVIII grassava em Espanha uma doença que os médicos alcunhavam de misteriosa por zombar da mais acreditada ciência, e que diariamente causava inúmeras vitimas.

D. Gustavo Garcia, médico hespanhol que havia bastante tempo abandonára o exercicio da medicina para gozar tranquilamente a fortuna ganha com ela, não póde ficar impassivel ante os infrutíferos esforços dos seus mais doutos colegas, e, deixando a sua poltrona, acorreu, com os seus conhecimentos, a juntar-se-lhes, no louvável propósito de contribuir com a quota parte do seu esforço para a extinção do horrivel mal.

Foi então que no decorrer da autópsia do cadaver de uma das vitimas, depois das mais minuciosas análises e de ter utilizado o que a ciência tinha então de mais profiquo, D. Gustavo Garcia conseguiu descobrir nos intestinos um pequeno verme ainda com vida.

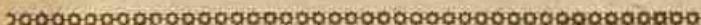
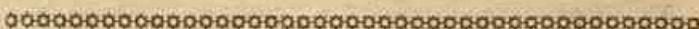
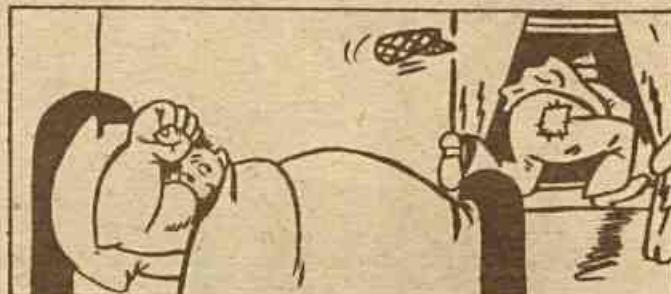
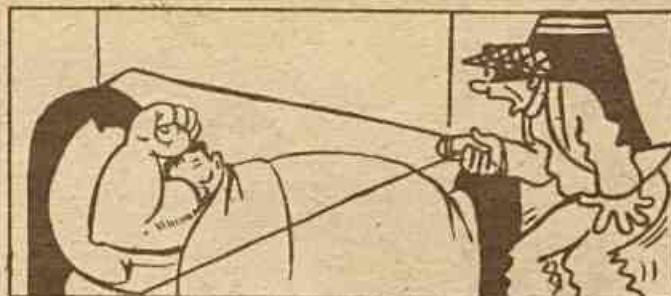
O bicho era a causa: os efeitos, por demais conhecidos. Aplicaram-lhe diversos liquidos para o matar, mas êle de todos zombava, parecendo conservar cada vez mais forços, porque o "bicho" morreu!

Lembrou D. Gustavo mergulhá-lo em aguardente, e, feliz idéia, viu com esse pensamento coroados os seus esfôrços, porque o "bicho morreu!"

Os médicos trataram imediatamente de anunciar que tôda e qualquer pessoa que fosse atacada pelo ignorado mal, ingerisse no mesmo instante um pequeno copo de aguardente ou qualquer outro espirito alcoólico.

Desde então não houve em Madrid uma só pessoa que, conhecendo a eficácia do remédio, não louvasse ao hábil médico a sua descoberta e a maneira de "matar o bicho".

O Barbudo no Dentista

— Quer fazer o favor de abrir a bôca?
— Abrir? Mas já está escancarada!

ENGANOU O LADRÃO

ESTE CASO ACONTECEU

NA PRIMAVERA DO ANO 334 (A. C.), QUANDO ALEXANDRE SE DISPUNHA A INVADIR A ASIA

TINHA Alexandre apenas 22 anos de idade, quando se dispôs a invadir a Ásia com uma infantaria de trinta mil homens e cinco mil cavalos. Pretendia, com suas fôrças, conquistar o maior império do mundo. Como se já tivesse em seu poder os tesouros do grande rei da Pérsia, distribuiu entre amigos tudo o que possuía.

— Principe, perguntou-lhe um dêles — e que reservais para vós?

— A esperança — respondeu Alexandre.

Já em campanha, Alexandre, depois de cansativa marcha, banhou-se nas águas geladas de um rio. Imediatamente foi atacado de calafrios e seus soldados o levaram em grave estado para a barraca de campanha. Todo o exército estava triste, pois o estado de Alexandre era desesperador. Ao mesmo tempo, Dario avançava com enormes contingentes para deter o jovem conquistador.

Os médicos não se atreviam a lhe dar nenhum remédio; só um, Felipe, amigo de infância de Alexandre, preparou uma beberagem cujo efeito positivo e saudável devia ser imediato. Enquanto aquêle preparava o medicamento, Alexandre recebeu uma carta de um amigo que o aconselhava a ter cuidado com Felipe, pago secretamente por Dario e encarregado de atentar contra a vida de seu rei. O herói tinha nas mãos a carta quando chegou o médico. Então, sem demonstrar a menor emoção, tomou o copo de sua mão, enquanto com a outra lhe enentregava a carta, bebendo de um trago o remédio que Felipe lhe dera. O médico leu a carta e, sem se deixar dominar pela indignação que o assaltava, pediu ao rei que seguisse fielmente suas indicações. Só a êsse preço lhe podia garantir a volta da saúde. De fato, depois de uma crise terrível, o enfêrmo melhorou e voltou à vida ativa.

SEIS NOTAS SÔBRE O Natal

1 — Belém fica situada no alto de uma pequena elevação, aproximadamente a umas cinco milhas de Nazaré. A cabana em que Cristo nasceu não ficava na cidade, e sim extra-muros. O imperador Adriano, 117 anos depois do nascimento de Jesús, para fazer desaparecer o lugar onde êste tinha vindo ao mundo, mandou que preparassem um frondoso bosque e que construissem um templo dedicado a Venus e Adonis. Mas quando o imperador Constantino deu paz à Igreja, sua mãe, Santa Elena, cobriu o presépio com lâminas de prata e levantou uma rica basilica. Junto ao templo, coberto de mármores, talha e ornamentos de ouro e prata, entre os quais se encontra a magnifica lâmpada doada por Luiz XIII de França, está o convento de São Francisco, onde se conserva uma gruta com três altares, um dos mais assinala exatamente o lugar onde Cristo nasceu; o outro, o do presépio, que foi levado para Roma, e finalmente, o terceiro, onde se ajoelharam os Reis Magos.

2 — Os sinos da igreja catolica do Santo Sepulcro, da igreja anglicana e da capela luterana, tão rivais de ordinário nesta "Cidade de Paz Eterna", repicam em unissono em 25 de Dezembro, levando até o vale de Josafá a boa noticia de que estão em Noite de Natal.

Alinhados ao longo das muralhas que cercam o mercado, as mulheres árabes contemplam-se silenciosamente, e as mais idosas, fazendo um gesto lento em direção ao lugar de onde vem o som, indicam aos que se aproximam que a "Festa dos Cristãos" vai começar, sendo, portanto, inconveniente permanecer ali.

3 — Era costume entre os antigos Bispos, nos dias de Natal, oferecer pães bentos como expressão da união entre os filhos da Igreja.

Outros pães eram enviados aos reis e principes. A mistura de farinha, frutas sêcas diversas e dôces cobertos de açucar, deu origem ao pão doce, famoso em algumas cidades italianas, particularmente nas da Lombardia.

4 — As autoridades eclesiásticas proibiram na França a celebração da festa dos burros, que se celebrava no dia de Natal. Tinha lugar então uma solene cerimônia na catedral de Rouen. Formavam uma procissão de eclesiásticos que representavam os profetas que tinham anunciado a vinda do Messias. Cada qual recitava sua profecia correspondente e, em virtude daquele que personificava Balaão vir montado num burro, a procissão era chamada "dos burros". Em Beauvais se escolhia uma das jovens mais belas da cidade para representar a Virgem Maria. Ela vinha sentada sôbre um burro ricamente ajaezado, tendo entre os braços um menino. Desta forma, a jovem, seguida pelo Bispo e o clero, ia em procissão desde a catedral até uma das igrejas da cidade. Uma vez chegando aí, o burrinho entrava no templo e se colocava do lado do Evangelho. Começava a missa e tudo

quanto o côro cantava terminava em uma voz estudada, imitando o zurrar do burro. Os cânticos eram metade em latim e metade em francês, e todos se referiam à mansidão do animal. Idênticas cerimônias, também proibidas, eram realizadas na cidade de Autun.

5 — Antigamente, por disparidade de opiniões em relação à festa do nascimento de Cristo, o Natal não se celebrava no mesmo dia em tôda parte. Foi o Papa Julio I que, no ano 336, fixou-o no dia 25 de Dezembro. Alguns achavam que Cristo tinha vindo ao mundo em 24 ou 25 de Abril ou Maio. Na Igreja do Oriente se começou a celebrar a festa de Natal, com o nome de Epifania, em 6 de Janeiro, juntamente com o dia da adoração dos Reis Magos.

6 — Nas primeiras épocas do cristianismo o Natal era celebrado com tal entusiasmo e solenidade, que se observava abstinência de carne se a festa caia em uma sextafeira.

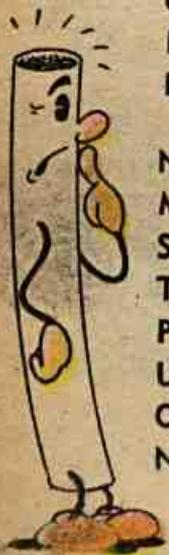
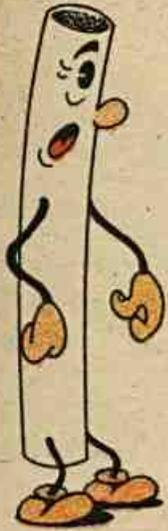
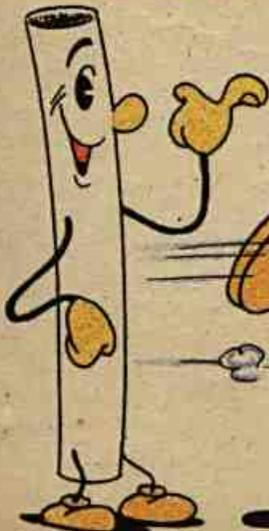
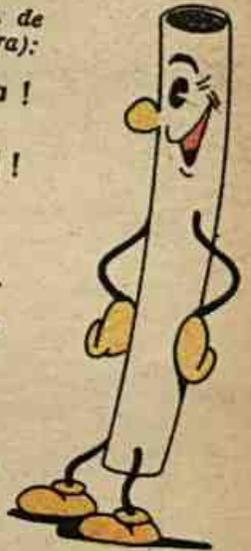
Um Cigarrinho

ISABEL VIEIRA de SERPA e PAIVA (Do livro "PINGOS D'ÁGUA")

(O menino traz um cigarro, que ora finge fumar, ora segura entre os dedos).

NÃO fiquem de bôca aberta!
Há muito tempo que eu ando
Por isto aqui suspirando.
Ninguém censurar-me vai!
Mas eu tinha uma vontade,
Um tal desejo, um gostinho,
De fumar um cigarrinho
Tal como faz o papai!

O dia chegou. Aberta
Papai deixou a gaveta
E, deu-me, então, a veneta,
De a ver de perto. E espiei.
Achei o que desejava:
Os cigarrinhos queridos
Em macinhos coloridos...
E sabem?! Não hesitei!

Não pensei que é muito feio
Mexer no que não é nosso.
Só disse comigo: — "Posso
Tirar um e experimentar!
Papai não vai achar falta.
Um só... para meu regalo!
O desejo de prová-lo
Não posso mais suportar!"

Cavei um fosforo e... pronto!
Acendi-o incontinenti!
Agora, sim! Já sou gente!
Posso andar com altivez!
E, depois dêste cigarro,
Afirmo com confiança:
—"Não sou mais uma criança!
Sou gente como vocês!"
Um cigarrinho é elegante
E põe a gente na moda!
(Põe as mãos na cabeça como se, de súbito, sentisse uma grande tontura):
Mas... tudo me gira em roda!
Parece que a casa cai!
Meu Deus! Sinto uma ânsia horrível!
Já nem sei onde me agarro!
Creio que foi o cigarro...
Mamãe! Socorro! Papai!...
(Sai com as mãos apertando o estômago, fingindo-se muito aflito).
Luiz Sá
RIO — 55

COMO FORAM CONSTRUIDAS AS PIRAMIDES

A esfinge, que conserva seu mistério

Das sete maravilhas que os antigos admiravam, sòmente as pirâmides sobreviveram até nós. E não há turista que passando pelo Egito as deixe de contemplar. E não há quem, diante dêste amontoado prodigioso e perfeitamente regular de rochas talhadas, não fique estupefato. E com razão.

A maior, chamada de Queops, porque foi construida por ordem dêste faraó, mede 227 metros em cada um dos lados, na base, e tem uma altura de 137 metros ou seja 57 metros mais do que as tôrres da igreja de Notre Dame de Paris. Estima-se sua massa em 25 milhões de metros cúbicos. Em suma — observação que não se pode deixar de fazer, e que prova o adiantado conhecimento astronômico dos egípcios da antiguidade — cada um de seus ângulos é orientado, exatamente, na direção de cada um dos quatro pontos cardiais.

E não é tudo. Se se aproxima da pirâmide, o visitante percebe que cada face é constituida por uma série de degraus que se vão estreitando; os degraus são em número de 205 e cada degrau dessa escada gigantesca mede 68 centímetros.

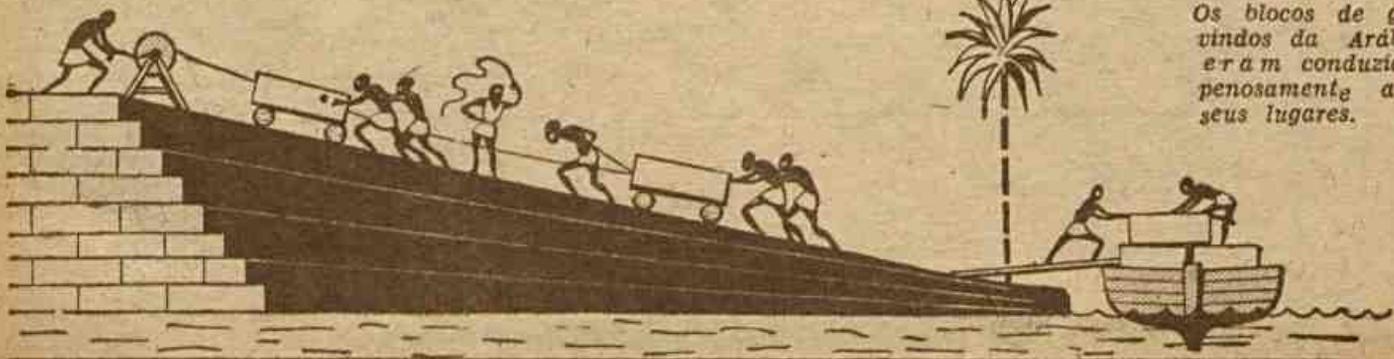
Mas o mais maravilhoso é talvez ainda isto: o conjunto de todo o monumento é constituido de enormes blocos de pedra, algumas das quais, na base, têm 10 metros de comprimento e o todo do monumento é justaposto sem argamassa, e tão exatamente se justapõem que entre um bloco e outro é impossivel introduzir a lâmina de uma faca.

A pirâmide de Queóps tendo sido construida mais ou menos no ano 2600 antes de Jesus-Cristo, isto é, em uma época em que não se conhecia mais que processos rudimentares de construção, como puderam aqueles homens, apenas com o esfôrço de seus braços, fazer chegar ao fim tal emprêsa ?

Para esta pergunta pode-se achar a resposta em Herodoto, o primeiro dos historiadores, que já tem esclarecido alguma cousa sôbre o longinquo passado dos povos orientais naquela época: a multidão de operários suplantava a imperfeição das máquinas.

Todo povo vencido era reduzido à escravidão e eram êsses escravos que os faraós obrigavam a trabalhar.

Queóps não procedeu de modo diferente. Com efeito, para edificar a grande pirâmide, foram necessários cem mil homens, revezando-se de três em três mêses durante um periodo de trinta anos.

Quanto ao material empregado, que foi exclusivamente o grés, não existia no Egito, devia ser trazido da Arábia para onde grandes estradas tiveram que sêr abertas. Equipes de trabalhadores arrancavam cada bloco de pedra segundo um traçado rigoroso, utilizando para isso cunhas de madeira, a espaços regulares. Molhando essas cunhas, essas se dilatavam e faziam destacar os blocos de pedra. Depois do que eram, então, conduzidos, arrastados, calibrados para que pudessem se adaptar, sem fendas, aos blocos vizinhos. Outras equipes se apoderavam dos blocos terminados e, com auxilio de rolos de madeira, faziam-nos rolar através de uma longa calçada que conduzia ao Nilo, calçada construida especialmente para êsse fim e que exigiu 10 anos de trabalho só para sua contrução.

Chegando a leste do delta os blocos eram embarcados em lanchões que subiam o rio até Gizé, a cidade mais próxima do lugar escolhido. De Gizé uma outra calçada havia sido construida e ao longo da qual rolavam os blocos desembarcados. À medida que a pirâmide se erguia, acentuava-se em altura gradativa a calçada. De degrau em degrau, um cabrestante feito de peças de madeira suspendia as pedras novas e as colocava no lugar.

Em sua origem a pirâmide era recoberta, na parte exterior, por um revestimento calcáreo que tornava seus flancos lisos e contínuos. Este revestimento desapareceu no curso dos séculos deixando a nú os degraus. Constata-se também um certo desgaste do cume, produzido pelo vento e areia do deserto.

Entretanto não se pode falar desta obra sem evocar também sua visinha — a Esfinge. So em 1818, é que se pensou em libertar êste ser misterioso da camada de areia que se havia acumulado sôbre êle. Representa um leão deitado, com cabeça de mulher, cuja testa é coberta à moda dos faraós.

Mede 55 metros de comprimento por 20 de altura. Ignora-se sua origem, bem como o símbolo que devia exprimir. Mas uma observação curiosa pode-se fazer: é talhada em um só bloco de rocha, o único rochedo que é encontrado no lugar ,entre tôda a imensidão de dunas.

Os blocos de grés vindos da Arábia, eram conduzidos penosamente aos seus lugares.

UMA JARDINEIRA

PREPARE duas tá-boas de madeira compensada (G) de 24 × 30 centímetros, em forma de trapézio com o lado menor de 19 cents.

Prepare outras duas, de 60 × 20.

E uma terceira (fundo) com 60 × 14.

Essas medidas estão todas, aliás, no esquema que você, hábil em trabalhos manuais, vê no pé desta página.

Depois é só unir, de preferência com parafusos, e está pronta a linda jardineira para enfeitar a varanda.

SE quizer isolar a madeira da umidade, antes de botar a terra, forre o interior com uma folha de lata, que é fácil comprar em qualquer casa de ferragens.

Sem pregar, para poder retirar em caso de necessidade.

LA ROCHEFOUCAULD

Nasceu êste notável escritor em Paris, a 15 de Setembro de 1613, e morreu nessa mesma cidade em 1680. Pertencente a uma família da mais antiga nobreza de França, usou a até a morte de seu pai o título de Marcillac.

Destinado desde muito jovem à carreira das armas, sua educação foi um pouco descuidada, mas seu amor à leitura e seu interêsse em estudar os costumes de sua época supriram amplamente esta falta. Envolvido nas intrigas da côrte, pôde, entretanto, sair-se airosamente dos seus efeitos, graças a altas personalidades que se interessaram por seu grande talento. Escreveu várias obras, mas a mais notável e que tornou famoso seu nome são as célebres "Máximas morais", jóia da literatura francesa.

Por sua alta posição, e seus títulos de príncipe e duque, teve fácil entrada na côrte, onde atuou, segundo alguns de seus biógrafos, com discrição e tato, observando quanto se passava em tôrno de si, e colhendo elementos preciosos para suas futuras "Máximas morais".

Lutou contra os cardiais Richelieu e Mazarino, unindo-se ao numeroso grupo de seus opositores. Sofreu prisão de oito dias, no cárcere da Bastilha, e um destêrro de dois anos em Verneuil. De regresso à côrte, tomou parte na conspiração chamada "dos importantes".

Mais tarde teve ativa participação na Fronda, grande movimento contra o cardial Mazarino. No combate da Porta Santo Antônio, numa refrega das lutas partidárias, recebeu ferimento que o fêz perder temporàriamente a vista. Retirado da política, concervou, todavia, muitas amizades, especialmente com as damas da côrte, entre elas as duquesas de Chevreuse e Longueville, madame Sevigné e madame La Fayette.

Gostava La Rochefoucauld de se cercar de pessoas inteligentes e de grande cultura, como o eram muitas dessas damas e altos personagens. Diz-se que não quis nunca ser membro da Academia Francesa, pois sentia grande timidez ao falar em público. Em 1665 apareceram as "Máximas", com o título de "Reflexões e sentenças morais". O livro alcançou grande celebridade, sendo ainda hoje lido com proveito e admiração.

O PRIMEIRO HOSPITAL

HISTORICAMENTE, parece que o primeiro hospital foi fundado por Antonino Pio, no templo de Epindaros (Grécia), em honra de Esculápio. Isto se passou no século I da era cristã. A pequena distância do recinto sagrado havia um edifício onde eram recebidos e tratados os doentes, e ali, segundo Estrabão, realizaram-se curas maravilhosas. Por isso o hospital alcançou grande fama, a ponto de estar sempre cheio de enfermos.

Posteriormente outros hospitais se fundaram, não se devendo esquecer aquele que Fabíola, viúva romana, mandou construir, a poder de muito dinheiro, para os pobres que precisavam de amparo nos seus padecimentos. É também curioso que lembremos os dois mais antigos hospitais de Londres — o de S. Bartolomeu e o de S. Tomás, o primeiro instituído em 1547 e o segundo em 1553.

QUE GAROTO VIVO!!

A senhora, aflita, ao menino vivo que vai à sua frente, no trem da Central.

— Menino, êste trem pára em Cascadura? Pára, meu bem?

— Pára, sim, senhora. Eu vou saltar uma estação depois. A senhora quando me vir saltar, salte uma estação antes.

NA Judeia, num campo de Nazaré, cheio da luz do Sol, brincava o Menino Jesús: com as suas mãos pequeninas, amassava o barro, para, em seguida, fazer passarinhos de asas abertas que, alegremente, colocava no chão.

Um homem de maus instintos passou por alí e logo disse:

— Filho do pecado, que fazes tão entretido?

E, brutal como certos doidos, procurou esmagar com os pés os pássaros. Jesús opôs-se à crueldade do ato e, batendo as mãos, obrigou-os a voar para longe, para muito longe...

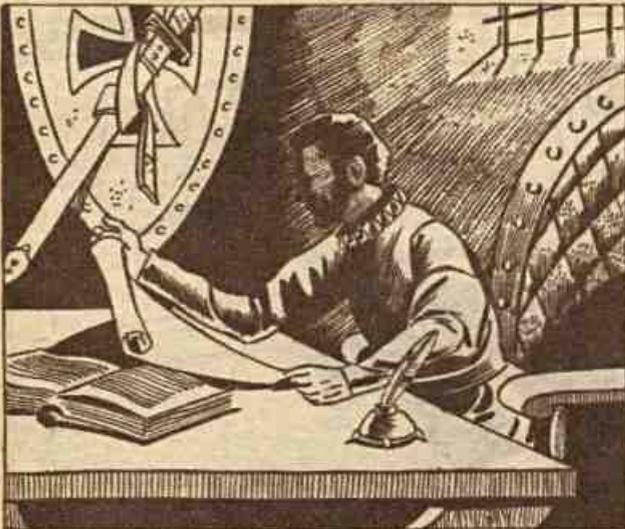
Assim nasceram as andorinhas... Com a lindeza das suas asas cinzentas vieram pousar sobre o teto da casa onde vivia Jesús, e do barro de que foram feitas construíram, amorosamente, o seu primeiro ninho.

Na liberdade dos ares buscaram a ânsia da vida, e tanta beleza havia no seu labutar de cada dia que a sua presença, numa árvore ou nas proximidades duma casa, foi considerada símbolo da felicidade.

Mais tarde, quando o Menino-Deus se tornou homem, homens de muito poder levaram-no até o Gólgota; os pobres, chorando e gritando, seguiram-no pelo áspero caminho. Jesús ia morrer. Trazia as faces pálidas e brotavam lágrimas de seus olhos meigos.

Então, no esplendor dum milagre, as andorinhas rodearam-no e, com os bicos rosados, tiraram, um a um, os espinhos da coroa, que tanto lhe magoavam a fronte.

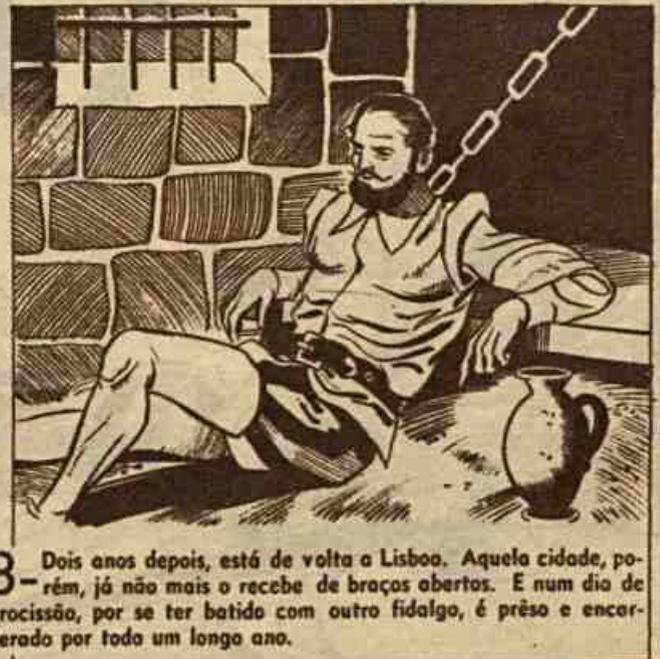
Cristo, baixando os olhos para a Virgem, murmurou uma oração e depois... morreu. As andorinhas gemeram, e por causa de tamanha dor as suas asas cobriram-se daquele luto que nunca mais perderam.

LUIZ de CAMÕES
texto e desenhos de EDMUNDO RODRIGUES
1 – Camões é o homem-símbolo das letras portuguêsas. Todos nós temos ouvido falar dêle e de seu famoso poema, "Os Lusíadas", mas muito pouco temos ouvido falar de sua vida. Pois vejâmo-la agora.
2 – Luiz de Camões nasceu em 1524. Seu pai era Simão Vaz de Camões, fidalgo obscuro, que fôra transferido para Coimbra, onde aprendeu o futuro poeta as primeiras letras.

3 — Foi alí mesmo, em Coimbra, que Camões recebeu tôda a sua educação, sob a proteção do tio, o prior D. Bento, da ordem de Santa Cruz. Mas um dia, com a idade de 18 anos, Luiz Vaz abandona aquela cidade.

4 — Passa então a freqüentar a Côrte. Possuidor de prosa brilhante, o poeta logo se torna falado. E todos querem estar ao seu lado, para ouvi-lo em suas récitas e aplaudí-lo.

5 — E há até uma dama da côrte que gosta dos galanteios de Camões ! E' Catarina de Itaíde, mulher belíssima e filha dum alto dignitário da côrte. Será ela, daí em diante, a inspiração do poeta.

6 — Os rivais de Camões, porém, mordidos pelo ciúme, tanto fazem, que êle acaba por ser desterrado para fora de Lisboa, lá para os lados do Ribatejo. Mas alí só fica por pouco tempo.

7 — Em Ceuta, Portugal combate os mouros. O poeta pede que transfiram seu destêrro para lá. Foi alí que êle se bateu com denodo contra as fôrças inimigas e foi ainda alí que perdeu, numa refrega, o ôlho direito.

8 — Dois anos depois, está de volta a Lisboa. Aquela cidade, porém, já não mais o recebe de braços abertos. E num dia de procissão, por se ter batido com outro fidalgo, é prêso e encarcerado por todo um longo ano.

9 – Desgostoso, ao sair da prisão, parte para a Índia, como soldado raso. De Goa é transferido para Macau, onde, numa gruta aberta sôbre as ondas, escreve a maior parte de seu imortal poema.

11 – Na prisão, em Goa, pensa em Catarina de Ataíde. Para tirá-lo de seus devaneios, chega-lhe a notícia da morte da bem-amada. E' então que Camões escreve o inesquecível soneto: "Alma minha gentil..."

12 – Após 17 longos anos o poeta volta à pátria. Encontra uma Lisboa assolada pela peste. Morrera-lhe a mulher amada; só lhe restava a velha madrasta, que o queria como filho.

13 – Mas Camões trazia consigo Os Lusíadas. E lê seu belo poema para o rei D. Sebastião. O êxito foi enorme. Com seus versos publicados em 1572, torna-se famoso. Tão famoso que sua obra é logo traduzida para o castelhano.

O POÇO MILAGROSO

VIVIA num pequeno povoado, perdido entre colinas, um homem chamado João Luiz, com sua mulher e filhos. Ganhava o pão para sua família trabalhando numa porção de terra que, quando o tempo era bom, produzia o necessário para irem vivendo. Quando, porém, não chovia, ou havia granizo, então, João Luiz devia trabalhar em qualquer outra coisa : abrir poços, manejar um fole na ferraria ou serrar madeira.

Um dia de muito calor, chegou à sua porta um velho mendigo:

— Por favor, — suplicou — dê-me um pouco de água. Em nenhuma parte me quiseram dar água, pois dizem que há grande sêca e que apenas possuem a necessária.

— É verdade que a água anda escassa — replicou João Luiz. — O meu poço está quase sêco, mas, entra, bom velhinho· Eu te darei a água que me pedes.

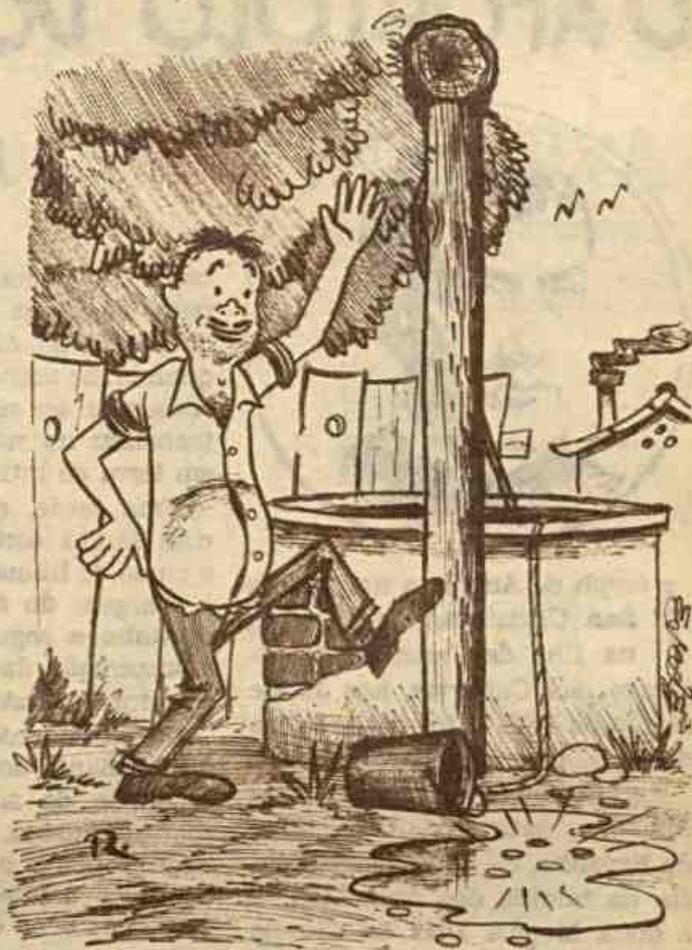
Fêz, então, João Luiz, descer o balde no poço e, fazendo-o subir, viu que apenas tinha quatro dedos de água turva. Foi buscar um pedaço de pano e filtrou a água, com que encheu um copo de água fresca e limpa, que o sedento mendigo bebeu com grande avidez.

Depois o ancião se dirigiu ao poço e fêz sôbre êle o sinal da cruz, dirigindo-se então a João Luiz:

— Obrigado, meu filho. Deus te premiará. Praticaste uma das obras de misericórdia : dar de beber a quem tem sêde.

Ditas estas palavras se afastou. Quando no dia seguinte João Luiz foi tirar água do poço, teve uma grande surpresa. O balde apareceu cheio de água límpida e, coisa admirável, no fundo do balde moedas de ouro. Milagre que se repetiu sempre.

Inteirados disto aqueles que haviam negado água ao velho mendigo foram pedi-la a João Luiz com o intuito de obter também as moedas de ouro. O camponês, muito generoso não se negou a atender ao pedido. Quando, porém, outras mãos baixaram o balde, êste só trouxe água suja e escassa. Várias vêzes tentaram tirar água mas sempre com o mesmo resultado. As moedas não apareciam. Era que o bom Deus não queria premiar os que haviam negado água àquele que tinha sêde.

O poço, entretanto, continuou oferecendo sempre água pura e moedas de ouro a João Luiz, que assim conseguiu fazer fortuna que gastou sempre generosamente.

ESTAS SÃO BEM BOASINHAS...

Um homem havia que era tão pão-duro que, tendo ido viajar, quando escreveu à mulher mandou dizer: "e não esqueças de tirar os óculos do Juquinha, quando êle não estiver olhando nada".

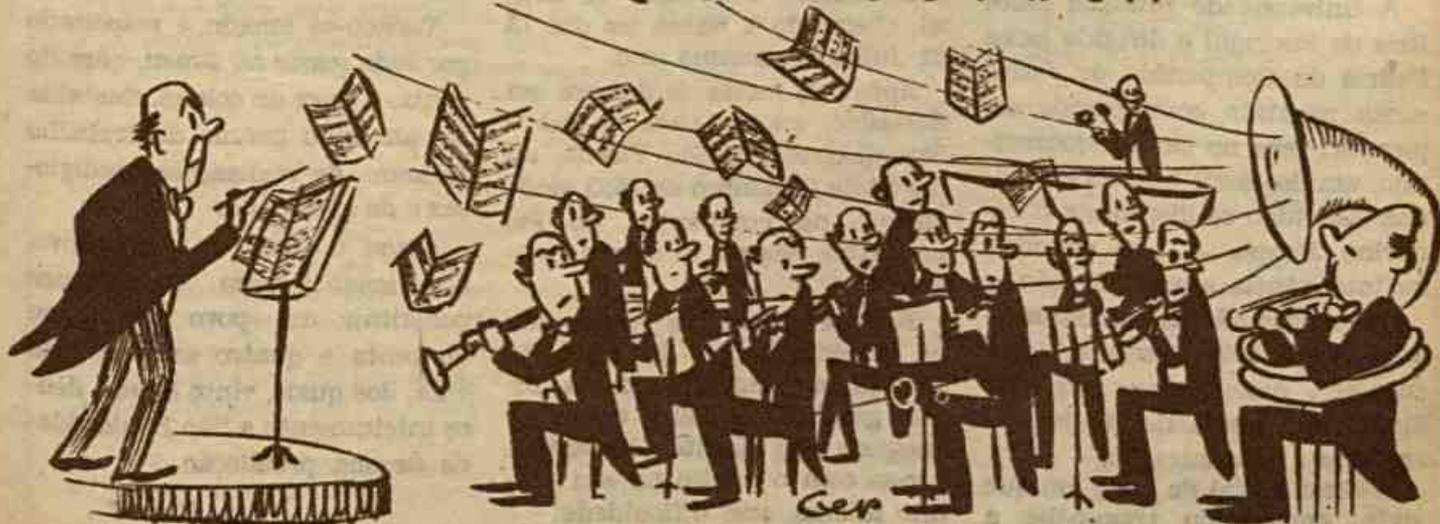
•

Aquêle menino era magro, tão magrinho, que na escola não se virava de perfil, com mêdo de que o professor pensasse que êle não estava mais na sala.

•

— Vou explicar-te o que é "pena de Talião". E' assim: se tu me quebras um dente, eu tenho o direito de te quebrar outro. Se tu me cortas a cabeça, aí eu vou e corto a tua também ...

•

VIVA! QUE SÔPRO!!

O APÓSTOLO DO Brasil

JOSÉ DE ANCHIETA

Joseph de Anchieta nasceu em San Christovan da Laguna, na Ilha de Tenerife, Arquipélago das Canárias, aos 19 de Março de 1534 e foi batizado no dia 7 de Abril seguinte.

Foram seus pais — João de Anchieta, natural de Guipuzcoa, na Espanha, da nobre descendência da família dos Anchietas — e dona Mencia Diaz de Clavejo Llerena, filha de Sebastião de Llerena, sobrinho do capitão Dom Fernando de Llerena, um dos primeiros comquistadores de Tenerife.

Da infância de Joseph de Anchieta sabemos, apenas, que desde logo se tornou nótavel por sua piedade exemplar e grande amôr aos estudos. E se adiantou tanto em letras, que aos 14 anos foi necessário enviá-lo, com outro irmão mais velho, para estudar em Coimbra.

A Universidade fundada pelos Reis de Portugal e dirigida pelos Padres da Companhia de Jesus, então mantida com grande esplendor, teve no fidalgo jovenzinho, um dos mais brilhantes alunos. Em tudo se distinguia o canarino Joseph — nas virtudes, na inteligência e na aplicação.

Os estudos não lhe enfraqueceram a piedade "esclarecida e regular". Avantajou-se aos condiscípulos, conquistando-lhes a amizade e a admiração.

O clima social do meio em que vivia, ameaçando tragar-lhe a casta adolescência, fê-lo voltar-se para as cartas dos missionários do Brasil, da África e do Japão, quando lhe acendeu o desejo de se consagrar ao serviço de Deus e trabalhar na salvação das almas em terra de infieis.

Uma tarde, quando já havia, com muita distinção, concluido o curso de humanidade, passeava à margem do rio, refletindo no caminho a seguir. Sentiu então a inspiração da Virgem que lhe apontou o destino a tomar.

Imediatamente, foi até a Catedral e diante do altar da Virgem despiu-se de suas armas e do manto fidalgo, jurando fidelidade, proferiu o voto de castidade, cuja defesa, um dia, entre selvagens e no deserto, teria que renovar, escrevendo o poema da Virgem.

A primeiro de Maio de 1551 Joseph de Anchieta, renunciando ao mundo, foi recebido de braços abertos na Companhia de Jesus.

Aí passou a ser a edificação e o encanto de todos. Quasi no final do noviciado adoeceu gravemente. Parte por excessos nos exercícios piedosos e parte devido à queda de uma escada que lhe caira sôbre os rins.

A 8 de Maio de 1553, saiu de Portugal em companhia de outros missionários destinados ao Brasil, chegando à Bahia no dia 13 de Julho do mesmo ano.

Após três meses de demora em Salvador, seguiu para o Sul e desembarcou em São Vicente no dia 24 de Dezembro de 1553, onde chegou na companhia do Pe. Leonardo Nunes e outros religiosos.

Nos três meses de sua estada na Bahia, Joseph de Anchieta empenhou-se em aprender a língua geral do Brasil.E assim ao chegar a São Vicente pôde entender-se com o gentio no seu proprio idioma, sem dificuldade.

Poucos dias alí permaneceu. Sendo incluído entre os treze jesuitas da Missão designada pelo Provincial Pe. Manoel da Nobrega, subiu com estes ao planalto a fim de fundar uma Casa e um Colégio da Companhia, em Piratininga.

E aí teve começo a trajetória luminosa de sua longa e santa vida de missionário.

Na jovem figura de Joseph de Anchieta, vinha o mestre dos mestres, o Apóstolo do Brasil, o fundador de nossa civilização cristã e a luz do ensino que daí radiaria por todo o Brasil.

Doze anos permaneceu em São Paulo de Piratininga desde o dia 25 de Janeiro de 1554. Raras e rápidas eram as suas ausências.. Não sendo ainda sacerdote, aí vivia prêso trabalhando na formação de seus irmãos que antes dele iam sendo ordenados.

Trouxe de Portugal por ordem de Santo Inacio, o ofício de informante, encargo de grande responsabilidade, e daí o ser êle o autor das célebres quadrimestrais e de numerosas cartas e avisos particulares da Companhia, estes, obrigatòriamente, escritos em latim.

Tornou-se amado e respeitado por tôda gente no Brasil, quer do gentio e quer do colono. Sua vida foi um hino perene de trabalho fecundo, de realizações prodigiosas e da santidade.

Amou o Brasil e o seu povo, com amor imenso. E para nos constituir um povo nos legou quarenta e quatro anos de sua vida, dos quais, vinte e dois, deu-os inteiramente a São Paulo,cidade de sua predileção.

J. N. V.

Deve ser, mas não deve ser...

O benfeitor deve ser como o vento, que passa sem ser visto, não deixando contudo de ser sentido; mas não deve ser como o vento, que faz estragos por onde passa.

*

A mulher deve ser como a cigarra, que canta para se distrair; mas não deve ser como a cigarra, que não sabe fazer mais do que isso.

*

O pobre deve ser agradecido como o cão, que beija a mão que o afaga, mas não deve ser como o cão, que ladra a quem lhe não dá pão.

*

A polícia deve ser vigilante como o galo, que dá o alarma continuamente; mas não deve ser como o galo, que se recolhe logo ao anoitecer.

*

O sábio deve ser como a coruja, que passa em vigílias as suas noites; mas não deve ser como a coruja, que só prediz agouros.

*

O menino deve ser como o macaco, que faz tudo quanto vê fazer; mas não deve ser como o macaco, que também imita os gestos ridículos e máus.

*

O músico deve ser como o galo, que nunca deixa de cantar; mas não deve ser como o galo, que briga com os outros galos.

*

A atriz deve ser como o papagaio, que só fala o que se lhe ensina; mas não deve ser como o papagaio, que fala tudo quanto ouve falar.

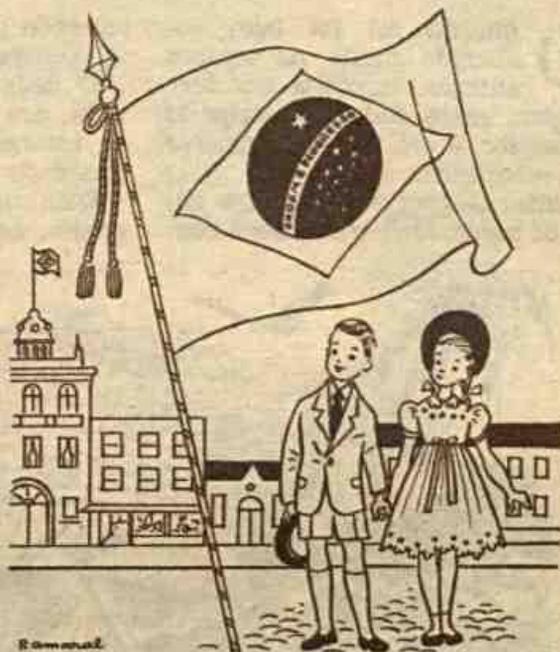
*

O militar deve ser como o leão, forte entre os fortes e generoso entre os pequenos; mas não deve ser como o leão, que sacia a sua sêde no sangue de seus inimigos.

ASSIM SE SAÚDAM OS POVOS

Os espanhóis: Como está o senhor?
Os alemães: Como se acha o senhor?
Os holandêses: Como vai o senhor?
Os boémios: Como se tem o senhor?
Os francêses: Como se leva o senhor?
Os chinêses: Como come o senhor?
Os egípcios: Como suou o senhor?
Os suécos: Como pode o senhor?
Os russos: Como vive o senhor?
Os persas: Que a tua sombra nunca se torne menor.

Saudação à BANDEIRA

D. AQUINO CORREIA

SALVE, Bandeira do Brasil, querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pálio sagrado sob o qual palpita
A alma bendita do País da Cruz!

Salve, Bandeira! Quando ao sol desfraldas
De ouro e esmeraldas o teu manto real,
— Nossa alma em vôo pelo azul se lança
Nessa esperança de dourado ideal!

Salve, Bandeira! O teu aceno imenso
É como o lenço de uma mãe que diz,
Saudando o filho e lhe apontando o norte:
"Sê nobre e forte, e me farás feliz"!

Salve, Bandeira! Como tenda arfante,
Que se levante no deserto nú,
Tu nos sorris e toda dor desfazes:
— Há sempre oasis, onde fuljas tu!

Salve, Bandeira! A nossa vida é barca,
Que singra e arca com um mar fatal;
Tu és a vela, que jamais se perde,
— Vela auriverde a demandar o ideal!

Salve, Bandeira, que és suave e justa,
Mortalha augusta para os bravos teus,
Mas, como a túnica de Nessus, ardes
Para os cobardes para os vis e os réus!

Salve mil vezes, oh! gentil Bandeira,
Pura, fagueira, fulgurante, andaz!
Salve, nas ondas e na firme terra!
Salve, na guerra e na rosada paz!

O Guarda-Sol

O guarda-sol foi bem conhecido desde os tempos antigos. Supõe-se que teve origem entre chinêses, egípcios e assírios, e era de uso exclusivo dos soberanos.

Entre os gregos, bem como entre os indús, era o guarda-sol considerado objeto de proteção divina contra os demônios.

O deus Vishnu, da mitologia indú, era representado visitando os infernos com a cabeça resguardada por um guarda-sol.

Dionisos, um dos deuses dos gregos, com o nome também de Baco, conta a lenda, descia aos infernos com um guarda-sol na mão.

Encontram-se desenhos de guarda-sóis nos baixos-relevos descobertos nas ruínas de Nínive e Java, bem como nas sepulturas de Menfis e de Tebas, como ainda nos vasos pintados dos antigos gregos e etruscos.

O guarda-sol das regiões do norte deriva diretamente do guarda-sol dos países tropicais, e parece ter sido importado da África e das Índias pelos navegantes portuguêses. Mas até à metade do século XVI não era conhecido em França, que, segundo outras notas, o recebeu da China.

Na França sofreu o guarda-sol inúmeros aperfeiçoamentos. Assim, as primitivas hastes, de barbatanas de baleia, foram substituídas por tubos de cobre; depois, por fios de aço, retangulares, e

Guerreiro mongol com seu guarda-sol

por fim, por meios-tubos de aço especial.

Da França passou o guarda-sol para a Inglaterra, em princípios do século XVII. Os inglêses, a princípio, não apreciavam o guarda-sol e chamavam de afrancesadas as pessoas que o usavam.

Na América do Sul os indígenas do Orenoco utilizam como guarda-sol enormes fôlhas de helicórnia, certa qualidade de palmeira, que graciosamente curvam sôbre suas cabeças.

De acôrdo com o material empregado e com o uso a que se destinaram, surgiram ; o guarda-sol, o guarda-chuva e a sombrinha. Esta última, pela delicadeza da sua confecção, veio substituir o guarda-sol.

Cadeirinha com guarda-sol usada na China.

As sombrinhas eram usadas pelas mulheres e passaram aos hábitos de Roma, onde foram sempre feitas com arte e luxo.

Em 1640, os guarda-sóis fabricados em França tinham cabo de madeira de palissandro, ou de carvalho. Seu comprimento era de um metro e vinte centímetros; possuíam dez barbatanas de baleia e pesavam cêrca de um a dois quilos.

Era um verdadeiro móvel de família, transmitido de geração a geração. A armação era coberta por couro, tela encerada ou seda embebida em azeite.

Mais tarde, empregou-se um tecido de seda mais forte que o tafetá, proveniente de Tours, cidade da França, ou de Nápoles na Itália.

No ano de 1789, usavam-se telas de tafetá rosa, amarela, verde-maçã, lisas ou de várias côres. Depois, predominou a côr vermelha; vindo mais tarde, o verde-claro e o azul.

Em 1825, adotaram-se as côres escuras : verde-murta, castanho e negro.

Uma das aplicações mais interessantes que teve o guarda-chuva, foi a que lhe deu Barben-Dubourg, nos fins do século XVIII.

Benjamim Franklin havia descoberto o pára-raios e sua invenção entrou de tal forma em uso, que até havia pára-raios portáteis.

E foi o que fêz Barben-Dubourg : transformou o guarda-chuva em pára-raios, pondo-lhe na extremidade uma barra de ferro que se comunicava com o solo por meio de um fio condutor. Para que o dono nada sofresse, colocou, no cabo, uma espécie de madeira isolante. Assim, em meio da tempestade, podia-se andar, atrair raios... nada sofrer !

E o guarda-chuva, ou guarda-sol continuou a apresentar modificações, de acôrdo com a moda : de cabos longos, de cabos curtos; dobráveis; singelos; com dispositivos para guardar armas, ou pó de arroz, enfim, um grande número de modificações. Entanto, o que ainda perdura é a côr escura para os guarda-chuvas de uso masculino ou feminino. Houve até, na primeira década dêste século, o invento da bengala-guarda-chuva; nêsse tempo, os homens elegantes não prescindiam da bengala, como requinte do vestuário. Era só chover e a capa da bengala retirada, deixava desdobrar-se um guarda-chuva, rico e protetor.

Guarda-sol assírio

Japão: A — dama elegante; B — camponesa

Pesadíssimos, ao princípio, hoje, os guarda-chuvas são leves, cômodos, fàcilmente portáteis, havendo os que se desmontam, desarticulando, para colocar na mala, quando se está em viagem (para cavalheiros) e o chamado "Tom pouce", para as damas, que, fechado, tem apenas alguns centímetros de comprimento podendo ser levado na bolsa.

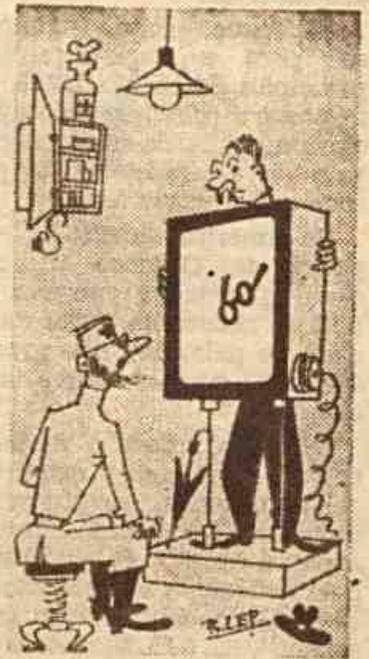
Dama grega

Os nomes que o dinheiro tem

Para os soberanos — lista civil; para os médicos — honorarios; para os empregados — ordenado; para os militares — soldo; para os prestamistas—juro; para os jornaleiros — salário; para os queixosos — indenização; para os beneméritos — legado; para as noivas — dote; para os magistrados — emolumentos; para os acionistas — dividendo; para os intermediários — comissão; para os segurados — prêmio; para os autores—direitos; para os pensionistas — pensão; para os filhos de família—mesada; para os operarios — féria; para os herdeiros — herança; para os criados — gorgeta; para os comerciantes — lucros; para o Estado — impostos; para os cobradores-cobrança.

ORIGEM DO VIDRO

O vidro apareceu pela primeira vez nas janelas, aí pelo ano 800 da nossa era, quando começaram a empregá-lo nas aberturas praticadas nas paredes das igrejas. Os castelos feudais tinham poucas janelas ou outras aberturas nas paredes exteriores. No tempo da rainha Izabel, eram raras as casas na Inglaterra, mesmo entre as melhores, que se permitiam o luxo de ter janelas providas de vidraças, material que era, então, considerado como pedra semi-preciosa. Quando os poucos cavaleiros ingleses que possuiam tais janelas, fechavam as suas mansões, para passar uma temporada longe do lugar da residência habitual, levavam consigo as vidraças, e ainda no século XVI, estas não passavam para o poder dos herdeiros da casa solarenga como parte integrante desta, mas eram consideradas propriedade à parte que o testador podia legar a quem melhor lhe apetecesse.

ESTAVA "NA CARA..."

—O colega que operou sua barriga usava óculos, não usava?

O jiu-jitsu, ou simplesmente judô, é um sistema de defesa individual. Praticado no Japão há milênios, sua história é longa. Muito comentada, a palavra jiu-jitsu, ajustada à inglesa, deve ser pronunciada "dijiudigitis". Significa a arte-magia da sagacidade, ou, numa tradução mais corrente, a arte de subjugar um adversário, infligindo-lhe forte dor com o mínimo esfôrço.

LÁ SE FOI O MOTOR!

— Boni-i-o-to!

PATRIOTISMO E GENEROSIDADE

FABIO, general romano, havia firmado com Anibal, o valente chefe dos cartagineses, um tratado para a troca de prisioneiros, estipulando-se que se devolveria homem por homem. Se depois disto algum dos generais ficasse com vários soldados de sobra, devolvê-los-ia reunidos, recebendo por cada um certa quantidade de dinheiro.

Feita a permuta, em poder de Anibal ainda ficaram duzentos e cincoenta prisioneiros. O Senado não quís pagar o resgate e reprovou o que Fabio fizera, sem pensar em tudo quanto devia àquele bravo guerreiro e sem se preocupar com a sorte que pudessem correr os prisioneiros. O general suportou sem protestar a injustiça e, não querendo faltar à sua palavra nem deixar aqueles soldados à mercê do inimigo, vendeu a maior parte de seus bens, embora soubesse que ia quase ficar na pobreza. O produto da venda, destinou-o ao resgate dos romanos prisioneiros, não deixando um só.

Muitos destes quiseram devolver-lhe o dinheiro, porém Fabio não aceitou, dizendo:

— Tudo quanto exijo de vós é que ameis a pátria acima de todas as coisas, servindo-a sempre bem.

Os dez mandamentos da criança

1. Estima teus colegas: êles serão teus companheiros na vida e no trabalho.

2. Ama a instrução, alimento do espirito. Sê tão grato a teus mestres como a teus próprios pais.

3. Consagra cada dia de tua vida com um ato útil e de bondade.

4. Honra tôda pessoa honesta: estima os homens, mas não te humilhes diante de nenhum.

5. Reprime qualquer sentimento de ódio ou de desprêzo por teus vizinhos, não sejas vingativo, mas defende o teu direito e o dos outros. Ama a justiça e suporta com coragem a dôr e a desgraça.

6. Observa com cuidado refletindo para conheceres a verdade. Não te iludas a ti mesmo nem iludas aos outros; não mintas, pois que a mentira destrói o coração, a alma e o carater. Reprime teus maus impulsos para que possas irradiar benevolência e paz.

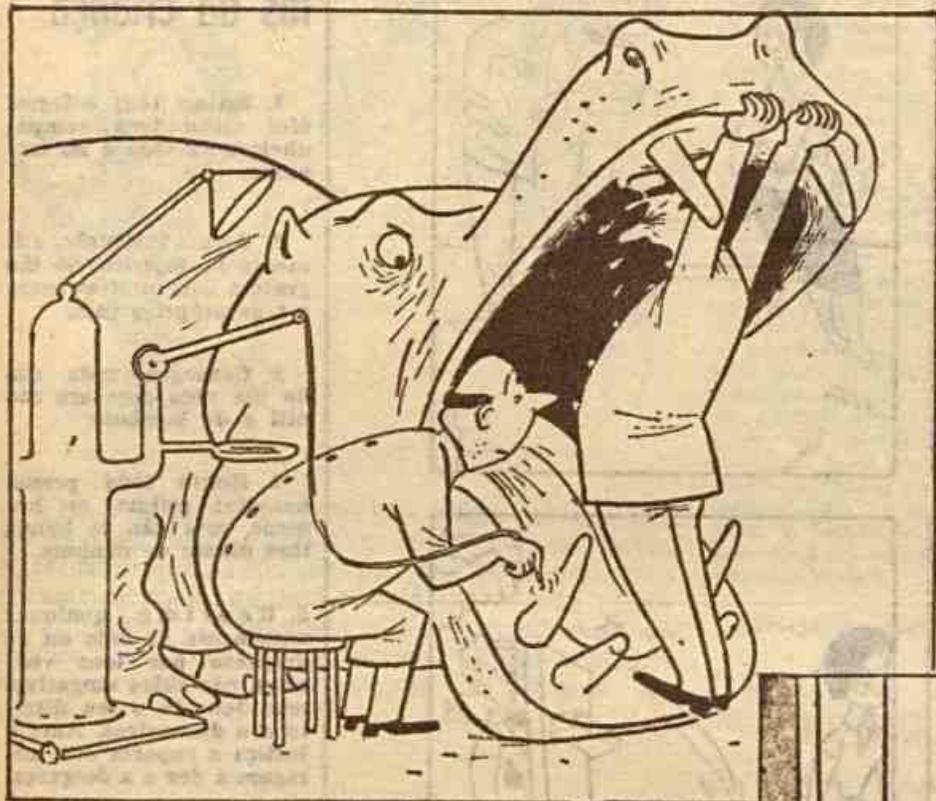
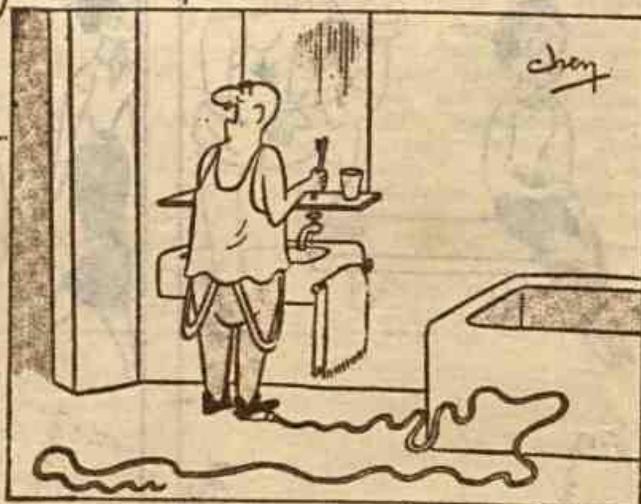
7. Lembra-te de que também os animais têm direito à tua afeição; não os maltrates nem os aborreças.

8. Considera que todo bem é fruto do trabalho. Aquêle que goza sem trabalhar está roubando o pão da bôca do que trabalha.

9. Não chames patriota a quem odeie ou despreze outras nações e a quem deseje ou aprove a guerra. A guerra é uma reminiscência da barbárie.

10. Ama a tua terra e a tua pátria, mas coopera na nobre tarefa de fazer que todos os homens vivam juntos, como irmãos, em paz e felicidade.

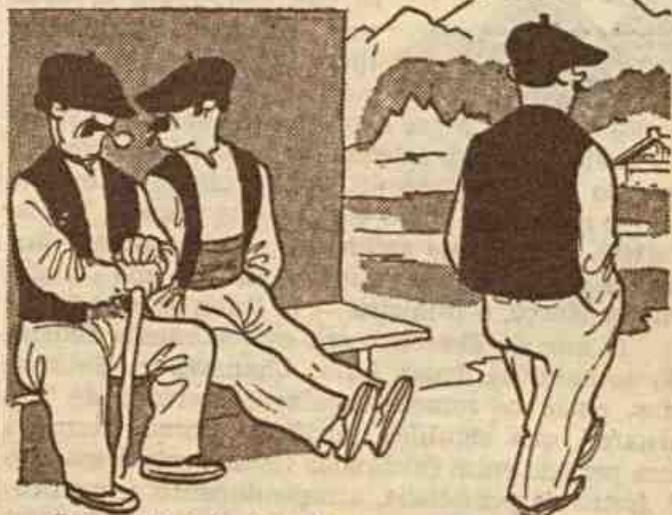
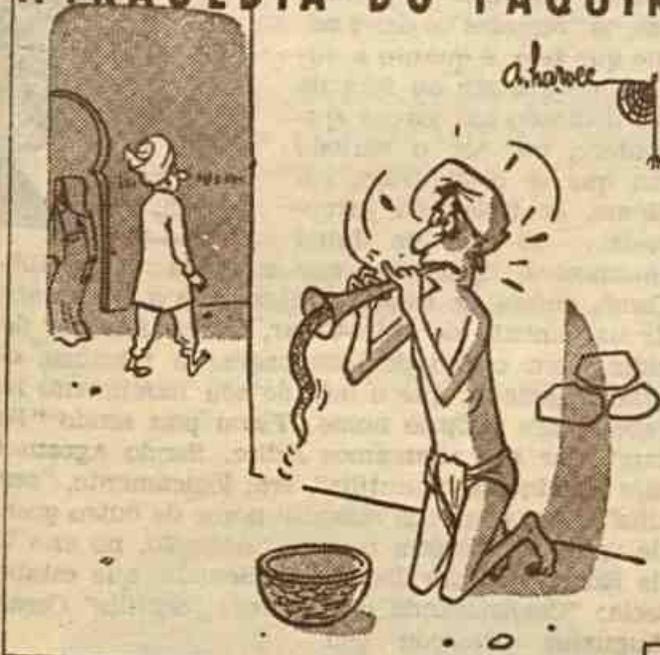
NAS FÉRIAS É BOM

O DENTISTA NO ZOOLÓGICO

— *Ande depressa doutor, que estou cansado!*

— *Gente! Onde meteram a pasta de dentes?!*

— *Bem... Está um pouquinho curto, mas esta é a primeira prova... Vou caprichar para a segunda...*

— *E... quer que embrulhe para presente?...*

RIR UM POUCO

A TRAGÉDIA DO FAQUIR

— *Puxa, vida! Aqui anoitece depressa! Não enxergo nada!*
— *Nem eu!*

ERA UMA VEZ...

... um homem tão feio que fez fortuna alugando a cara para meter susto em crianças que tinham soluços.
... um homem tão previdente que fez sete seguros de vida para seu gato de estimação: um para cada vida.
... um homem tão preguiçoso que nem sequer se dava ao trabalho de fazer café. Punha o pó no bigode e bebia água quente.

PAPAI INDIO É CAMARADA!

— *Deixe de ser Palhaço! Em vez de me arremedar, porque não avança nele?!*

CERTO individuo rico recomendou ao seu boleeiro que, quando saísse só êle, pusesse um animal no carro; mas que quando saísse com a mulher, pusesse dois, por ser a senhora muito gorda e pesada.
No dia seguinte diz êle ao boleeiro que vai sair e que apronte o carro.
— Vosmecê sái só ou com a senhora? — pergunta o homem.
— Só — responde o patrão.
O boleeiro vai e volta depois no carro com dois animais.
— Dois burros, exclama o sujeito, dois burros?!... Não ouviste o que eu te recomendei? Quando sáio eu, sai um burro; saindo com a senhora é que são dois!

OS NOMES DOS MESES

PRETENDEM algumas pessoas que Janeiro, primeiro mês do nosso calendário, que é, como você sabe, o gregoriano, (por ter sido estabelecido por um papa chamado Gregorio) deve seu nome a Jano (ou Janus, em latim) o Pacífico, a quem a lenda atribuia duas caras, em sentido oposto, podendo, assim, olhar ao mesmo tempo o ano que finda e o ano que começa. E' discutivel, porém, que assim seja, mesmo porque antes de ser Janeiro o primeiro mês do ano — era, então, Março, o primeiro — já tinha êsse nome...

O mês de Fevereiro era especialmente dedicado ao culto da deusa Juno. Chamava-se "Februarius, entre os romanos, palavra derivada de "februare", que significa purificar, porque durante êsse período eram celebradas festas expiatórias, isto é, festas de penitência, arrependimento e purificação. O mês de Março era dedicado, no calendário romano, ao deus de guerra, que era Marte; primeiro porque êsse mesmo deus mitológico era, pelos antigos, também considerado protetor das colheitas; e, em segundo lugar, porque era em Março que os seus exércitos, imobilizados durante o inverno, retornavam à mobilização, para empreender novas conquistas. Como foi dito, Março era, para os romanos, o primeiro mês do calendário; daí ser o ano romano também chamado marcial. Vejamos Abril. O nome dêsse mês vem do latim "aperire", que significa abrir, porque é o mês em que a terra — no outro hemisfério, é claro, onde êsse simbolismo se originou, e não para nós, onde ocorre o contrário — parece abrir-se para que nasçam as plantas, e os ramos ficam cheios de brotos e flôres. Abril corresponde à primavera, e a imagem da terra a se abrir é perfeitamente certa, como seria, para nós, no mês de Setembro. Durante certo tempo Abril também teve a honra de ser o primeiro mês do ano. Era em 1.º de Abril que todos trocavam presentes como se faz hoje a 1.º de Janeiro, e vem daí o costume do "trote" do presente de troça, dado a 1.º de Abril. Quando passou o começo do ano para 1.º de Janeiro, houve engraçadinhos (êles existem desde que o mundo é mundo...) que continuaram a dar os clássicos presentes, mas... por troça, e enganando os incautos, aqueles que não se lembravam da mudança que tinha havido, e os recebiam inocentemente. Maio era dedicado aos cidadãos romanos importantes, os "Majores" e daí o nome que tem, e quanto a Junho, deve o seu ao fato de ser dedicado aos jovens (juniores), por ser o período em que se celebravam, em Roma, as festas da juventude.. O mês de Julho chamava-se "quintilis," que significa "o quinto". Como, porém, se festejava nêsse mês o aniversário de nascimento de Julio-Cesar, Marco Antonio decidiu, com o fito de homenagear a memória do grande general, que o mês de seu nascimento receberia seu próprio nome. Ficou pois sendo "Julius", que nós chamamos Julho. Sendo Agosto o mês seguinte a "quintilis", era, lógicamente, "sextilis" o seu nome. E tomou o nome de outro grande vulto da história romana, Augusto, no ano 73 de Roma, por um decreto do Senado, que estabelecia: "Considerando que no mês "sextilis" Cesar-Augustus começou seu primeiro consulado, e obteve três vezes as honras do triunfo, e viu marchar sob seu comando as legiões de Janiculo, e reduziu o Egito sob o poderio do povo romano, apraz ao Senado que êsse mês, o mais venturoso para o Império, seja de agora em diante denominado Augustus. O mês de Setembro, sob o reinado do imperador Tibério tomou seu nome. Foi mais tarde, chamado "Germânico", sob o reinado de Domiciano; no reinado de Tácito, chamou-se "Tácito"; no de Antonino, chamou-se "Antonius" e durante o dominio de Cômmodo, também chamado Hércules, foi chamado assim. Contudo, o nome setembro (september) prevaleceu, se bem que o mês não ficasse sendo o sétimo do ano, como era então, pois no calendário gregoriano ficou no nono lugar. O mesmo se deu, aliás, com Outubro, Novembro e Dezembro, cuja denominação, exata enquanto durou o calendário marcial, ou romano, hoje não corresponde mais à ordem por êles ocupada. Dezembro, sendo o décimo-segundo, recorda, pelo nome, o tempo em que foi apenas o décimo. Esse mês, aliás, já se chamou estranhamente, "Amazonas", por ordem do Imperador Cômmodo, que assim pretendeu render homenagem a uma bela dama romana pela qual estava enamorado. Mas a paixão do imperador passou e a denominação foi esquecida, voltando Dezembro a ser chamado Dezembro.

J. V.

A MODÉSTIA DE ROCHA POMBO

ROCHA Pombo foi de uma incrível modéstia e simplicidade. Dêle contam êste caso muito expressivo:

Em nome de um grande jornal estrangeiro, alguém lhe pediu um artigo sôbre determinado assunto de história nacional.

— Pois, não. Pode vir buscá-lo na próxima semana.

No prazo marcado, ao receber o artigo, o representante do periódico estrangeiro perguntou:

— Qual é o preço de seu trabalho?

Rocha Pombo, que julgava até uma grande honra colaborar gratuitamente no importantíssimo diário, ficou sem saber o que dizer. Começou a sorrir, todo embaraçado.

Qual é o seu preço? — insistiu delicadamente o visitante.

E o historiador:

— Eu... eu não sei... O senhor dê qualquer coisa...

— Mas...

— Bem, para facilitar, direi quanto me paga por artigo um jornal em que estou colaborando aqui, no Rio: cem mil réis.

Então o visitante, a sorrir, estendeu um cheque a Rocha Pombo.

— Que é isto?! Um conto de réis! — exclamou o historiador, emocionado. — Um conto de réis! Não, não senhor! Isto é muito dinheiro para o meu trabalho!

E não sabia como segurar o cheque. Parecia-lhe ter um tesouro nas mãos. Em todos os seus longos anos de trabalho, de assídua colaboração na imprensa, nunca supusera que um artigo seu pudesse valer tanto dinheiro. Um conto de réis Virava e revirava o cheque, sem saber si devia aceitá-la ou devolvê-lo.

— Isto é muito dinheiro! Muito dinheiro!

E sorria, entre contente e espantado.

— *Veja que sucesso! Todos pedem o "Almanaque de Tiquinho"... Também, pudera! Os meninos têm bom gôsto!*

OS TRÊS CROQUETES

NAS férias, ao chegar do colégio, onde estivera interno todo o ano, o Eduardo andava à espreita de uma oportunidade para mostrar aos pais quanta coisa por lá aprendeu.

Ao jantar, chegou-lhe, enfim, o ensêjo. Papai e mamãe iam ficar deslumbrados com a sua sapiência.

— Papai, aí nêsse prato, à sua frente, quantos croquetes pensa o senhor ver? Dois, não é assim?

— Nem mais e nem menos. Isso mesmo! — respondeu o pai.

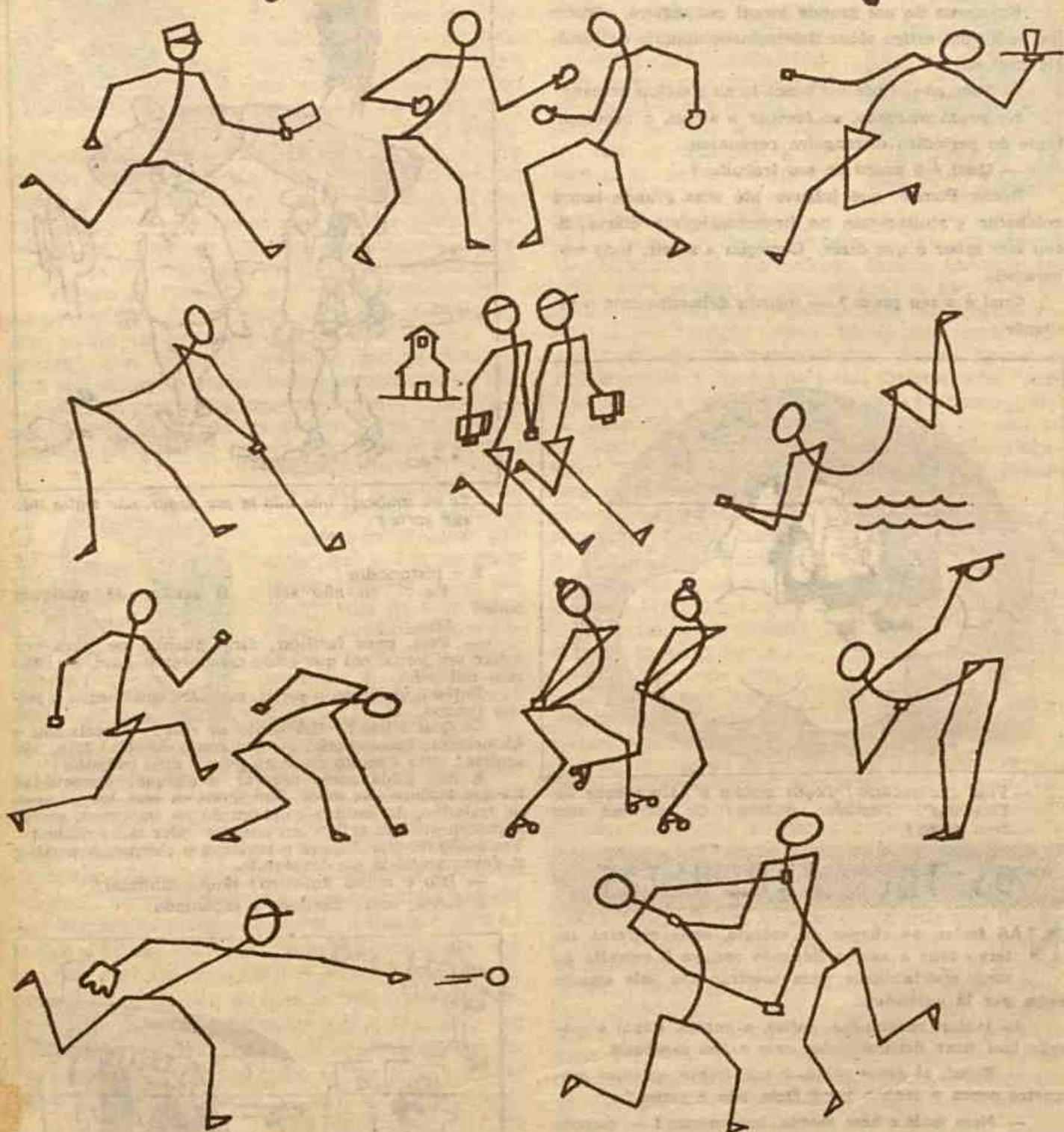
— Pois eu vou provar ao senhor que são três. Aqui está um, aqui estão dois. Dois mais um são três. Lo... ó... go, há três croquetes no prato.

— Mas onde estava eu com os olhos?! Perfeitamente. São três croquetes. Vejo-os agora. Com que clareza você já demonstra! Que grande matemático você vai dar! Você merece uma recompensa. Vamos repartir os croquetes. Quinoca ficará com o primeiro, porque é a mamãe; eu ficarei com o segundo, porque sou o papai; e você, Eduardo, ficará com o terceiro inteirinho, porque foi você que o achou.

A CIGANA SE ENGANOU...

— *Se eu soubesse que não ia me pagar, não tinha lido sua sorte!*

— *Estou ruim, hoje... Um pêso na cabeça!!*
— *Tome um comprimido... E' bom.*

Para passar o tempo...

AQUÍ está um divertimento para quando estiver chovendo. E divertimento com seu lado útil: copiar êstes bonecos e, depois de estar com as mãos bem treinadas, bem exercitadas, tratar de fazer outros, de sua criação e conforme sua imaginação.

Muitas coisas engraçadas você poderá desenhar, apenas com um traço simples, como vê aqui. Com bastante exercício, estará você habilitado a fazer sucessos entre os amigos, que vão gostar muito das suas figurinhas exóticas.

Os bonecos podem também ser feitos com arame, para enfeite, para modelos de desenhista ou, simplesmente, para recreio e passatempo.

Todos os brinquedos, como êste, que propiciam a aquisição de uma nova habilidade, são salutares e devem ser cultivados.

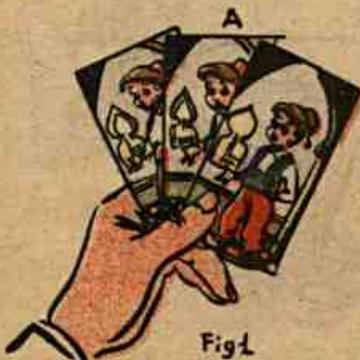
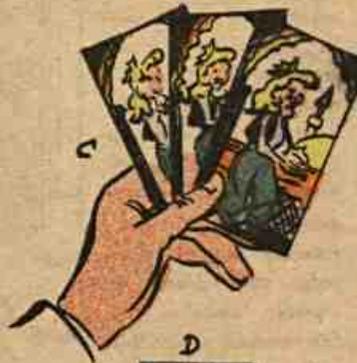
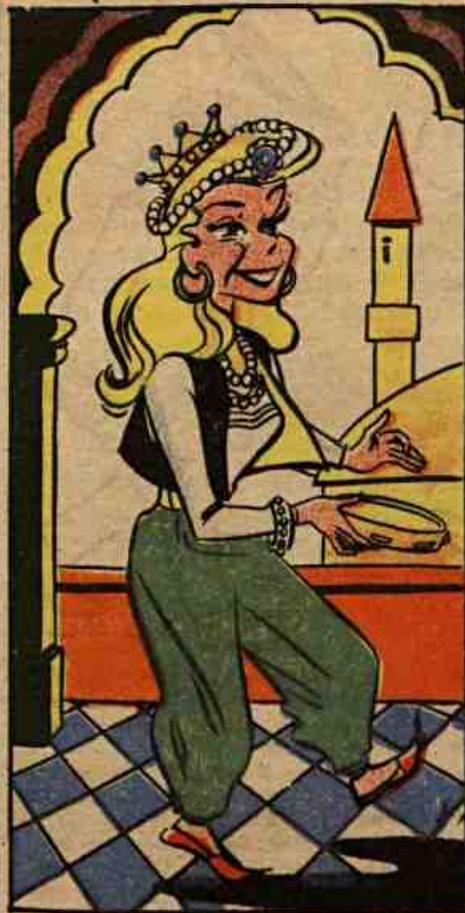
Começando a fazer calungas simples, você poderá ver nascer dentro de si a inspiração de um artista.

OS nomes dos dias da semana foram tirados da Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno e perduraram no francês, italiano, espanhol e no inglês. O sábado vem do hebráico "sciabbath", que significa "repouso" e o domingo de "dominus", senhor, pois é o dia consagrado a Deus.

MAGIA PARA VOCÊ

COLAM-SE as figs. 1, 2, e 4 em cartão, recortando depois. O mago apresenta em leque os 3 pagens (fig. A) e depois, em separado, a bailarina (fig. 1) como em B. Explica que para dar uma festa precisa 3 bailarinas bastando ura só pagem.

Ao dizer isto, fecha o leque de pagens ordena que saia um pagem (D). Coloca em cima a bailarina (B) diz umas palavras mágicas, dá umas voltas e apresenta o leque (C).

A explicação é simples: se umas das figuras (1 e 2) são completas, as outras são partidas e basta virar o leque ao contrário.

Que Grandes Inventores!

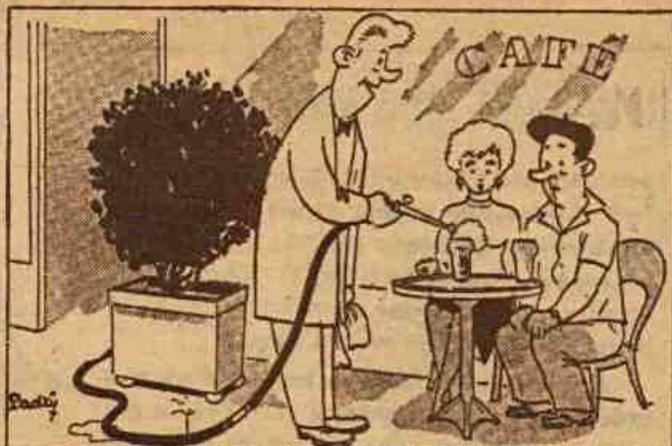
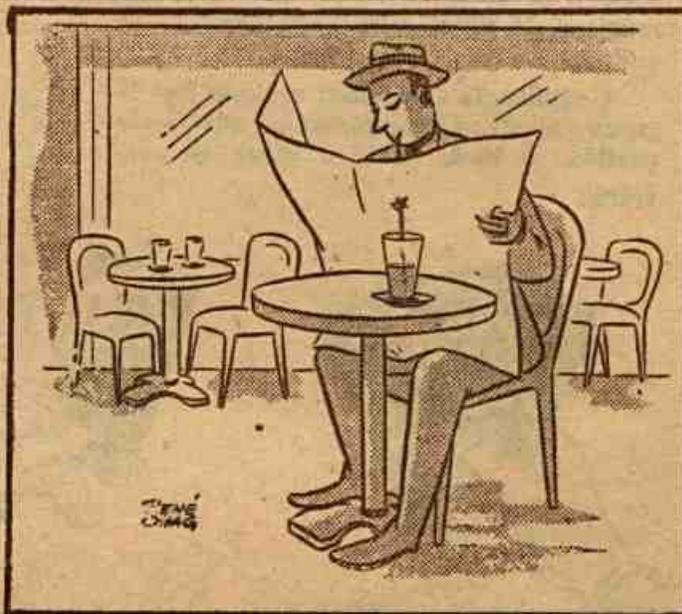
EDISON, Marconi, Volta, Stevenson, são nomes pequeninos, no mundo dos inventos, diante da importância dos "inventores" que vamos apresentar a vocês !

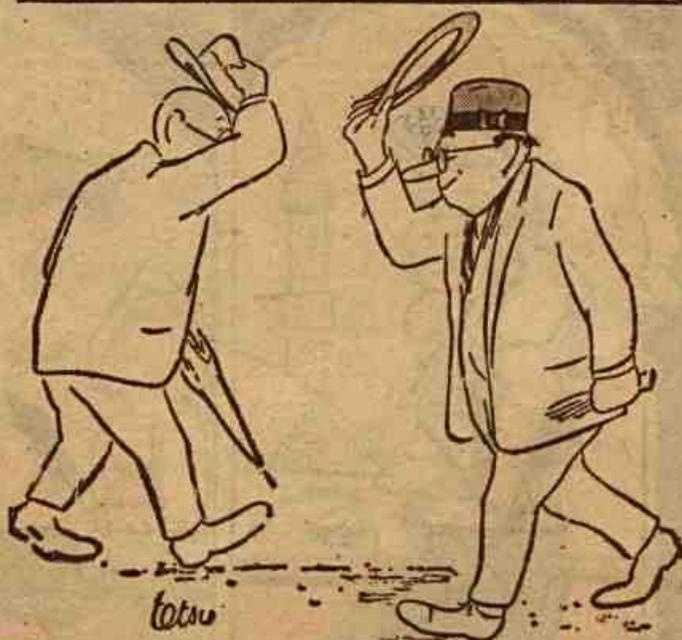
Aqui estão as últimas geniais criações de 5 sábios notabilíssimos, inventos capazes de revolucionar o mundo.

Duvidam? Que bobagem ! Para que duvidar? Ganham alguma coisa com isso? Então?

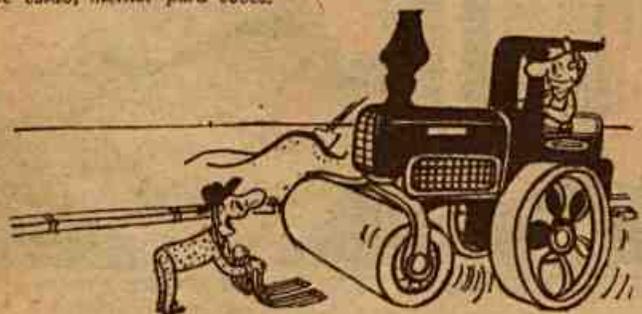
Deixem de bobagem, vamos !

O negócio é sério até depois de amanhã !

Hans Spitilizer, gaúcho, descendente de pais alemães, inventou o chopp de mangueira. Não dá trabalho de carregar e não entorna. É só abrir a torneira e os copos estão cheios. Ganhou uma fortuna com o invento e gastou-a tôda em chopp. Casou e tem 10 filhos, todos descendentes de alemães, como o pai. Interessante, não? Muito !

Maurice Le Chien, de Marselha, inventou êste processo para ler o jornal e chupar o seu canudinho de refresco. Afim de não perder tempo, lê com um ôlho e com o outro espia pelo buraquinho do jornal ,para ver o refresco ir baixando, baixando... É um pândego, mas inteligente que só vendo !

Vítima da fereza da esposa, D. Tecolina, êste jovem húngaro solucionou o problema das cinzas e baganas inventando o cinzeiro-coleira, prático, higiênico, confortável. O govêrno italiano está cogitando de comprar dois, gigantescos, um para o Vesúvio e outro para o Stromboli. Assim êles "fumarão" à vontade sem jogar cinza em quem está quieto.

Aliás, uma medida muito acertada, não estão de acôrdo? Se estão, melhor para vocês.

Audacioso Miserando, do Ministério da Agricultura, tirou patente do processo acima, para fazer frisos nas calças. É mais um invento capaz de revolucionar a indústria. Miserando vai ficar ricaço !

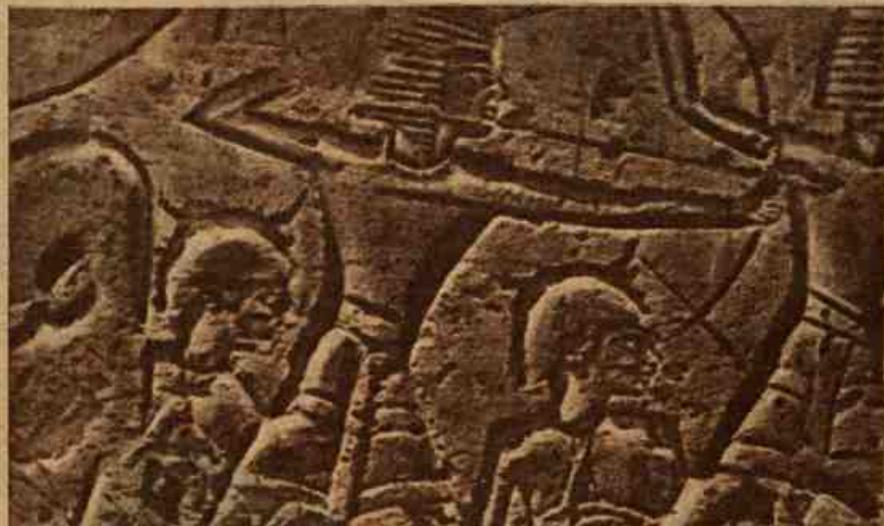
Este chapeu de abas deslocáveis é invento do Prof. Carecoff, russo, que sentia muito frio na cabeça (pelada) quando saudava amigos na rua.

Hoje todos se admiram de que ninguém, antes, tivesse inventado coisa tão simples. É a tal história do ovo de Colombo... Aliás, não é por falar mal, o crânio pelado do Prof. Carecoff lembra muito o célebre ovo da proeza do descobridor do Novo Mundo. O Prof. está estudando outro tipo, de que se tira a copa deixando a aba em cima das orelhas.

A Atlântida e seu mistério

DURANTE séculos os sábios, geógrafos e historiadores têm tentado descobrir onde, realmente, teria existido o fabuloso país dos Atlantes, cuja história Platão esboçou no seu ivro dos diálogos de Timeu e Cítias.

Uns acham que tudo quanto Platão contou não passou de fantasia. Outros, porém, lhe dão crédito. Daí as buscas e estudos que têm sido feitos sempre.

Estudando hieroglifos existentes no templo de Ramsès III, encontraram muitas coisas que confirmam os diálogos de Platão. De fato, aí pelo XIII século antes de Cristo, a Grécia e a Ásia Menor foram invadidas — dizem aqueles hieroglifos — por guerreiros vindos do norte da Europa, e êsses guerreiros eram os Atlantes. Atravessando o Mediterrâneo, tentaram êles invadir o Egito, mas foram repelidos pelas tropas de Ramsès III. Por êsse tempo tiveram lugar terriveis tremores de terra, que — consta até do Antigo Testamento — fizeram desaparecer a Atlântida. Mas, desaparecer de onde? Isso é o que ninguém sabe ao certo. Onde ficava ela? Para uns, no meio do Oceano Atlântico — e daí o seu nome. Para outros, em pleno deserto de Sahara. Nunca, porém, ninguém conseguira encontrar seus vestigios.

Agora, porém, apareceu um livro que conta coisas curiosas sôbre êsse mistério. Perto da ilha de Heligoland, os escafandristas a serviço de um dêsses pesquisadores descobriram, a sete metros de profundidade, ruinas, muralhas concêntricas, ruas pavimentadas, e até objetos como espadas, pás, etc., que confirmam que foi ali que a Atlântida um dia existiu.

Fragmento de baixo-relêvo que orna a fachada do templo de Médinet-Habou, representando guerreiros atlantes presos a bordo de um navio de guerra egípcio (1200 *anos a. C.*)

A ilha fica no Mar do Norte, entre a peninsula da Jutlândia e os antigos Estados Bálticos. O rochedo que aparece no alto desta página é um remanescente do que foi, talvez, outrora, um vasto continente. Permanece acima das águas, que não o devoraram como às demais extensões de terra cujo destino tem sido tão discutido.

Os escafandristas, que trabalham por conta do jovem pastor Jürgen Spanuth, trouxeram à superficie vestígios de âncoras de pedra, lajes, etc. Não se possuem dados seguros, ainda, para estabelecer que o mistério esteja solucionado. Tudo, porém, faz crêr que sim, dada a seriedade das pesquisas, que estão sendo cobertas de êxito. Se se trata, ou não, do mirífico Continente, só o tempo poderá dizer.

O VELHO PAULINO

QUANDO, à tarde, voltávamos do colégio, havia uma preocupação: formar o "team" para os intermináveis "matches" de "foot-ball". Fôsse com bola de borracha ou de meia, conforme as posses no momento, em pouco estavam os dois bandos correndo e suando para fazer o almejado "goal".

Ainda não tinha eu 12 anos, quando morávamos na rua Industrial.

Lembro-me perfeitamente dum assistente invariável de nossas lutas footebolísticas: era o velho Paulino, que ficava na janelinha de sua pequena casa. Magro, alto, nariz adunco, tez clara e uma característica: uma venda no ôlho direito.

Aquêle pano prêto, no rosto, tapando o ôlho cégo, fôra o resultado do ferimento que recebera nos campos de batalha.

Era um herói na guerra do Paraguai.

Pouco impôrtancia dávamos ao antigo soldado. Nossa infância despreocupada e louçã viu o ancião, homem calado, raramente narrando sua vida e, no momento, pouco valor dávamos à sua figura angulosa. O "foot-ball", o jôgo de gude, a bicicleta, ou, quando época, soltar papagaios, tudo que era próprio da infância não nos deixava fixar o pensamento naquela figura humana.

No entanto, vida modesta, pacata, era essa de quem teve gestos largos de coragem e heroismo, para depois voltar à calma dum lar humilde. Não nos escapava no entanto um fato: nos dias de feriado nacional,

viamo-lo envergar uma farda, uma farda diferente, esquisita e, mesmo com nosso espírito irriquieto e propenso a qualquer irreverência, não sabíamos porque, sentiamo-nos tomado de respeito e consideração.

Nesses dias solenes de banda de música, muitas bandeiras e parada militar, o velho saía com dificuldade para se postar com outros anciãos junto a uma estátua, onde um alto figurão vinha colocar uma corôa de flôres e tiravam muitas chapas fotográficas ao lado dos heróis, que depois saiam nos jornais e revistas ilustradas.

De tempos em tempos, com aquelas comemorações, faziam-se reavivar na alma do velho as chamas que estavam pouco a pouco se apagando e os episódios de fôrça que se comemoram com grandiosidade e muita música.

Nesses momentos ouvíamos as narrativas de toques de corneta e rufar de tambores, as cargas de cavalaria, troar de canhões, cantos de guerra, mas não nos falava dos gritos de dor, nas caminhadas incertas da vida e da morte, nas tragédias que nunca são compensadas e sempre esquecidas.

As tristezas do mundo o velho Paulino não contava aos garotos.

O tempo, que tudo dissipou, levou para outros páramos os heróis e poderosos; são outras vozes de comando; ainda mantem o velho Paulino de idade avançada, que viu as grandezas e misérias do mundo desvanecendo-se com a mocidade. Quantos dogmas passaram depois de ter sido imposto pela força que também é vencida pelo tempo? Dando sempre ao homem a lição de seu poderio, lição que êle tenta ignorar pela imposição da vaidade.

A glória, que devia ter vindo a sorrir para muitos, com todos os galões e títulos de ouro, deixou um canto humilde e desencantado. Passou pelas ruas coberto de aplausos, para depois notar que a indiferença é fácil e que se volve a repetir pela vida a fora a lição desencantada da multidão que volteia sempre junto dum forte. Voltou com vida e isto já é um consôlo para quem viu tanta angústia, sangue e morte.

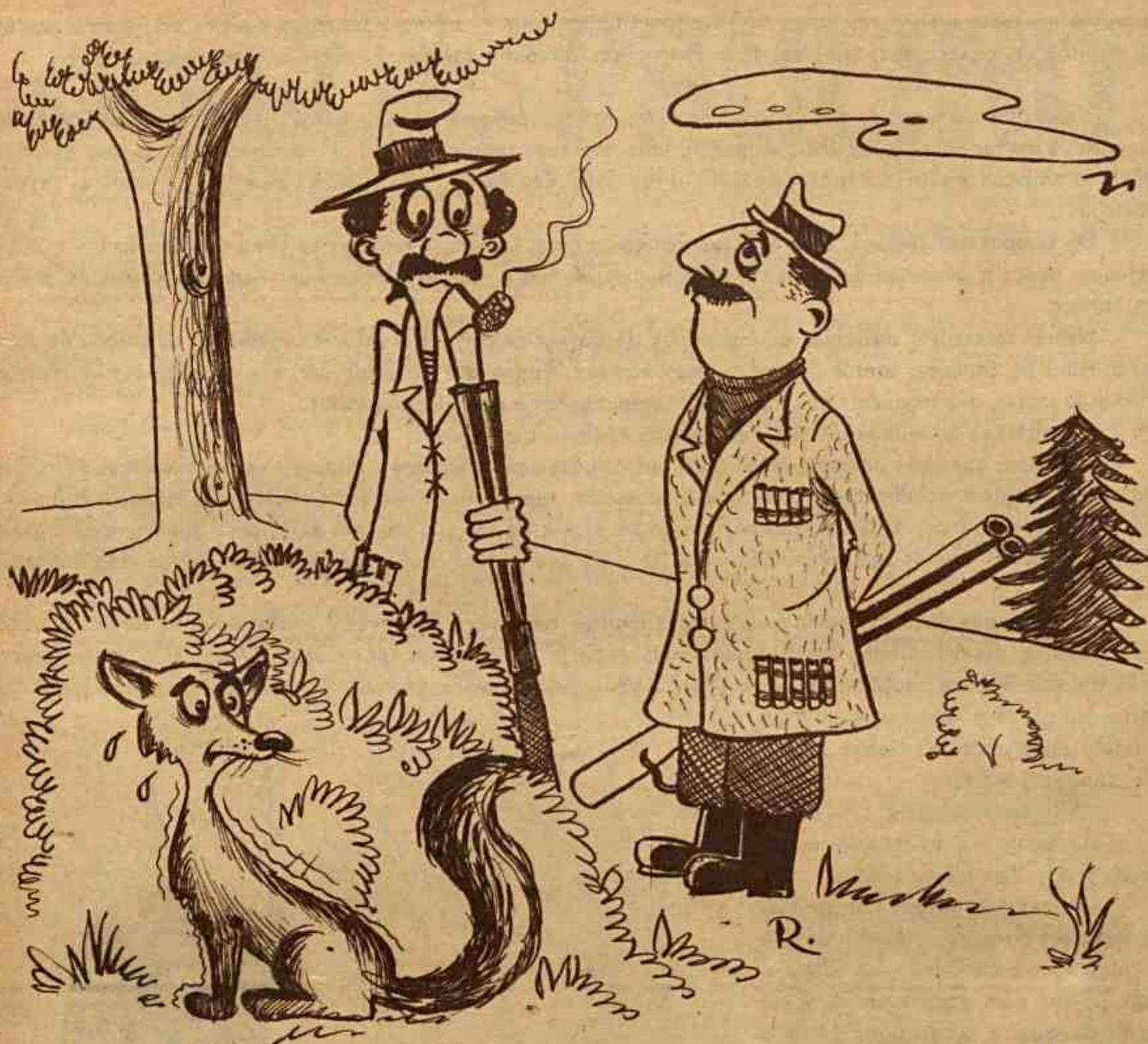
Ah! velho Paulino!

Ao longo da existência vamos recompondo dias idos e vivídos.

Quando era feriado nacional — gostávamos porque não havia aula — o "match" era mais cedo, então o víamos passar com aquêle uniforme de herói da guerra do Paraguai, mas a vida não nos havia ensinado senão a saber fazer "goal".

Dirão que o tempo não volta, porém a vida se renova noutros hinos para saudar novos heróis, embora alguns fiquem longe num campo sob uma cruz tosca.

Outros feriados nacionais aparecerão para outros velhos paulınos ficarem junto de figurões no eterno renovar de estátuas, mesmo colocando flôres efêmeras para as fotografias cívicas.

SEBASTIÃO FERNANDES

AS DUAS RAPOSINHAS

A senhora rapôsa estava na toca, conversando com as duas filhinhas.

— Vocês devem ter muito cuidado! Andam dizendo por aí que as modistas, não sabendo mais o que inventar, declararam que o melhor agasalho para o inverno é o feito de pele de raposa.

— E têm razão — disseram as duas ingênuas. — A nossa nos aquece bastante, não é, mamãe?

— Ah! Como vocês são sem juizo! Já sei que não há nada mais quente do que a nossa pele, mas... é que querem despojar-nos dela, para abrigar as senhoras.

— E com que nos cobriremos? — indagaram assustadas as raposinhas.

— Ficarão sem nada! Antes de tirá-las, vocês já estarão com as quatro patinhas esticadas. Estarão mortas, entenderam?

As raposinhas ficaram de bôca aberta.

— Será possível, mamãe, — disseram as duas — que os homens, não contentes em tirar-nos a pele, ainda nos matem?

— Sim, é possível. Os homens são nossos piores inimigos. Costumam dizer que roubamos galinhas e que não servimos para nada. No entanto, vendem por alto preço as nossas peles...

As raposinhas não sabiam o que dizer e já estavam quase chorando.

— Calma! Calma! — disse a mamãe. — Enquanto eu viver vocês não precisam ter mêdo.

Em seguida foi dar um passeio pelos arredores.

Então uma das raposinhas disse a irmã:

— Será mesmo verdade o que disse nossa mãe?

— Mamãe nunca mente — retrucou a outra muito séria. — Por que não devemos acreditar que ela disse?

— Hum!... Eu ouvi o Coelhinho dizer que às vezes os pais assustam os filhos para que fiquem quietinhos em casa e não saiam a correr por aí. Mas a mim não me enganam. Essa história de tirar-nos a pele não é verdadeira. E, para provar que não acredito nisso, vou dar um passeio até o rio. Queres vir?

— Não — disse a outra. — Tenho mêdo.

E a raposinha valente lá se foi pelo mato a dentro, pensando:

— Pobre mamãe! Ela julga que sou tôla, mas sou é muito inteligente!...

De repente, parou alarmada e com as orelhas em pé. Ouvira um ruído bem próximo. Vozes. Espreitou por entre o mato e viu dois homens que conversavam.

— Eu te asseguro que por aqui há toca de raposas, dessas de pêlo vermelho — dizia um dêles.

— Creio que te enganas. Deve ser mais adiante... — retrucou o outro. — Aqui não há nenhum rastro.

— E como seria bom, arranjar umas vinte ou trinta peles! Não! Não voltaremos para casa sem ter caçado alguns dêsses animais...

— Animais?... E' assim que os homens nos tratam?! — murmurou consigo a raposinha, indignada. E prosseguiu caminhando mato a dentro, muito aflita.

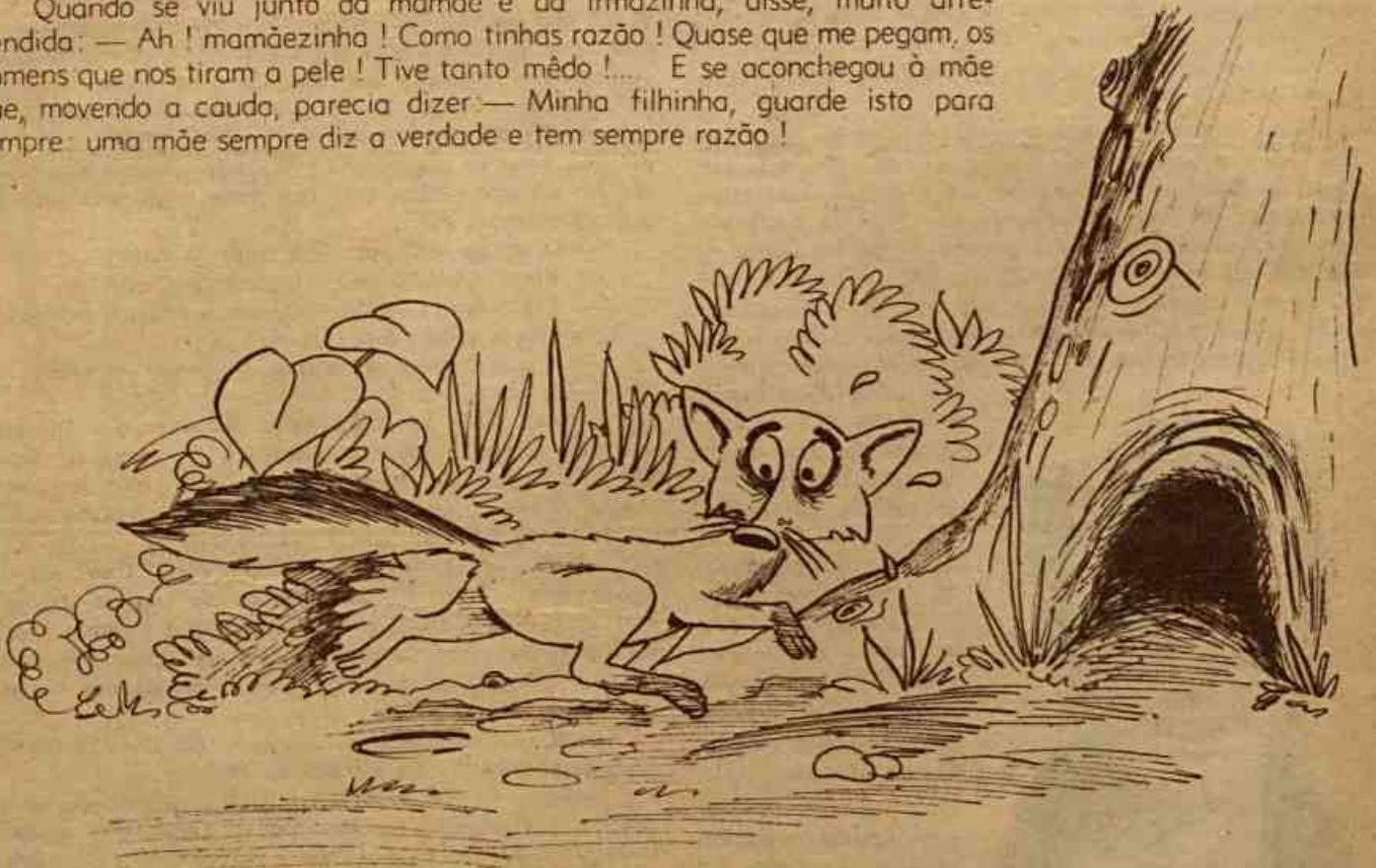
Então, era verdade o que mamãe dissera? Ah! que maus momentos estava passando!

Bem castigada estava sendo, por não ter acreditado na palavra de sua mãe. E agora? Como iria sair dali?... Que seria dela? — perguntava-se com angústia.

Felizmente, porém, os homens se afastaram daquele lugar e a raposinha, cautelosamente, foi se arrastando por entre o mato. Ao longe, ouviu uma espécie de uivo.

— E' mamãe, é mamãe que me chama! — disse consigo a raposinha, com imensa satisfação.

E pôs-se a correr, e a correr cada vez mais, até que chegou à toca, com o pêlo eriçado e os olhos a saltarem das órbitas.

Quando se viu junto da mamãe e da irmãzinha, disse, muito arrependida: — Ah! mamãezinha! Como tinhas razão! Quase que me pegam, os homens que nos tiram a pele! Tive tanto mêdo!... E se aconchegou à mãe que, movendo a cauda, parecia dizer — Minha filhinha, guarde isto para sempre: uma mãe sempre diz a verdade e tem sempre razão!

DURVAL SIQUIEROLI

EXISTIU em *Belovene, o reino dos lilases, um mancebo forte e belo que, desde pequenino, tendo sido encontrado na estrada que ia a Waldon, fôra criado* por um tamanqueiro chamado Bianor. Era Celino, o mancebo de que falo, o orgulho do tamanqueiro, pois embora não fôsse seu filho, conseguira fazer dêle um homem forte e de boas maneiras. Estimava-o como a um *filho*.

Certa vez, quando o inverno terminava, Bianor sentiu *próximos seus últimos dias e, chamando Celino*, recomendou-lhe:

— Filho, sei que não tardarei a partir dêste mundo e quero que na minha ausência, sejas o mesmo que fôste até agora, trabalhador, honesto e humilde. Sendo sempre assim, terás uma morte feliz como agora espero ter...

Antes que o sol dissolvesse os últimos gêlos dos cumes das montanhas, Bianor cerrou para sempre os olhos, deixando Celino e sua fábrica de tamancos. Celino levou ao túmulo seu protetor, vendendo depois tudo que dêle herdara, e foi com o dinheiro apurado começar a vida como mercador.

Num belo dia, quando Celino voltava de uma viagem, enamorou-se de uma moça, filha de abastado morador de Waldon; chamava-se Jad e era formosa como as manhãs de Abril. Tornaram-se grandes amigos e tudo fazia pender para um sincero e eterno amor; até que um dia veio ao conhecimento do pai de Jad que Celino não passava do filho de simples tamanqueiro; então, antes que ambos tornassem mais firme aquela amizade, proibiu Jad de tornar a ver o galante mercador. Mas, como para o amor não existem obstáculos, os dois continuaram com encontros escondidos, no bosque que cercava Waldon. Celino tinha esperança de, quando se tornasse rico, poder, com a permissão do pai de Jad, desposa-la e, para sempre, viverem felizes. Embora assim pensando, tal não aconteceu. Tudo que se passava entre ambos foi aos ouvidos do pai, que, furioso, vingou-se de Celino, acusando-o de ladrão.

Naquêle tempo a pena para ladrões era a prisão perpétua nas masmorras de uma tôrre que existia ao sul de Waldon, numa zona pantanosa. Celino, num momento, viu-se cercado dos mais estranhos sofrimentos. Numa cela fria e com pouquíssima luz, foi atirado pelos soldados que o conduziram. Ao seu lado, estendido no chão, encontrou um ancião de longas barbas, coberto com um camisolão imundo. No desespêro em que se achava, Celino a princípio não ligou ao desgraçado prisioneiro; só depois, vendo ser êle a única pessoa com que teria a oportunidade de falar, perguntou-lhe:

— O amigo está aqui há muito tempo?

— Vinte anos, talvez, respondeu o ancião.

— Vinte anos! — disse Celino. — Como conseguiu suportar tanto tempo êste inferno?

— É que mereço o castigo — gemeu o velho.

— E por que?

— Faz vinte anos, começou a narrar o velho prisioneiro, raptei o príncipe herdeiro do trono de Belevene, a mando do duque de Angelone, que se queria vingar do rei. Logo depois fui descoberto e metido aqui...

— E o príncipe, que foi feito dêle?

— Não sei, prosseguiu o prisioneiro. Disseram, na época, que o Duque o abandonara na estrada de Waldon, embrulhado ainda nos panos em que o raptei. Nunca deixo de pensar que foi o próprio Duque que me acusou, quando viu mais ou menos fracassados os seus planos de vingança.

— É interessante, disse Celino. Eu fui encontrado, quando pequenino, na estrada de Waldon...

Quando Celino falou, o ancião mostrou-se admirado e perturbado. — Por Deus! exclamou. Quando chegaste aqui, me pareceu ser o rei que me vinha falar, mas depois me lembrei que êle deve estar muito mais velho, visto fazer tanto tempo que o vi a última vez.

— Tolices de velho, continuou o prisioneiro. Nunca poderias ser o príncipe; se por ventura o fôsses, já te-

ria sido descoberto. Se êle ainda vive, deve ter a tua idade; para identificá-lo seria fácil, pois possui uma mancha, em forma de ferradura, nas costas...

Nem bem o velho prisioneiro tinha terminado, Celino gritou:

— Esta mancha, tenho-a eu! Por ventura sou mesmo o príncipe que raptaste? Ao mesmo tempo despiu a camisa, mostrando uma mancha como descrevera o ancião. — É esta a mancha? perguntou.

— Perdão, alteza, mil vêzes perdão! Sois o herdeiro de Belovene e o rei vosso pai saberá reconhecê-lo.

Celino estava completamente atordoado! Seria verdade ou sonho, tudo aquilo? Procurou falar ao rei, mas nada conseguiu; os prisioneiros da tôrre eram incomunicáveis e os guardas que traziam a comida nunca ligavam aos seus pedidos.

Quase um ano havia passado, quando, certo dia, o companheiro de Celino não suportou mais a friagem da cela, morrendo miseràvelmente. Talvez aquêle acontecimento facilitasse a Celino falar ao rei; inteligente, fêz seus planos e aguardou o momento no qual seu raptor e colega de prisão deveria ser retirado da cela.

Quando se aproximou a hora da retirada do cadáver, Celino colocou o morto sentado sôbre a cama, amarrando-o com tiras de pano, em seguida deitou-se, fingindo morto, e aguardou os acontecimentos. Pouco depois a cela foi aberta entrando dois guardas com uma maca para conduzir o corpo. Sem de nada desconfiar, colocaram Celino na maca e, distraídos, saíram da cela, enquanto um dizia:

— É interessante! O velho agüentou firme tanto tempo, enquanto êste, tão novo, não suportou um ano!

Os guardas deixaram a maca e foram buscar um saco para nêle ser enterrado o corpo. Celino, assim que se sentiu só, levantou-se, fugindo pelos corredores. Para sua infelicidade, foi visto por um guarda que correu ao seu encalço, mas, com certo cuidado e agilidade, conseguiu esquivar-se, escondendo-se até chegar a noite.

Quando escureceu, foi à sua casa, mas nada encontrou. O pai de Jad se havia apoderado de tudo. Nenhuma roupa decente conseguiu, para poder falar ao rei. Não desanimando e procurando não perder tempo, asseiou-se ligeiramente, dirigindo ao palácio do rei, que, pensativo, passeava no pátio do palácio. Chegando à sua frente, depois de uma respeitosa saudação, com reverência disse:

— Senhor, perdoe-me, mas eu sou seu filho.

O rei mostrou-se indignado e já procurava chamar os guardas para mandar prender Celino, quando êste despiu a camisa, mostrando as costas, iluminada, pela luz dos archotes.

O rei, contudo, fez Celino acompanhá-lo até um vasto salão, onde na parede pendiam dois retratos feitos por hábil artista: o rei e a rainha quando moços. Celino foi mandado ficar ao lado do seu e, para admiração do rei, suas feições concordavam com nitidez com as do retrato. O velho monarca assombrou-se, reconhecendo em Celino o filho perdido. Cheio de contentamento, abraçou-o chamando em seguida seus ministros, para tomarem conhecimento de tão feliz acontecimento.

Com o encontro do príncipe herdeiro, tôda Belovene se encheu de festas. Celino, assim que se sentiu em condições, relatou ao velho pai seu amor pela linda Jad. O rei não se opôs, visto êle dizer sentir por ela grande paixão e também ser aquêle amor o motivo pelo qual havia sido desvendado o segrêdo.

Sabendo de tudo a respeito de Celino, o pai de Jad, ao sentir que seus crimes poderiam ser levados à justiça, acovardou-se, saltando num abismo existente nas montanhas a leste de Waldon.

Celino e Jad casaram-se, vivendo felizes. Quando Jad morreu, Celino fez erguer um túmulo de ouro, mandando nêle gravar, com diamantes, a seguinte inscriação: — "Nem os raios do sol, nem os lilases de Belovene são lindos como soube ser a bela Jad, que aqui repousa"

Depois da morte de Jad, com a mesma inteligência e bondade, Celino reinou durante algum tempo. Mais tarde, não suportando a saudade, foi morar para sempre ao lado da sua amada.

O JÔGO DO ZODÍACO

Jogam quantos parceiros quiserem, usando fichas para marcar seus lugares e um dado. À medida que cada jogador vai caindo sôbre cada signo, anota para si tantos pontos quantos estão indicados, exceto no Caranguejo e no Escorpião, quando subtrai os pontos. Quando um jogador chegar ao Sol, a partida terminou. Mas o ganhador é aquele que tiver feito maior número de pontos.

A mosca tem bôca. é verdade. Mas é pelas pontas das patas que ela sente o gôsto das coisas.

●

A fauna brasileira não possui nenhum representante de porte gigantesco.

●

Do milho o homem extrái matérias de valor alimentício, como as seguintes: amido, glicose, fécula etc.

●

As Sequóias são árvores que atingem 130 metros de altura o que é extraordinário.

Entretanto, ainda há mais: os Eucaliptos australianos chegam a 160 !

●

O amigo certo conhece-se nos momentos incertos. São palavras de Cicero, belas e justas.

●

Coser (costurar) é com s. Cozer (cozinhar) é com z.

●

João Pessoa (antiga Paraíba), capital do Estado da Paraíba, acha-se na margem direita do rio Sanhauá, e a um quilômetro de sua foz no rio Paraíba do Norte.

●

Os pianos não devem ficar colados à parede. Isso prejudicará o som.

●

Embora muita gente sinta desagradável impressão, ao ver uma tartaruga, a verdade é que da mesma são aproveitados o casco, os ovos e a carne. As sôpas de tartaruga são afamadas em todo norte do país.

●

A Bandeira da Pátria é sagrada. Nosso dever é dedicar-lhe amor e veneração.

PARMENTIER

EM 1737, no seio de modesta família francêsa residente em Montdidier, nasceu um menino que recebeu o nome de Antônio-Augusto. Seu sobrenome era Parmentier (que se pronuncia Parmantiê). A família era das mais pobres e o garoto não conseguiu sequer terminar o curso primário, tendo de começar a trabalhar como caixeiro numa farmácia, para ganhar o próprio sustento. Era êle, porém, tão aplicado, estudioso e trabalhador, que já em 1757, com vinte anos, era visto partir, na qualidade de farmacêutico militar, para o exército de Hanover.

Êsse exército, desgraçadamente, era comandado pelo príncipe de Soubise, general que Napoleão classificava como "o máximo de inépcia e de incapacidade" e não demorou a ser derrotado pelos alemães, em Rosbach, sendo feitos 7.000 prisioneiros, entre os quais Antônio-Augusto Parmentier. Durante o cativeiro na Alemanha, porém, Parmentier fêz boas amizades no país principalmente com o professor Meyer, sábio muito conhecido, que lhe ministrou notáveis conhecimentos de química, apreciando-o tanto que lhe queria dar a filha em casamento, o que não foi aceito.

Em 1763, Parmentier está de regresso a Paris. Tem um bom emprêgo, obtido por concurso. Embora tendo algumas complicações com uma Ordem religiosa, por questões de serviço, estuda e trabalha muito.

Em 1771, abre-se oficialmente na França um concurso destinado a indicar substâncias alimentares que pudessem atenuar as calamidades da crise econômica que assola o país.

Baseado em seus estudos, feitos na Alemanha e continuados depois, Parmentier toma parte no certame, indicando o milho, a castanha e a batata como produtos capazes de substituir o trigo na alimentação. A batata não era então totalmente desconhecida, como se faz crer, e o próprio Parmentier afirma que era cultivada na França desde o século XVI, mas que seu uso — isso sim — era muito pouco difundido. Por que? Porque os médicos, atrazados, tinham feito espalhar a mentira de que se tratava de um alimento malsão, que causava febres e a lepra. O grande mérito de Antônio-Augusto Parmentier, pois, é ter conseguido destruir essa lenda tola.

É difícil imaginar o quanto de energia, de luta, de teimosa determinação, paciência, coragem e habilidade, teve que dispender, para fazer com que o povo admitisse a possibilidade de encontrar na batata um alimento benfeitor. Escreveu um livro, a respeito. Fêz propaganda, como pôde. Discutiu com uns e com outros. E acabou indo ao palácio real, isto já em 1787, onde conseguiu de Louis XVI a autorização para cultivar, em Neuilly, 50 acres da planície de Sablons, plantando batatas.

Algumas semanas mais tarde as plantações estavam em flor. E a primeira flor que abriu êle a levou, em pessoa, ao soberano, entregando-a em mãos do rei quando êste saía da missa.

O rei colocou a flor de batata na botoeira, e saiu com ela ostensivamente, por entre os homens da Côrte.

Curiosa época, aquela, em que bastava um gesto tão simples, de um rei, para modificar opiniões!

A batata, dantes repudiada e repelida, entrou nas simpatias gerais, passou a estar na moda, apenas por causa da importância que Louis XVI dispensara àquela flor.

Os campos de cultivo de Parmentier, que eram guardados por soldados, para que não fôssem destruídos, eram agora olhados com outro sentimento, pelo povo, que não mais pensava em destruição. E, um dia, Parmentier fêz suprimir a guarda, para ver o que sucedia e o que aconteceu foi que muita gente lá penetrou para... furtar as batatas!

— Afinal! — exclamou êle, que desejava isso mesmo — Afinal, venci! E, não sendo mais necessário combater para meter na cabeça daquela gente que a batata era inofensiva, e não perigosa; que era excelente alimento, e não fonte de qualquer moléstia, voltou ao seu laboratório e continuou tranqüilamente suas pesquisas. Estudou sucessivamente todos os corpos nutritivos, analisou as águas do Sena, publicou volumes sôbre o leite, o modo de fazer conservas, o problema dos esgotos das cidades, e outros, certo de que coisa alguma que pudesse concorrer para o bem da Humanidade devia ser negligenciada.

Mais tarde, Parmentier veio a ser membro da Academia de Ciências e presidente do Conselho de Salubridade.

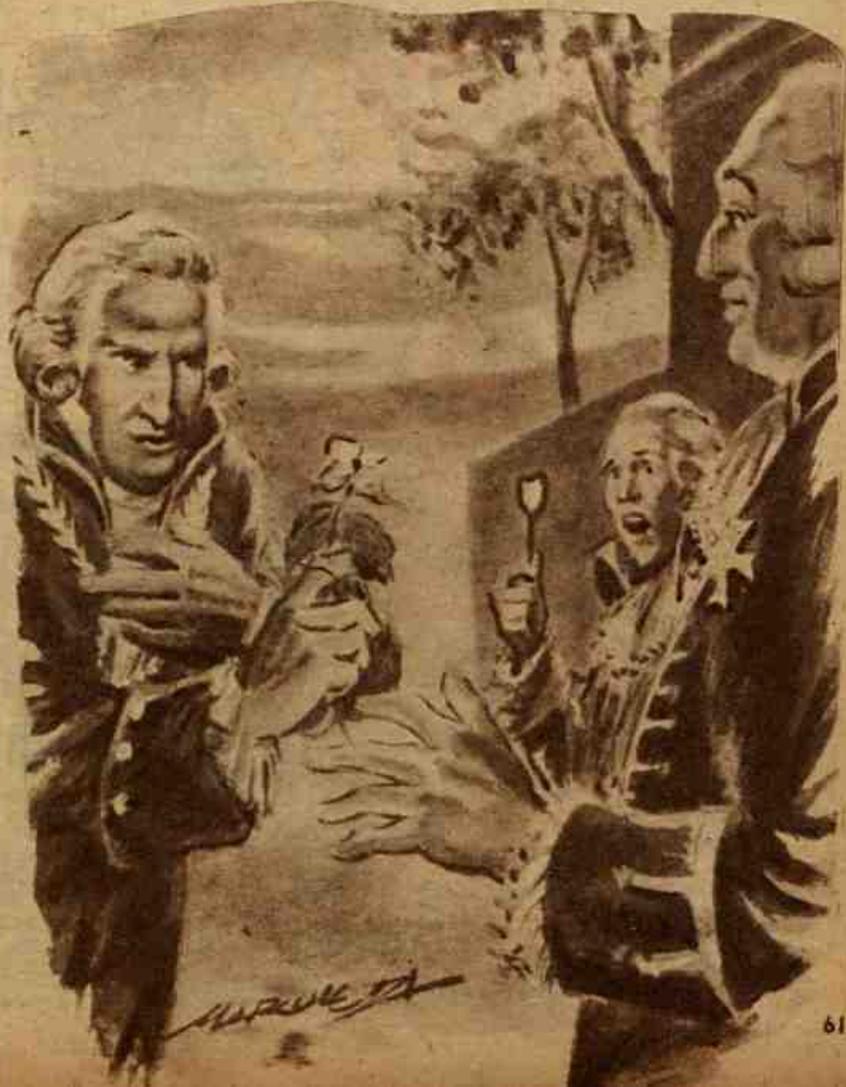
Sua velhice foi a de um trabalhador e estudioso.

Nunca se casou, pois "não tivera tempo", dizia. Vivia em companhia de uma irmã.

E o grande lutador teve a sorte de ver os resultados práticos de seus trabalhos. Viu a batata se tornar alimento indispensável do pobre como do rico e teve tempo de concluir seu famoso Código Farmacêutico, que estabelecia de modo definitivo, para a época, as leis até então vagas e desregradas da farmacopéia.

Morreu em 1813. Foi um grande vulto do seu tempo. Aos dois sobrinhos, que o assistiam em seu leito de morte, disse certa vez: "Eu sempre quis ser como a pedra de amolar, que não corta, mas prepara o aço para cortar".

Será possível resumir melhor tão bela existência de homem modesto, trabalhador e patriota?

Parmentier entrega ao rei uma flôr de batateira.

PECHINCHA
Giselda
Olá!
Ué! Você agora usa disco voador, Papai Noel?
É mais rápido! Estou colhendo estrêlas... Quer vir comigo?
Colhendo estrêlas? Ah! Quero sim! E para que você as colhe, heim?
Para dar de presente aos meus ajudantes. Êles trabalharam muito êste ano. Merecem!
Olhe! Aquela ali é mais bonita!
Não! Veja só quantos brinquedos tenho para a criançada!
Quer dizer que êste ano os anões não fizeram greve, não é?

Viva!
Vou aproveitar hoje!
Virôô!
Depois sou eu, sim?
E as minhas, Noel?
Ôba! Ôba!
Agora vamos distribuir as estrêlas!... Tome as suas, Barrigudinho!
Só quero ver que é que êles vão fazer!
Ah! Ah!
Upa! Lá vou eu!
Ei!
Como isso deve ser gostoso!... Pena eu ter de ir embora, senão ia experimentar!...
É a melhor coisa que há!
Se não fôsse o meu reumatismo...
Uma estrêla cadente! Ah! Ah! Ah! Agora já sei o que é isso!.... Algum anãozinho deve estar levando um trambolhão!
Giselta

A ÁRVORE DE NATAL

FRANCISCO PATI

DESDE quando existe no mundo a tradição da "árvore de Natal"?

A pergunta é oportuna.

Segundo Henri Marrou, professor na Sorborne, a festa do Natal começou a ser celebrada no ano 274 da nossa éra, sob o imperador Aureliano.

Segundo Paul Lemerle, diretor da Escola de Altos Estudos, de Paris, remonta ao calendário do ano 336 da nossa éra a mais antiga menção do dia 25 de Dezembro como "Festa de Natal".

Segundo outros autores, o dia 25 de Dezembro é dia de festa universal desde muito tempo antes de Cristo, pois o Natal, como celebração do "Sol Invicto" (Natalis Solis invicti"), pertence ao folclore universal.

Todavia, a tradição da "árvore de Natal", associada à do presepio, e, conseguinte, à da própria festa do nascimento de Jesus, é muito recente.

Em França, no dizer de Janine Delpech, a primeira referencia à "árvore de Natal" aparece num romance do século XIII, intitulado "Durmans le Gallois".

O herói Parsifal contempla e admira uma árvore misteriosa, salpicada de pequenas linguas de fogo que brilham alternadamente, umas ao lado das outras.

E' a árvore da Ciência do Bem e do Mal.

Encontramos isso também na Alsacia, onde a árvore, nos autos religiosos representados ao longo do Reno, simbolisa o Edem.

Anotou um viajante que em Estrasburgo, desde 1605, era costume "erguer no interior das casas pinheiros enfeitados com rosas multicores, feitas de papel, batatas e açucar".

Goethe confessa ter visto uma primeira árvore de Natal em 1765.

Quem a introduziu na França foi Helena de Mackemburgo. Isso se deu no palácio das Tulhérias, no ano de 1840, exatamente no mesmo ano em que o principe Alberto, em Londres, acendia as primeiras velas de um pinheiro armado no palácio de Buckingham.

(Excerto de uma crônica).

ISTO ACONTECEU...

NO ANO 1482, NA ITÁLIA

NO ano de 1482, um jovem artista e inventor, chamado Leonardo da Vinci, dirigia a seguinte carta ao Duque de Milão:

"Excelentissimo Senhor:

Tenho visto e estudado suficientemente as provas de todos os que se consideram mestres e inventores de instrumentos de guerra, e achando que a invenção e uso dêstes instrumentos não se diferem em nenhum aspecto do que são prática corrente, atrevo-me, sem prejuízo de ninguém, a entrar em comunicação com Vossa Excelência com o fim de fazer conhecidos os meus segredos e oferecer-me para demonstrar-lhe a conveniência, quando o julgar oportuno, de tôdas as matérias que em parte indico superficialmente a seguir".

E em seguida enumerava as idéias curiosas para a construção de pontes militares, para o bombardeio de praças fortes, para a construção de canhões e trincheiras, assim como idéias para batalhas navais. Todavia, uma das partes mais interessantes da carta é a seguinte:

"Posso fazer também carros blindados, seguros e inexpugnáveis, que entrarão com sua artilharia nas fileiras cerradas do inimigo, não existindo nenhuma formação militar que não possa ser destruída por êles. E atrás dos carros a infantaria poderá avançar sem ser molestada e sem nenhuma oposição do inimigo".

No parágrafo anterior está pràticamente tudo o que constitui a essência do tanque moderno, até a sugestão do avanço da infantaria atrás das formações de carros blindados, tal como se fêz na última guerra. As duas armas que provàvelmente foram mais decisivas nesta luta foram o tanque e o avião, e ambas as máquinas foram previstas e até planejadas pelo formidável gênio do Renascimento.

Leonardo entrou, tal como desejava, para a côrte do Duque de Milão e ali maravilhou a todos com os inventos de engenharia civil e militar, com suas estátuas colossais — como a equestre de Francisco Sforza, destruída pela invasão —, com suas telas, com brincadeiras e diversões, criados pelo seu cérebro sempre em ebulição. O "ingegnere camerale" admirava Arquimedes de Siracusa, e mais do que dos êxitos das suas pinturas, orgulhava-se do seu título de Engenheiro Chefe da Côrte.

QUANDO PERGUNTARAM A D. MIGUEL DE UNAMUNO QUANTAS HORAS DORMIA

ENCONTRAVA-SE D. Miguel em um café, em companhia de amigos quando começaram a falar sôbre o número de horas que cada um deve dormir para que o corpo repouse devidamente.

Alguém disse:

— Eu durmo cinco horas.

Outro continuou:

— Eu, seis.

Dom Miguel confessou que necessitava de oito horas de sono para se sentir completamente descansado.

Um dos presentes comentou:

— É possível que você dedique a terça parte do dia ao sono?

— Sim, é — retrucou. — Mas é bom não esquecer que o resto do dia eu estou muito mais acordado do que você.

NOMES DA MITOLOGIA
O Cão CERBERO

Quando alguém se quer referir a uma pessoa excessivamente zelosa e vigilante, que cuida e defende exageradamente alguma coisa, dá-lhe a classificação de "um cerbero". Por que? É o que explica esta página, em que o leitor fica conhecendo uma figura mitológica das mais curiosas.

Filho de uma terrível divindade, metade mulher e metade serpente, e de um gigante que tinha várias cabeças de serpente, e que vomitava labaredas, o cão Cerbero era o guardião da porta do Inferno.

Representavam-no, ordinàriamente, com três cabeças de cachorro, algumas cabeças de serpente nas costas e uma cauda de dragão. Cerbero velava noite e dia, no seu pôsto, atacando e destruindo todos aqueles que tentassem transpôr os umbrais confiados à sua vigilância.

E os mortos não podiam penetrar no Inferno sem aplacar o seu furor, para o que era necessário oferecer-lhe um bolo feito com mel. Por isso, quando as pessoas morriam, os parentes, admitindo que seu destino viesse a ser o Inferno, colocavam no caixão mortuário um suculento e meloso bôlo, para o caso de ser preciso "amansar" o famoso Cerbero...

Era, porém, com os vivos que êle se mostrava mais feroz. A jovem Proserpina, filha da deusa Céres, tendo sido raptada pelo rei dos Infernos, fez com que Teseu, acompanhado por um amigo, tentasse penetrar naquele reino de Sombras, para tira-la de lá.

Cerbero atacou o amigo de Teseu e estrangulou-o com seus dentes poderosos.

Em outras oportunidades, porém, deixou entrar vários heróis que lhe deram saborosos bolos, como faziam os mortos, e deixou passar também Orfeu, o maravilhoso musicista, que queria rever a esposa morta, e que, para vencer sua resistência, tratou de o encantar, tocando a sua lira, coisa que sabia fazer como ninguém.

Em consequência de um juramento que Júpiter, rei do Olimpo, tivera a imprudência de fazer à mulher, Hércules era obrigado a obedecer ao seu primo, rei de Micenas, E por ordem dêste, que o detestava e queria sua morte, foi obrigado a realizar os célebres "12 trabalhos".

Tendo realizado os 11 primeiros, o rei mandou que descesse ao Inferno e capturasse Cerbero.

Ao fim de heróica luta, Hércules venceu o monstro, acorrentou-o e levou ao monarca, reconduzindo-o, depois, novamente, ao reino sombrio dos mortos. Foi êsse o fim de Cerbero. E o principal e mais glorioso dos trabalhos de Hércules.

NO ESTUDO DA MITOLOGIA DEPARAMOS FIGURAS CURIOSAS, QUE REVELAM A IMAGINAÇÃO EXALTADA DOS ANTIGOS. HÁ PÁGINAS BELAS E ENSINAMENTOS VALIOSOS, NAS NARRATIVAS FANTASIOSAS QUE A COMPÕEM.

O PALHAÇO DANÇADOR

RECORTE as figuras do corpo do palhaço, coladas sôbre papelão grosso ou madeira compensada.

Una com "broches" de pegar papel — ou com arames, se estiver trabalhando com madeira — sem, contudo, apertar demais, porque as ligações terão que permitir um jogo de movimentos.

Vários barbantes, que depois se vão unindo entre si, passam pelos orifícios marcados com as letras A — B — C — D, seguindo a técnica da figura.

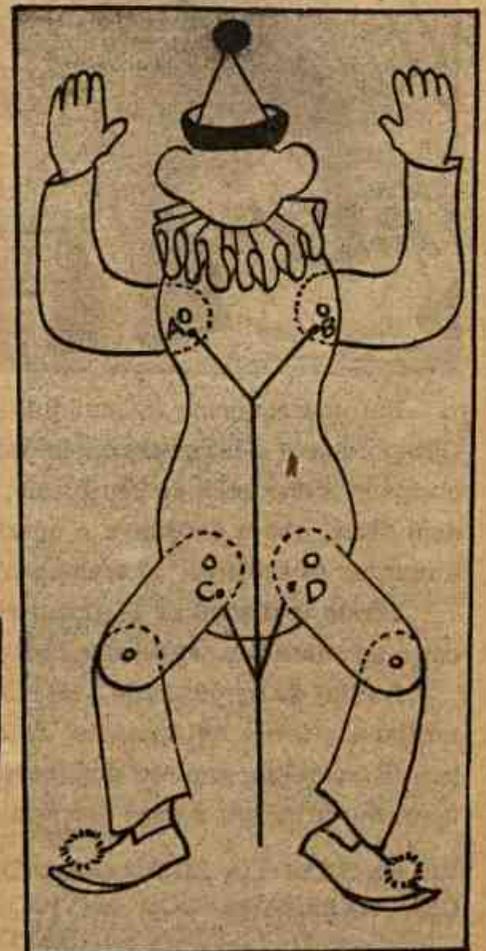
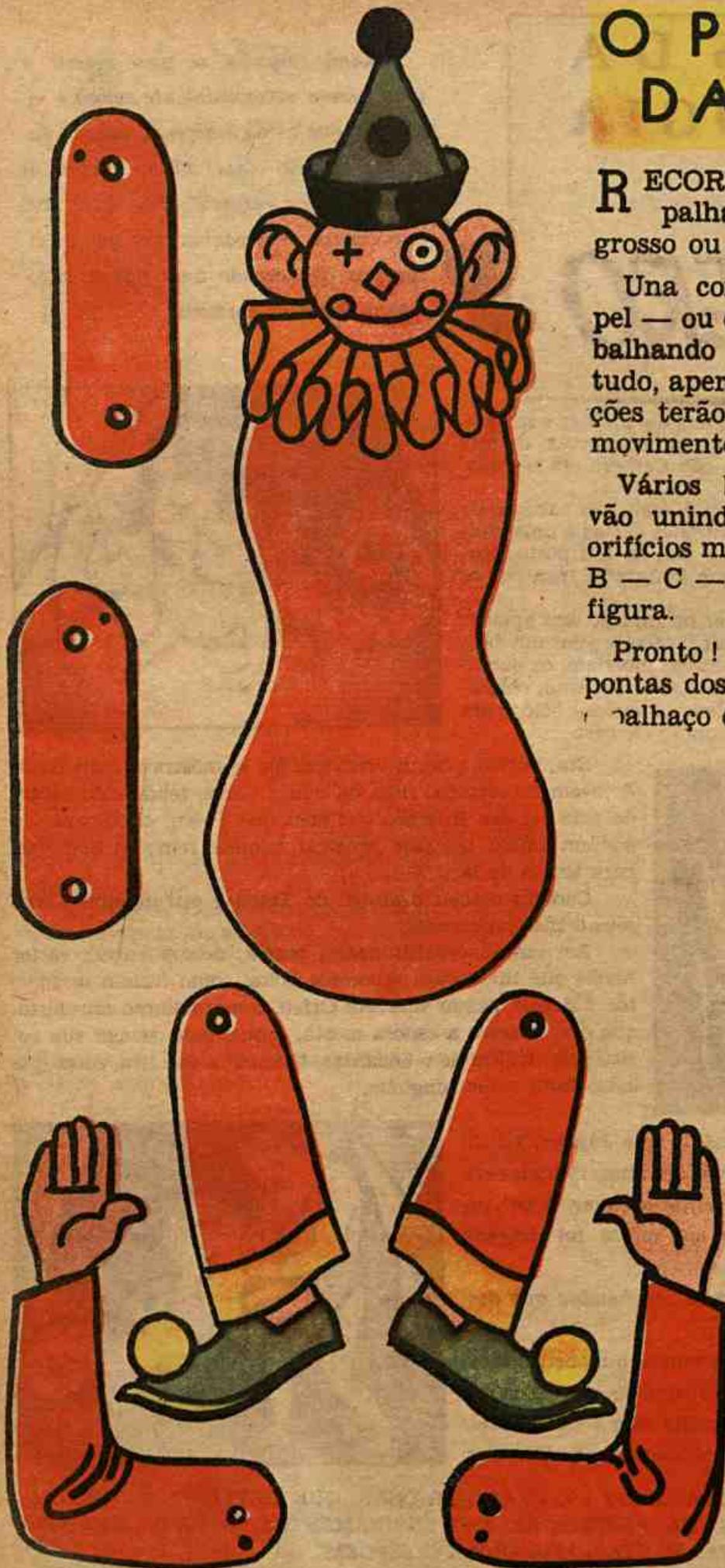
Pronto! Agora, você segura as pontas dos barbantes e, puxando-as, o palhaço dançará.

QUE FOI QUE APARECEU?

— Veja, Corina: meu pai plantou milho no quintal de nossa casa e sabe o que apareceu?

— Milho, certamente.

— Não: apareceram os porcos do visinho, que comeram o milho.

*

FALTA DE CARVÃO

A criada chegou junto à patrôa e disse:

— Minha senhora, não há mais carvão na cozinha para acabar o jantar.

— Por que não me disse antes? — perguntou a patrôa.

— Porque... antes havia.

BOM PINTOR

— Queria que o senhor pintasse minha esposa que está muito dente.

— Só pinto naturezas mortas.

— Bem. Esperemos uns dias.

HOMENS DE ALTAS POSIÇÕES

— Meu pai foi um homem que sempre ocupou posições altas.

— Foi ministro alguma vez?

— Não, foi guarda das montanhas.

O SENHOR É DE CIRCO?

Dois indivíduos desempregados e famintos, foram pedir comida na casa de uma senhora muito rica. Esta, porém, disse-lhes que daria comida, caso eles quisessem limpar um grande tapete, há muito tempo sujo. Os dois concordaram. A senhora pendurou o tapete em um varal e deu um pedaço de pau a cada um, a fim de que batessem no tapete, tirando toda a poeira.. Minutos depois, o pó era tanto, que um não enxergava o outro. A senhora veio vê-los e verificou que um deles estava dando saltos mortais, pinotes e pulos. Admirada, perguntou:

— O senhor é de circo?

E o indivíduo, continuando a pular:

— Se sou de circo, não sei: só sei que ele deu uma pancada na minha cabeça, em vez de dar no tapete.

DIA E NOITE

— Eureka!

— Que tens?

— É que encontrei o modo de jejuar trinta dias seguidos.

— Como?

— Comendo de noite.

A LINGUA SÊCA

Dois camaradas e amigos iam de jornada, num dia quente de verão..

— Levas aí alguma coisa que se coma ou beba, ó Zé? — perguntou um dêles.

— Levo uma garrafa de cerveja. E tu, Manél?

— Eu, uma lingua sêca.

— Belo! Então vamos dividir irmãmente as nossas provisões.

Principiaram por dividir e beber a cerveja.

— Bem, então vamos lá a essa língua sêca, Manél — disse o Zé.

— Agora já não está sêca, homem! A cerveja já a molhou...

•

MAL ENTENDIDO...

— Ora vê lá, se o meu caso não é interessante! Cheguei ao Brasil com umas calças rôtas e hoje tenho cinco milhões!

— E que fazes tu, agora, com cinco milhões de calças rôtas?

ÊLES LÁ SE ENTENDIAM...

— Veja, doutor, — dizia o doente. — Eu não me sinto bem, e não sei explicar por que. Dói-me, porém não sei onde é. E, quando a dôr passa, deixa-me uma sensação que não sei explicar...

— Bem — disse o médico. — Tome esta receita. Não sei para que serve. Tome o remédio não sei quantas vezes por dia, nem durante quantos dias. Isto talvez o alivie, não sei quando.

UM HOMEM INTELIGENTE

Um cavalheiro comprou um tonel de rico e generoso vinho, e, certo de que seu criado era um grande amigo dos bons vinhos, lacrou e selou o tonel, guardando-o na adega.

Meses se passaram. E o criado todos os dias ia tomar os seus goles, por um furo que fizera na parte inferior.

Um belo dia, o cavalheiro resolveu experimentar o famoso vinho. Mas encontrou-o apenas pela metade.

— Olhe! — disse à mulher: — beberam a metade do tonel.

— Veja se tiraram por baixo — disse ela.

— Não sejas tôla, mulher! É em cima que está faltando e não em baixo!

Não era hora para aquilo!

ERA uma vez dois ladrões que estavam fazendo um "servicinho" num apartamento. Uma verdadeira limpeza.

De repente, um dêles disse:

— Psst... Ouço passos... Alguém se aproxima... Prepara-te... para pular pela janela...

— O que?! Sabes que andar é êste, velhinho? E' o 13!! O 13!!

— Deixa de tolice, e pula, homem! Isto não é momento para estar com superstições!!...

O AVARENTO

KA-LI-KAO era o homem mais rico da China. Seu maior prazer era ajoelhar-se diante de um grande cofre de madeira, dentro do qual estavam guardadas suas riquezas, e fazer deslisar por entre os dedos moedas e mais moedas de ouro, assim como pedras preciosas de alto valor.

Assim como Ka-li-kao era o mais rico da China, também era o mais avarento. Apesar de suas imensas riquezas, vivia em modesto palácio situado nos arredores de Pequim e não tinha um criado siquer para o servir. Quem se encarregava de todo o serviço da casa era sua filha Li-li-ka, a qual, apesar de tantas ocupações, ainda encontrava tempo para cultivar um jardim.

Com tal sentimento de avareza será fácil imaginar como Ka-li-kao recebia os mendigos que se atreviam a bater à sua portta. Eram sempre em grande número, por sabê-lo rico, e esperavam dêle alguma ajuda.

Um dia, quando um dêsses infelizes insistia em ser atendido, o avarento se enfureceu tanto que chegou a bater-lhe nas costas com o bastão de bambú que usava. E êsse mendigo era, precisamente, o famoso bandido Fi-kou-ko, que costumava usar tal disfarce para introduzir-se nas ricas mansões e estudar pessoalmente a maneira pela qual seus companheiros poderiam praticar os temíveis assaltos.

— Hás de me pagar! — disse o falso mendigo, enquanto se afastava. — Não tardarás a me ver, velho avarento! E dizendo isto levantava os punhos, ameaçador, pois também êle tinha conhecimento da fabulosa fortuna de Ka-li-kao.

Dias depois o ususário via instalar-se em uma casa vizinha um jovem que era servido por numerosos criados e só saía à rua em suntuoso palanquim. Sua paixão por tudo que era riqueza, fez com que o velho procurasse amizade com o vizinho, que supunha, pelo menos, tão rico como êle. Em pouco tempo os dois homens se fizeram tão amigos que diàriamente tomavam chá juntos, um dia na casa de um, outro dia na casa de outro. E' claro que Ka-li-kao jamais imaginara que estava se tornando amigo do célebre ladrão, a quem havia escorraçado com seu bastão. De modo que não vacilou em conceder-lhe a mão da filha Li-li-ka logo que o jovem a solicitou em casamento, adiantando que se propunha a dar ao futuro sogro, no dia da bôda, uma grande surpresa.

"Sem dúvida, êle pensa em oferecer-me um valioso presente" — dizia consigo Ka-li-kao. E, muito feliz com essa agradável perspectiva, deixou que seu futuro genro se ocupasse sòzinho da festa nupcial, que, realmente, foi magnífica e atraíu tôdas as pessoas importantes do lugar.

A festa foi realizada sob a luz das lanternas chinesas, no grande jardim do palácio.

Ka-li-kao, sem a menor suspeita, e a conselho do futuro genro, bebeu mais do que estava acostumado, liberdade essa que sua avareza não lhe permitia. Como consequência, em pouco tempo teve que ser transportado para seus aposentos particulares, onde adormeceu, enquanto os convidados, terminada a festa, retiraram-se para suas casas.

Quando Ka-li-kao despertou, no dia seguinte, o sol já brilhava. Levantou-se assustado, confuso ainda pelos efeitos do álcool e pôs-se a correr de um lado para outro, sem encontrar ninguém.

— Que significa êste silêncio? — perguntava a si mesmo, inquieto.

Atravessou o jardim e se dirigiu novamente às habitações, cujas portas estavam tôdas abertas. Lembrou-se do seu tesouro, entrou ràpidamente no vestíbulo e, já quase enlouquecido pelos mais funestos pressentimentos, correu ao gabinete. Parou de repente com um gesto de estupefação e desespêro: o cofre, o precioso cofre de madeira, estava aberto e completamente vasio! No fundo, apenas Ka-li-kao encontrou uma folha de papel onde se liam estas palavras: "O mendigo no qual bateste com teu bastão, foi o mesmo a quem deste tua filha em casamento. Enquanto

dormias tranquilamente meus homens tiraram tôdas as tuas riquezas, inclusive os objetos de arte que possuías. Agora chegou a tua vez de ir mendigar e sentir na própria carne a maldade dos avarentos". E, assinado, "Fi-kou-ho".

O pobre chinês deixou cair o papel, murmurando com voz apenas perceptível o nome do bandido:

— Fi-kou-ho !... De modo que êsse homem, a quem dei minha filha em casamento não passa do foragido cuja cabeça está a prêmio, e seus criados não eram outros senão os homens do seu bando ? !

Ficou um instante pensativo, mordendo os lábios de raiva.

— Ah !... — exclamou finalmente. — Está muito enganado se pensa que me resignarei a viver doravante da caridade pública ! Com o produto da venda dos bens que me restam, poderei viver modestamente, como tenho feito até agora... Por pouco tempo pareceu estar consolado, mas, depois não pôde mais suportar a idéia da perda das incalculáveis riquezas. — Não, não! — dizia caminhando de um lado para outro. — Prefiro morrer a viver como um miserável... Antes não vivia melhor, mas me consolava com a idéia de que poderia cercar-me de comodidades no momento que quisesse. Agora, é diferente... Não ! Não ! Prefiro morrer !

Dizendo isto Ka-li-kao tirou de uma panóplia um sabre pequeno e curvo. Sentou-se sôbre uma almofada e colocou a ponta da arma no ventre, disposto a fazer hara-kiri (uma especial maneira de morte usada pelos antigos chineses e japonêses). Mas não teve coragem e atirou o sabre longe:

— Não, não posso matar-me !

No dia seguinte, uma fila enorme de credores bateu à porta do palácio. Vinham cobrar as contas feitas pelo seu genro Fi-kou-ho para o casamento.

Desta maneira, o infeliz não teve outro remédio senão vender os móveis da casa para pagar as dívidas contraídas em seu nome.

Amargurado de dor, sem coragem para tomar uma resolução, Ka-li-kao tomou um bastão e, exatamente como havia prognosticado o bandido, saiu para rua para mendigar.

E' necessário, porém, voltarmos um pouco atrás, nesta narrativa. Quando Li-li-ka viu que saqueavam seu pai, compreendeu a abominável emboscada em que êle tinha caído, e jurou vingar-se.

Já estava há vários dias na guarida de Fi-kou-ho e sua gente, quando descobriu, por casualidade, por trás de umas roupas penduradas, a entrada para um subterrâneo.

Ka-li-kao mendigava pelos caminhos no primeiro dia, recebendo, na maioria das vezes, negativas grosseiras dos viajantes, às vezes insultos e zombarias. À tarde, enquanto percorria o caminho, mais desconsolado do que nunca, viu de repente, sua filha que corria ao seu encontro. Ela vacilou um momento, mas logo depois se certificou de que era o pai e se atirou em seu peito, chorando: — Não é necessário explicar nada, papai. Eu sei de tudo. Fugi por um subterrâneo que leva ao refúgio dos bandidos... Vamos contar ao Mandarim tudo o que sabemos !

— Tens razão! — disse o ancião. — Agora não podem escapar. Assim, entrarei novamente na posse da minha fortuna. Além disso, ganharei o prêmio prometido pelas autoridades para quem der notícias de Fi-kou-ho e seu bando.

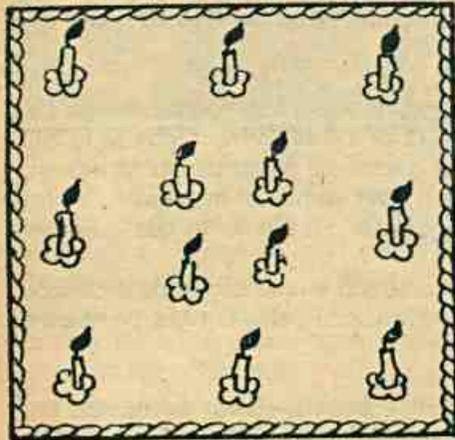
Uma hora depois pai e filha chegavam ao palácio do Mandarim. Ka-li-kao contou tudo o que se tinha passado, o lôgro que o bandido lhe tinha pregado, o sequestro da filha, e ofereceu-se, finalmente, para guiar a polícia até o refúgio dos bandoleiros. Li-li-ka os acompanharia.

A numerosa comitiva se pôs em seguida a caminho. Li-li-ka servia de guia para os soldados que, graças ao subterrâneo, cuja porta só a moça conhecia, puderam chegar à caverna dos bandidos e dominá-los, inclusive o chefe, que foi levado com as mãos amarradas.

Alguns dias depois, Fi-kou-ho era julgado e condenado a prisão perpétua.

Depois de recuperar sua fortuna, Ka-li-kao renunciou a muitas de suas antigas idéias, preferindo substituí-las por outras mais de acôrdo com a situação de homem rico. Não sòmente poupou mais a filha, como tomou vários empregados para fazer o serviço e até uma camareira para Li-li-ka.

Além disso, dêsse dia em diante, Ka-li-kao deu ordem para que permanecesse um criado no portão do palácio, para atender e socorrer todos aqueles que necessitassem de auxílio.

O BÔLO DE ANIVERSÁRIO

Os três gêmeos, Lulú, Lili e Lalá estão festejando seu 3º aniversário e a vovó fez um lindo bolo em que colocou 12 velinhas. Mas quer dividir o bolo em três partes, de modo que cada um receba porção igual, cada uma com 3 velinhas.

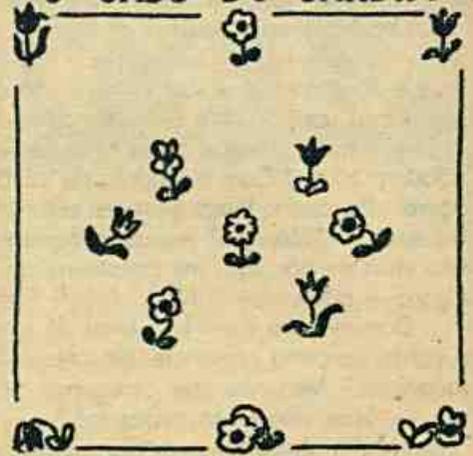
Como deve prooceder ?

CIDADES OCULTAS

NA lista abaixo estão os nomes, com as letras baralhadas, de algumas cidades importantes de vários países.

Você já ouviu falar nelas, nas suas aulas de Geografia. Veja se descobre os seus nomes quais são, alterando a posição das letras:

MORA — PAGAR — RIOCA — SACCARA — NELOPAS — SALMEJUER — LEXUBRAS — MERBIL — SARIP — TALAN — TROPO — SUANAM.

O CASO DO JARDIM

Maria regou as plantinhas indo de uma a outra com o regador. Passou 2 vezes sôbre cada uma do centro do canteiro e tocou 1 vez as das margens. Traçou 6 linhas retas com a água.

Qual o traçado que ela fez, partindo do canto superior esquerdo ?

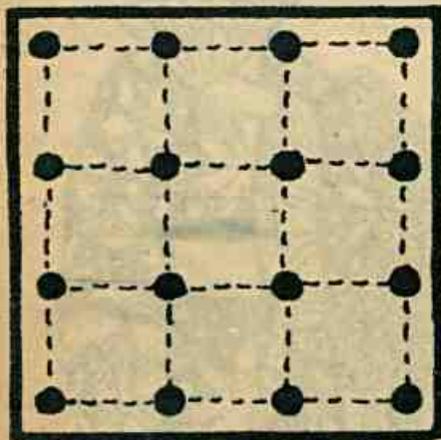
?

Dois pais e dois filhos entram num Restaurante. Pedem quatro bifes. Cada um come um bife e sobra um. Por que ?

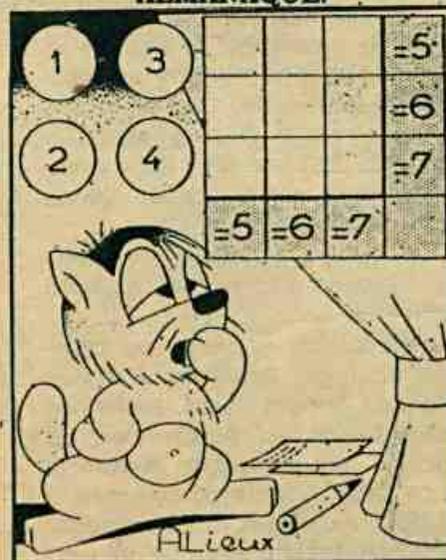
vamos DECIFRAR

?

Um alfaiate tem uma peça de fazenda, de 16 metros. Corta 2 metros cada dia. Ao fim de quantos dias terá chegado ao fim da peça ?

TRAÇOU UM QUADRADO

Um bombeiro, o Joaquim, dispõe de uma fôlha de zinco cheia de furos que formam nove quadrados.

Ora, o Joaquim precisa de um pedaço de zinco, quadrado, um pouco maior que um dos nove quadrados formados pelos furos. Como se arranjou êle, na sua opinião, para conseguiu, apenas com o material à mão, e com o seu engenho, o quadrado de que precisava ? A solução foi encontrada pelo engenhoso Joaquim. E você, no seu lugar, te-la-ia achado ?

VEJA AS SOLUÇÕES DÊSTES PROBLEMAS NO FIM DO ALMANAQUE.

E AGORA?

Você saberá ajudar êsse pobre estudante a solucionar o seu problema ?

Êle tem que completar as somas indicadas, mas só póde usar os algarismos que estão nos círculos. Póde usar cada um mais de uma vez, sim. Veja se o ajuda...

O CASO DO ESPIÃO

7	12	1	14
2	13	8	11
16	3	10	5
9	6	15	4

NO bolso de um espião encontraram êste quadro. Descobriram que êle estava incumbido de obter dados sôbre o número de Divisões que estavam mobilizadas para entrar em ação. Observe os algarismos, pense "como um espião" e pelo que observar de curioso no desenho e na disposição deles, você tirará suas conclusões... Ou não tirará nenhuma ?

A ORIGEM DO PRESEPIO

OS povos cristãos adotaram o costume de armar, em templos e residencias, presepes que reproduzem a cena do nascimento do Divino Menino.

Êsse costume remonta aos dias trezentistas do excelso místico de Assis. Teve êle o desejo de celebrar o Natal em ambiente que fosse o mais aproximado da modesta cabana em que nasceu Jesus e, com a venia do Pontifice, a quem exprimiu seu pensamento e desejo durante sua estada em Roma, no ano 1223, escolheu, quando voltou a Greccio, a campina de Rietti para teatro de sua pia intituição.

Erigiu em um bosque do Apenino Romano um altar, onde armou o presepe. No feno que forrava um berço rústico, o espírito orante deveria ver um menino; junto a êle colocou jovem mãe e varão orando. Companheiros da solidão e figuras igualmente do mistério, um boi e um jumento, enchiam a pobre cabana.

Com os frades franciscanos apresentou-se à meia-noite, véspera de Natal, multidão de montanheses umbrianos e aldeões das redondezas, que se comoveram com o engenhoso simulacro. Todos levavam nas mãos archotes acesos e cantavam ao som de pifanos e flautas silvestres.

Adiantaram-se trêmulos até o presepe, onde, num arroubo de fé, Francisco chorou durante a missa e pregou à multidão ali congregada.

Conta a piedosa lenda, recolhida por S. Boaventura, que, quando a cerimonia se tornou mais comovente, foi S. Francisco inclinar-se reverente ante um formoso Menino, que de subito apareceu radiante sôbre a palha, e beijou-o repetidas vezes. Ali, em meio do bosque, foi edificada ao morrer o santo de Assis, uma capela, cuja consagração deu fôrça e popularidade a essa representação plástica, que, levada por Santa Clara a todos os conventos da Ordem, chegou a estender-se de templos e mosteiros aos paláciοos e teve éco espiritual nos lares mais humildes.

CURIOSIDADES

Um inglês, John Rayner, que vive em Londres, possui uma estranha coleção que não tem rival no mundo, a qual consiste em milhares e milhares de caixas de fósforos de todos os países dos cinco continentes, fabricadas das mais diversas maneiras e com inscrições nas mais variadas linguas. Esta coleção, que parece ter grande valor, ocupa a maior parte das divisões da sua casa de campo. Um dos seus principais correspondentes, em assuntos relativos à coleção é o conhecido ex-rei Farouk do Egito, que, segundo se diz, possui tabém uma coleção de mais de cem mil caixas de fósforos. A do sr. John Rayner é porém muito mais consideravel, pois basta dizer-se que tem compradores em quase todos os países da Europa e das Américas.

O botão não foi, na sua origem, o que é, mas sim um simples adorno, um pingente, às vezes trabalhado com arte, gravado e coberto de pedrarias. Na antiguidade as roupas eram "abotoadas" por meio de colchetes e a prova de que se não empregava outro sistema está em que as pinturas do século XVI e anteriores nos mostram roupas com botões mas sem casas. Como elemento de ornamentação, os botões apareceram na Europa nos principios do século X, e no século XVI começaram a usar-se para fechar os vestidos. Primeiro faziam-se de madeira ou osso, depois passaram a ser de prata, de ouro e de outros metais, vindo por fim os botões forrados de pano.

O VIOLINISTA E O milionário

Rodeada de lindos jardins floridos e sob um céu sempre azul, havia, faz muitos anos, uma cidade quase ignorada e perdida num distante canto da terra.

Vivia nessa cidade um rapaz que era violinista. Silvio era seu nome. Tocava violino maravilhosamente. Era querido e apreciado por todos que o conheciam. Tinha cabelos castanhos e longos, penteados para trás. Seus olhos eram grandes e profundos e pareciam irradiar uma fôrça misteriosa.

Andava sempre pelas ruas da cidade com seu violino. De súbito se transfigurava, parava de andar e começava a tocar o instrumento, com o olhar distante, como se estivesse vendo desfilar visões maravilhosas, que traduzia em suaves melodias, extasiando a todos que o ouviam. Naqueles momentos Silvio se tornava belo. Sob o arco, as cordas do violino cantavam, ora alegres, ora tristes. Cantavam o sol, a noite, a vida, o riso, as lágrimas. Silvio era um verdadeiro poeta que expressava por meio da música a felicidade e a dôr.

Todos o compreendiam, porque sua música chegava a todos os corações.

Naquela mesma cidade morava um poderoso e rico senhor, chamado Gaspar, que tanto tinha de abastado como de vaidoso. Residia num dos maiores palácios da cidade, rodeado de enorme jardim, onde cresciam flôres e plantas exóticas.

Em seu palácio Gaspar oferecia os mais lautos banquetes. Os cortesãos se multiplicavam à sua volta, para obter favores. Qualquer frase pronunciada por Gaspar era recebida com grandes elogios e exclamações.

Gaspar gostava de tocar violino e o fazia com perfeição; praticava com o instrumento verdadeiras acrobacias musicais, causando assombro a todos quantos o ouviam.

Era Gaspar um homem alto e corpulento, rosto redondo, iluminado por constante sorriso de satisfação. Costumava passear pela cidade, envolto em ampla capa vermelha, precedido por um dos seus servidores, que gritava:

— Dêem passagem ao incomparável Gaspar ! !

Atrás, então, do ricaço, vinha o séquito, composto de homens tão presunçosos quanto êle.

Aconteceu, porém, que, um dia, quando o importante homem passava por uma das ruas principais da cidade, esta estava completamente cheia pelo povo que, silencioso e atento, ouvia o violinista Silvio.

— Dêem passagem ao sublime e poderoso Gaspar ! — gritou o pregoeiro.

Ninguém, porém, se afastou. Do meio da multidão saía uma música maravilhosa ! Uma estranha e suave melodia arrancada das cordas do violino.

Gaspar deu ordem para que atirassem moedas de ouro a tôda aquela gente, a fim de que lhe dessem passagem. Seus criados obedeceram incontinente. Ninguém, porém, salvo seus cortesãos, se inclinou para apanhá-las. Então o poderoso personagem, visivelmente contrariado e despeitado, perguntou a um menino que estava ali:

— Que está fazendo tôda essa gente ?

— Ouve Silvio tocar violino. Não estais ouvindo ? — disse o menino.

Desde aquele dia Gaspar nunca mais dormiu sossegado. Era bem compreensível isto: sentia-se mortalmente ferido em seu orgulho.

— Como é possível ? — dizia a si mesmo. — Então eu possúo pouco mais de meia dúzia de admiradores, tendo que obsequiá-los diàriamente com banquetes e festas, e basta que um pobre desconhecido se ponha a tocar no meio da rua, para que tôda essa gente fique ao seu redor, extasiada, e não perceba a passagem de um homem tão importante ?! E' incrível ! E virando-se para um dos

admiradores que estava sempre a seu lado, continuou: — Será que êsse Silvio toca melhor do que eu?

— Que idéia, senhor! — respondeu aquele. — Ninguém toca melhor do que vós. Sois como Orfeu, capaz de comover as féras.

— Cala a bôca de uma vez! — gritou Gaspar, a quem só a idéia de que alguém pudesse superá-lo, exasperava.

E quanto mais pensava em Silvio, mais irritado se sentia. Passava os dias inteiros andando de um lado para outro e tratando da pior maneira a todos que tinham a infelicidade de se aproximar dêle. Às vezes se consolava, pensando que Silvio não podia tocar bem por seu próprio mérito.

— Naturalmente — dizia — seu violino deve estar enfeitiçado, para que cause êste efeito...

— Comprai-o, senhor! — sugeriu alguém.

E Silvio foi chamado ao palácio.

Chegou o jovem com o violino sob o braço, atravessou os imensos salões dourados do palácio, olhando admirado para tudo, pois ignorava, em sua pobreza, que alguém pudesse viver rodeado de tanto luxo. Quando, finalmente, se encontrou na grande sala onde, rodeado por tôda a côrte de aduladores, o esperava o dono da casa, êste, sem preambulos, disse:

— Toca!...

Naquele salão magnífico, de paredes finamente decoradas, elevou-se então uma suave melodia; o violino cantava a Primavera; sua música falava de dias calmos, quando as macieiras floridas se abandonam à corrente invisivel da brisa, e a campina renasce à límpida luz do amanhecer, que ilumina as colinas e põe seus toques de ouro nas primeiras violetas que aparecem entre a folhagem verde...

E cantou o Verão; suas notas falavam dos belos dias do estío, em que cada fôlha, cada flôr, parece pedir ao céu, com fervor, o orvalho noturno para aplacar sua sêde.

E cantou o Outôno, quando o vento derruba as primeiras fôlhas sêcas... E cantou o Inverno, com seu frio rigoroso, com suas noites serenas e geladas, a lua iluminando os campos cobertos de neve, e a doce paz de um lar com a família. Parou de tocar e todos, como que despertando, de repente, de maravilhoso sonho, pediram-lhe que tocasse mais, e mais, encantados com aquelas divinas melodias, que jamais tinham ouvido.

E o violino continuou soltando de suas cordas, graças à prodigiosa inspiração de Silvio, cantos à noite, ao dia, ao trabalho dos homens, ao seu descanso, ao brilho infinito das estrêlas distantes, aos seres, às coisas, à vida e à morte...

Todos estavam suspensos com a música divina que Silvio tocava.

— Êste violino parece que tem feitiço! — murmurou Gaspar, quando a música parou. — Quero comprá-lo. Quanto queres por êle?

— Nada! Não o vendo, senhor... — respondeu o rapaz.

— Como? — exclamou encolerizado o vaidoso senhor. — Negas-te a vendê-lo? E se eu te ordenasse?

— Podeis mandar em vossos cortezãos, e vossos servidores, porém eu não pertenço nem a um grupo nem a outro. Sou completamente livre, sem senhor que me ordene; êste violino é o meu melhor companheiro, meu único tesouro, e não o venderia ainda que me désseis todo o ouro do mundo.

E o dono do palácio lhe ofereceu, então, somas enormes, pedras preciosas, riquezas inimagináveis. Seus cortesãos pareciam beber suas palavras, enquanto seus olhos brilhavam de cobiça ao ouvir aquelas ofertas.

(Termina no fim do Almanaque)

UM ÓRGÃO ORIGINAL

Luis XI da França era dado a excentricidades que, vistas à luz de hoje, provocam a censura.

Conta-se que um dia, já cansado de ouvir os instrumentos do seu tempo, tão apreciados em festas cortesãs, resolveu falar com De Baigné, abade e diretor solícito da banda de música do palácio, a quem incumbiu de fazer um *aparelho musical* que lhe andava na imaginação como realidade consoladora dos seus ócios.

O abade escutou o soberano com todo o acatamento, e principiou a construir êsse *maravilhoso* instrumento.

Tratava-se simplesmente de um *órgão de porcos.*

De Baigné escolheu porcos de várias idades e tamanhos, dividindo-os em diferentes grupos, conforme a qualidade sonora dos seus grunhidos.

Em segunda, com admirável mestria, colocou-os em fila dentro duma barraca de campanha, e perto desta pôs o teclado, em que os martelos, sob a ação dos movimentos, obrigavam a funcionar instrumentos pontiagudos, que espetavam os porcos, os quais, ao experimentarem a dor provocada por tão cruel processo, grunhiam desesperadamente.

De Baigné sentava-se em frente do teclado, e logo o aparelho começava a funcionar: o ruido dos suinos tornava-se ensurdecedor e convertia-se num espetáculo horrivel.

Luis XI alegrava-se ante o sofrimento dos pobres animais, e aos palacianos que o cercavam gabavam a *invenção* que lhe permitia ouvir sons gratos aos seus ouvidos.

A SORTE DO DISTRAÍDO

VOCÊ SABE ENGRAXAR SEUS SAPATOS?

UM bom hábito, que você deve adquirir, é o de cuidar você mesmo das coisas que lhe pertencem. Além de medida de disciplina, que só pode valorizar sua personalidade, resulta disso grande economia em muitos casos, o que não é para se desprezar em uma época de carestia como a que estamos atravessando.

Você sabe, por exemplo, como deve engraxar seus calçados?

Vamos ensinar aqui o processo mais acertado para essa operação. Para começo de conversa, nunca engraxe um calçado sujo. E preciso, antes de mais nada, tirar qualquer resquício de lama ou de pó. Depois disso, estando o sapato bem limpo, deve aquecer o couro, antes de aplicar a graxa, que deve ser de boa qualidade.

Você perguntará como aquecer o couro. Será preciso colocar os sapatos no forno? Nada disso. Aquece-se o couro do sapato friccionando-o com a escôva a sêco, demorada e vigorosamente, tendo cuidado para não se enganar na escôva, porque é indispensável ter duas e nunca usar a que está reservada aos sapatos pretos para os sapatos marrons.

Estende-se então uma camada suave de graxa sôbre o couro, não com uma escôva ou um pedaço de lã, mas sim com um pedaço de linho bem sêco, deixando a graxa secar durante 10 minutos.

Como êsse tempo de secagem da graxa é muito importante, para que a engraxada fique brilhando, sendo necessário que a graxa penetre bem no couro, deve-se proceder pé por pé, passando a graxa no primeiro antes de começar a tirar o pó do segundo.

Tendo êste recebido sua porção de graxa, retoma-se então o primeiro pé, para escovar:

1.º — com uma fazenda levemente umedecida;

2.º — com uma flanela de lã ou com a escôva de dar lustro;

3.º — com uma camurça ou um pedaço de veludo.

Podemos garantir que a esta altura o sapato estará tão bem engraxado que será fácil você se mirar nêle!

FELIZ ANO NOVO

A frase "Feliz Ano Novo", é dita de diversos modos, nos vários idiomas falados nos diversos países do mundo.

Assim: "Feliz año nuevo", (em espanhol), "Happy new year!" (em inglês), "Bonne année!" (em francês), Froehliches Neujahr!" (em alemão), "Felis any nou!" (em Catalão), "Aem murabac Yedit!" (em árabe) "An non fericit!" (em rumeno), "Boldog uj évet!" (em húngaro), "Pozoraw iaiem's novim godom!" (em russo), "Sretma nova godino!" (em croato). "Buon capo d'anno" (em italiano), Steslivy novy rok!" (em checo), "Stasliva novata godina!" (em bulgaro) "Szezesliwego newego roku" (em polaco), "Laimingu nauju metu!" (em lituano), "Gelukkig meuwjaar!" (em holandês), "Stastlivy novy rok!" (em eslovaco) "Szczaslywoho nowoho roku!" (em ucraniano).

AS TEIAS de aranha

A aranha tece a sua teia para que lhe sirva de auxiliar principal na caça de insetos voadores, que lhe servirão de alimento. Essa teia é fabricada por meio de um fio que sai do corpo em forma liquida e que ao primeiro contato com o ar logo se faz consistente, quase sólido. Com habilidades de grande tecedeira, a aranha vai para cá, vai para lá, sôbe, desce, torna a subir, e ao fim de algum tempo de trabalho realizou uma das coisas mais belas e delicadas que existem.

Há teias de aranhas de todos os formatos, apresentando os desenhos mais curiosos. Geralmente a aranha estende a teia onde "sabe" que deverão passar, voando por si ou impulsionados pelo vento, pequeninos insetos alados. Depois de feita a teia, ela se queda muito quieta num dos cantos, ou no centro —conforme a espécie a que pertencer— e aguarda o aparecimento da primeira vitima.

E a caça será abundante ?

Houve, certa vez, alguém que contou 180 moscas, aprisionadas, durante 8 dias, em uma única teia de aranha. Logo, o "negócio" parece ser bem rendoso...

As aranhas, no geral, não são prejudiciais, não atacam ninguém. Contudo, é bom a gente ter cuidado e não brincar com elas, não lhes dando ocasião para mostrar que são capazes de morder. A bonita aranha de jardim, por exemplo, deve ser deixada de lado, pois embora em muitos casos sua picada não seja mais perigosa que a picada de uma pulga, póde se dar o caso contrário..

Entre as 4.000 espécies de aranhas que se conhecem muitas há que dispensam o uso da teia. Dividem-se, assim, essas grandes caçadoras, em "tecedoras" e "errantes".

Mas, nós estavamos falando sôbre as teias, e não pròpriamente sôbre as suas tecedeiras...

Um fato interessante, sôbre essas teias, é a enorme utilidade que elas tiveram, durante a última guerra, na confecção de aparelhos de precisão. Vocês sabem de que grossura é o fio da teia da aranha, não sabem ? Mais fino que a linha com que a mamãe faz o seu bordado. Pois bem: durante a última guerra, certa espécie de aranha foi cultivada com todo o carinho, para que produzisse metros e metros de fio, e êste era, ainda, dividido em dez, por meio de instrumentos especiais, para ficar ainda mais fininho, e poder ser utilizado nas miras dos instrumentos de observação, para aviões, metralhadoras, etc.

Há gente que costuma usar teias de aranha, tiradas das paredes das casas, para fazer estancar o sangue de talhos e feridas. E' um grande perigo tal uso. As teias estão cheias de poeira, e a poeira contém tôda a sorte de micróbios, e colocar tais coisas em cima de ferimentos é arriscar a pessoa a ter infecções horriveis, inclusive o tétano. Hoje em dia não se deve mais usar tais processos. Há medicamentos bons e apropriados para estancar as sangrias.

Êsse método das teias de aranha deve ser posto de lado, pois é anti-higiênico e muitissimo perigoso.

Devemos deixar as aranhas dos jardins em paz, porque ajudam a matar os mosquitos e moscas. E em casa, o que se pede é uma boa vassourada que tire tôdas as teias, porque nem ao menos é verdade que elas trazem felicidade, como se pensava supersticiosamente em outros tempos. Só fazem é enfeiar as casas, dando idéia de quem ali mora tem preguiça de limpá-las.

TÁBUAS CURIOSAS

1	8	10
★	12	★
14	6	15

2	10	14
9	★	13
16	5	6

3	10	15
★	16	★
5	8	6

4	12	15
8	13	14
11	10	16

7	14	16
13	★	15
12	11	9

MUITO curiosas, na verdade, são estas tábuas, que nos ofereceu o célebre astrólogo Kekateu de Abdera. Mande um amigo escolher, em uma delas, um dos signos, sem dizer qual foi. Depois, dizer em que outras tábuas êle se encontra também.

Você, então, somará os números do primeiro quadro da esquerda de cada uma das tábuas que êle indicar, ao da primeira, sem que êle o perceba, e a soma é sempre igual ao número que figura no quadrinho do signo que êle escolheu...

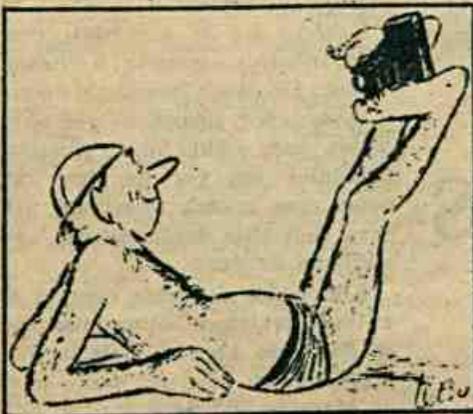
Aí, é fácil você "adivinhar" o signo escolhido.

O USO DOS DEDOS DOS PÉS

A natureza não criou parte alguma do corpo supérflua: para que nos daria cinco dedos em cada pé, com suas falanges correspondentes, se não tinham êles de servir para cousa alguma?

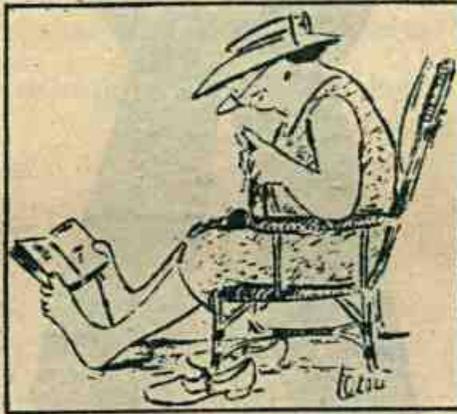
Para o único objeto de andar, um pé flexível era o que bastava, sem carecer de ter dedos. Os homens ao princípio andavam descalços e curavam tanto dos pés como das mãos.

Depois começaram a usar solas atadas ao tornozelo com tiras que passavam por entre os dedos; e depois usaram sandálias para poupar talvez o trabalho de enlaçar as tiras ou fitas; e estas seguiram-se os sapatos inteiros, e depois as botas de couro, que inutilizaram inteiramente os dedos dos pés; e até as européias, sem ser preciso falar das chinesas, têm procurado, à fôrça de tormentos, inutilizar os dedos dos pés, como se fossem excrecências vergonhosas, substituindo os dedos por um ramo de calos.

Que cousa mais bela que os pés de um menino, nem mais linda que o pé natural com que os pintores e escultores nos apresentam suas deusas?

Porém o mal está arraigado, e é inútil censurá-lo.

Os índios, e particularmente os das Filipinas, fazem tanto uso dos dedos dos pés, que se pode dizer que são homens de quatro mãos.

Um índio, antes de sair de casa, calça os tamancos segurando-os aos pés, com uma correia e um botão, que prende com os de-

dos do meio de cada pé, com a maior facilidade e, sem ser preciso dobrar o corpo; os alfaiates enfiam a agulha ou torcem a linha com os dedos dos pés; e não há um artista no Industão, ilhas do mar Índico, que não faça mais ou menos uso dos dedos dos pés para dêles se ajudar no seu trabalho.

Os guachinangos, a bordo dos navios da Companhia das Filipinas, serviam-se dos dedos dos pés para quase tôdas as manobras do navio, e quando na coberta tinham de trabalhar na filástica, ou arte de coser as velas, a agulha, o fio, a navalha, tudo era agarrado com os dedos dos pés.

Entre os civilizados, como demonstram as ilustrações, outros usos são dados aos dedos dos pés...

BOA RESPOSTA

Um homem encarregou um paisagista de lhe pintar uma paisagem, com uma igreja. ..O pintor, que não pintava bem as figuras, não pôs nenhuma no quadro. Quando o sujeito voltou, ficou encantado com a frescura da côr e beleza da obra. Mas teria gostado de algumas figuras, a animarem a paisagem e, assim, disse ao pintor:

— Que pena não ter pôsto algumas pessoas!

— E' que estão tôdas dentro da igreja, a ouvir a missa! — respondeu aquêle.

Ao que o outro replicou:

— Bem... Então, nêsse caso, virei buscar o quadro... quando a missa tiver acabado!

A FLAUTA

Eximio tocador de flauta foi a uma cidade dar um concêrto. Entre os muitos admiradores que o aplaudiram, houve um ricaço que o convidou para ir no dia seguinte jantar em sua casa, com a família. O maestro respondeu que aceitava com muito prazer tão subida honra.

— Olhe, disse o ricaço, — e não se esqueça de levar a flauta.

— Não é preciso — respondeu o músico. — A minha flauta nunca janta.

UM EXAME

Em certa cidade existiu um homem que nunca teve medo do que quer que fosse. Quantas vezes, desafiado por outros, à meia-noite em ponto não entrou êle no cemitério?! E voltava trazendo ora uma coroa, ora um vaso, ora um galho de cipreste, conforme lhe solicitavam.

Quando esse homem adoeceu, prevendo a própria morte mandou escrever isto em seu túmulo: "Aqui jaz um homem que nunca teve medo de nada"...

Um estudante espirituoso, ao passar perto dêsse túmulo, leu o curioso epitáfio e escreveu por baixo: "E' porque nunca prestou exames".

AS MOEDAS DE MULTA

Aos dezoito anos Pedrinho herdou do pai um nome ilustre, uma panóplia de armas gloriosas e algumas chaves. Vendeu a um cavalheiro as armas, que tinham visto a fuga do sarraceno, e conservou tudo mais como lembrança do pai.

Uma anciã, sua tia, muito caridosa mas tendo poucos recursos, passando até privações, cuidou de sua educação, enviando-o a uma universidade. O rapaz, porém, em vez de estudar, dedicou-se ao jôgo e, desta forma, em poucos dias perdia na mesa do jôgo todo o dinheiro que lhe dava a tia.

Ficando completamente sem dinheiro, vendeu os livros e depois a capa. O produto desta venda foi também absorvido pelo jôgo.

O jovem Pedrinho estava um dia a pensar si era direito que um estudante, descendente de uma família tão importante, vendesse também os próprios sapatos, quando se lhe apresentou um senhor de fisionomia carrancuda. Disse-lhe que era tabelião e comunicou que uma fabulosa herança lhe tinha sido deixada por um tio afastado, comerciante de diamantes num país distante.

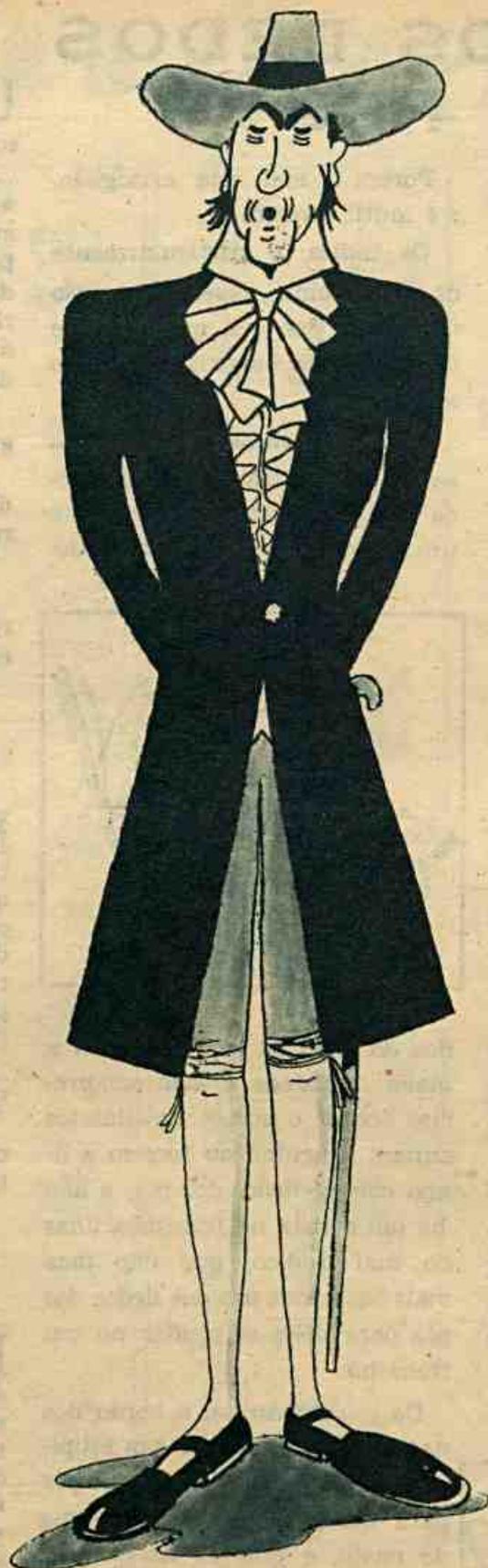
A princípio Pedrinho julgou que fôsse uma brincadeira e quase se aborreceu com o cidadão, porém quando viu sôbre a mesa um par de bolsinhas cheias de moedas de ouro, pensou que estivesse sonhando.

— Você receberá muitas caixas destas moedas — disse o homem — e também algumas cheias de pedras preciosas. Entretanto, é preciso aceitar uma condição, que consta do testamento do seu tio.

— Aceito qualquer condição — exclamou, alvoroçado, Pedrinho, acariciando as moedas de ouro.

— A condição é a seguinte: você deverá pagar uma moeda, como multa, tôda vez que gastar mais do que o necessário, ou cada vez que desperdiçar dinheiro. Eu me apresentarei nessas ocasiões e reclamarei a moeda.

— Aceito! — retrucou o jovem. Assinou um documento e o tabelião se foi.

Horas depois chegavam à modesta morada do rapaz diversas caixas contendo ouro e diamantes, assim como pedras preciosas. Foram todas amontoadas em todos os cantos da casa e até sob a cama.

Pedrinho contemplou as caixas por algum tempo perplexo, maravilhado; depois encheu os bolsos de moedas de ouro e saiu de casa.

Uma vez na rua foi surpreendido por uma lufada de vento frio que o fêz recordar a capa vendida.

— Não faz mal. Comprarei outra, ou um bom sobretudo — disse consigo.

Encaminhou-se para a casa do alfaiate. Encontrou-o tirando as medidas de um cavalheiro.

— Quero o melhor sobretudo que tiver aquí. Forrado com o melhor pano e adornado de peles — replicou Pedro. E, assim dizendo, tirou do bolso um punhado de moedas e as derramou sôbre a mesa.

Ao ouvir o ruído característico do ouro o alfaiate deixou o outro cliente e aproximou-se do jovem, sorrindo e fazendo mil reverências:

— Tenho aquí um belíssimo sobretudo para o cavalheiro. Ia levá-lo para o governador, porém, se lhe agrada, cedê-lo-ei com todo o prazer. O cavalheiro é um antigo e estimado cliente e tudo farei para satisfazê-lo.

Pedrinho examinou o agasalho. Achou-o bom, porém pouco luxuoso e por isso ordenou que pusesses gola e punhos de arminho e mais uns cordões dourados.

Envolveu-se majestosamente no abrigo e saiu. Na porta já o esperava o tabelião.

— Deves-me uma moeda.

O jovem ia replicar, mas recordou-se do compromisso, tirou do bolso uma moeda e a entregou ao tabelião, que em seguida se afastou.

Depois de se ter exibido nas ruas da cidade, entrou na casa de jôgo onde os amigos já o aguardavam para a costumeira partida de cartas.

Grande foi o assombro dos companheiros, quando o viram trajado tão magnificamente como o governador, assombro que culminou com estupefação, quando Pedrinho, em vez de tirar do bolso uma mísera moedinha, tirava com tôda desenvoltura, um punhado de ouro.

Admirados de tanta riqueza e tanta liberalidade, aproximaram-se da mesa alguns viciados no jôgo e entre êles um vadio que se ofereceu para ensinar-lhe um

sistema científico para ganhar sempre no jôgo de cartas.

E cientificamente Pedrinho deixou nas mãos dos amigos, velhos e novos, todo o dinheiro que tinha, o que nada lhe preocupou, pois tinha em casa caixas e mais caixas de dinheiro...

Saiu da casa de jôgo com o ar mais tranqüilo do mundo, mas na porta encontrou o tabelião que lhe disse:

— Deves-me uma moeda.

O rapaz, sem comentar, a foi entregando.

De regresso à casa pensou que não estava condizendo o lugar em que morava com a sua posição abastada e resolveu mudar-se.

Naquêles dias a capital do estado tinha sido mudada para outra cidade e ficara desocupado o palácio do governador.

Foi uma ótima oportunidade para Pedrinho, que comprou o palácio com todo o mobiliário. Custou-lhe mais essa vaidade milhares de moedas de ouro, e, claro que isto também representou uma porção de outras moedas que êle teve que pagar ao escrivão.

— Inaugurarei a nova mansão dando um grande banquete aos meus amigos — pensou.

E dito e feito. No dia seguinte as escadarias do palácio viram subir uma longa fila de convidados.

Inútil será relacionar aqui a quantidade de frangos, leitões, estorninhos, faisões, perdizes, perús e calhandras que foram saboreados pelos convidados, acompanhados de saborosos e caros vinhos.

Depois da grande festa Pedrinho não se esqueceu do jôgo e, com alternativas de sorte e de adversidades, se retirou da mesa às nove horas da manhã do outro dia com apenas duas moedas no bolso. Morto de cansaço dispôs-se a deitar-se. Entretanto, à porta do seu dormitório lá estava o tabelião.

— Deves-me duas moedas.

— Como? Por que duas?

— Quero a primeira pelo que ganhaste ilìcitamente e a outra pelos gastos exagerados que fizeste com a festa da noite passada.

Cansado e quase dormindo, Pedrinho entregou as moedas exigidas pelo escrivão.

Na manhã seguinte, apenas despertou, fêz servir-se na cama abundante refeição e entre um pastel e um croquete, chegou à conclusão de que seria um tôlo se se perdesse entre tratados de medicina ou lições de anatomia, uma vez que não necessitava ser médico nem trabalhar para ganhar a vida.

Convencido disto vestiu-se lentamente e perdeu um par de horas diante do espêlho.

O relógio dava doze horas quando decidiu sair para dar um passeio. Encontrou com alguns amigos estudantes que saiam da Universidade. Convidou a subir na carruagem todos os que nela cabiam e os conduziu a um restaurante, para almoçarem. E depois de comer sairam com a intenção de se acomodarem sob as árvores e fazer a sesta.

Na porta do restaurante Pedrinho esbarrou com o tabelião, que reclamou a moeda de costume. O rapaz ficou bastante aborrecido, dessa vez, não pela moeda, pois que em casa possuia milhares delas, mas sim porque aquêle camarada, com seu aspecto fúnebre, lhe tirava todo o encanto da vida. Deu-lhe a moeda, porém disse:

— Seja! Mas previno-o de que já começo a cansar-me da sua presença. Aquí tem uma moeda e faça-me o favor de sumir!

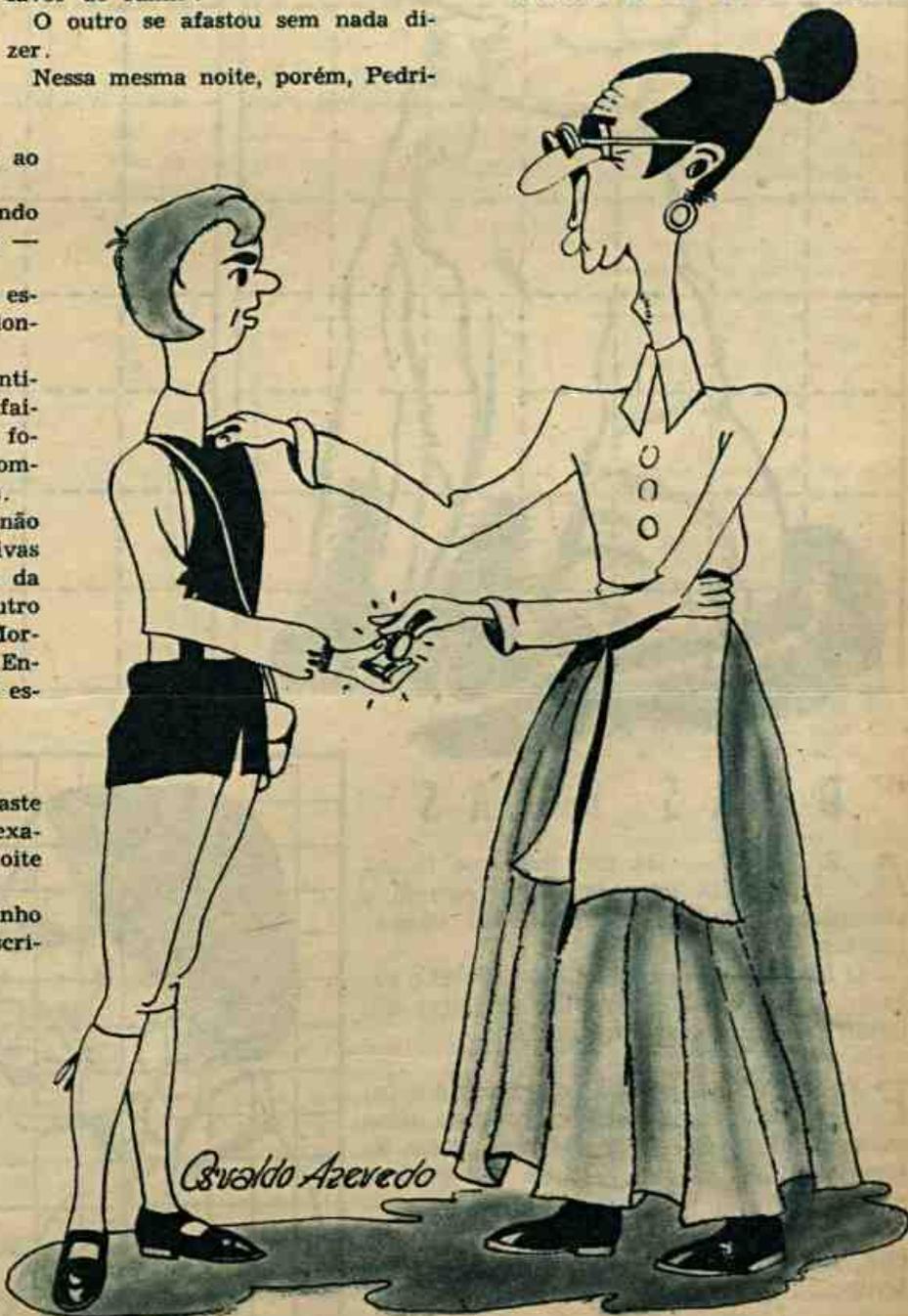
O outro se afastou sem nada dizer.

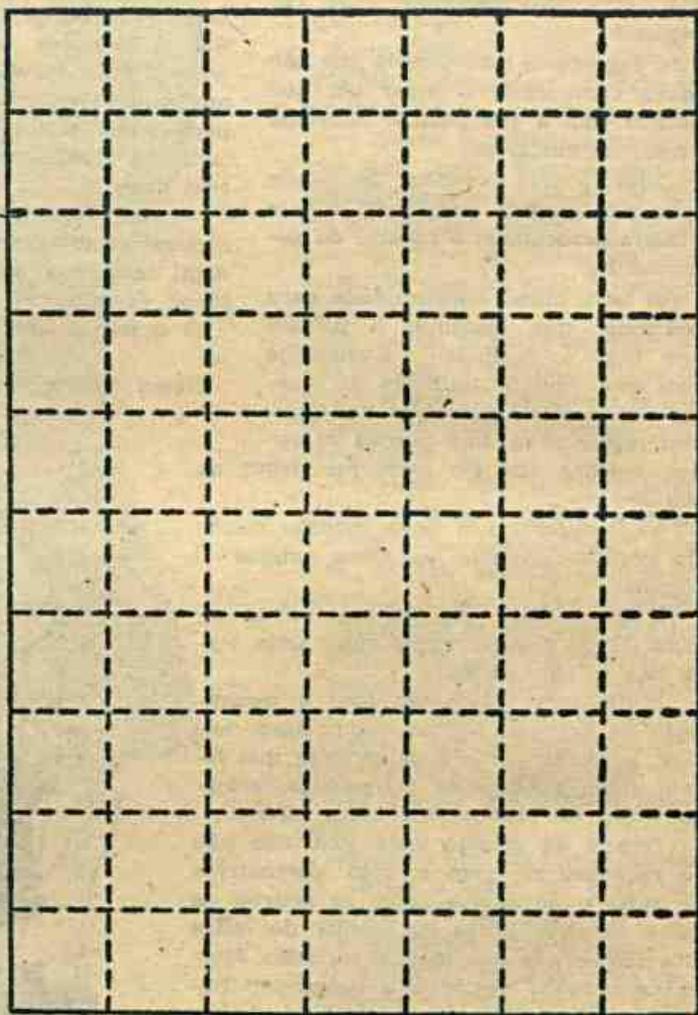
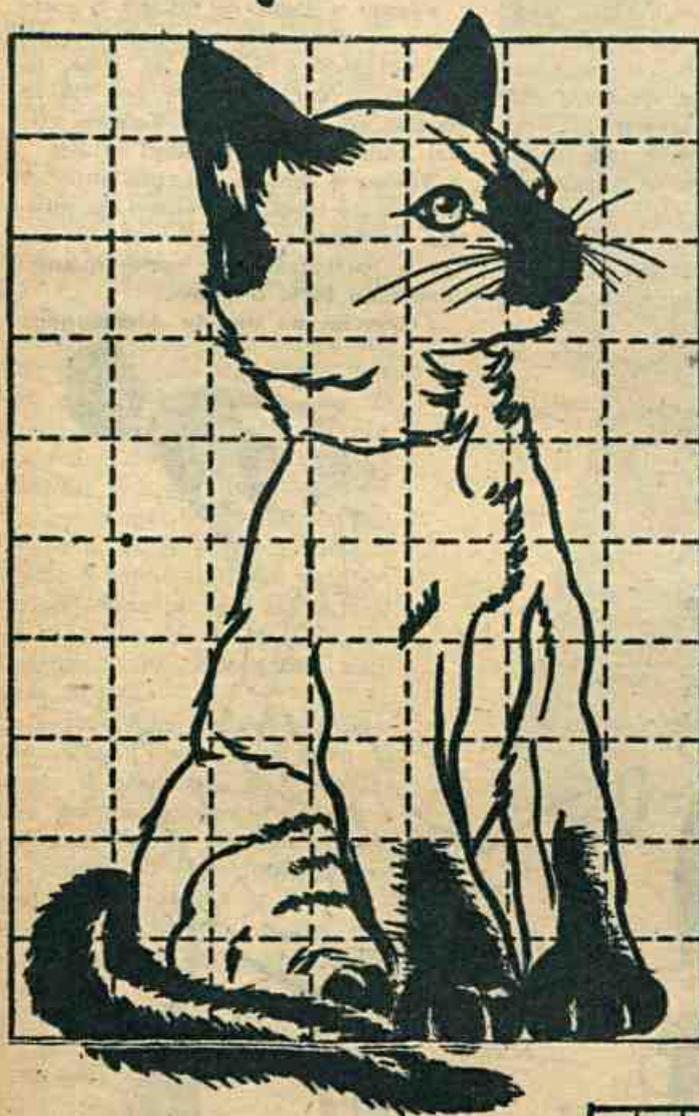
Nessa mesma noite, porém, Pedrinho tornou a se encontrar com êle, ao sair da casa de jôgo; e no dia seguinte também, na porta da florista, na joalheria, na sua alfaiataria no teatro, etc.

Quantas moedas de ouro lhe cobrou? Como poderemos saber? A todo instante o rapaz lhe dava motivo para que aparecesse. Finalmente resolveu abandonar a maioria dos gastos supérfluos para se dedicar inteiramente ao jôgo.

Passou a jogar de manhã à noite e como perdeu até o último níquel, foi obrigado a vender as jóias, os móveis, a carruagem, e por fim o palácio em que residia. Vendeu, afinal, tudo que era possível vender.

Voltou à mesma situação anterior à visita do tabelião. Pensou em morrer, atirando-se ao rio. Já ia saltar a balaustrada da ponte quando uma mão forte o reteve.

(Conclui no fim do Almanaque)

Pratique no DESENHO

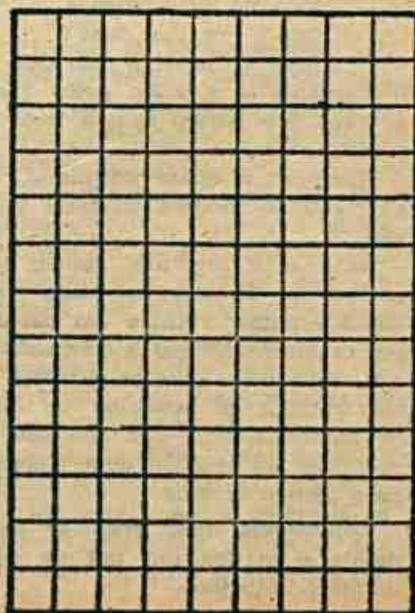
VOCÊS sabem como se faz. De quadrícula em quadrícula vão-se transportando os traços e as figuras serão, assim, reproduzidas.

DUAS BOAS

A ESPOSA: — Há um mês que te dei esta carta para botar no correio e encontro-a na algibeira do teu casaco marron.

O MARIDO: Eu me lembro! Tirei o casaco, nessa ocasião, para lhe pregares um botão e êle ainda não foi pregado...

•

FRENÉTICO, a pena a correr sôbre o papel, Fulgêncio está escrevendo uma carta a qual, vê-se bem, êle tem pressa de fazer seguir. A certa altura, diz para a mulher:

— Enquanto eu acabo de escrever, fecha tu o envelope. Assim ganharemos tempo...

MESA AUXILIAR

PARA VOCÊ FAZER

AQUI está um pequeno móvel que prestará ótimos serviços.

É fácil de fazer e sua construção não exige grandes conhecimentos de carpintaria.

Toma-se uma táboa de madeira de 40 cm. de largura e 20 milímetros de espessura, e dela se cortam dois pedaços de 80 cm. de comprimento e outros dois de 67 cm. Os dois primeiros farão o papel de pés e serão cortados na fórma indicada pela nossa ilustração, isto é, com uma abertura retangular de 2 x 20 cm. na parte superior e com um corte escalonado formando pata na parte inferior.

Éste último tem importância decorativa e, além disso, diminui a superfície de contato com o chão, onde é fácil que se junte pó.

Além disso, fazem-se quatro encaixes, dois de cada lado e separados por uma distância de 40 cm. A medida dêsses encaixes é de 10 cm de comprimento por 2 de largura e 1 de profundidade.

As duas táboas de 67 cm. são cortadas de acôrdo com as figuras, deixando em cada uma das extremidades duas saliências, ou alêtas de 10 cm. de comprimento, por 1 de profundidade. A ligação se faz muito simplesmente, localizando as alêtas das táboas transversais nas ranhuras dos pés, depois de ter colado os pontos de união.

O trabalho se conclui lixando o conjunto e suavisando depois a superfície com uma boneca contendo pedra pomes em pó e, depois laqueando.

Uma combinação de duas cores seria interessante: por exemplo o conjunto em laca amarela e os rebordos em preto, o que produz excelente efeito e permite a perfeita adaptação do móvel a qualquer tipo de mobiliário.

CURIOSO DE FATO

O padroeiro dos chauffeurs é São Cristovão, que é festejado a 25 de julho.

*

Guilherme de Almeida foi recebido na Academia Brasileira de Letras por Olegário Mariano em 21 de junho de 1930.

*

A foz do Amazonas foi descoberta por Vicente Pinzon, em setembro de 1500.

*

Pindorama, ou seja região das palmeiras, era o nome que os tupis davam ao Brasil.

*

Lord Roger Keyes, almirante da frota briânica e fundador dos "comandos", faleceu aos 73 anos em Londres a 26 de dezembro de 1945.

*

Uma ocasião começou Diogenes a exigir que lhe erigissem uma estátua. E como alguém observasse o absurdo da ideia o filósofo explicou: — "Estou pedindo isso para me acostumar a não obter o que desejo !"

*

O "Tabernaculo" origina-se de uma tenda, que Moisés fez construir no deserto no ano de 1461 antes de Jesus Cristo e que servia de Templo aos Israelitas, até que Salomão construiu o Grande Templo de Jerusalém.

*

Rogerio Bacon, um dos mais notáveis sábios do século 13, nasceu na Inglaterra, no ano 1214 e morreu em 1294. Os seus vastos conhecimentos de química, física, matemática, astronomia e medicina, grangearam-lhe o título de "Doutor Admirável".

*

A luz do antigo farol de Alexandria era vista de uma distância de 61 quilômetros.

*

ÚLTIMO RECURSO

— MÉDICO: — Escute aqui... O amigo já experimentou almoçar e jantar todos os dias?

RESULTADO INESPERADO

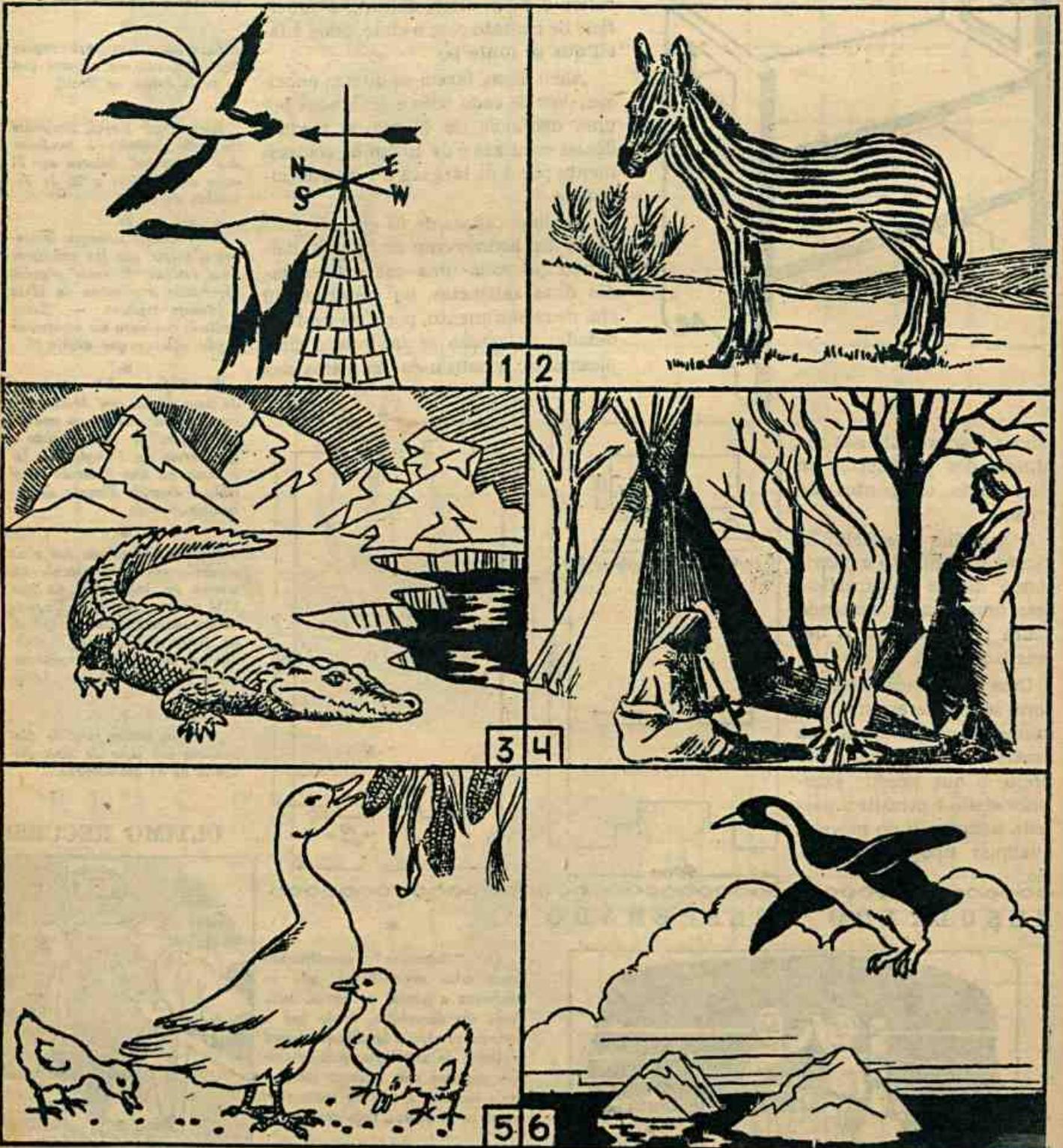
*

Os "Sabeistas" constituiram uma seita supersticiosa, que se dedicava a adorar os astros, seita hoje em descrédito, desde que a ciência revelou a ignorância desses cultores da astrologia, pois os corpos celestes não influem sobre a vida humana, a não ser como afirmam os cientistas, pela gravitação.

*

Os "huguenotes" eram protestantes franceses.

QUANTOS ÊRROS HAVERÁ AQUI?

Muitos êrros você encontrará aqui, nos desenhos desta página. Descubra quais são e anote-os, para depois conferir com a solução que aparece no fim do Almanaque. Observe bastante cada quadro. Os êrros são de várias especies. Se você os descobriu todos, parabens, pois é dono de uma inteligência arguta e possui senso de observação muito desenvolvido.

O ALMANAQUE DE "TIQUINHO" ESTÁ À VENDA EM TODO O BRASIL E OFERECE PÁGINAS VERDADEIRAMENTE ENCANTADORAS.

GOIABADA MARCA PEIXE

INDÚSTRIAS ALIMENTICIAS
CARLOS DE BRITO S. A.

FABRICAS "PEIXE" — RECIFE — PERNAMBUCO

UMA TABELA CALENDARIO

1

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

2

D	S	T	Q	Q	S	S
-	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

3

D	S	T	Q	Q	S	S
-	-	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

4

D	S	T	Q	Q	S	S
-	-	-	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Jan. 31[d]	56-61-67 78-84-89 95	59-70-76 81-87-98 -	62-68-73 79-90-96 -	60-65-71 82-88-93 99	57-63-74 80-85-91 -	55-66-72 77-83-94 2000	58-64-69 75-86-92 97	Jan. 31[d]
Fev. 28/29	59-70-76 81-87-98 -	62-68-73 79-90-96 -	60-65-71 82-88-93 99	57-63-74 80-85-91 -	55-66-72 77-83-94 2000	58-64-69 75-86-92 97	56-61-67 78-84-89 95	Fev. 28/29
Mar. 31	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89-95 2000	Mar. 31
Abr. 30	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83 88 94	58-69-75 80-86 97 -	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	Abr. 30
Maio 31	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 30-86-97	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	Maio 31
Jun. 30	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	Jun. 30
Jul. 31	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89 95 2000	59-64-70 81-87-92 98	Jul. 31
Ag. 31	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	Ag. 31
Set. 30	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	Set. 30
Out. 31	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	Out. 31
Nov. 30	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99 -	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89-95 2000	Nov. 30
Dez. 31	57-63-68 74-85-91 96	55-60-66 77-83-88 94	58-69-75 80-86-97 -	61-67-72 78-89-95 2000	59-64-70 81-87-92 98	56-62-73 79-84-90 -	65-71-76 82-93-99	Dez. 31

5

D	S	T	Q	Q	S	S
-	-	-	-	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31
-	-	-	-	-	-	-

6

D	S	T	Q	Q	S	S
-	-	-	-	-	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	-	-	-	-	-	-

7

D	S	T	Q	Q	S	S
-	-	-	-	-	-	1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31	-	-	-	-	-

Anos bissextos: 1956 ; 1960 ; 1964 ; 1968 ; 1972 ; 1976 ; 1980 ; 1984 ; 1988 ; 1992 ; 1996 ; 2000

A tabela que oferecemos aos nossos amiguinhos, dá o calendário de todos os mêses dos anos entre 1956 e 2.000 (inclusive).

Para se saber o dia da semana correspondente a uma determinada data, basta procurar o mês que se deseja, na coluna à esquerda ou à direita (acima das setas) e procurar nos quadrinhos do centro onde se encontra a dezena final do ano também desejado.

Achada esta, descer ou subir, conforme fôr o caso, e dará com o calendário (com os dias da semana e datas), que servem para o seu caso. No calendário que achou, verá então, como habitualmente fazemos, em que dia da semana cai a data que se deseja.

EXEMPLO

Suponhamos um exemplo: em que dia da semana cairá o Natal de 1957?

Vejamos o mês de Dezembro, último da coluna da seta. Procuremos, nos quadrinhos, o número 57 (dezena final do ano desejado). Está logo à esquerda, é mesmo a primeira dezena. Sobe-se, então, para o primeiro calendário (n.º 1) para onde o caminho está livre e nêle se verifica fàcilmente que o dia 25 cairá numa quarta-feira.

POR QUE SE COSTUMA DIZER QUE A FERRADURA DÁ SORTE?

A crença de que uma ferradura de cavalo dá sorte provém, muito possivelmente, de uma velha lenda inglêsa.

Nela se conta que o diabo se apresentou um dia ao prelado inglês Dunstan, que foi mais tarde arcebispo de Canterbury e depois canonizado. Dunstan tinha sido ferrador e Satan perguntou-lhe se lhe queria colocar uma ferradura num pé. Dunstan, que o tinha reconhecido, aceitou e depois de lhe segurar a ferradura contra o casco iniciou uma série de boas marteladas sobre os cravos.

O diabo, dando urros de dor, apelou para os sentimentos humanos do ferrador pedindo menos violência.

— Assim farei — com uma condição, respondeu Dunstan. — E' que nunca mais passarás em lugar onde haja ferraduras.

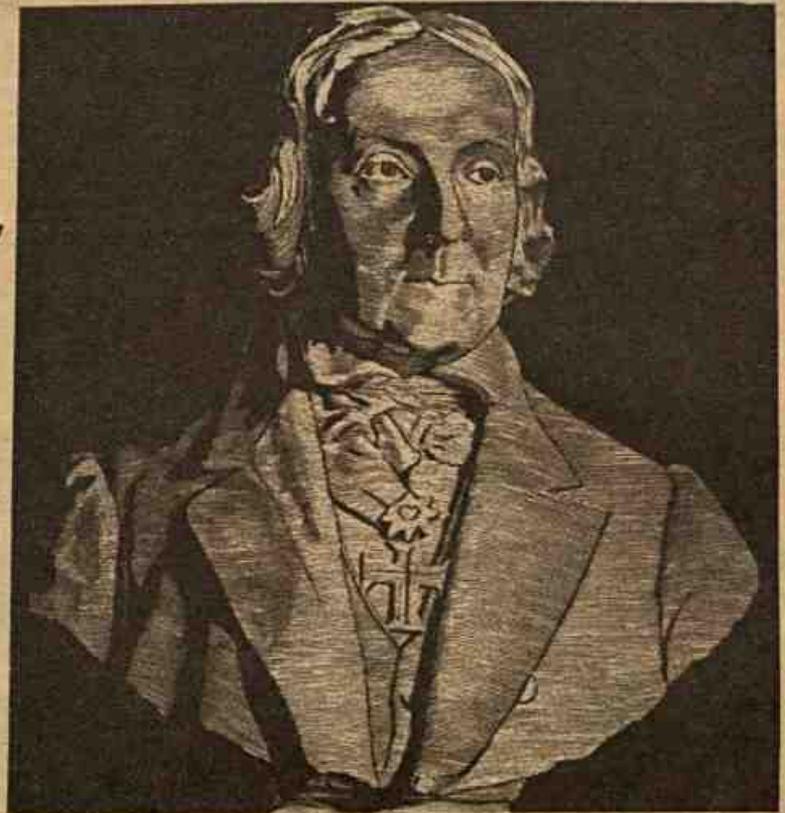
Satan deu a palavra e cumpriu.

E' a contar deste momento que corre a lenda da sorte trazida pela ferradura.

UM GRANDE BRASILEIRO

JOSÉ Bonifácio

por

Lucia Miguel Pereira

NAQUELE tempo o Brasil era colônia de Portugal; um país colônia era um país escravo: tudo o que aqui se produzia ia enriquecer o velho reino, os brasileiros não tinham direito a nada, nem à instrução. Quem quisesse estudar, precisava deixar a família, meter-se num navio de vela que levava meses a atravessar o oceano, e ficar anos seguidos em Portugal.

Foi o que fez o jovem paulista José Bonifácio de Andrade e Silva, que, de Santos, onde nascera, partiu para Coimbra com 20 anos. Já era então poeta, já sabia muita coisa; mas queria saber mais, queria saber mais, formar-se, vir a ser um naturalista, conhecer os metais e pedras preciosas que existiam no solo de sua pátria. Realizou a sua ambição, mas quem primeiro lhe aproveitou o saber foi Portugal. Percebendo-lhe o valôr, o govêrno português, depois de lhe ter facilitado uma viagem de dez anos pela Europa, a fim de especializar-se em ciências naturais, tratou de retê-lo, dando-lhe altos cargos. E êle se afeiçoou tanto ao país onde vivia que, quando os exércitos de Napoleão o invadiram, fez-se soldado para defendê-lo. Mas no fundo de seu coração não morria o amor pelo Brasil; o que sonhava era vir para cá, ser útil a seus patrícios.

— *Toca logo, diabo! Senão eu chego atrasado no emprêgo, outra vez!!*

Já tinha 57 anos quando, afinal, pôde voltar. Era um sábio respeitado na Europa, e largava tudo pela sua terra. Aqui chegando, encontrou uma situação muito diferente da que deixara. D. João VI, que para cá viera fugindo da invasão francesa, dera um grande impulso à colônia, elevara-a à categoria de reino, concedera aos brasileiros direitos iguais aos dos portugueses. E os portugueses, enciumados, chamaram o seu rei e quiseram reduzir outra vez o Brasil a colônia. O príncipe D. Pedro, que governava como regente, tomou o partido dos nossos. Mas era moço, inexperiente, precisava de quem o guiasse. Teve a inspiração de recorrer a José Bonifácio, que assumiu a direção do movimento patriótico do qual resultou a independência do Brasil. O novo império venceu muitas dificuldades, porque tinha para governá-lo homens de valôr, dos quais o maior era José Bonifácio. Queria fazer do Brasil um grande país; dos brasileiros, brancos, pretos ou índios, criaturas livres, felizes e sadias; para isso lutou muito, até contra o próprio imperador, que cometeu graves erros. E o prêmio que teve foi o exílio, onde amargou seis anos.

Nada, porém, o impedia de trabalhar pela sua terra. Já estava de novo aqui quando D. Pedro I abdicou em favor de seu filho, que contava apenas cinco anos. E foi do amigo, vítima de sua ingratidão, que se lembrou para tutor do menino. Os novos governantes não viam, entretanto, com bons olhos o velho e grande Andrada, a quem destituíram do cargo e prenderam.

Estava acabada a sua carreira política, cheia de glória e sofrimento. O sofrimento era passageiro, terminou com a sua morte, e a glória é eterna. Vale a pena padecer para ser, como José Bonifácio, o pai da sua pátria.

OS TRÊS PODERES

UM rei, que tinha três filhos, um dia os chamou e lhes falou da seguinte maneira:

— Resta-me pouco tempo de vida. Não levarei, quando morrer, nem meu reino, nem meu palácio, nem tampouco as riquezas que possuo. Tudo ficará para vocês. Antes, porém, quero repartir minha herança sem disputas nem rancores que quebrem a tranqüilidade da minha morte. Assim, pois, cada um deve escolher já o que mais lhe agradar e se houver alguma dúvida, eu resolverei.

— Eu, — disse o mais velho — escôlho a coroa, com o poder e a autoridade que representa. Eu não peço nada fora da justiça, porque isto toca ao primogênito, segundo as leis e os costumes de nosso reino.

— Dizes bem. Tua é a coroa.

— Eu, — disse o segundo — escôlho os tesouros e as propriedades, porque é justo que quem é filho e irmão de reis tenha que manter o bom nome da dinastia.

— E se levas tudo por direito de prioridade, que restará para teu irmão mais novo, que é tão meu filho como vocês?

— Êle ficará com os palácios da cidade e os do campo, que o futuro rei não ocupará, certamente.

— Não os quero, — disse o mais moço dos irmãos — porque palácio sem renda mais provoca risos do que respeito. Deixa-me apenas a biblioteca da família. Esta não fará grande falta a meus irmãos; que, se forem bons administradores, fàcilmente poderão adquirir uma igual ou melhor do que esta. Juro, pelo respeito que tenho a meu pai, que a escôlha que fiz me tornará muito feliz, e não seria outra, mesmo que fôsse eu o primogênito.

— Faça-se como pediram. Assim eu morro tranqüilo, visto que os deixo em paz.

E pouco tempo depois o rei falecia.

Ulrico, assim se chamava o mais velho, iniciou o govêrno do país.

Waldomiro, o segundo, passou a gozar suas riquezas, levando vida de príncipe rico.

Sérgio, o mais moço, dedicou-se a aperfeiçoar seus conhecimentos, que já eram grandes e a cultivar a sabedoria, ampliando sua cultura.

O rei Ulrico dispunha a seu capricho de vidas e propriedades, mas, não possuindo outras rendas além das da "lista civil", não muito abundante, vivia com modéstia desproporcional ao poder e autoridade. E invejava o irmão Waldomiro. Êste vivia com tanto luxo que parecia um príncipe das antigas dinastias da Babilônia. Dava festas e banquetes em seu palácio da cidade, organizava caçadas, etc. Mas, não tendo poder soberano, invejava o irmão.

Ambos, porém, concordavam em uma coisa: desdenhar a vida de Sérgio, que, nem rico nem poderoso, passava os dias na sua biblioteca estudando e meditando.

— Tudo posso com meu cetro! — dizia Ulrico.

— Tudo posso com meu ouro! — dizia Waldomiro, atirando para o ar as suas moêdas.

E, efetivamente, o rei, à custa de seu povo, acabou por se fazer rico.

E o irmão, o príncipe, à fôrça de dádivas, conquistou grande quantidade de partidários que o proclamaram rei de um território vizinho.

Ulrico e Waldomiro tornaram-se vaidosos de satisfação e de orgulho, pensando que tinham conquistado a felicidade.

Suas pilhagens e seus esbanjamentos, porém, provocaram a ira dos súditos que pouco tempo depois se revoltavam contra os dois irmãos, que pareciam eternamente sentados sôbre seus tronos. Combatidos, derrotados e abandonados pelos antigos amigos, tiveram que fugir de seus reinos, abandonando tudo.

O povo incendiou os palácios e os castelos dos dois reis, não perdoando sequer o pobre Sérgio, embora êste não houvesse tomado parte nas suas dissipações.

Os três irmãos conseguiram, com grande esfôrço, refugiar-se em um navio que os levaria a uma ilha distante, pouco habitada.

Nenhum dêles conhecia sequer de nome a tal ilha, mas, como não tinham para onde ir, resignaram-se a ir para lá, à espera de que a sorte os favorecesse e pudessem recuperar tudo que tinham perdido e que tanta falta agora lhes fazia, principalmente a Ulrico e Waldemiro que estavam acostumados ao luxo e à abastança, com centenas de criados para atendê-los. Em vez de se conformarem com a sorte que, em parte, era bem merecida para os dois, não cessavam de blasfemar. Sérgio, entretanto, embora sentindo ter deixado suas pequenas comodidades, seus aposentos modestos e sossegados, não protestava.

— Não se aborreçam. — dizia aos dois irmãos. — Isto e uma experiência que Deus está fazendo conosco e devemos

suportá-la com coragem, como homens que somos e com resignação de cristãos. Que adianta nos queixarmos? Ninguém nos ouvirá e, ainda que nos ouvissem, pouco ou nada poderiam fazer para nos ajudar. Além disso, vocês estão certos de não haverem atraído sôbre nossas cabeças um castigo, praticando crueldades e imposições, humilhando seus súditos e tratando-os como animais, como seres sem sentimentos e sem inteligência?

— Chega! — exclamou Ulrico — Não sabes o que dizes. És sempre o mesmo!

— Nunca está de acôrdo conosco. — disse Waldomiro. — Somos sempre os errados, para êle.

— Não é bem isso. — retrucou Sérgio entristecido por ver que os irmãos não lhe queriam dar razão. — É que me preocupa vê-los obstinados, não querendo ver a verdade. Tanto você, Ulrico, como Waldomiro, poderiam ter governado por muitos anos, amados e respeitados pelo povo, como êles amaram e respeitaram nosso pai, se tivessem sido comedidos, tolerantes e respeitadores.

— Escuta, meu irmão, — interrompeu Ulrico — a situação não é para sermões, e sim para soluções rápidas. Suponhamos que desembarcaremos nessa ilha, que me parece um lugar muito monótono, a julgar pelo aspeto que oferece à distância. Ou eu não vejo bem, ou não existem alí grandes palácios, dignos de abrigar dois reis como nós.

— Já não são mais reis! — disse Sérgio — Agora vocês são tão pobres como o mais infeliz dos mendigos que andam pelos caminhos pedindo esmolas.

— Pouco durará isto, estou certo — replicou Waldomiro. — Quando desembarcarmos já sei o que devo fazer.

— E eu. — acrescentou o irmão enquanto o navio atracava e os marinheiros desciam para procurar provisões e partir em seguida, depois de deixar alí os três passageiros fugitivos.

Ulrico desceu primeiro, com passo firme e cabeça erguida, como quem está acostumado a ser o primeiro em tudo.

Em seguida desceu Waldomiro, pisando com cuidado para não pôr o pé na lama, e ilhando com desprêso as toscas vivendas do lugar, como quem não sabe viver sem ser em meio de alfombras, tapetes e confôrto.

Por último desceu Sérgio com uma expressão de felicidade, olhando com curiosidade ao seu redor, como quem se satisfaz em ver coisas novas e costumes diferente. Seu amor ao estudo lhe dava alí a felicidade que faltava a seus irmãos.

Andaram durante algumas horas pelo povoado, sós e tristes, sem outro agasalho, sem outra roupa além da que traziam no corpo e sem dinheiro para pagar hospedagem. A única coisa que com êles se salvara era um livro, que Sérgio carregava consigo.

Caiu a noite e dormiram na rua. E dormiram mal, e pouco, porque não demorou a vir um guarda da polícia que os despertou, dizendo que naquela terra não se permitia que mendigos ficassem vagando ou dormindo nas ruas.

Ao se verem tratados daquela maneira os dois orgulhosos ex-monarcas se desmandaram contra o guarda e êste os levou presos até o governador da ilha, que tinha aspeto severo.

— Por que dormiram na rua? — indagou.

— Porque não temos dinheiro.

— Pois é necessário ganhá-lo, trabalhando. Nós lhes daremos ocupação. O que sabe fazer? — perguntou ao mais velho dos irmãos.

— Eu? Mandar. — respondeu êste com orgulho. — Fui rei.

— Bom ofício quando há quem obedeça. E você, aí, que sabe fazer? — repetiu dirigindo-se a Waldomiro.

— Eu? Gastar — disse o segundo. — Fui possuidor de imensos tesouros.

— Bom ofício, quando há muito dinheiro — disse o governador.

— Perdemos tudo. Reinos e dinheiro.

— Vocês perderam tudo; eu nada. — disse Sérgio, dirigindo-se aos irmãos.

— Pois se nem você nem nós temos mais com que nos cobrir, sequer!

— Por isso é que não perdí nada. Salvei tudo que era meu. O que tinha está comigo. No meu cérebro.

— E a biblioteca?

— Também a trago comigo. Na memória.

— Pois você será o único que viverá neste país — disse a autoridade, que ouvia, atenta, a troca de palavras entre os irmãos. — Para você temos trabalho. Viverá entre nós ganhando para seu sustento.

E os dois soberbos príncipes ficaram muito tristes e humilhados diante daquêle que tanto haviam depreciado. Só agora compreendiam que existe apenas uma riqueza que se não acaba, que é eterna: a sabedoria. Não há poderes, no mundo, que suplantem o saber, a inteligência e a cultura. Êsses são os três grandes insuperáveis poderes.

ISABEL, A CATÓLICA

PROTETORA DE COLOMBO

A grandeza de certas soberanas, como a rainha Vitória, por exemplo, lhes vem de terem reinado sôbre uma nação no apogeu de poder; outras, como a primeira Elizabeth da Inglaterra, por se terem cercado de homens ilustres. Mas Isabel, a católica, rainha de Espanha, fez, ela sòzinha, a grandeza de seu país e de sua época.

Mais venerada, hoje, que qualquer heroína espanhola, a real protetora de Cristóvão Colombo nasceu a 22 de abril de 1451 numa pequena povoação cujo nome soa como um clarim, Madrigal de las Altas Tôrres.

Seu pai era rei de Castela, e a cidade natal de Isabel se enobrecia de altas tôrres, porque fôra lá, na planície banhada pelos ventos e abrigada do sol, que seiscentos anos antes os cavaleiros cristãos haviam oposto a derradeira resistência ao invasor mouro. Depois, durante séculos, os ancestrais de Isabel haviam lutado para reconquistar o país e foi dêles que ela herdou o ardor feroz dos cruzados. Dotada de coração nobre, de vontade inflexível e enorme inteligência, a pequena princesa, que repousava em seu berço cinzelado, devia conhecer um futuro excepcional.

E, com efeito, foi sob a inspiração de sua fé que as embarcações de um marinheiro genovês, até então desconhecido, se fizeram ao mar para a descoberta do maior segrêdo da História.

Isabel era ainda uma criança quando morreu o rei, seu querido pai. Sua mãe se converteu numa sombra melancólica e a corôa de Castela coube ao meio-irmão de Isabel, Henrique, denominado "O Fraco". Eis que, cativa da lúgubre frieza da côrte madrilenha, a jovem princeza, grave e ponderada, a fronte naçarada, ondulante cabeleira dourada e brilhante, olhos azuis irisados de ouro e esmeralda, tomou-se de grande piedade por uma Espanha desunida na qual um rei reinava em Castela e outro em Aragão, enquanto os Mouros se apoderavam de Granada e do Sul do país.

Aos dezessete anos, ela foi pedida em casamento por três pretendentes. O primeiro era o rei de Portugal, que tinha idade suficiente para ser seu pai. Henrique, meio-irmão de Isabel, entretanto, via com bons olhos esta odiosa união. O segundo candidato era o choroso e indeciso duque de Guyenne, segundo irmão do rei de França. Quanto ao terceiro, o cavalheiresco príncipe Fernando de Aragão, Isabel pensava nêle desde a infância. Era jovem, e foi o escolhido, não apenas pelo seu coração, mas por todo o povo castelhano.

Furioso com a escôlha, Henrique ameaçou enclausurar a irmã, que correu a se refugiar em seu país natal, onde ofereceu seu amor e sua mão ao belo Fernando. Aproveitando a ocasião para reunir as duas metades da Espanha católica, Fernando assinou incontinenti o contrato de casamento e o remeteu a Isabel, com um colar de rubís que herdara da mãe.

Informado por seus espiões, Henrique guarneceu suas fronteiras de homens com a missão de se apoderar de Fernando, assim que êle pusesse o pé no sólo de Castela.

Mas um dos agentes de polícia não reparou num jovem condutor de mulas, com o rosto sujo e as roupas esfarrapadas, que passou, sem embaraço, a fronteira, com sua carroça. E no grande salão do palácio de Valladolid apareceu, pela primeira vez aos olhos da jovem noiva, o belo, o elegante, o aguerrido príncipe Fernando, cuja fronte severa não se adoçou mais do que para um sorriso. Alguns dias mais tarde, a 19 de outubro de 1469, os dois jovens se uniram e desta união indissolúvel de castela com Aragão nasceu uma nova nação, a Espanha moderna.

TRADUÇÃO DA PROF. IEDDA LUIZA SANTOS

Sem deixar transparecer qualquer sombra de pesar, Henrique IV, o Fraco, morreu e o trono vago de Castela foi oferecido a Isabel. E, ainda, foi preciso que ela tomasse posse imediatamente, e sòzinha, porque outro pretendente já fazia valer seus direitos, e Fernando fôra chamado a reprimir uma revolta em Aragão.

Assim, a 13 de dezembro de 1474 ornada de arminho e montada sôbre um cavalo branco, Isabel recebeu as insígnias reais na Praça de Segóvia, e durante a brilhante cavalgada dois pagens, que a escoltavam, levaram sôbre uma almofada a coroa do ausente.

Quando Fernando retornou, tomou-se de um acesso colérico. "Já se tinha visto uma rainha ser coroada sem seu espôso?!" "E desde quando as espanholas pretendiam o mesmo poder que seu senhor e dono?"

Como resposta, Isabel lhe mostrou o contrato nupcial, que limitava os direitos de Fernando, em Castela, aos de um príncipe-consorte, tratado que o rei havia assinado fiando-se, sem dúvida, na ascendência natural do homem sôbre o sexo fraco, para ajeitar as coisas em seu proveito. Ele sabia, agora, que sua espôsa era digna de respeito e não conhecia a fraqueza. Desde êsse dia, o par real se movimentou em unissono e esta prova liminar estreitou mais aquela união e serviu de alicerce a tôda a política do casal.

E esta fôrça lhe era bem necessária, em verdade.

Com seus jovens soberanos inexperientes, seu exército mingüado e seus cofres vazios pelas prodigalidades do rei Henrique, a Espanha parecia uma prêsa fácil às cobiças exteriores. E é assim que, pretendendo o trôno de Isabel, o rei de Portugal lançou na direção de Castela um exército de 20.000 homens bem treinados. Tal como Joana D'Arc, Isabel vestiu o elmo e a cota de malha e percorreu o país no corcél de batalha, levando o entusiasmo a todos os recantos. Os homens responderam em massa a seu apêlo e Fernando, instrutor valoroso, fêz ràpidamente daquêles voluntários uma tropa razoável.

Durante e campanha, Isabel se incumbiu, ela própria, de preparar as parêlhas de cavalos necessárias à artilharia pesada que seu querido marido conduzia a tôda pressa para a frente de batalha.

Organizou a Intendência, velou pelo abastecimento de víveres às

O PESCADOR CONTANDO AOS AMIGOS: — Outro dia fui pescar. Pesquei um peixe tão grande, mas tão grande que eu mesmo me disse assim: — Ora, também assim já é mentir demais! Que é isso?!!

A menina aproximou uma rosa do nariz da mamãe e perguntou:

— Está cheirosa?

— Cheire-a você mesma — respondeu a senhora.

— Não posso — disse a menina. — Estou resfriada e meu nariz está surdo...

tropas e com seus próprios olhos descobriu no mapa de operações os pontos-fracos das linhas portuguêsas.

Quando, porém, a primeiro de março de 1476 se iniciou, perto de Toro, a batalha que devia determinar a vitória, a real personagem se eclipsou e passou todo o dia rezando, deixando Fernando alcançar a vitória e colher os louros de sua glória.

Dedicou-se, depois, a ganhar a paz. Sob o reinado do defunto rei Henrique a côrte se tornara um verdadeiro foco de corrupção. Via-se então a rainha percorrer seu reino distribuindo, por tôda a parte, justiça, como um bom juiz. Pela primeira vez, os ricos sentiram que o dinheiro não lhes garantia a vida e mais de um nobre tremeu de angústia no dia em que Isabel mandou decapitar um ilustre espanhol sob a acusação de que êle havia matado um camponês. A confiança retornou ao espírito do povo de Espanha, que desde êsse dia passou a ter um grande destino.

Grande rainha, que se mostrou em tôdas as circunstâncias, Isabel não era menor como espôsa e mãe, e sempre fêz, ela própria, as camisas de seu marido, com dedos hábeis. E se portou corajosamente com seus cinco filhos na fadiga e no fragor das batalhas.

Acima disto tudo Isabel era piedosa. Considerava a cristandade como sua pátria e esta pátria corria um grande perigo. Três milhões de mouros infiéis mantinham ainda sob seu poder o sul da península, protegidos pelas serras andaluzas, de onde incursionavam impunemente, pilhando as cidades.

No Natal de 1481, o rei de Granada rompeu uma trégua, dificilmente respeitada, e se apoderou, de surpreza, de uma fortaleza castelhana. A Espanha se tornou, com isso, um campo de batalha. Enquanto isto, a leste, o Islã todo se ergueu tão ameaçador que a Europa ocidental se assustou face ao perigo.

Da França, da Inglaterra, da Irlanda acorreram, para esta nova cruzada, numerosos homens que se alistaram sob a bandeira dos "reis católicos".

Enquanto Fernando conduzia êste exército considerável ao campo da luta, a rainha se reservava aos problemas árduos de reabastecimento. À Alemanha pediu seus mais hábeis artífices, à Lombardia pesadas peças de artilharia. Para o transporte dêste complicado material, seus engenheiros transformaram impraticáveis caminhos na montanha em ótimas estradas e lançaram pontes sôbre abismos que não se acreditava que se pudesse transpôr.

As fôrças cristãs não tardaram a ver que a sorte das armas estava com elas e ondas sucessivas de homens invadiram Granada até bater às portas de Baza.

Nessa mesma ocasião, tendo a peste assolado os campos em luta, Isabel organizou com seu próprio dinheiro completos hospitais de campanha, com cirurgiões, medicamentos, tendas e ataduras.

Entretanto, durante o cêrco as tropas espanholas necessitaram de víveres e munições. Isabel empenhou seus rubis e pérolas, a baixela de ouro e prata de seus ancestrais e até a coroa de São Fernando de Castela.

Pôde, assim, acumular 14.000 mulas que, dos quatro cantos do reino levaram o abastecimento ao exército.

Málaga se rendeu. Baza capitulou em seguida, à simples notícia de que a rainha de Castela estava entre os soldados, tanto o inimigo sabia que apenas a presença dela bastaria para determinar a invencibilidade das tropas espanholas.

Foi então que um novo sonho nasceu naquela loura fronte coroada. Três anos antes um marinheiro de estatura elevada, um genovês chamado Cristóvão Colombo, viera à côrte apresentar um projeto fantástico e maravilhoso. Isabel não podia esquecer a segurança com que se expressava aquêle homem, o olhar franco daquêles olhos cinzentos, a expressão resoluta de seu rosto moreno e, sobretudo, o sentimento de fé cristã que êle possuía. A simpatia mútua foi instantânea. E foi essa a chave que devia abrir as portas do Novo Mundo. Os incrédulos podiam duvidar, mas a rainha, essa, admitia que a Terra era redonda. E eis que o ousado navegador propunha penetrar nas profundezas desconhecidas do Ocidente, para alcançar o Oriente atingindo o Japão ou a Índia e talvez mesmo conquistar terras desconhecidas para a Coroa e a Cruz.

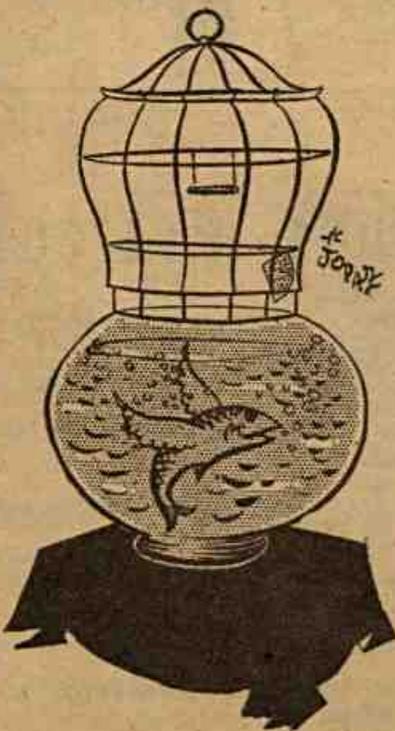
O maravilhoso projeto alvoroçou a imaginação da rainha, mas Fernando, prudente em excesso, se opôs obstinadamente e Isabel tinha como princípio não fazer nada sem consentimento do marido. Assim, quando, em 1488, Cristóvão Colombo voltou com a mesma idéia, ela não pôde fazer mais do que lhe dar um pouco de dinheiro, encorajando-o a ter paciência até o fim da guerra contra os mouros.

Esta guerra terminou a 2 de janeiro de 1492, com a capitulação de Granada. Pela primeira vez, depois de 777 anos, os cristãos podiam circular pela cidade, não mais na condição de escravos mas como conquistadores livres. E foi assim que no palácio de Alhambra o rei e a rainha da Espanha viram reaparecer o aventureiro resoluto.

Todavia, recusaram uma vez ainda patrocinar a emprêsa mais prodigiosa de todos os tempos. Depois de seis anos de insistência e miséria, Colombo foi expulso da Granada e se foi, na sua mula, com a alma dilacerada.

Sua presença, porém, havia deixado um traço profundo na côrte e sua influência continuava a se exercer sôbre a rainha. Por seu turno, um rico financista espanhol, Don Luiz de Santangel, se preocupava com o projeto de Colombo e procurava conciliar o espírito dos nobres ao interêsse perspicaz da emprêsa. Esta emprêsa comportava, em suma, tão poucos riscos em vista dos gigantescos lucros que oferecia, que Fernando, pensando bem, mandou em breve, sôbre as pégadas da montaria de Colombo, um mensageiro com ordem de reconduzir com urgência o cavaleiro ao paço.

(Conclui na página seguinte)

INVENTOS MODERNOS

— *Gaiola para peixe-voador.*

O PADRE ERA ESPERTO...

Foi então assinado um pacto segundo o qual novas terras a conquistar seriam anexadas à Espanha e Cristóvão Colombo receberia o dízimo de todos os benefícios da emprêsa, o título de "Almirante do Mar Oceano" e três caravelas para se aventurar pelo Ocidente inexplorado. Mas para equipar êstes navios era preciso dinheiro e a Espanha estava quase em bancarrota, após a guerra. Isabel com um suspiro, pensou em sacrificar suas jóias com alegria, mas Santangel forneceu a metade dos fundos a Colombo, a outra metade o navegador pediu emprestada a seus amigos e a rainha requisitou barcos e equipagens do pôrto de Palos. Foi assim que as velas da "Niña", "Pinta" e "Santa Maria" desapareceram numa tarde no horizonte ocidental.

Quantas vêzes o pensamento da rainha deve ter ido em pós aquelas três caravelas ousadas!

"Para onde os ventos as teriam impulsionado?" — devia ela se perguntar. "Teriam elas soçobrado em alguma tempestade?" "Ter-se-iam espatifado ao encontro de recifes desconhecidos?" Mas, eis que, de repente, do fundo daquela imensidade silenciosa as notícias chegaram. Nos primeiros dias de 1493 uma mensagem de Lisboa anunciava que Colombo havia atravessado o mar ocidental e tomado posse de imensos territórios em nome de Suas Majestades Católicas. Enfim, a 15 de março os três barquinhos, batidos pelos furacões, lançavam âncora em Palos, de onde haviam partido sete mêses antes. Colombo retornou a Barcelona onde suas majestades haviam preparado suntuosa cerimônia de acolhimento.

Fernando e Isabel, com grande pompa, estavam sentados no trono quando Colombo se dirigiu até êles, seguido de seis índios emplumados, enfeitados de pinturas, levando estranhos objetos talhados à mão, ouro, papagaios gritadores com plumagens brilhantes e coloridas. À sua aproximação, os soberanos se ergueram, honra que não podia pretender qualquer mortal plebeu. De fato, aquêle marinheiro, de olhos de visionário, vinha de fazer dono da metade do globo o povo espanhol e acrescentar à fé cristã uma multidão de almas. Então, quando êle contou suas aventuras e mostrou seus triunfos, rei, rainha, príncipes, cardeais e tôda a côrte se pôs de joelhos para agradecer a Deus a Grande Descoberta.

Cristóvão Colombo fêz outras três viagens à América e foi ainda Isabel quem forneceu os navios, a equipagem, o dinheiro, os animais domésticos e as sementes, quem encorajou os colonos a se estabelecerem no Novo Mundo.

Depois de uma última expedição, Colombo pensava rever sua soberana, porém soube que a 26 de novembro de 1504 ela morrera, em Medina del Campo; aquela mulher que em uma geração havia tirado seu país da anarquia e da miséria para fazê-lo um reinado poderoso e unido, aquela mulher cuja fé e energia haviam tornado possível a emprêsa prodigiosa cujo sucesso abriu as portas de um mundo novo e marcou o início dos tempos modernos.

A PRECOCIDADE DOS MÚSICOS

Lulli, sendo ainda muito pequeno, tocava guitarra admiràvelmente e compunha melodias inspiradas.

Haendel, aos 8 anos de idade, tocava cravo no palácio do Duque de Saxônia.

Haydn compôs uma Missa aos 13 anos.

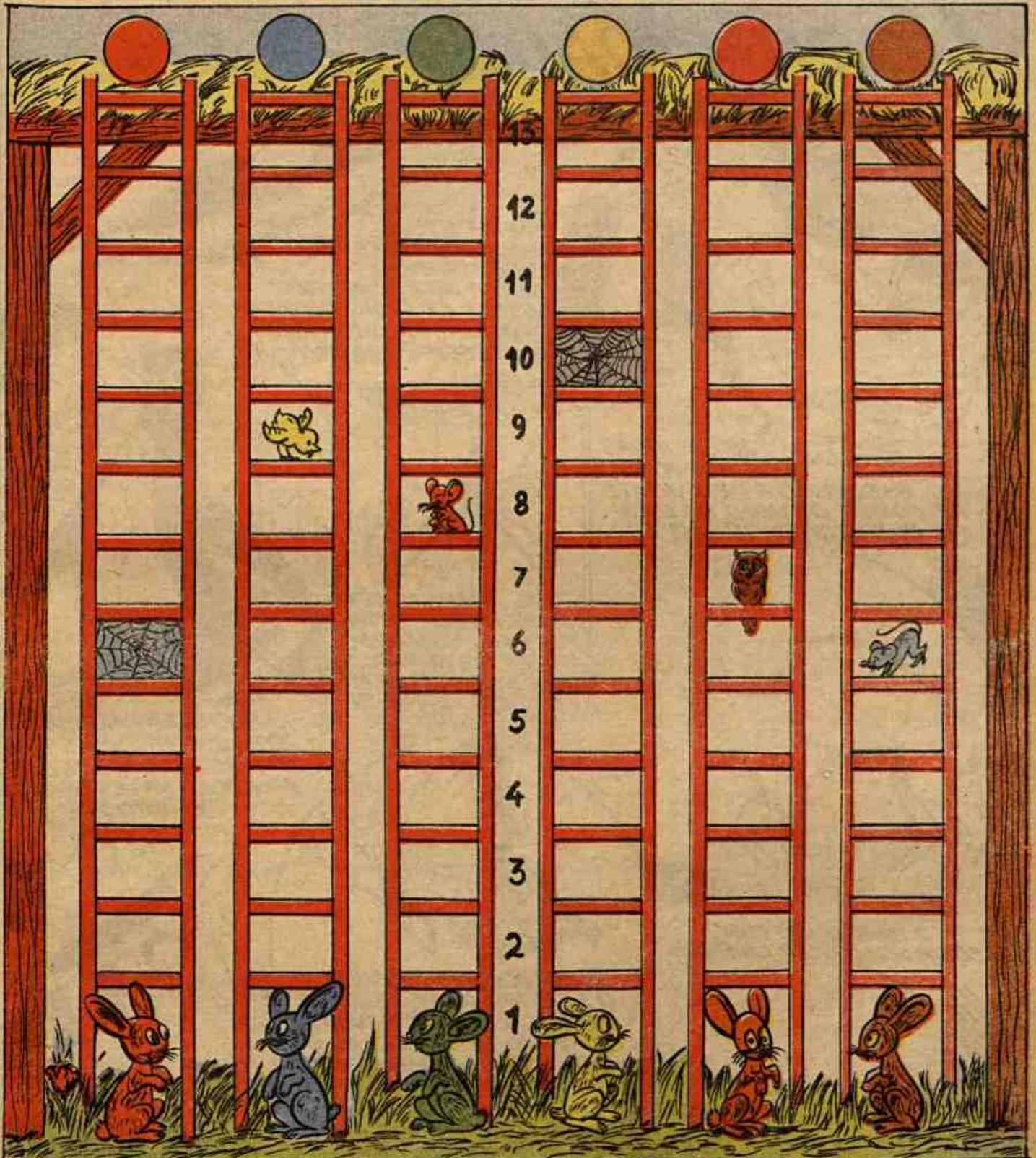
Mozart tocava cravo aos 3 anos; aos 4 executava trechos difíceis com muito gôsto; aos 6 anos fazia-se aplaudir em Munique e Viena.

Aos 8 anos, Beethoven era habilíssimo no violino e aos 13 compôs três quartetos magníficos.

Paganini compôs uma sonata aos 8 anos.

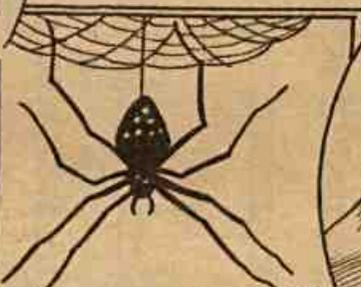
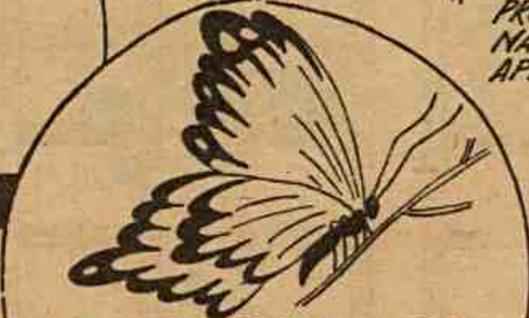
Meyerbeer, aos 4 anos, reproduzia no piano, acompanhando-as com a mão esquerda, as peças que ouvia nos realejos.

Por último, Schubert entrou com grande êxito e reputação para o conservatório de Viena, contando apenas onze anos de idade.

OS COELHOS NAS ESCADAS

COLA-SE a página em cartolina e recortam-se as fichas e a "perinola", em cujo centro se enfia um palito para que possa girar.

Cada um dos 6 jogadores (ou menos) deve tirar o número 3, para começar. Se cair no degrau onde está um desenho, "descansa" cinco jogadas. (Azar dêle...)

Ganha o que chegar por jogada direta au número 13. Se na última jogada ultrapassar o 13, (em 11, tirar 3, por exemplo) começa a contar **para baixo**. Depois recomeça a subir, e assim por diante, sempre parando por 5 jogos no degrau que tenha desenho.

CURIOSIDADES
por PAULO AFFONSO
O PEIXE SERRA ATACA AS BALEIAS ENTERRANDO A SERRA NA CARNE DA VÍTIMA E DEPOIS PUXANDO, PRODUZINDO UM RASGÃO QUASE SEMPRE MORTAL.
AS GALINHAS TÊM HORROR À ESCURIDÃO E DEIXAM ATÉ DE COMER QUANDO NO LOCAL EM QUE EXISTEM NÃO HÁ LUZ.
AS ARANHAS TÊM GERALMENTE OITO PERNAS POSSUINDO NAS EXTREMIDADES, UMA ESPÉCIE DE MINÚSCULO PENTE PARA FIAÇÃO.
O CORPO DO PINGUIM PRODUZ AZEITE E AS PENAS DO PESCOÇO TEEM APLICAÇÃO NO VESTUÁRIO FEMININO.
O CAMELO NÃO PODE SUBIR NEM DESCER LADEIRAS.
AS BORBOLETAS POSSUEM O SENTIDO DO PALADAR NAS PERNAS. ELAS SÃO SENSÍVEIS AO GÔSTO 1600 VEZES MAIS DO QUE A LINGUA HUMANA.
NAS PROPORÇÕES DA PERFEITA BELEZA A BÔCA HUMANA DEVE TER UM COMPRIMENTO QUE SEJA, PRECISAMENTE, TRÊS QUARTAS PARTES DO NARIZ.
A AREIA QUE COBRE OS DESERTOS AFRICANOS TEM DE DEZ A QUINZE METROS DE PROFUNDIDADE.
O ANIMAL QUE SE LOCOMOVE MAIS LENTAMENTE É O CARACOL, QUE NUM SEGUNDO PERCORRE APENAS MILÍMETRO E MEIO.

O termômetro, de que não há hoje ninguém, que não saiba a serventia e o modo de usar, com o qual se mede a temperatura do corpo ou da água do banho, tem, como aliás tudo quanto o homem foi inventando para seu benefício, a sua história.

Supõe-se que foi Santório quem mencionou o primeiro termômetro para medir a temperatura do corpo humano, descrevendo-o nos seus comentários ao livro dos Cânones de Avicena, publicados, em Veneza, em 1625. O que é certo é que os precursores do tubozinho com mercúrio já haviam existido há quase dois mil anos, desde que Filon de Bizâncio engenhou, aí pelo ano 210 antes de Cristo, um termoscópio que, por volta do ano 100, Héron melhorou.

E' claro que para fazer funcionar tal instrumento não se utilizava, como agora, a cavidade axilar e durante apenas um minuto. O doente tinha de segurar na mão a extremidade esferoidal, ou mantê-la em frente da bôca, deitando-lhe para cima o bafo, enquanto a extremidade achatada era aplicada sôbre o coração. Êste termomedidor primitivo continha água que se dilatava pela ação do calor, indicando a temperatura com uma precisão bastante relativa.

Foi Leurechon quem, em 1627, falou de termômetro em vez de termoscópio. Em 1646, Gerland descreveu um novo termômetro original que tinha a caprichosa forma de uma rã.

O reservatório de vidro continha álcool, um pouco de ar e algumas esferazinhas de vidro em parte cheias de ar: a elevação da temperatura fazia dilatar o álcool e as esferas desciam.

Em meados do século XVII, continuando a aperfeiçoar o termômetro, a Academia del Cimento de Florença conseguiu construir um termômetro de álcool, e parece que até um de mercúrio. Note-se que este metal foi logo abandonado — por se dilatar pouco.

A forma atual do termômetro foi-lhe dada pelo oculista Farenheit, no princípio do século XVIII, com a escala ainda hoje usada pelos povos de língua inglesa e conhecida pelo seu nome. O físico francês Réaumur, que viveu entre 1683 e 1757, inventou outra escala ainda hoje também algumas vezes utilizada.

Em 1736, Boerhaave abriu caminho ao uso prático do termômetro. De Haen, de Viena, utilizou-o para medir a febre. Francis Home, fundador da Royal Medical Society of Edimbourg, proclamou fervorosamente a sua utilidade.

Gavarret, já no século XIX, chamou a atenção para oscilações de temperatura que, até aí, haviam passado despercebidas. E quase às portas do século XX, finalmente, é Ehrle quem apresenta o termômetro de máxima a fim de poder ser determinada a temperatura em diversos pontos do corpo.

Desde então até hoje, de objeto raro de laboratório e auxiliar clínico de rotina, com a sua longa vida e curiosa biografia, o termômetro tornou-se um instrumento vulgar, indispensável em cada casa para se saber, a quantos graus e décimos anda um indivíduo que apanhou um golpe de ar e não se sente bem.

Um peixe extravagante

O cavalo marinho — que não é muito maior que os cavalos das peças do xadrês — sem contar com a cauda — tem êste nome porque a sua cabeça têm muita semelhança com a dum cavalo; mas numa observação mais atenta vê-se que tem cauda parecida com a do macaco, ao passo que o seu esqueleto lembra o de alguns insetos. A par disso consegue mover os olhos independentemente um do outro, como o camaleão e, finalmente, transporta os filhos numa bolsa como o canguru. Na família dos cavalos-marinhos é sempre o macho que toma conta dos filhos. A fêmea deposita os ovos na bolsa do macho e, enquanto os filhos não estão capazes de tomar conta de si próprios, o macho não abre a bolsa para êles saírem.

PASSE ADIANTE!

VOCÊ não leu o título? Não vê que deve passar adiante? Então por que insiste em continuar lendo?

Asseguramos que não vale a pena ler estas linhas. Passe, pois, para a página seguinte!

Se não parar, estará desperdiçando o seu tempo. Esta é uma oportunidade para você demonstrar que tem fôrça de vontade.

Não entendeu? Pare!

Já está no meio da leitura e você insiste em prosseguir. Não resiste à tentação de ler a linha seguinte.

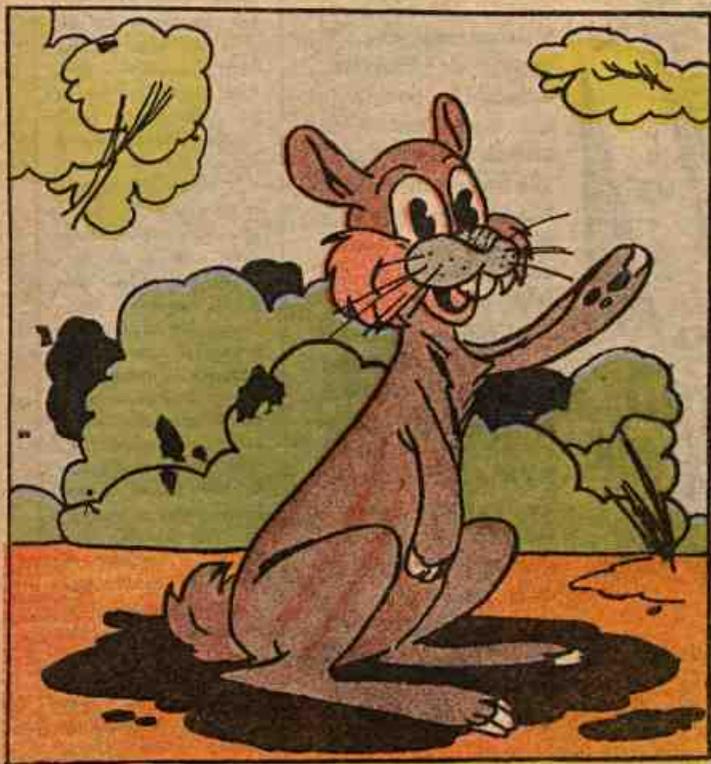
Ou resiste?

Qual! Não resiste.

Que é que você está ganhando com isso? Nada. Você parece dominado por uma obsessão incoercível.

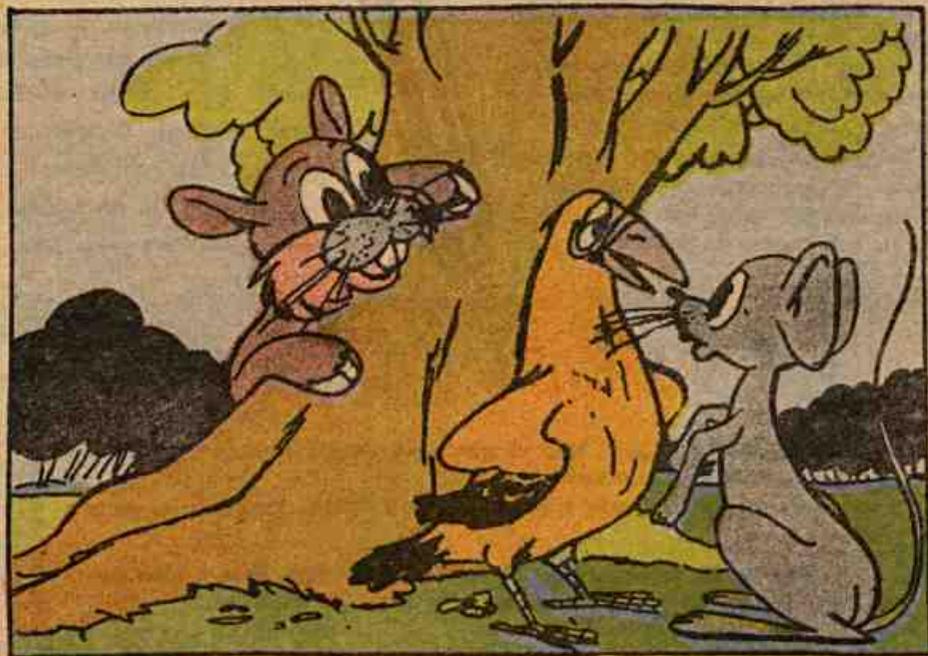
Só faltam umas poucas linhas para terminar. Demonstre que ainda tem vontade e capacidade para controlar-se!

Mas você continua. E' tão curioso que insiste em malbaratar seu tempo lendo até à última palavra, não é?

A LEBRE CURIOSA

HÁ muitos, muitos anos mesmo, antes de vocês nascerem e antes até de nascerem os seus tetravós, as lebres tinham as orelhas bem pequeninas, macias e bonitas.

— E como cresceram tanto? — perguntarão vocês. — Acaso suas mamães as puxavam quando elas faziam travessuras?

Nada disso! Vocês já saberão porque é que as lebres de hoje têm as orelhas tão grandes.

Em certa mata cheia de árvores frondosas e relva muito verde, vivia uma lebre muito bonita e forte. Tinha olhos grandes, pêlo macio e pardo, e um focinho pequenino e gracioso. Entretanto, ao par de todos êsses dotes físicos, carregava consigo um mau costume: era curiosa, terrivelmente curiosa! Além de querer ver tudo, também queria ouvir tudo o que se dizia ao seu redor. Este hábito é muito feio, mas a lebre de que estamos falando não podia ver dois ou três animais juntos e logo, cautelosamente, se aproximava do grupo para ouvir o que conversavam.

Em seguida, ia contar aos outros animais, coisa mais feia ainda do que a curiosidade! Chegava perto de um e segredava:

— Sabes o que ouvi o corvo dizer?

E contava tudo o que ouvira. Chegava perto da pêga e contava:

— Ih! que coisas horriveis o bezouro e o lobo estavam dizendo de você! Nem

queira saber! E assim percorria a mata, ouvindo e contando tudo o que os outros animais falavam e comentavam, provocando, naturalmente, intrigas, desconfianças e brigas.

A coruja e a raposa procuravam sempre acalmar os ânimos, mas pouco ou nada conseguiam.

Dêsse modo, na floresta armavam-se grandes complicações. Quando foi um dia, Deus resolveu acabar com tanta desavença, castigando a lebre como justamente merecia. Mandou-a então chamar e o portador foi um pombo-correio. A lebre apresentou-se logo na presença do Senhor, muito arrumadinha e limpa, tendo o cuidado de lavar bem as orelhas, a fim de poder ouvir melhor.

Ao aproximar-se de Deus, porém, este lhe disse:

— Tens o pior dos defeitos, a curiosidade e esta te leva a outro não menos feio, que é a murmuração. Vives provocando rixas entre os teus companheiros, que antes viviam em boa harmonia. Teu mau costume tem sido o causador de muitos desgostos e por isso mereces um castigo. Estás muito vaidosa com a tua beleza e, principalmente, com o tamanho diminuto de tuas orelhas. Pois bem: de agora em diante não serás tão orgulhosa.

E pegando as duas orelhas da lebre pelas pontas, foi puxando, puxando, até deixá-las do tamanho em que estão hoje. A lebre, muito envergonhada, saíu correndo e se internou na mata, de onde só sai quando não há ninguém por perto. E' por isto que as suas descendentes têm orelhas tão compridas.

OS DEZ MANDAMENTOS DOS ESTUDANTES JAPONÊSES

AOS estudantes, no Japão, é dado como preceito o decálogo abaixo, para que o observem como complemento à sua formação moral :

I — Sê fiel e respeitador para com o teu Imperador;

II — Trata os teus pais com o reconhecimento que é merecedor o seu amor;

III — Ama os teus irmãos e irmãs e vive com êles na concórdia e na paz;

IV — Aplica a tua vontade em vencer o mal e sê justo tanto para os estrangeiros e inimigos como para os teus amigos;

V — Segue o princípio da ciência que é aquêle que te afasta do êrro;

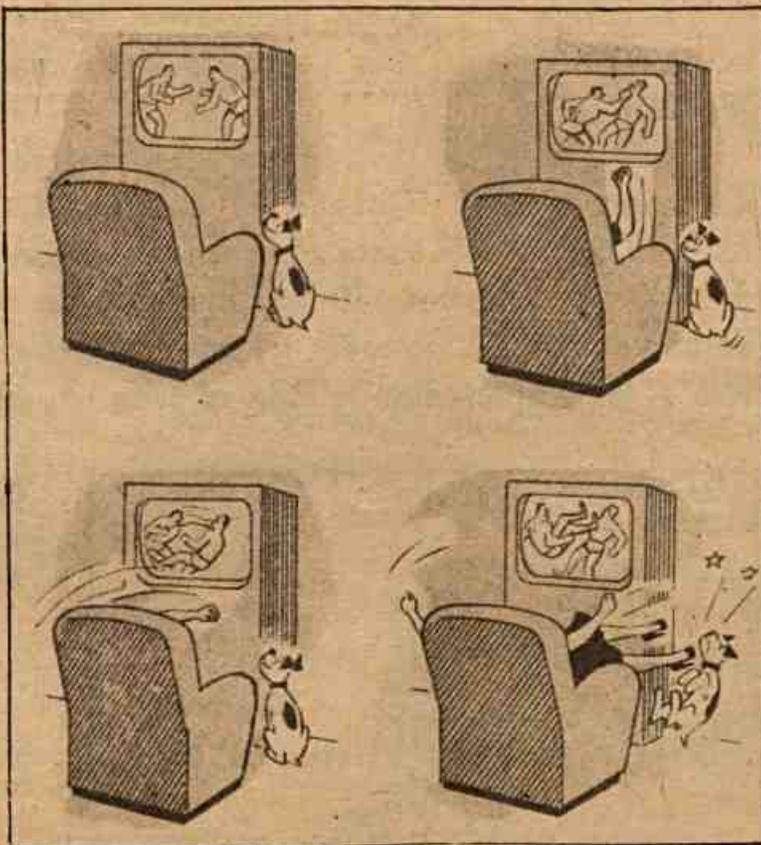
VI — Estuda o passado, compreende o presente, mas trabalha para o futuro;

VII — Sê piedoso para com os desgraçados e com os oprimidos. Auxilia-os com tôdas as tuas fôrças;

VIII — O mal entra no corpo pela bôca. Observa-te a ti próprio quando comeres, beberes e falares;

IX — Por mais modesta que seja a tua posição conserva sempre o mais alto sentido moral e mantém uma ambição que seja nobre;

X — Honra a tua geração e a tua família e segue sem desvio as máximas morais de teus pais.

TELEVISÃO... TORCIDA... E PONTAPÉS...

HINO NACIONAL

Letra de JOAQUIM OSORIO DUQUE ESTRADA

I

OUVIRAM do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres,
"Nossos bosques têm mais vida"
"Nossa vida", no teu seio, "mais amores"

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado.
E diga o verde-louro desta flâmula:
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta.
Não teme, quem te adora, a própria morte!

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil

FEIRAS DE LIVROS

SA erudita margem do Sena *sidade as "feiras" de livros das margens do rio Sena, em Paris, cidade que não se envergonha das tradições que possui. De uma crônica do brilhante escritor paulista* ***AFONSO SCHMIDT****, que as descreve com singeleza e muita objetividade, destacamos, para os nossos leitores, o que se vai ler :*

NA erudita margem do Sena, há feiras em que se vende de tudo. Mercadinhos de roupa usada, de pontas de cigarros, de selos para colecionadores, de artigos salvados do lixo, de ferro velho, de cacos de louças e cristais, de calçados ainda em bom uso, de revistas já lidas e relidas. Cada um dêsses belchiores ao ar livre está situado em lugar certo e sabido onde o parisiense, quando quer, vai comprar o que precisa. Os que não precisam de coisa alguma também vão ao Marché des Puces; fuçam por tôda parte e voltam com um embrulho de caveiras de macacos, de ferrolhos, de vasilhas de barro para botar água em gaiola de passarinho ...

A feira dos livros — é uma tradição — fica ao longo dos cais d'Orsay, Malacquais e Belas Artes. Quem olha da Ponte Nova, vê uma muralha com alfarrabistas, com leitores, com cheiretas que não pretendem comprar coisa alguma. Há séculos, aquelas caixas de tábuas se abrem sôbre a muralha que acompanha o rio. Os mercadores em colête e boné de lã no alto do cocuruto, fumam ali por perto; as mercadoras, de túnica de alpaca, chapéu de palha ou touca branca, sentam-se nos bancos mais próximos, à sombra de venerandos parassóis e remendam meias, vigiando com o rabinho do ôlho a freguezia ... Enquanto isso, aparentemente sem nenhuma vigilância, os transeuntes acercam-se das caixas atulhadas de livros e ali encontram meia hora de leitura variada.

Os volumes à venda chamam-se "bouquins", os modestos negociantes "bouquineurs". A história da literatura francêsa e mundial está cheia de inveterados leitores dessa marca. Milhares de pessoas estacionam durante o dia ao pé das grandes caixas de livros, sob as árvores magrizelas que fingem dar sombra mas que, na realidade, só servem de modelos para os quadros de esfomeados "rapins" que as retratam das trapeiras da Rue du Bac, ou da Rue des Beaux Arts.

Os alfarrabistas são assás tolerantes. Lá como aqui, os freguêses nem sempre são para comprar, nas mais das vêzes são "prá que é". Há sujeitos que escolhem alentado cartapácio e o devoram inteirinho, antes de perguntarem o preço. Depois acham-no caro, repõem-no na caixa e vão-se embora. Grandes nomes da França e de outros países conheceram e freqüentaram êsse delicioso mercado ao ar livre. Passaram ali horas inteiras "en bouquinant".

Anatole France, quando flanava pelos cais Malacquais, enchia os bolsos do sobretudo de raridades bibliográficas a três soldos. Hoje, êsses três soldos podem ser traduzidos por trezentos francos. O Conde de Mota Maia, médico de Dom Pedro II, nas memórias que há anos foram dadas a lume, refere-se às visitas que o Imperador fazia, com vivo prazer, aos simpáticos alfarrabistas. Já era conhecido daquêles homens, que ao vê-lo chegar tiravam da bôca o cachimbo para saudá-lo. Mas não sabiam que êle era quem era : pela roupa preta, pelas longas barbas brancas, pelas maneiras bondosas e discretas, julgavam-no quando muito um professor de Strasburgo, em férias ...

NATAL

ROSA SILVESTRE

NATAL! Natal! Enfim, Jesús nasceu!
Que pequenino e lindo! Vinde vêr!
Tanta humildade faz enternecer;
Fêz-se criança o próprio Rei do Céu!

Um novo dia, agora, alvoreceu,
De harmonia, perdão e bem-querer!
Já chegam pastorinhos a correr,
E Herodes, no seu trôno, estremeceu!

A noite, silenciosa, vai caindo.
Enquanto os anjos cantam nas alturas,
Jesús treme de frio, já sentindo

Desta vida as primeiras amarguras.
E assim começa o Criador, sorrindo,
Ensinando a sofrer às criaturas!

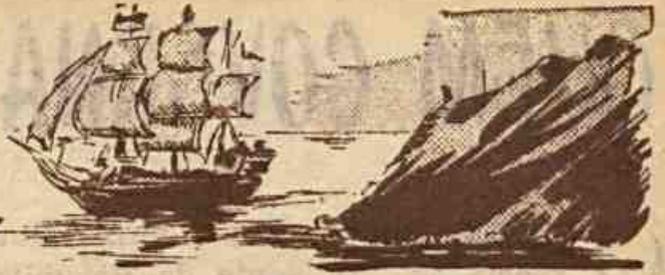
NA DELEGACIA :

O Delegado da cidade recebe um telegrama do Chefe de Polícia nos seguintes termos :

"Prenda Antônio Tijuca e guarde sigilo."

O Delegado responde: "Prendi Tijuca, porém Sigilo ninguém sabe por onde anda".

BOM, ATÉ EM BAIXO DÁGUA!
ALMANAQUE DE
TIQUINHO
LEITURA ESCOLHIDA.
HISTÓRIAS MUDAS AO ALCANCE DAS CRIANÇAS QUE AINDA NÃO SABEM LER.
150 PÁGINAS COLORIDAS
PREÇO
30
CRUZEIROS
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A S. A. "O MALHO — SEN. DANTAS, 15 - 5.º - RIO
A VENDA EM TODO O PAÍS.
À VENDA

TRISTÃO DA CUNHA

A ILHA MAIS ISOLADA DO GLOBO

QUAL a ilha mais isolada do globo, a ilha mais afastada de tôda a terra habitada, aquela que se poderia recomendar aos que, possuídos pela misantropia ou pelo desejo de evasão, procuram a solidão, o exílio, o esquecimento?

Toma-se uma carta do Atlântico Sul, procura-se durante um momento nesta imensidão líquida e, ao sul de Santa Elena, discobre-se "Tristão da Cunha", denominada assim pelos portuguêses que, em 1506, a descobriram e apelidaram: "O purgatório sôbre a Terra". O porto mais accessível a oeste é Buenos-Aires, a três mil e cento e cinquenta quilômetros; a sudeste, Cape-Town situa-se a dois mil e setecentos quilômetros. Os vizinhos mais próximos estão ao norte, no rochedo em que veio a morrer Napoleão, a dois mil e duzentos quilômetros. Uma vez chegado à ilha não se precisa temer os importunos.

A primeira impressão de quem chega está longe de ser alegre e todos os que têm aportado em Tristão da Cunha têm falado no aspecto pouco convidativo dos três ilhéus que formam o arquipélago, mergulhado em espêssas brumas e defendidos por numerosas rochas nuas e falésias abruptas batidas pelas altas vagas de um mar, a maior parte das vêzes, revôlto. E uma terra ingrata onde não vivem mais que pinguins, lagostas e albatrozes de bico amarelo, dos quais se faz um massacre todos os anos. Do alto do pico mais elevado até o mar, os flancos das montanhas são rasgadas por barrancos atravancados de lavas denegridas.

Quando o português Tristão aí aportou, enviado, com Albuquerque, em socorro de F. de Almeida em dificuldades nas Indias, a ilha estava deserta. Desertos estavam também os dois outros recifes do arquipélago: o "Inaccessível" e o "Nightingale" e a Ilha do Rouxinol coberta de alta vegetação. Mais tarde, para desanimar ainda mais, aos que o aspecto da ilha não havia desagradado, falou-se nos vulcões que, todos os anos, na sexta-feira da Semana Santa, despertavam com brutalidade, vomitando larvas e chamas a alturas fantásticas.

Durante muito tempo ninguém viveu em Tristão da Cunha com aquelas condições precárias, a não ser náufragos e marinheiros expulsos de bordo. Assim, nenhum protesto se elevou, quando, em 1811, um americano, Jonathan Lambert, tendo por acaso tocado naquela ilha e se tendo alí domiciliado, tomou o título de Jonathan Lambert I,imperador. Lambert, a quem não faltava experiência, fêz, entretanto, publicar nos diversos jornais de New-York e de Filadélfia um edital em boa forma, estabelecendo **"os direitos soberanos de sua família sôbre a ilha de Tristão da Cunha e suas dependências"**. Pensou-se que era uma brincadeira, fruto do capricho de um desequilibrado. Mas parece que motivos mais sérios teriam determinado esta conduta, fantasista sòmente na aparência. O "imperador Jonathan" estava convencido de que a ilha havia sido outrora o esconderijo de corsários e pensava que no futuro pudesse descobrir tesouros que os piratas teriam tratado de esconder em lugar pouco accessível, e queria sem possibilidades de contestação, assegurar para si a legitima posse.

Jonatan Lambert tratou de conseguir, além disso, que as principais casas reinantes o reconhecessem, mas morreu. Seu império não contava, então, com mais de três homens. Dois faleceram, pescando ao largo. Assim, quando, em 1816, o govêrno britânico, temendo que Tristão da Cunha fosse utilizada como base para operação que favorecesse a evasão de Napoleão, de Santa Elena, enviou para lá um vaso de guerra, o "Falmouth", não havia mais senão um sobrevivente na ilha: o italiano Corri.

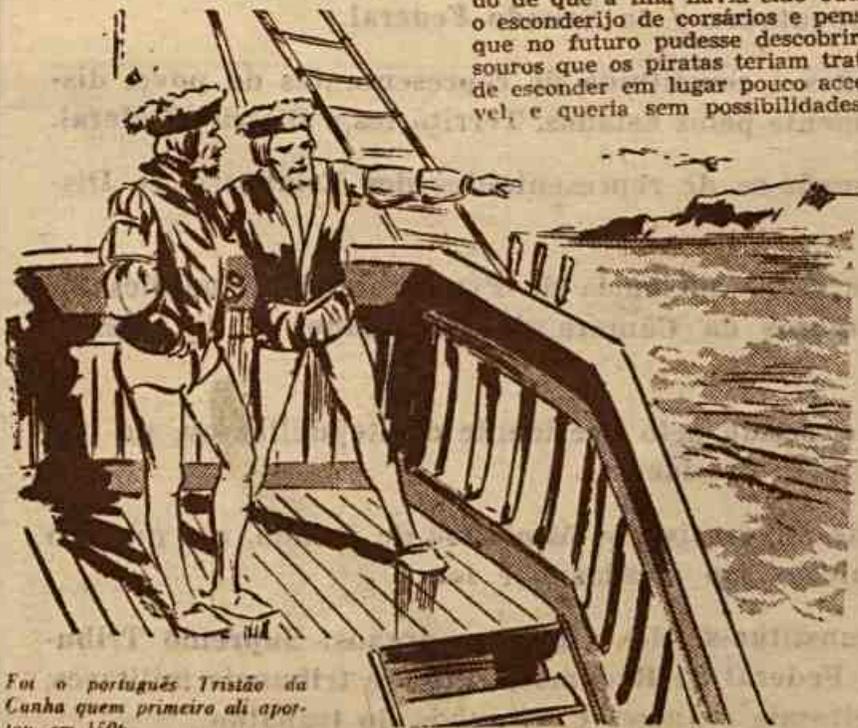
Os inglêses instalaram uma guarnição no arquipélago. Quando Napoleão morreu e essa guarnição foi retirada, lá permaneceram, todavia, três soldados. No curso dos anos que se seguiram, dois naufrágios aumentaram para dez almas a população de Tristão da Cunha.

Se os homens viviam em paz, bem tristes eram contudo suas vidas, sem as espôsas. Veio-lhes então ao pensamento lançar um apêlo ao desconhecido, como fazem todos os homens sós, e chegando alí, por acaso, um navio, confiaram a seu capitão uma mensagem para Santa-Elena.

A resposta os encheu de pasmo. Sete jovens entre as quais uma polonesa, uma holandesa, uma francesa e uma escossesa, com alegria aceitavam a solidão futura junto a seus companheiros. Imagina-se, fàcilmente, o que pode ter sido a chegada das mesmas e o acolhimento que tiveram.

Os habitantes de Tristão da Cunha viviam sem dinheiro. Dedicavam-se à agricultura, à pesca e à criação de carneiros, se bem que frequentemente os animais subissem ao alto dos rochedos e caissem ao mar. Viviam também sem govêrno. A Inglaterra não se preocupava em enviar um representante que, longe da mãe-pátria, certamente se entediaria até à morte. Não sentiam a necessidade de um chefe. O mais sábio e mais experiente entre êles desempenhava o papel de conselheiro moral, diretor de consciências. Era uma espécie de ministro de almas, um chanceler de vida tranquila.

Em 1855, Tristão da Cunha foi sacudida pela maior catástrofe de sua história. Quinze homens tomaram lugar numa embarcação, a despeito de estar o mar agitado, com a intenção de esperar o navio que uma vez por ano chegava à ilha com gêneros e correio. Uma vaga maior elevou a embarcação e a tragou com todos os tripulantes. A ilha não tinha mais que oitenta habitantes e assim, tràgicamente, desaparecia a sexta parte de sua população. Ela conta atualmente com duzentos e trinta e quatro habitantes, divididos em sete famílias de inglêses e italianos.

(Conclue no fim do Almanaque)

Foi o português Tristão da Cunha quem primeiro ali aportou, em 1506.

QUEM GOVERNA O Brasil?

QUANDO empregamos o têrmo Govêrno, estamos quase sempre fazendo referência ao Presidente da República e seus auxiliares, que são os Ministros. Na verdade, porém, o Govêrno, de acôrdo com o regime que adotámos, é composto de três Poderes, independentes mas harmônicos, que são o Poder Legislativo, o Poder Executivo e o Poder Judiciário.

Ao primeiro cabe a tarefa de legislar, ou fazer as leis, que o segundo deve pôr em execução, sob a fiscalização (digamos assim) do terceiro, que é o incumbido de controlar os outros dois.

Para melhor entendimento dos leitores, na página seguinte oferecemos um quadro esquemático em que se vê a composição e organização de cada um dêsses poderes, e reunimos aqui, a seguir, os dez princípios em que se baseia a organização político-administrativa do Brasil.

I — O Brasil é uma República Federativa em que todo o poder emana do povo e em seu nome é exercido.

II — A República dos Estados Unidos do Brasil compreende, os Estados, os Territórios e o Distrito Federal, onde está a capital do país.

III — Três são os poderes da União: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

IV — O Poder Legislativo é exercido pelo Congresso Nacional, que se compõe da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

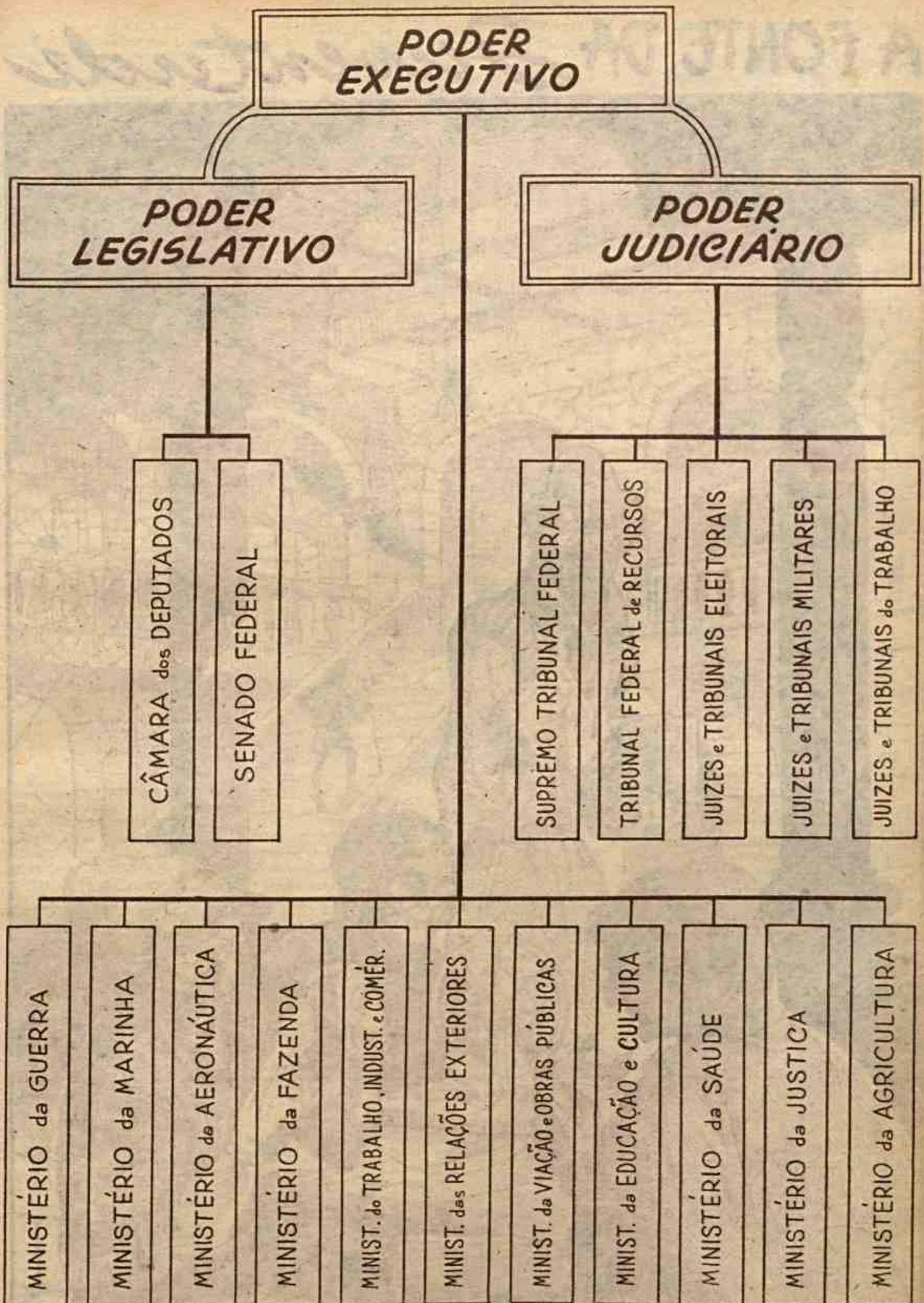
V — A Câmara dos Deputados é constituida de representantes do povo, distribuidos proporcionalmente pelos Estados, Territórios e Distrito Federal.

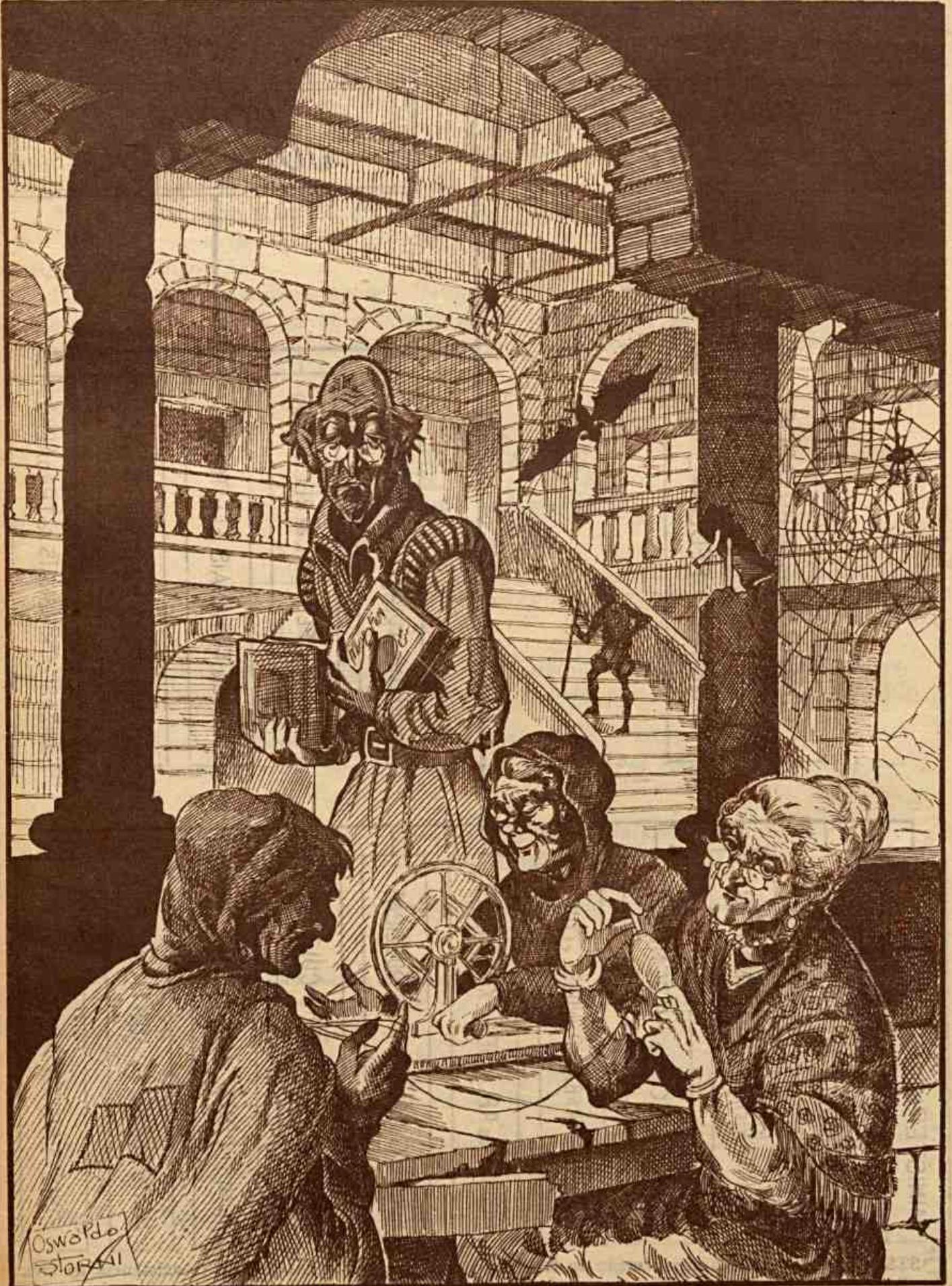
VI — O Senado Federal compõe-se de representantes dos Estados e do Distrito Federal.

VII — A iniciativa das leis é da competência do Presidente da República ou de qualquer dos membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

VIII — O Poder Executivo é exercido pelo Presidente da República ou, no impedimento dêste, pelo Vice-Presidente.

IX — São auxiliares do Poder Executivo os Ministros de Estado, em número de onze, cujas atribuições são fixadas por lei.

X — O Poder Judiciário constitue-se dos seguintes órgãos: Supremo Tribunal Federal, Tribunal Federal de Recursos, Juizes e tribunais militares, Juizes e tribunais eleitorais e Juizes e tribunais do trabalho.

ÊSTE esquema resume a organização do Govêrno Brasileiro, que se integra na co-existência de três Poderes independentes, autônomos porém harmônicos, que agem no sentido patriótico de conduzir o país a um futuro de esplendor e de riqueza.

A FONTE DA Juventude

SÃO passados muitos anos, meus meninos, que existia um velho castelo, rodeado por velhas árvores já sêcas e alamedas onde só se encontravam plantas mirradas e queimadas pelos ardores do sol.

No interior dêsse castelo, notava-se também a sua longa existência nos muros, que desprendiam os pedaços e nos móveis carcomidos e ocos pelos cupins.

Em uma das salas, perto de uma janela por onde entrava o sol, dourando-a com seus raios, achavam-se sentadas em roda de uma mesa, três moças, Carlota, Ana e Teresa, que não primavam pela formosura, pois eram tôdas muito feias e solteironas.

Uma tinha na mão a roca, a segunda a roda e a terceira os fusos.

O brilho de seus olhos era já escasso e suas mãos trêmulas.

De repente soltaram um suspiro:

— Quando eu tinha vinte anos — disse a mais velha — lembram-se, minhas irmãs? — dançava como uma deusa e cantava como um pássaro. O cavalheiro Arlindo amava-me... Por que o desprezei?... Êle foi para a guerra e lá morreu. E desde êsse dia nunca mais fui cortejada. Ah! Ah!

Os dias perdidos
Se tornam queridos!

Nessa ocasião disse a do meio:

— Eu nadava melhor que um peixe e era melhor corredora do que uma corça.

Mas agora meu coração arqueja. Estou esfalfada. Ah! Ah!

Os dias perdidos
Se tornam queridos!

E assim falando fiavam ricas rendas, quando chegou seu pai, o conde de Tragabalas, que muito se parecia com uma múmia do Egito, apertada entre duas táboas e posta em movimento por meio de uma mola, tão enrugado e magro se achava.

Estava todo coberto de pó. Vinha de seu gabinete de estudo, onde, depois da morte da condessa, se encerrara, investigando sem resultado, entre os livros de sábios, a origem do mundo.

O conde de Tragabalas olhou para as suas filhas e disse com voz trêmula:

— Se eu fôra jovem! Ah! juventude, ah! divina juventude!...

Êste era o estribilho com que tôdas as pessoas do castelo acabavam suas conversações.

● ● ●

Uma noite, um enorme aguaceiro, acompanhado de trovões e relâmpagos, caíu sôbre a cidade, fazendo transbordar os rios e incendiando os carvalhos e pinheiros.

Pelos corredores do castelo foi uma correria desenfreada, uma procissão de pessoas que, em trajes menores e despenteadas, tremiam a cada trovão. Só o conde de Tragabalas, com seu chapéu enfiado até as orelhas, estava impassível em seu leito, onde saboreava um livro em que se achavam escritos os tremendos suplícios do Inferno.

Mas depois de uma noite tumultuosa, a tempestade havia cessado um pouco, como um monstro que adormecesse.

A aurora apareceu. O céu estava azul, de um azul de anil, por cima dos jardins.

Oh! que bela manhã! Por tôda a parte rescendia a rosas e cantavam pássaros.

Carlota, Ana e Teresa, se bem que sentissem frio, quiseram gozar dessa linda manhã.

Não tinham ainda dormido; calçaram seus sapatos, tomaram seus mantos com capuz e ei-las deitando as pequeninas plantas sob o pêso dos seus corpos.

De repente, ouviram o ruído de uma cascata e uma canção alegre; que seria? Atravessaram uma comprida alameda, que ia ter a um recanto onde se achava uma fonte cristalina, que no dia anterior se achava sêca.

Tê-la-ia a tempestade feito renascer? A água corria entre pedras, que sustentavam uma ninfa com chapéu de flores.

E na limpidez daquela água mirava-se um belo rapaz, rosado, com ar camponês, mas de bela aparência.

— Bons dias! senhor, exclamaram as três irmãs. De onde vem tão cedo?

— De longe! respondeu o rapaz. As senhoras não conhecem mais o seu humilde servidor, o fiel jardineiro Gabriel?

— O senhor está gracejando! — disseram ao mesmo tempo Carlota, Ana e Teresa; nada de brincadeiras! O nosso jardineiro não conta menos de 65 anos. Que daria êle aos céus em troca da sua juventude?

— Juro como sou Gabriel! — replicou o rapaz, esfregando as mãos. Deixei ficar na fonte os anos, que me pareciam tão pesados. Virtude! Não esperava tal benefício desta água nova, em que por um acaso me banhei, esta manhã, (talvez melhor que de costume). Eis-me lépido e loução, como um rapaz de quinze anos!

— Que está dizendo?! — exclamaram as moças admiradas. Ainda não acreditamos! Que sacrilégio!... Mas se fôsse verdade? Toma sentido belo feiticeiro! Vamos tentar.

E as três moças descalçaram-se, arregaçaram um pouco seus saiotes e entraram na água, soltando pequenos gritos de frio. E, como se fôssem cisnes, mergulharam e saborearam as ondas misteriosas, frias e azuis daquela fonte.

De repente, o prodígio fez-se. O bom jardineiro ficou perplexo.

— Senhorita Carlota — disse êle — se um pássaro a visse, fica-la-ia julgando um pêssego! D. Ana parece uma borboleta e a senhorita Teresa está tão criança que poderia brincar com uma boneca!

As três irmãs estavam no paraíso! Tinham os cabelos luzidios, o olhar brilhante, o corpo bem feito.

Estavam tão alegres, que abraçaram o Gabriel e correram à casa para mostrar-se.

O castelo inteiro, que ainda dormia, foi despertado.

Primeiro ninguém acreditou no milagre. Todos o negaram e duvidaram dessa verdade.

Pouco depois a ninfa estava rodeada por uma multidão de pessoas, que, sem acreditar, tomavam banho na fonte.

Esta mostrava-se clemente para com todos.

O velho conde de Tragabalas tornou-se mais forte e mais vigoroso.

Os criados e criadas começaram a engordar e os cavalos ficaram mais velozes.

A fonte foi batisada com o nome de Fonte da Juventude. Fizeram festas em honra ao seu poder maravilhoso, dansaram e cantaram em tôrno dela:

Cantemos hinos em tôrno
Da Fonte da Juventude,
Que transforma o velho em moço,
Por sua grande virtude,

● ● ●

Desde então o castelo passou por uma grande metamorfose. Foi destruído o edifício e reedificado suntuosamente.

Passou a ser então o reino das flores, das borboletas e dos passarinhos.

O conde de Tragabalas deu festas brilhantes e mandou convidar, a mui-

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

tas léguas de distância, pessoas para virem banhar-se na Fonte da Juventude, por meio de um cartão em que se lia:

"Se quiseres beleza e mocidade,
Aqui terás com grande facilidade".

Então, de todos os pontos saíram velhos trôpegos e velhas capengas, que iam ao castelo buscar o rejuvenescimento...

Porém, a ninfa da fonte tinha seus caprichos e, dêste modo, enquanto distribuia graças a uns, estropeava outros.

Assim, começou-se a encontrar uma velha com umas pernas de criança, velhos alquebrados com rostos jovens, esposos foram separados, uma senhora dançava e cantava enquanto seu marido gemia com reumatismo, soltando grandes gritos.

Os doutores dêsse tempo pareciam crianças, não sabiam o que fazer.

Atribuiam a uma ação da água sôbre a pele, para explicar o fenômeno.

Os costumes estavam todos em reboliço. Para dez pessoas satisfeitas encontravam-se cem descontentes que maldiziam a Fonte da Juventude.

O conde de Tragabalas queixava-se também por se ter apaixonado e concedido todos os seus bens a uma camponesa rústica e mal educada.

Carlota tinha fugido do castelo com Gabriel, indo plantar couves não se sabia onde.

Ana e Teresa não estavam contentes naquela prisão, onde estavam fechadas como pombas.

Os sábios procuravam analisar a água da Fonte da Juventude, mas terminavam sempre dizendo:

— Não compreendemos...

Então, um filósofo amigo dos homens e das coisas, vendo aquela desordem, quís remediá-la.

Reuniu no castelo muita gente e falou o melhor que pôde.

Disse êle que era uma loucura querer contrariar a natureza, que cada um devia contentar-se com a sorte que Deus lhe dera, que a velhice era uma coisa muito natural.

À vista disto, o rei mandou publicar um edital em que proibia, sob pena do violador ser afogado, os banhos na Fonte da Juventude, e condenava a ninfa — responsável por todos os males, a ser queimada na praça real.

A ninfa foi tirada da fonte, mas resistiu a tôdas as pancadas: não havia meio de quebrá-la. O rei, vendo êste novo milagre, resolveu então mandar erigir-lhe um monumento na praça pública do seu reino, cercando com uma grade de ferro a Fonte da Juventude.

Quem me contou esta história, meus queridos meninos, foi o jardineiro Gabriel, mas confesso que não acreditei. E vocês?

Robustece as crianças

Prepara os homens fortes de amanhã!

ESTAS FAZEM RIR TODO O MUNDO

NARIZES....

— Meu tio tinha o nariz tão grande, que não podia se virar, no seu quarto, sem quebrar qualquer coisa.

— Ora! Isso não é nada. Um amigo meu tinha um nariz tão grande, que, quando espirrava, só no dia seguinte é que se ouvia o espirro.

PARA VOCÊS VEREM...

Era tão nervosa, aquela menina, tão nervosa, que de tanto roer as unhas acabou precisando chamar uma manicura para lhe tratar do estômago!

•

E meu irmão? E' tão supersticioso, mas tão supersticioso, que não quer trabalhar em nenhuma semana que tenha sexta-feira.

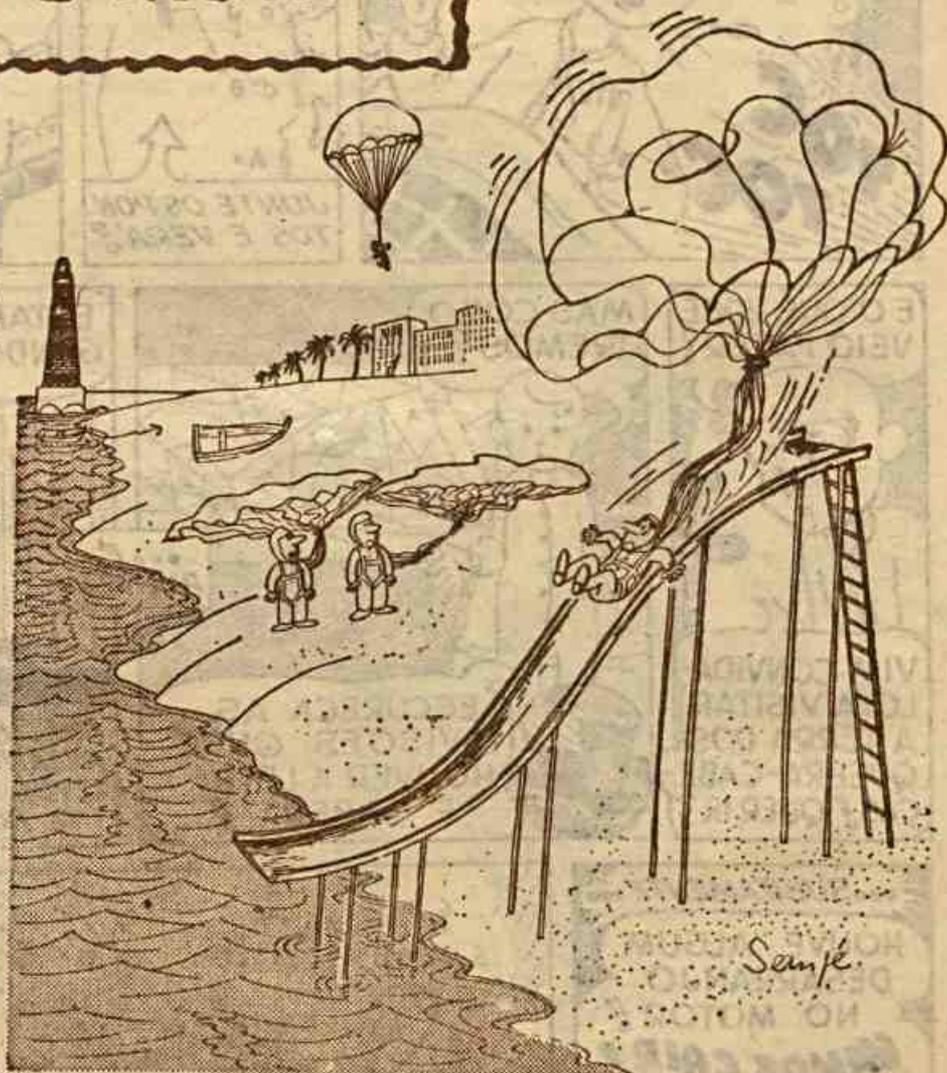
•

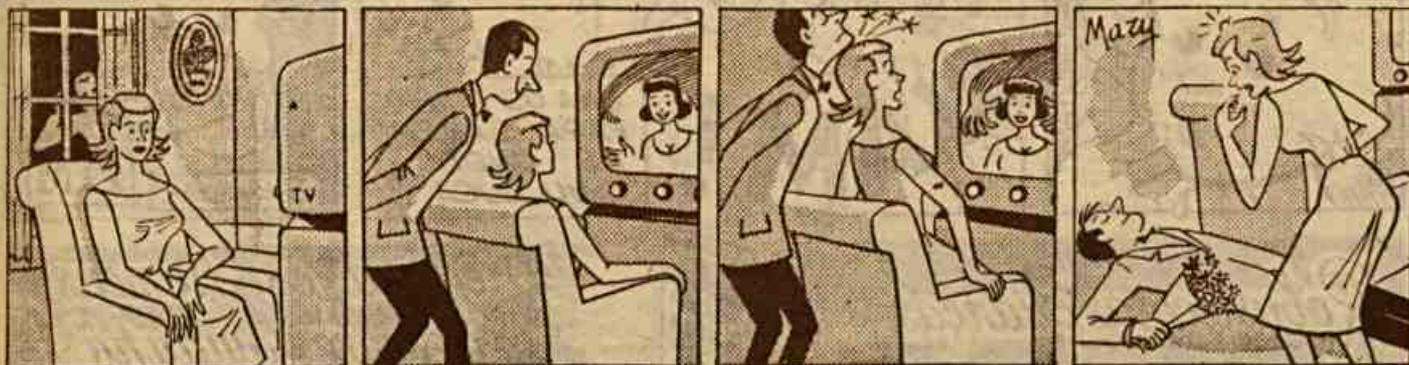
Meu tio é que foi engraçado! Era tão esquecido, que naquêle dia, quando o tiraram da água, quase afogado, bateu com a mão na testa e exclamou:

— Bolas! Vejam só! Agora é que me lembro que sei nadar!

•

PENSAMENTO

O animal mais útil é a galinha. Podemos comê-la antes de nascer e depois que morre.

— Olha lá... O Juca é uma criança grande...

EM QUE DEU O SUSTO...

O PEREGRINO

— DEPRESSA, papai! Depressa! — gritavam as crianças fechando a porta para impedir que o prisioneiro fugisse.

— Que querem vocês? — perguntou o pai.

— É um peregrino. E não quer que lhe seja dada hospitalidade!

Era, de fato, um peregrino. Aborrecido por se ver assaltado pelas crianças, acabara por arrancar a cabaça do bordão, ameaçando-as de pancada, sem todavia atingir nenhuma.

— Parem com isso! — exclamou o pai.

Em seguida, empurrou o homem para uma cadeira.

— Você não conhece, então, as obras de misericórdia? Não sabe que é obrigação de de cada um dar asilo aos peregrinos?

— E se o peregrino não quer asilo? — protestou aquele.

— Pior para êle — replicou o pai. — As leis da caridade devem ser observadas. Nós vamos agasalhar você por hoje, e depois então você fará o que quiser.

— Mas a questão é que eu fiz voto de ir, a pé, a S. Jacques de Compostela — queixou-se o peregrino, compreendendo que não conseguia nada pela violência.

— Você vem de muito longe? — perguntou o pai.

— Não, — confessou o peregrino envergonhado. — Venho de Madrid.

— De Madrid? — exclamou a família incrédula. Como pode você vir de Madrid, se nós estamos em Madrid?

— Ah! São as tais "obras de misericórdia" as culpadas de tudo! Imaginem só que há seis meses estou viajando. Mal saí de casa, para ir a S. Jacques de Compostela, pagar a minha promessa, uma alma caridosa quis a todo preço me dar abrigo. Fui obrigado a aceitar. Ao fim de dois dias retomei meu caminho e mal consegui sair da cidade, quando um carro cheio de senhoras caridosas parou perto de mim. Obrigaram-me a subir no auto e me trouxeram a Madrid para me dar agasalho. Torno a partir uma semana mais tarde, mas não cheguei a ir além da rua Alcalá. Um casal misericordioso me agarrou e levou para sua casa para me dar hospitalidade. Consegui fugir da casa dêsse casal, pulando a janela, o que despertou a suspeita de um vigilante noturno. Sendo êle misericordioso carregou comigo para o comissariado, onde me deram asilo por um mês, tempo suficiente para verificar que eu não era um ladrão. Antes de sair do cárcere esperei poder enfim chegar a S. Jacques de Compostela, mas, ai de mim! na primeira esquina, duas velhas caridosas me agarraram e me levaram ao Asilo de S. Cucufa. De asilo em asilo tenho andado eu e não consigo, há seis meses, sair de Madrid! Em seis meses não avancei um quilômetro e já e n g o r d e i quatorze quilos!

E o peregrino suspirou com resignação, enquanto a família caridosa lhe preparava um leito e uma ceia suculenta...

NÃO DANDO ESMOLA ERA ASSIM...

NA TINTURARIA

— Papai mandou dizer que se o senhor tornar a passar os colarinhos dêle dêste jeito, êle vem aqui e lhe dá uma surra.

— Qual é o número dos colarinhos dêle?

— Trinta e sete...

— Então, diga-lhe que póde vir quando quiser!!

*

— Eu cá sou muito sensível. Se o patrão não retirar o que me disse hoje, vou-me embora!

— E que lhe disse êle?

— Que estou despedido...

*

— Eu, quando crescer, quero ser oculista...

— Eu, não! Pois não vês que as pessoas têm 32 dentes para tratar, e apenas dois olhos?! Vou ser dentista!

*

— Que idade tem o nenê?

— Dez meses. Mas se não tivesse passado tanto tempo doentinho, já teria um ano!

*

NO CORREIO

— Esta carta pesa muito e é preciso colar mais dois sêlos.

— Mas, então, ainda ficará mais pesada!!

*

— O senhor disse que o cãozinho era bom para ratos... E até hoje não matou nem um!

— Claro! Claro! Por isso eu disse que era bom para êles: não lhes faz mal algum!

*

— Não te envergonhas de estar fazendo carêtas para êste bull-dog? — perguntou a mãe ao menino.

— Foi êle quem começou! — disse o garôto. — Olhe só! E ainda está fazendo!!

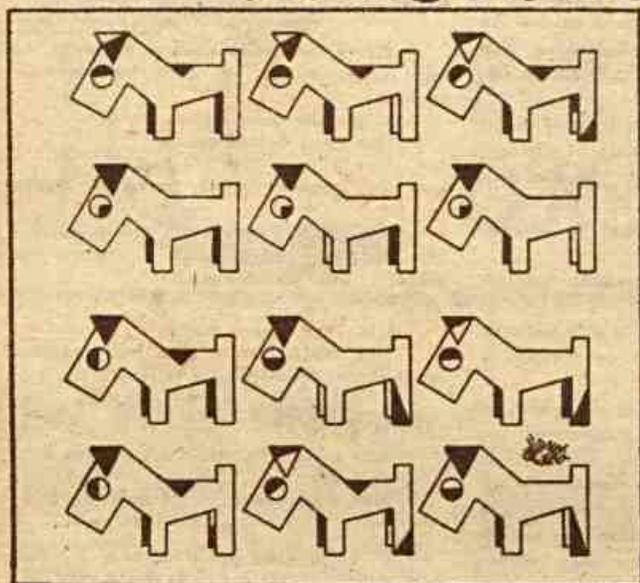
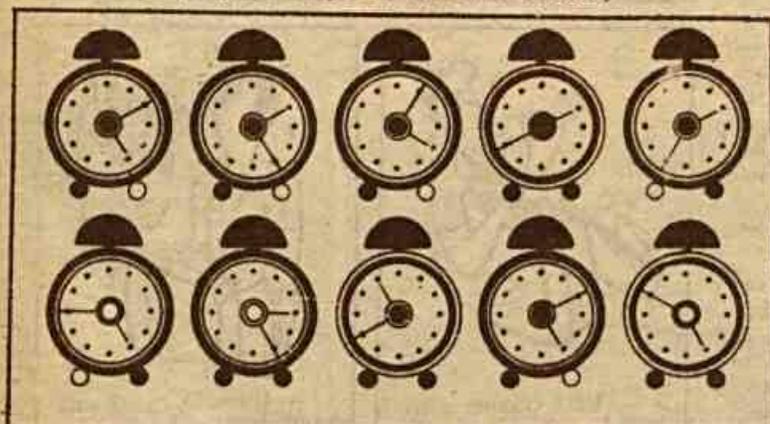
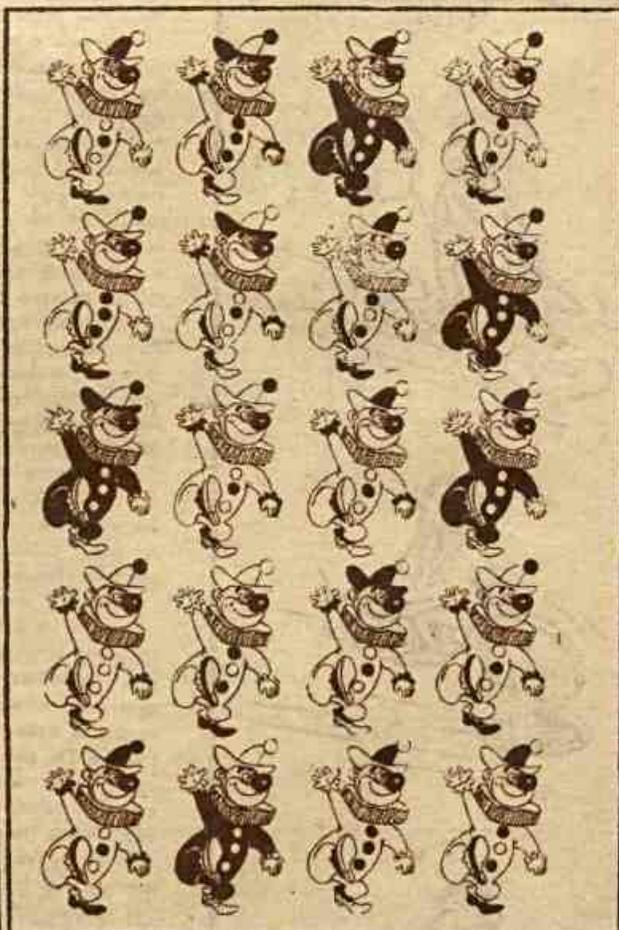
E L A . . . E A M A L A

— Está cheia demais...

— Mas eu fecho!

— Uff! Ganhei a parada!

— Querido... Tem mais êste...

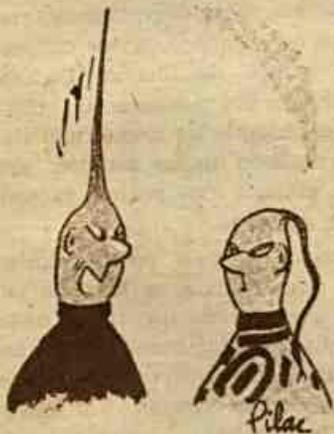
Descubra os iguais

(Veja a resposta em outro local)

Em cada grupo de figuras que aqui aparecem, duas, apenas, são exatamente iguais. Dois dos cães, duas das moças, dois dos relógios, etc.

A ÁGUA BENTA NAS IGREJAS

COLOCAR pias de água benta à entrada dos templos para nela os devotos molharem os dedos e persignarem-se, é costume que data dos primeiros tempos, pois as **Constituições apostólicas** prescrevem a fórmula para a bênção da água que se há-de pôr nas ditas pias.

Em algumas catacumbas encontraram-se pias de mármore e de terra-cota, feitas para conterem água benta.

Houve uma época em que à água se juntava azeite, porque este, no simbolismo cristão, significa a suavidade cristã e a brandura sacerdotal.

Surgiram, porém, inconvenientes de várias espécies e foi necessário misturar a água com sal, como símbolo de discrição e prudência, devendo-se ao Papa Alexandre I, a introdução dêsse costume.

Não me conte estas histórias de fantasmas!

A ORIGEM É ESTA

DE onde provêm as denominações que tanto usamos, para os diferentes espaços ou períodos de tempo? Sabem-no vocês?

A palavra ano é derivada de "innovatione", porque em cada período de um ano se renovam as coisas, inclusive as ervas e as plantas.

Mês, é derivado de "Metior", metíris, que quer dizer medida, medir. E' o mês, realmente, um das 12 medidas do ano. O mês póde ser "usual" — o que se põe nos calendários — "solar" ou "lunar".

A semana vem de "Setem" e "Mane" que significam: sete manhãs, ou sete luzes, porque no dito espaço de tempo sete vezes nasce o sol. Os antigos nomes dêsses dias tinham sempre relação com os dos planetas: Domingo — "dies Solis"; Segunda-feira — "dies lunae" etc. Foi a Igreja quem deu os nomes atuais: "dominica", ou "prima-feria"; "secunda - feria", "tertia - feria", etc., até "Sabbathum", que quer dizer alívio e descanço.

Dia, quer dizer luz, ou claridade. Os Caldeus, persas e babilônicos começavam a contar a duração do dia, logo que o sol nascia, indo terminar quando êle aparecia novamente.

Os hebreus, desde que o sol se punha, até se pôr novamente.

Foi a Igreja que estabeleceu o começo do dia a 0 hora. Quanto aos astrólogos, contam o dia como tendo começo cada vez que é meio-dia (12 horas), indo até às 12 horas do dia seguinte.

Têm, pois, vocês, aqui, uma breve noção da origem dêsses nomes, coisa oportuna, agora que estamos a iniciar um novo mês e um novo ano.

COISAS DO ESPORTE ANTIGO

NO Estadio Olimpico, da Grecia Antiga, erguiam-se estátuas de Zeus com o resultado das multas impostas aos que, como atletas, corrompiam os mandamentos olimpicos. As estátuas apresentavam disticos expressivos. Um deles: "Não é com o dinheiro, mas com boas pernas e com o corpo robusto que se alcança vitória em Olimpia". Outro, e bem expressivo: "Esta estátua foi erigida em honra a Zeus pela piedade dos helenos, e também para inspirar temor aos competidores desleais". E mais êste: "A vitória em Olimpia é alcançada pelo atleta com o seu valor fisico e moral e jamais com o valor do dinheiro ou da trapaça".

— Quando mover a pedra, acorde-me

A VIDA DE ANDERSEN

A 2 de Abril de 1805 — há um século e meio portanto — nascia na cidade de Odense, nos frios da Dinamarca, um escritor do real e do maravilhoso: Hans Christian Andersen.

Cento e cinquenta anos só fizeram difundir, mais e mais, em tôdas as linguas, o espírito e a obra de um escritor generoso, capaz de ser entendido e amado pelos velhos e as crianças.

Sua obra é rica e variada e se desenvolveu, ascencionalmente, nos setenta anos de vida do autor. Hoje Andersen é nome universal, como Cervantes ou Goethe, embora noutro plano. A gente do povo o conhece, não apenas através dos seus contos, passados para o tesouro oral das famílias, como do cinema, onde numerosas de suas peças foram reproduzidas e a sua própria vida foi reeditada, em filme recente.

Andersen proveio de familia pobre. O pai, sapateiro, tinha oficina no próprio quarto em que o menino nasceu; a mãe contribuia para a manutenção da casa, lavando roupa...

Naquele ambiente, nada restava ao menino senão dar ásas à imaginação. Foi o que fez e talvez o que o salvou. Qualidades inatas de fantasia desenvolveram-se ao extremo. As histórias imaginárias, deu o menino para as repetir aos vizinhos, que o incentivavam com os aplausos às idéias e à "bela voz".

O desnivel na escola — menino pobre, mal vetido, sem livros — se o chocou inspirou-lhe o revide pela fantasia: nascia então o "Patinho feio", conhecido em todo o mundo.

Como o humilde bichinho da legenda, também êle era desengonçado, crescido em excesso... Intelectualmente, contudo, era um cisne, como um dia haveria de provar.

De início, julgou a mãe que o menino daria excelente alfaiate. Andersen reage, e segue para Copenhague, a ver se obtem algo, sòzinho. A viagem durou dois dias. O triunfo demoraria bem mais. Tinha 14 anos, e estava desvalido e sòzinho...

Animava-o a certeza de que se faria celebre.

Aparecem enfim algumas pessoas que acreditam estar lidando com um ser excepcional; oferecem-se para lhe dar intrução escolar.

Temos então uma temporada severa, de mau humor, solidão e incançável labor. Decorridos seis anos, pode, porém, regressar à capital, como bacharel.

Naquele tempo, isso tinha muita importância. Contava-se com êle entre os escolhidos. Conseguira, de fato, a boa ventura com que sonhava o pai, podendo agora concentrar-se em escrever poemas. As desilusões não o podem abater; dá inicio às numerosas viagens a distantes paises estrangeiros, aplica os cinco sentidos em observações e experiências, regosijando-se de um amaneira infantil na sua primeira viagem de caminho de ferro. "Agora sei o que é voar" exclama êle, mostrando-se contente do desenvolvimento da técnica. — "Vivemos na época do progresso com tôda a sua prosperidade".

O que êle vê e experimenta numa viagem à Itália, dá o assunto do romance "O Improvisador", publicado em 1835 e que afinal lhe traria a fama. E esta, ainda assim, estava à sua espera num dominio muito diferente. E' que êle, no mesmo ano, estreou como contista. "Lembranças da infancia, acontecimentos e episódios — lembra Cristian Winther — vieram-lhe à mente e deviam ser apontados, e não somente os animais e as plantas, mas também os objetos inanimados tomam vida, forma e perfil ao lado do homem, e a lingua compõe-se, como seria o caso, se houvesse, junto dele, uma criança a escutar".

Mas também havia alguma coisa para os adultos. Aponta Andersen a verdadeira grandeza, os valores genuinos, dignos de serem ambicionados; corrige os defeitos e as fraquezas humanas; chama a atenção para o que passa despercebido, para a gente miuda e as pessoas sem importância — "tudo no seu lugar" — e êle mostra a grandeza e a riqueza do mundo e a magnificência cabendo nas menores coisas, num simples caule de erva, numa gota de orvalho.

Hans Cristian Andersen

A obra do poeta tem maior difusão do que a de qualquer outro dinamarquês. Por ocasião do seu septuagésimo aniversário recebeu um presente raro — "A historia de uma mãe", em 15 linguas — sem dúvida a história mais conhecida do mundo. Mais tarde viria "O fato novo do gran-duque" em 25 linguas, com ilustrações de artistas dos diferentes paises — bom exemplo das tarefas que Hans Andersen tem dado aos desenhadores e também às crianças.

Hans Christian Andersen ganhou fama no estrangeiro; foi acolhido por principes, reis e imperadores; frequentava os grandes homens da época; era amigo de Charles Dickens que, também êle, adorava as crianças. Não obstante as numerosas viagens, trabalhou quase sempre; era, como a maioria dos genios, excessivamente aplicado.

Manifestou grande reconhecimento para com Deus e os homens por tudo o que a vida lhe tinha dado, mas podia ser mal-humorado e, como solteiro, sofreu às vezes — a despeito dos muitos amigos — a mágua da solidão e carecia de uma vida em familia.

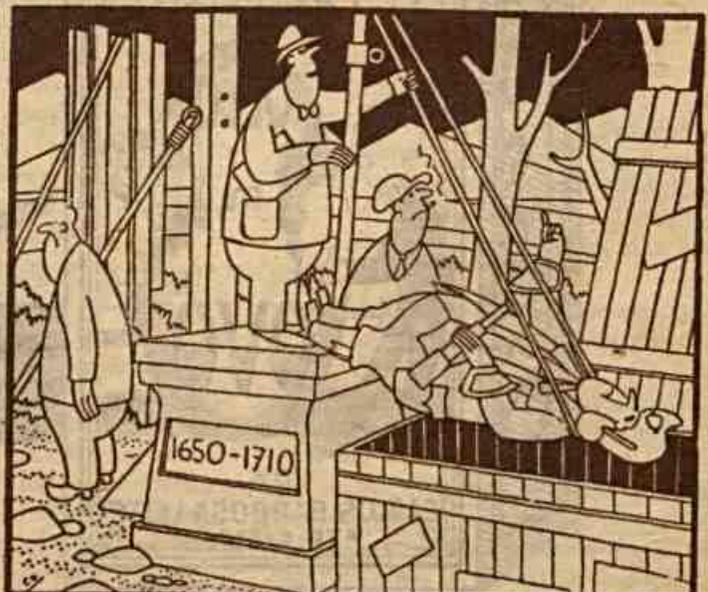
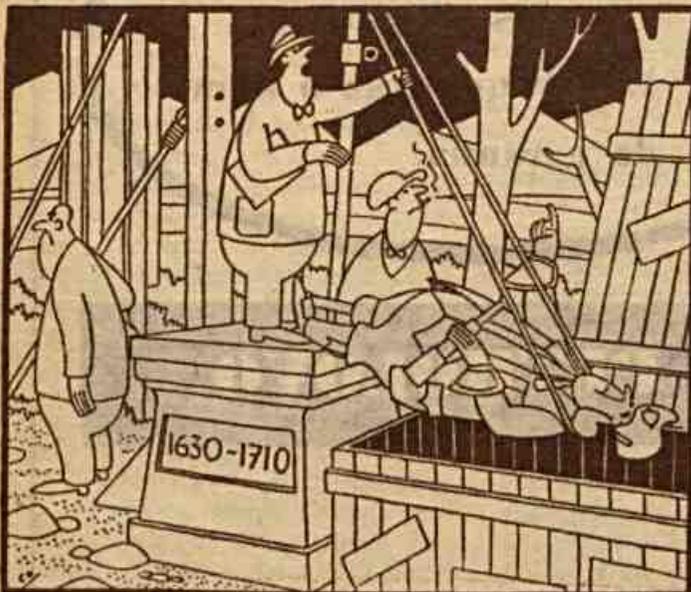
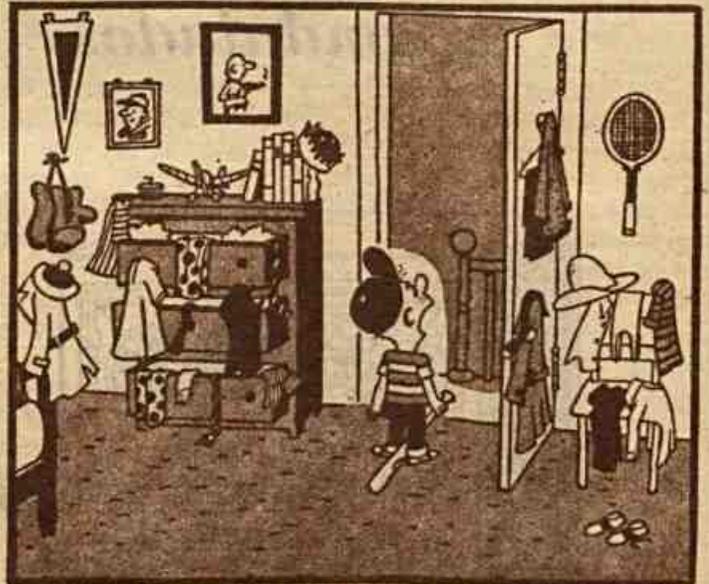
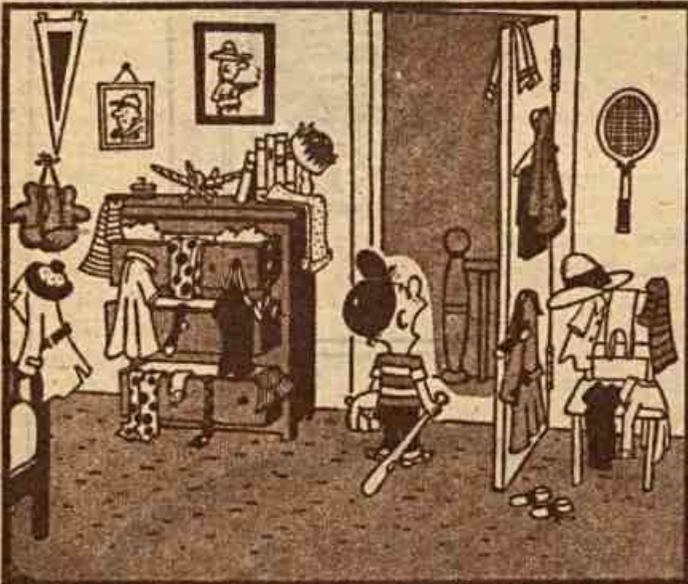
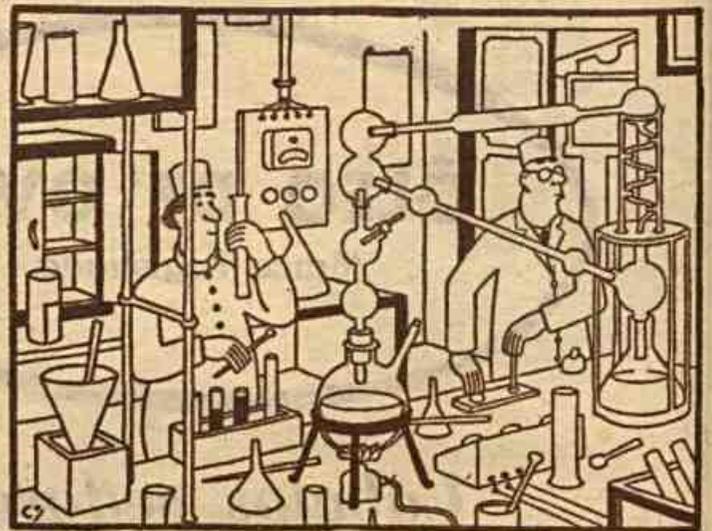
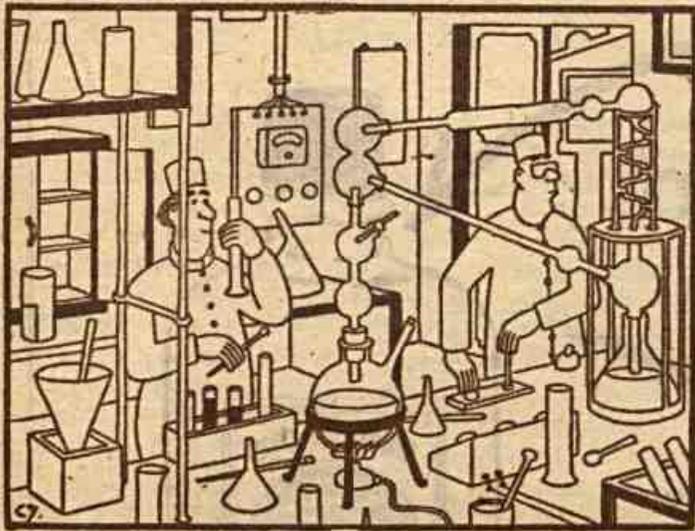
Mas nunca se esqueceu do que devia à pátria. Na sua canção patriótica: "Nasci na Dinamarca, tenho lá o meu lar" encontra-se o estribilho: "Amo-te, Dinamarca, pátria minha" Mas êle não se detém nas fronteiras. Desejava ardentemente que se chegasse à compreensão e à ajuda mútua entre à humanidade inteira e esperava que as novas invenções, o caminho de ferro, o telegráfo e "todas as mais maravilhas" servissem para facilitar uma relação mais intima entre as nações.

Marca Registrada

Cabelos sedosos e ondulados

Exija o legítimo de CARLOS BARBOSA LEITE que traz o nome de garantia

PETROLOVO

SÃO 60 DIFERENÇAS!!!

FIXE a atenção no primeiro quadro e procure, depois, descobrir quais as diferenças, em número de 20, existentes entre êle e o segundo. Igualmente, entre o 3.º e o 4.º quadro existem 20 alterações ou diferenças, e assim entre o 5.º e o 6.º quadros.

São, pois 60 diferenças que você vai ter que descobrir... Aí está uma distração para tôda a tarde de hoje. Quando tiver achado todas elas, confira com as soluções que damos no fim do Almanaque.

O PAPEL HISTÓRICO DE TIRADENTES

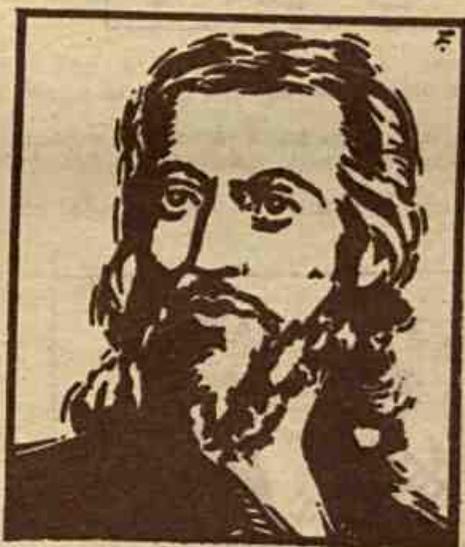
VOCÊS não devem cultuar e respeitar a memória de Tiradentes sòmente pelo seu martírio e seu sacrifício. Isso é muito, sem dúvida. Mas o alferes Joaquim José da Silva Xavier tem, para observação e respeito, a alta expressão do papel histórico que desempenhou na vida brasileira. Poucos homens terão possuido tamanha influência sôbre os destinos da sua pátria, como o humilde e glorioso Inconfidente.

Prêso, processado, julgado e enforcado no Largo da Lampadosa, Tiradentes subiu os degraus do patíbulo traçando o roteiro que deviam seguir os homens do Brasil. Isso é muito importante e é a faceta mais bela do martir mineiro.

*

FOI depois da sua morte que o ideal da Independência se robusteceu na consciência dos brasileiros. Notem bem que a Inconfidência mineira não passou de uma simples conjuração de êxito duvidoso. Os que dela faziam parte não dispunham de armas, nem de soldados. Tudo estava dependendo da propaganda e do poder de convicção. Mas a Inconfidência trazia no seu bojo a marca dêsses ideais que não morrem nunca, mesmo diante da fôrça e da tirania.

Tiradentes, em 1793, levantou um marco na História. Vinte e cinco anos depois, Pernambuco se erguia de armas nas mãos para fazer, com sangue, a independência do Brasil. Foi em 1817.

Também os chefes dêsse movimento foram mortos. A figura de Tiradentes está presente entre êles. Vem, depois, a luta do Recôncavo baiano. A reação desesperada e inútil dos portugueses insufla cada vez mais a alma dos brasileiros. O caminho estava aberto.

TRINTA anos decorridos da morte do Inconfidente, o príncipe D. Pedro proclamava a separação do Brasil da metrópole lusitana. Era o 7 de setembro de 1822. A figura do martir está ainda presente. O seu papel histórico é admirável. Invisível fisicamente entre os homens, seu espírito guiava a resistência contra os dominadores. É incontestável êsse papel de Joaquim José da Silxa Xavier, que Rui Barbosa proclamou em memoravel discurso. Dizia o mestre: "A posteridade enflorou o teu cadafalso em altar, porque o vilipêndio da expiação, que te imolou, fez da tua memória divizinada a padroeira nacional do Direito. Vítima do terror, passaste à posteridade como a condenação de todos os terrores. Tua história não afina com os cantos de guerra cruenta, mas com as imáculas aspirações da liberdade que florescem na paz."

*

O martir de um ideal é sempre respeitado pela posteridade, quando êsse ideal é limpido e sagrado. Mas, êsse respeito ainda é maior e mais alto, se o sacrifício do martir faz despontar a consciência da sua pátria, levando-a, mais tarde, à vitória decisiva. Foi isso que se passou com Tiradentes. Êle teve o seu marcante papel histórico. Todos os povos têm os seus símbolos. O maior símbolo do Brasil é o Inconfidente mineiro. Nenhum mais luminoso e mais completo. Apontado como infame pela justiça da sua época, Xavier teve a sua memória reabilitada pela pátria, quando foram vitoriosos os ideais de liberdade pelos quais morreu na fôrca, a 21 de abril de 1792. Êle não teve sòmente a fôrça dos iluminados — como acentuou um escritor ilustre — mas também a grandeza humana dos herois. É necessário, pois, que a mocidade do Brasil saiba compreender e interpretar o drama da Lampadosa no seu verdadeiro e justo sentido.

A. P.

ÊLE FOI MAIS VIVO...

QUEM ERA O CHEFE DO BANDO?

O bando chefiado por Bill, "o terrível", assaltou a diligência e "limpou" de tudo quanto foi valor os quatro passageiros, entre os quais se achava a famosa Joana "Calamity".

A seguir os bandidos deixaram as vítimas em plena planície, montaram nos seus "pingos" e se foram para a localidade mais próxima, que ficava a bom par de dezenas de quilômetros.

A cena do assalto é o que vemos no quadro de cima, onde é fácil notar que os bandidos estão todos sob disfarces.

Bem... Mas aconteceu que, dias depois, Joana "Calamity" reconheceu Bill, "o terrível", num "saloom", onde se encontrava em meio de vários amigos e admiradores, e sem o disfarce do dia do assalto à diligência.

Como pôde reconhecê-lo? Por uma dessas distrações tão comuns nos bandidos, que servem sempre para provar que o crime não compensa, Bill, tirando embora o disfarce, conservou consigo qualquer coisa, um objeto que trazia na dramática ocasião.

Por causa dêsse objeto, Joana o identificou como sendo do bando. Que objeto foi? E quem era o chefe do bando? **(Solução no fim do Almanaque)**

AS MENINAS DEVEM PREFERIR "CIRANDINHA", A REVISTA QUE E' FEITA "PARA ELAS", SÓ COM ASSUNTOS APROPRIADOS COMO BORDADINHOS, TESTES, COSTURA, TRABALHOS MANUAIS, POESIAS, PENSAMENTOS, QUADRINHAS PARA "RODA", ENSINAMENTOS ÚTEIS E ATÉ FIGURINOS.

A PALAVRA PIJAMA

Foi na Velha India. Homens e mulheres de certas raças, ou de certas religiões, usavam umas calças largas, de algodão branco, chamadas pae-jama, que significava, em indu, "cobertura de pernas". Lá mesmo, os europeus adotaram tais calças, a elas juntando, porém, um curto casaco, também de algodão, e abotoado até o pescoço.

Mas continuaram chamando a nova combinação ainda de pae-jama, que passaram a usar, de preferência, para dormir nas quentes noites orientais.

Os ingleses introduziram o novo traje na Europa, onde se passou à fazer, também, de lã, para o inverno europeu. E escreveram a palavra começando por **py**, sílaba que, em inglês se pronunciando **pai** (pyjama), e reproduzia, mais ou menos, a pronuncia original indu do nome.

Os portugueses tomaram o nome da lingua escrita inglesa. Em consequência começaram escrevendo também com y. Mas como esta letra, em português, se pronuncia **i** e não **ai**, passaram a escrever e dizer, finalmente, **pijama.**

Em inglês, todavia, os nomes de coisas são, em regra, do gênero neutro, quer dizer, nem masculino, nem feminino.

Ficou-se sem saber, assim, que gênero dar para a palavra em português, que não tem gênero neutro.

Por isto, enquanto uns escreviam **o pyjama**, talvez só pensando no paletó do traje, outros escreviam **a pijama**, talvez só pensando nas calças. ou sentindo que, em português, os finais em a são de nomes femininos...

Modernamente, porém os dicionários lusos dão, em geral, **pijama** como palavra masculina. Quer dizer, a lingua escrita vem firmando o gênero masculino em português.

Na lingua brasileira tal gênero continua indeciso. Tanto ouvimos dizer **o pijama** como **a pijama.**

Ora, quando uma lingua viva ou falada, que é a lingua comum, ainda não fixou, de modo geral e atual, o gênero duma palavra, não é êrro se dizer, ou escrever, quer no masculino, quer no feminino.

(De um artigo de Cruz Cordeiro)

Luiz Sá

CONVERSAVAM na janela,
como fazem todo dia,
Maricota e Manoela.
E Maricota dizia:

— Veja só, minha vizinha,
minha pele como está,
cheia de cravo e de espinha.
Que desgôsto que me dá!

A senhora é que é feliz!
Que pele sedosa tem!
Nem um cravo no nariz!
Nem uma ruga, também!

Afinal, não sou tão velha!
Temos quase a mesma idade!
Mas minha pele se engelha
e essa espinharia a invade...

Que amuleto, ou talismã,
tem a senhora, vizinha,
para ter sempre louçã
a pele, sem uma espinha?

E Manoela, sorridente,
disse: — É fácil de explicar...
Trato dela, simplesmente,
como se deve tratar!

Meu "amuleto" se chama
LEITE DE COLONIA... Aí está
Use o que a pele reclama
e a sua melhorará!

Para espinhas, para cravos,
para rugas evitar,
Não use remédios "bravos"
que só fazem piorar.

LEITE DE COLONIA! Eis tudo!
Que maravilha, vizinha!
A cutis fica um veludo,
nova, macia, fresquinha...

O "LEITE DE COLÔNIA" é um produto tradicional e conceituadissimo dos Laboratórios STUDART & Cia., Manaus e Rio de Janeiro, à venda em todo o Brasil.

O melhor preparado para as afecções da pele.

A visita da VOVÓ

PEÇA EM 1 ATO

DE

LÚCIA BENEDETTI

(Para ser representada por crianças. Contribuição da Associação Brasileira de Teatro para as festinhas escolares).

PERSONAGENS:

AURORA .. .. *(oito anos)*
RICARDO .. .. *(nove anos)*
ANTONIO .. .. *(dez anos)*
VOVÓ .. .. *(setenta anos)*
MAMÃE .. .. *(trinta e cinco anos)*
DOUTOR .. .. *(sessenta anos)*

ATO ÚNICO

(CENARIO: — Sala de estar ou sala de jantar; ao subir o pano, a mamãe está sentada numa cadeira de balanço à esquerda do espectador, no primeiro plano. Faz um bordado. São três horas da tarde. Lá fora as crianças brincam. Ouvem-se risadas, gritos. Um menino fala: "Pique"! — outro, dando uma risada: "Não valeu. — Não valeu!" — Entra Aurora, do fundo da cêna).

MAMÃE — Penteou os cabelos? *(Aurora aproxima-se da cadeira de balanço)*.

AURORA — Já, mamãe. Fiz tudo o que você mandou. Agora, posso ir brincar?

MAMÃE — Guardou os livros?

AURORA — Guardei, sim senhora. Posso ir? *(corre para a porta do fundo)*.

MAMÃE — E Ricardo?

AURORA — Está acabando de trocar os sapatos.

MAMÃE — Deixe ver se você está mesmo em ordem. *(Aurora se aproxima, a mãe revista-lhe as orelhas, as unhas)* — Hum... podia estar melhor. *(Ricardo entra do fundo)*.

RICARDO — *(entrando)* — Mamãe, já guardei tudo. *(para a irmã)* — Vamos, Aurora?

MAMÃE — Venha cá você também. Deixe ver as unhas...

RICARDO — Estão limpas, mamãe... *(aproxima-se da cadeira de balanço)*.

MAMÃE — Estão enormes, como sempre! Nem parece que foram cortadas ôntem!

RICARDO — Ante-ôntem.

MAMÃE — Como crescem! *(apanha a tesourinha da caixa de costura e põe-se a aparar as unhas do menino. Aurora contempla o irmão com ar escarninho)*.

RICARDO — O que é que está olhando?

AURORA — Não posso olhar? *(afasta-se para a direita do palco)*.

RICARDO — Com essa cara, não.

AURORA — Mamãe, Ricardo está caçoando da minha cara!

MAMÃE — Com efeito! Não comecem com essas discussões! Não me venham fazer queixa de coisa alguma. Quero os dois muito bem comportados a tarde tôda!

AURORA — Mamãe, já que eu não tenho unhas de gavião, posso ir brincar, não posso?

RICARDO — Unhas de gavião, hein?! Você me paga *(avança para Aurora, que corre por detrás da mesa do centro do palco refugiando-se atrás da mamãe)*.

MAMÃE — *(levantando-se)* — Vão começar outra vez? Nenhum dos dois vai me sair daqui!

RICARDO — Mas mamãe... nossos amigos estão esperando...

MAMÃE — Hoje não pode ser. Quero que vocês fiquem aqui dentro, muito quietos e bem comportados. *(alegre)* — A vovó vem nos ver. E naturalmente que não quero que ela os encontre despenteados, suados, como acontece sempre que vão brincar lá fora. *(Mamãe está entre Aurora e Ricardo)*.

AURORA — Então vamos ficar de castigo?

MAMÃE — Não. Podem brincar aqui mesmo. Mas com modos. Sem tombos nem empurrões... Com modos...

RICARDO — Mas mamãe...

ANTONIO — *(surgindo à porta)* — Ricardo! Você vem ou não vem?

RICARDO — Não.

MAMÃE — Entre, Antônio. Venha você brincar aqui. Ricardo e Aurora estão esperando a visita da vovó e não podem sair.

ANTONIO — Que pena. O pessoal está esperando!

AURORA — Venha brincar conosco!

ANTONIO *(entrando)* — Brincar de quê?

MAMÃE — Qualquer coisa serve. Não quero apenas é que...

RICARDO — Mamãe não quer empurrões, nem ninguém suando... nem desarrumado.

MAMÃE — Vocês conhecem tantos brinquedos, que nem vale a pena entristecer por isso. Brinquem em paz. Eu vou ver os biscoitos que pus no fôrno e preparar o lanche para quando a vovó chegar... Juizo, hein! *(assim que mamãe sai, Ricardo propõe)*:

RICARDO — Vamos brincar de soldado e ladrão?

AURORA — Ricardo! que foi que a mamãe disse? *(senta-se na cadeira de balanço)*.

ANTONIO — Ora, ela disse que não queria ninguém suado, nem empurrões. Não vamos suar nem empurrar...

AURORA — E como é que vamos pegar o ladrão?

RICARDO — Bem devagarinho...

AURORA — Não serve.

RICARDO — Por que? Você fica sendo a mocinha, eu sou o ladrão e o Antônio é o mocinho.

JOÃO — *(entra esbaforido, cabelos despenteados, com pressa)* — Como é, pessoal? Vem ou não?

RICARDO — Nós vamos brincar aqui...

ANTONIO — De soldado e ladrão

AURORA — De soldado e ladrão, não quero!

JOÃO — Por que? Eu sou o mocinho, você é a mocinha. *(pula em cima da mesa do centro)*.

AURORA — Não, não e não! Cada vez que vocês brincam de soldado e ladrão eu tenho que ficar o tempo todo amarrada no pé da mesa!

JOÃO — Que é que tem isso? *(sempre em cima da mesa do centro)*.

ANTONIO — Tôda mocinha fica mesmo amarrada até o mocinho vir soltar.

AURORA — Mas é que me amarram logo no começo do brinquedo e o mocinho só aparece quando eu já estou com as pernas doendo e com sôno.

RICARDO — Quando tiver sôno, pode dormir!

AURORA — Não, não e não! Isso não serve. Além do mais, mamãe quer um brinquedo que seja quieto. *(senta na cadeira de balanço)*.

RICARDO — Eu não conheço nenhum.

JOÃO — Eu conheço. *(Salta de cima da mesa)*.

ANTONIO — Qual é?

JOÃO — Vamos brincar de carniça.

RICARDO — De pular carniça?

JOÃO — Não. E' outro jogo. Eu falo umas coisas e vou separando um por um. Depois, quem falar primeiro vira carniça.

RICARDO — Não pode nem rir?

JOÃO — Quem rir, vira carniça também.

AURORA — Esse brinquedo, não!

RICARDO — Ora, essa! Então, nada serve?

AURORA — Esse, não, que graça tem isso!

RICARDO — Já sei porque você não quer. E' porque é muito faladeira e tem mêdo de ser a primeira!

AURORA — Não sou faladeira nada! *(levanta-se da cadeira de balanço)*.

RICARDO — E' sim!

AURORA — Então vamos começar. Quero ver se sou eu ou é você!

JOÃO — Posso começar?

ANTONIO — Começa logo de uma vez. Eu não tenho mêdo. Não há nada que me faça virar carniça!

JOÃO — Vou começar por você:

Ping-pong, fing-fing,
Prende o laço da carriça
o primeiro que falar
Ping-pong, fing-fing
Há de ser bôa carniça!

(À medida que vai falando, toca-lhe com a mão, ora no ombro esquerdo, ora no ombro direito) — Pode sair. *(Antônio em silêncio sai e vai se sentar no chão diante da mesa do centro, olhando para o chão)* — Agora você, Ricardo.

AURORA — João está rindo!

JOÃO — Não vale falar com os que já estão chamados! *(bate nos ombros de Ricardo)*:

Ping-pong, fing-fing
Prende o laço da carriça
O primeiro que falar
Há de ser bôa carniça...

Pode sair. *(Ricardo senta-se muito quieto no chão ao lado de Antônio)* — Agora você Aurora!

Ping-pong, fing-fing
Prende o laço da carriça
O primeiro que falar
Há de ser boa carniça.

Pode sair. *(Aurora sai quieta e de cabeça baixa e senta no chão ao lado de Ricardo)*. — Agora eu:

1	D	St.ª Leonor
2	S	VISITAÇÃO DE N. S.ª
3	T	S. Jacinto
4	Q	St.ª Berta
5	Q	St.ª Zoé
6	S	St.ª Maria Goreti
7	S	S. Cirilo
8	D	St.ª Isabel
9	S	N. S.ª DA PAZ
10	T	St.º Alexandre
11	Q	S. Pio
12	Q	S. João Gualberto
13	S	S. Joel
14	S	S. Boaventura
15	D	St.º Henrique
16	S	N. S.ª DO CARMO
17	T	St.º Aleixo
18	Q	S. Camilo de Lelis
19	Q	S. Vicente de Paulo
20	S	St.ª Margarida
21	S	S. Daniel
22	D	St.ª Maria Madalena
23	S	St.º Apolinário
24	T	St.ª Cristina
25	Q	S. Tiago
26	Q	SANTANA, MÃE DE N. S.ª
27	S	St.ª Natália
28	S	S. Celso
29	D	St.ª Marta
30	S	St.º Abdon
31	T	St.º Inácio de Loiola

(Fecha a bôca, ostensivamente e, como os outros, vai sentar-se no chão ao lado de Aurora).

VOVÓ — *(da porta do fundo)* — *(entrando)* — Bôa tarde meus netinhos! *(Silencio profundo)* — Eu disse, bôa tarde! *(ninguem responde)* — Aurora! Como vai? Venha abraçar a vovó! *(Aurora não se mexe)* — Que é isso? Ricardo! Venha falar comigo! O que foi que houve aqui? Estão todos quietos! Alina! Alina!

MAMÃ — *(entrando e indo abraçar a Vovó)* — Oh, vovó! Como custou a chegar! Sente-se! Descanse um pouco!

VOVÓ — Descansar como? Você não está vendo o que houve?

MAMÃE — Aconteceu alguma coisa?

VOVÓ — Será possivel que você não tenha percebido nada?

MAMÃE — *(aflita)* Conte o que houve!

VOVÓ — Eu é que pergunto. O que foi que houve com estas crianças?

MAMÃE — Nada.

VOVÓ — Nada?!

MAMÃE — Estavam à sua espera.

VOVÓ — E por que não falam? Por que não se mexem?

MAMÃE — Ora vejá... Aurora, fale com sua avó... *(Aurora permanece calada, de olhos fechados)* — Aurora!

VOVÓ — Está vendo? E tem coragem de me dizer que não houve nada?

MAMÃE — Ricardo! Você também? Venha cumprimentar a vovó! *(Ricardo parece de pedra)* — Você está sentindo alguma coisa? *(Para Antônio)* — O que é que êle tem? *(Antônio permanece mudo. Mamãe dirige-se a João)* — E você, João saberá me dizer o que foi? *(João fica mudo)* — Meu Deus! Ainda há pouco estavam tão bem!

VOVÓ — Mas já não estão. Ah, bem meu coração me dizia que havia qualquer coisa errada aqui! Bem meu coração me dizia! Ainda bem que vim! *(Vovó desolada senta na cadeira de balanço)*.

MAMÃE — Não se aflija, vovó, não fique nervosa! Isso não é nada.

VOVÓ — Como assim? Quem sabe lá se não é alguma doença nova que está atacando as crianças. Ah, meu Deus! Pobrezinhas! Estão tôdas mudas! Vai ver que estão surdas também...

MAMÃE — *(nervosa)* — Surdas, não! *(grita)* — Aurora! *(Aurora fica impassivel)*.

VOVÓ — Surdas! A doença atacou os ouvidos e a lingua!

MAMÃE — *(para Ricardo)* — Ricardo! *(Para João)* — João *(para Antônio)* — Antônio!

VOVÓ — É'' alguma doença nova, minha filha. Vamos depressa chamar o médico! *(dirige-se à D. do espectador, ao telefone)* — Meu Deus! Meu Deus!

MAMÃE — Você está sentindo alguma coisa, Ricardo. *(Ricardo permanece de olhos fechados)* — Aurora! *(Mamãe sacode um por um dos meninos)*.

VOVÓ — Venha depressa, doutor! Depressa! Até já... *(Aproxima-se da mesa)*.

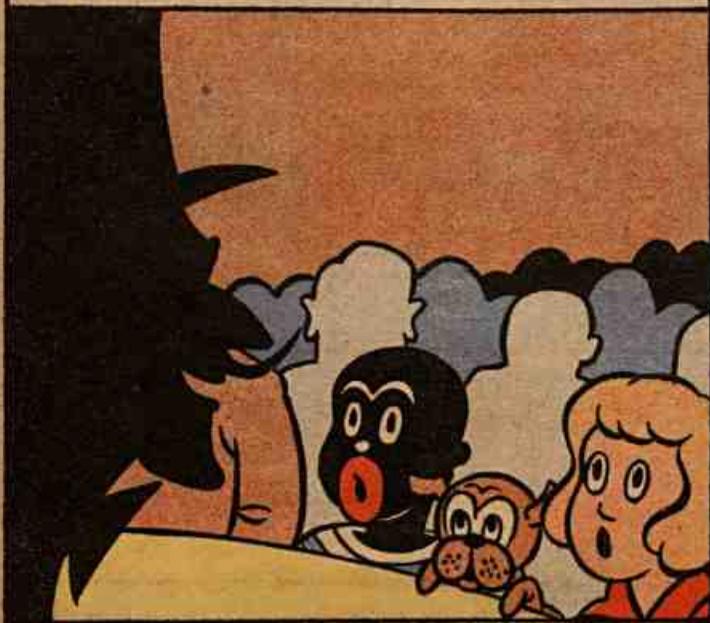
MAMÃE — *(apreensiva)* — Eles estão pálidos...

VOVÓ — *(segurando a mão de Aurora)* — E com febre.

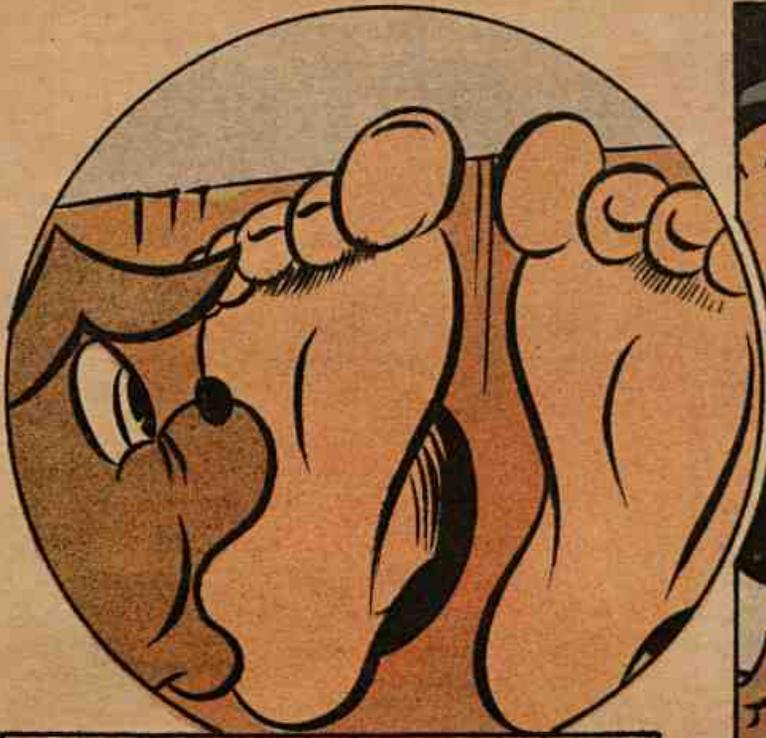
(Continua na página 120)

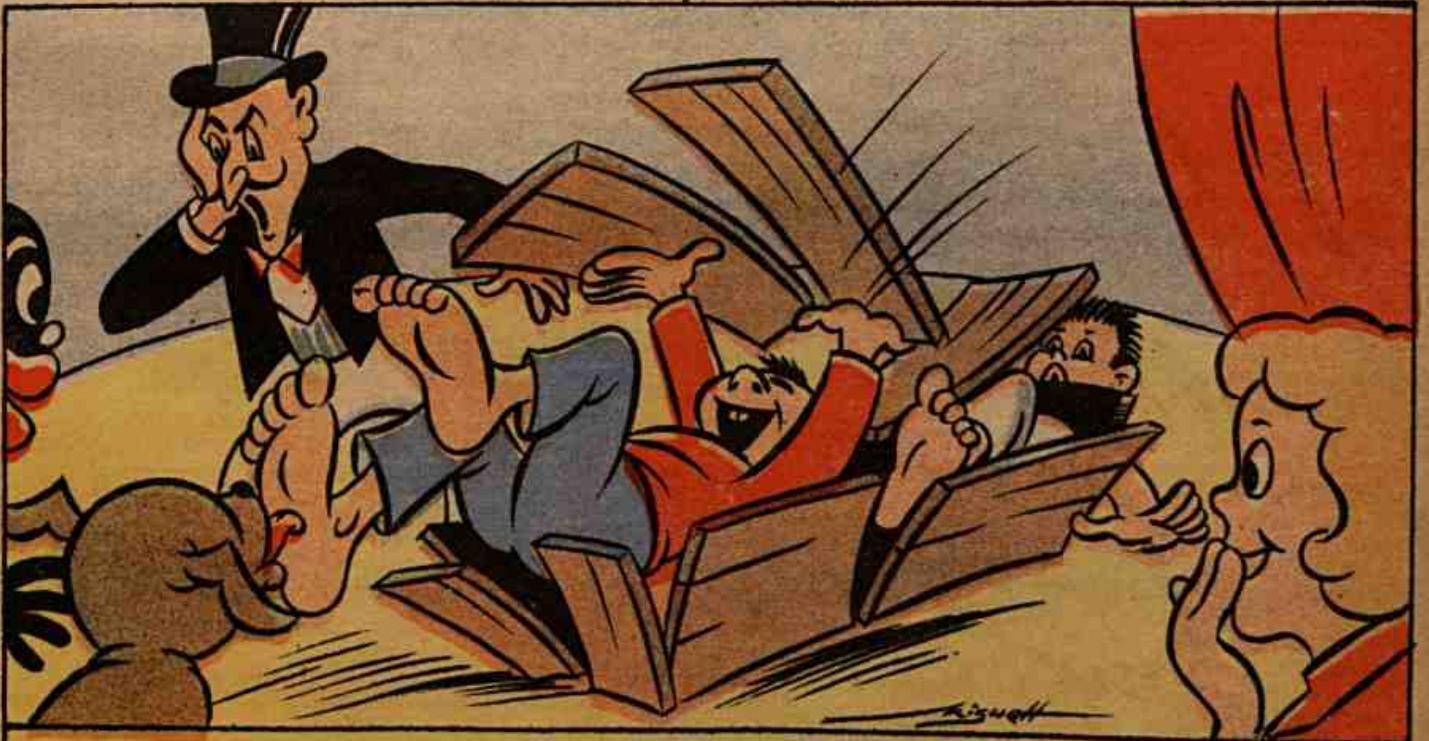
1	Q	S. Leôncio
2	Q	St.º Afonso de Ligório
3	S	St.ª Lídia
4	S	S. Domingos
5	D	N. S.ª DAS NEVES
6	S	SENHOR BOM JESUS
7	T	S. Caetano
8	Q	S. Ciríaco
9	Q	S. Romão
10	S	S. Lourenço
11	S	St.ª Suzana
12	D	St.ª Clara
13	S	St.º Hipólito
14	T	St.º Eusébio
15	Q	ASSUNÇÃO DE N. S.ª
16	Q	SÃO JOAQUIM
17	S	S. Liberato
18	S	S. Lauro e St.ª Helena
19	D	S. Mágno
20	S	S. Samuel
21	T	S. Camerino
22	Q	S. Timóteo
23	Q	S. Zaqueu
24	S	S. Bartolomeu
25	S	St.ª Lucila
26	D	S. Zeferino
27	S	St.ª Eulália
28	T	St.º Agostinho
29	Q	St.ª Cândida
30	Q	St.ª Rosa de Lima
31	S	St.º Aristides

CHIQUINHO

No teatro a garotada estava animadíssima, vendo o grande mágico e ilusionista Fulguroso Fulgêncio executar as suas proezas de artista. Era o maior !

— Agora, niños y niñas, vou realizar a grande prova da noite ! Vêem aqui êste serrote ? Muy bien ! Pois com êle vou trabalhar agora ! Vocês vão tremer de emoção !

— Aqui nesta caixa está um homem e eu, se Deus ajudar, vou serrar o camarada na cintura . . . sem que nada lhe aconteça. Só eu e um tio meu, no mundo todo, sabemos fazer isto !

QUA! QUA

Eis, porém, que Jagunço, curioso, ou talvez por troça — não se sabe . . . — foi até o palco e começou a farejar os pés do homem que ia ser serrado . . .

. . . e lá pelas tantas começou a dar lambidelas valentes . . . O dono dos pés, que sentia muitas cócegas, começou a soltar gargalhadas. E gargalhadas foram essas que . . .

. . . acabaram por desmantelar o caixote, de onde saíram os dois meninos que serviam para o truque, pois tudo não passava mesmo de um truque, muito usado no teatro pelos mágicos e ilusionistas . . .

Nesse dia Chiquinho deu também boas gargalhadas ! !

1	S	St.º Egídio
2	D	St.º Elpídio
3	S	N. S.ª DA PENHA
4	T	St.ª Rosália
5	Q	St.º Herculano
6	Q	St.ª Libânia
7	S	INDEP. DO BRASIL
8	S	NATIVIDADE DE N. S.ª
9	D	S. Pedro Claver
10	S	S. Nicolau Tolentino
11	T	S. Deodoro
12	Q	SS. NOME DE MARIA
13	Q	S. Maurílio
14	S	EXALT. DA STA. CRUZ
15	S	N. S.ª DAS DORES
16	D	St.ª Edite
17	S	St.ª Hildegardes
18	T	S. José Cupertino
19	Q	S. Nilo
20	Q	St.º Agapito
21	S	S. Mateus
22	S	S. Maurício
23	D	S. Lino
24	S	N. S.ª DAS MERCÊS
25	T	St.ª Aurélia
26	Q	St.ª Justina
27	Q	Sts. Come e Damião
28	S	S. Venceslau
29	S	S. Miguel Arcanjo
30	D	S. Jerônimo

MAMÃE — Mas quem tem febre não fica pálido, fica vermelho!

VOVÓ — E' capaz de ser alguma doença nova. Que horror! Meus netinhos!

MAMÃE — Não se aflija, vovó, o doutor mora aqui perto. Não há de tardar!

VOVÓ — Será que êle conhece essa doença?

MAMÃE — Ele conhece tôdas as doenças!

VOVÓ — Minha filha, convém você pôr um pouco dágua para ferver. Talvez êles precisem de um escalda-pés... (*Aurora abre os olhos alarmada e depois fecha-os outra vez*) — Eu vou fazer com que êles se acomodem... Vai... (*Mamãe sai. Vovó toma Aurora pela mão*) — Vem, minha filha, fica aqui nesta cadeira... (*Aurora obedece molemente*) — E você também, Ricardo... Coitadinhos... (*dirige-se a João*) — Você também... E êste aqui... Este parece o pior de todos! (*Antônio arregala os olhos e fecha-os depressa*) — Pobrezinhos!... (*ficam sentados no chão Ricardo, Antônio e João. Aurora na cadeira de balanço*).

DOUTOR — (*entrando*) — Pronto! Quem está doente? (*fica à d. da mesa de centro*).

VOVÓ — Todos, doutor! Deu uma epidemia dessa doença de repente!

DOUTOR — Epidemia?

VOVÓ — Quatro de uma vez, numa casa só!

DOUTOR — Mas o que é que êles tem?

VOVÓ — Não falam, não riem, não se mexem...

DOUTOR — Hum... (*vem junto de Aurora*) — Deixe ver a lingua... (*Aurora permanece quieta. Doutor sacode o termômetro, toma o pulso...*) — pulso está bom... (*faz flexões com a perna de Aurora*) — Hum... — Hum... Bom. (*enérgico*) — Deixe ver a lingua! (*Vovó coloca-se ao lado E. da cadeira e o doutor do lado D. — Vovó, ansiosa, põe a lingua de fóra*) — Não é a senhora, não! E' esta aqui!

VOVÓ — Eu estou ajudando... Eles estão todos surdos.

DOUTOR — Deixe ver a lingua (*Vovó torna a mostrar a lingua. Aurora faz um movimento e se controla. Mas o doutor percebe*) — Hum... creio que já sei do que se trata.

VOVÓ — Já sabe? Que bom! Que doença é essa doutor?

DOUTOR — Uma doença que dá muito em criança. Travessurite aguda.

VOVÓ — Travessurite! Pobrezinhos! Como essas crianças devem sofrer: No meu tempo não havia disso... E tem cura, doutor?

DOUTOR — Tem cura, sim. E é até fácil... (*fica superior à mesa do centro*).

MAMÃE — (*entrando*) — Oh, doutor! Estamos tão preocupadas! Já viu o que aconteceu com as crianças? Não faz meia hora estavam alegres, querendo brincar. E agora, estão assim...

DOUTOR — Não é nada grave. Para que essa chaleira?

MAMÃE — Para preparar o escalda-pés.

1	S	S. Veríssimo
2	T	STOS. ANJOS DA GUARDA
3	Q	St.ª Teresinha do M. Jesus
4	Q	S. Francisco de Assis
5	S	S. Plácido
6	S	S. Bruno
7	D	N. S.ª DO ROSÁRIO
8	S	St.ª Brígida
9	T	S. Dionísio
10	Q	S. Francisco de Borja
11	Q	MATERNIDADE DE N. S.ª
12	S	DESC. DA AMÉRICA
13	S	N. S.ª DE FÁTIMA
14	D	St.º Evaristo
15	S	St.ª Teresa de Jesus
16	T	S. Geraldo Majela
17	Q	S. Mariano
18	Q	S. Lucas Evangelista
19	S	S. Pedro de Alcântara
20	S	S. João Câncio
21	D	St.ª Úrsula
22	S	St.ª Córdula
23	T	St.ª Josefina
24	Q	S. Rafael Arcanjo
25	Q	S. Crisanto
26	S	S. Flório
27	S	St.ª Valentina
28	D	S. Judas Tadeu
29	S	St.ª Ermelinda
30	T	S. Marcelo
31	Q	S. Quintino

1	Q	TODOS OS SANTOS
2	S	FINADOS
3	S	St.ª Sílvia
4	D	S. Claro
5	S	S. Silvano
6	T	S. Leonardo
7	Q	S. Florêncio
8	Q	S. Godofredo
9	S	St.º Orestes
10	S	S. Justo
11	D	S. Martinho
12	S	St.º Aurélio
13	T	S. Nicolau
14	Q	St.ª Filomena
15	Q	PROCL. DA REPÚBLICA
16	S	St.ª Gertrudes
17	S	St.º Alfeu
18	D	St.º Odom
19	S	S. Crispim
20	T	St.º Otávio
21	Q	APRESENTAÇÃO DE N. S.ª
22	Q	St.ª Cecília
23	S	S. Clemente
24	S	S. João da Cruz
25	D	S. Gonçalo
26	S	S. Conrado
27	T	St.ª Delfina
28	Q	St.ª Lucrécia
29	Q	S. Saturnino
30	S	St.º André

DOUTOR — Não, não... Não é preciso. Tenho o remédio aqui comigo.

MAMÃE — O que é?

DOUTOR — Um remédinho que cura a travessurite num instante.

VOVÓ — Alguma injeção? *(as crianças se entreolham, alarmadas)*:

DOUTOR — Não, não. *(abre a valise e retira uma varinha de marmelo)*. E' muito simples. *(Dá uma violenta varada sôbre a mesa. Todos se põem de pé e gritam ao mesmo tempo)*:

JOÃO, RICARDO, ANTONIO E AURORA — Não! Não! *(correm para perto da Vovó)*.

DOUTOR — Viu que santo remédio?

VOVÓ — E' mesmo! Parece até penicilina!

DOUTOR — E já que estão curados, vou para o consultório, que tenho muitos clientes à minha espera! Até outro dia!

MAMÃE — Obrigada, muito obrigada, doutor! *(doutor sai)* — E agora, seus fingidos, vocês vão ficar de castigo, para nunca mais fazerem outra!

VOVÓ — Que é isso, Alina? Quero que êles expliquem porque não falavam...

AURORA — Quem falasse primeiro virava carniça...

VOVÓ — Oh! Nêsse caso, não merecem castigo... Vamos, vamos, abracem a mamãe... Ela levou um grande susto...

MAMÃE — E vovó também... Isso não se faz! Vocês não merecem perdão!

AURORA — Desculpe, mamãe...

RICARDO — Desculpe, mamãe...

ANTONIO — Desculpe, dona Alina...

JOÃO — Desculpe...

MAMÃE — Vocês prometem nunca mais fazer outra?

RICARDO — Prometemos. Antes virar carniça que assustar a senhora e a vovó outra vez...

VOVÓ — Nêsse caso, vamos ao lanche...

MAMÃE — Desta vez desculpo. Mas da outra... *(sai e volta logo trazendo um prato com biscoitos. Enquanto ela desaparece, as crianças pulam em roda da Vovó)*.

CRIANÇAS — Viva a vovó! *(Gritam. Quando mamãe aparece com o prato de biscoitos, passam a pular em torno dela)*.

MAMÃE — Silêncio! Fiquem quietos! Quietos! *(As crianças se calam)*.

VOVÓ — Que é isso? Estão calados outra vez? Deus me livre! Pulem. Gritem! Chega de silêncio. Vamos, viva a vovó! Viva a mamãe!

(As crianças prosseguem dando vivas enquanto o pano cai.)

1	S	St.º Eloi
2	D	1.º DO ADVENTO
3	S	S. Francisco Xavier
4	T	St.ª Bárbara
5	Q	S. Pelino
6	Q	St.ª Leôncia
7	S	St.º Ambrósio
8	S	IMAC. CONCEIÇÃO
9	D	St.ª Valéria
10	S	N. S.ª DE LORETO
11	T	S. Dâmaso
12	Q	N. S.ª DE GUADALUPE
13	Q	St.ª Luzia
14	S	St.ª Josefa Rosselo
15	S	S. Lúcio
16	D	St.ª Adeláide
17	S	S. Lázaro
18	T	St.ª Julieta
19	Q	St.ª Fausta
20	Q	St.º Eugênio
21	S	S. Tomé
22	S	S. Flaviano
23	D	St.ª Vitória
24	S	Stos. Adão e Eva
25	T	NATAL
26	Q	St.º Estevão
27	Q	S. João Evangelista
28	S	STOS. INOCENTES
29	S	S. Davi
30	D	St.ª Anésia
31	S	S. Silvestre

O GULOSO

Ganhei uns bonbons gostosos,
que me deu titio Heitor.
São mesmo deliciosos!
De chocolate e licor!

Grandes, lindos, embrulhados
em celofane vermelho,
êles vão ser mastigados,
por mim, defronte do espêlho.

Defronte do espêlho, sim.
Que não se espantem vocês.
Sabem por que? Porque assim,
Como dois de cada vez!...

BASTOS TIGRE

O BARÃO DE RAPAPÉ

AH! QUE BOM SER MAHARAJÁ DE BANGUIPUR!

U PATRÃO, HOJE, 'TÁ GOSTANO DA CAMA. INDA NUM SI ALEVANTOU

FORA DAQUI! COMO OUSA PERTURBAR O SONO DO MARAJÁ DE BANGUIPUR?
UÉ! O PATRÃO MALUQUECEU!

ORA! INTERROMPER TÃO LINDO SONHO!

TENHO AINDA UM COSTUME DE MARAJÁ. JÁ FUI ATOR...

VOU ENSAIAR ESTE COSTUME TAL COMO ME VI NO SONHO QUE TIVE

SEU DILIGATO, ACHO QUE MEU PATRÃO, O BARÃO DE RAPAPÉ, FICOU MALUCO! ÊLE TÁ DIZENO QUE É O MARACUJÁ DE BANGU

PANCRÁCIO, VAI À CASA DO BARÃO DE RAPAPÉ. SE ÊLE FÔR MALUCO MESMO, LEVE-O PARA O HOSPÍCIO

QUE ATREVIMENTO! SABE QUE EU SOU O MARAJÁ DE BANGUIPUR?

ENTÃO, SEU MARACUJÁ, NÃO VAI P'R'O BANGU, MAS P'RA JACAREPAGUÁ OU P'RO CAJU.

Soluções

DOS PROBLEMAS E PASSA-TEMPOS DESTE ALMANAQUE

QUANTOS ERROS?

(Solução da página 82)

Quadro 1 — A lua nunca é vista naquela posição. As letras do cata-vento não correspondem aos pontos cardiais.

Quadro 2 — As listras da zebra estão erradas.

Quadro 3 — Não existem jacarés ou crocodilos nas regiões polares.

Quadro 4 — As partes que estão na sombra é que deveriam estar iluminadas pela fogueira.

Quadro 5 — Milho não dá na posição do desenho. Os patos estão com pés de galinha.

Quadro 6 — Os pinguins não vôam.

•

QUEM ERA O CHEFE DO BANDO?

(Solução da página 160)

Joana "Calamity" identificou Bill, o terrivel, pela caneta automatica que êle conservou no bôlso, no botequim (2º quadro).

•

DESCUBRA OS IGUAIS

(Solução da página 168)

OS CAES : último da 1ª fila e 3º da 4ª
AS MOÇAS: 2ª da 2ª fila e 4ª da 4ª
OS GAROTOS : 1º da 2ª fila e 5º da 4ª
OS CLOWNS: 3º da 2ª fila e 4º da 5ª
RELOGIOS : 1º da 1ª fila e 4º da 2ª

O BOLO DE ANIVERSARIO

(Página 70)

Para que as partes do bolo ficassem iguais, devia fazer um corte em cruz, de 2 cms., no centro, entre as 4 velas e depois baixar a linha horizontal da cruz até à beira, a 1,5cm. do canto esquerdo. Proceder igualmente com as outras linhas, levando as perpendiculares à cruz até à beira do bolo.

•

O CASO DO ESPIÃO

(Página 70)

O que havia de curioso era que as somas verticais, horizontais e em diagonal eram sempre: 34. Eram 34 as divisões.

? — Porque êles eram 3: o avô, o pai e o filho.

? Ao fim de 7 dias terá chegado ao fim da peça.

•

SOLUÇÃO DO CASO DO QUADRADO

CIDADES OCULTAS

Roma — Praga — Cairo — Caracas — Nápoles — Jerusalém — Bruxelas — Berlim — Paris — Natal — Porto e Manaus.

•

O CASO DO JARDIM

Partindo do ângulo superior esquerdo ir em baixo, ao centro, depois ao ângulo superior direito, ao ângulo inferior esquerdo, ao centro em cima, ao ângulo inferior direito e voltar ao ângulo superior esquerdo. Estaria resolvido o caso.

•

E AGORA?

Esta é a solução do problema

1	2	2	=5
1	1	4	=6
3	3	1	=7
=5	=6	=7	

SÃO 60 DIFERENÇAS

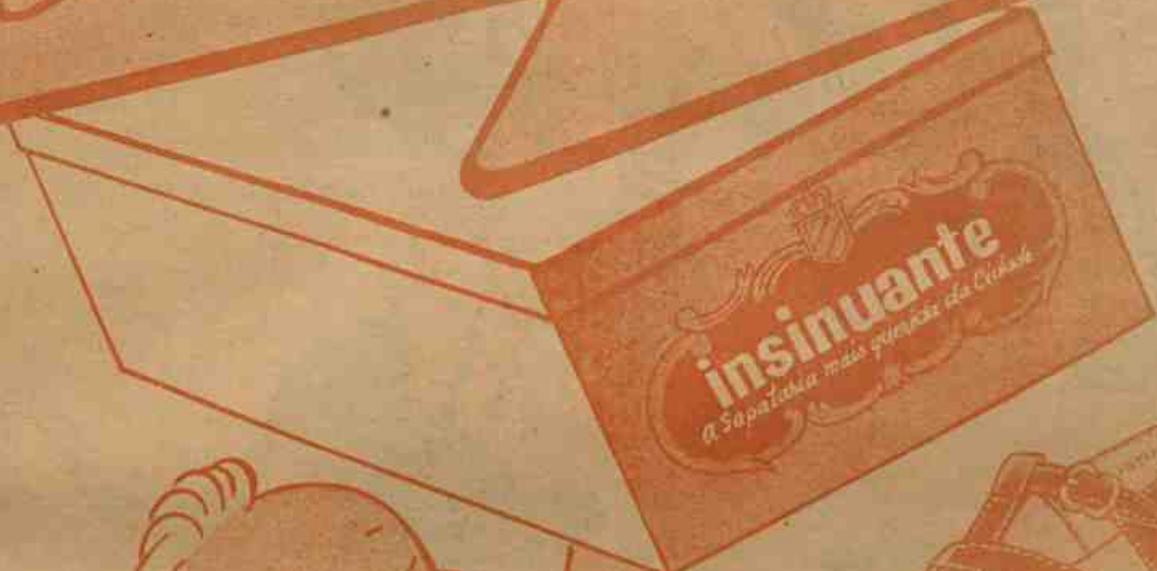
AQUI estão as 60 diferenças existentes nos três quadros da página 112.

Verifique em cada um deles, o que foi alterado e "confesse", lealmente, que nem tudo você descobriu. Não é verdade?

Bem... No ano que vem nós daremos uma página igual e você estará mais treinado...

E sabe que "O TICO-TICO" publica sempre passatempos assim?

Eita sapato Bom!

insinuante
a Sapataria mais querida da Cidade

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA,
E É TAMBÉM UMA GALERIA À SUA DISPOSIÇÃO.

RUA DA CARIOCA, 46-48 – SETE SETEMBRO, 199-201

O CÃO, o GATO

Compadre gato, — disse o cão — tenho que fazer uma viagem. Nosso Senhor me confiou êste papel, dizendo-o muito importante para a bicharada. Eu explico: é uma espécie de carta de alforria... Por ela todos os animais serão livres... Mas tenho de viajar e não posso leva-la comigo, pois corro o risco de perdê-la. Devo deixa-la em lugar seguro. Por isso, lembrei-me de você.

— E fez bem, compadre cachorro. Pode viajar descansado. Guardarei o seu papel num lugar em que nenhum ladrão o poderá achar.

O cão partiu, então, perfeitamente tranquilo, e o gato, cumprindo a palavra, levantou uma táboa do assoalho da sala e, no vão aberto, meteu o papel.

Respirou satisfeito. O compadre cachorro poderia viajar o quanto quisesse: seu papel estava muito bem guardado!

e o RATO

Esqueceu-se, porém, o bichano, de que o rato morava no porão e fazia buracos aqui e ali, à procura de comida. No dia em que disso se lembrou teve um grande susto: teria o rato dado com o papel do cachorro? Correu à sala, levantou a táboa e... não desmaiou porque gato não desmaia: do papel só restavam uns fios, umas tiras, tão roído estava! O gato encheu-se de furor. Foi procurar o rato.

Êste, que já sabia do prejuizo que causara, tratou de fugir.

O gato não sabia como explicar ao cão o acontecido. Por mais que se desculpasse êle acreditaria?

Por isso, assim que soube da chegada do compadre cachorro, procurou na fuga a melhor solução.

Supondo-se traído pelo amigo, o cão jurou apanhar o gato para lhe dar uma lição em regra...

O gato, por seu turno, em represália de ter de agüentar com a responsabilidade do que não fizera, vive atraz do rato: também quer tirar uma boa desfôrra. Por essa razão é que os cães não gostam dos gatos e os gatos se sentem bem quando pilham um ratinho qualquer.

AS MOEDAS DE MULTA

(Conclusão da pag. 79)

VIROU-SE e viu o tabelião.

— Que deseja o senhor? Outra moeda? — disse com acrimônia. Agora já não tenho um centavo!...

— Desta vez nada venho pedir-te — retrucou o notário. — Ao contrário: trago-te quatro saquinhos cheios de moedas. São as que me deste. Devolvo-as, mas sob a condição de que me prometas não tornar a jogar e continuar os estudos.

Pedro, muito comovido, abraçou seu benfeitor e prometeu que empregaria criteriosamente o produto daquelas economias forçadas.

De fato, manteve sua promessa.

Nunca mais jogou, pois compreendeu que o jôgo só conduz à ruína. Começou novamente a estudar, com tanto interêsse que chegou a ser um médico famoso.

Não recuperou as caixas de moedas de ouro e pedras peciosas, mas com as economias que fêz, em sua profissão, comprou uma casa modesta com horta e pomar e essa foi a sua verdadeira riqueza.

KOLATOL NÃO FALHA

FAZ DOS FRACOS FORTES. INFALIVEL NOS CASOS DE ESGOTAMENTO:
ANEMIA
DEBILIDADE NERVOSA — INSONIA
FALTA DE APETITE
E OUTROS SINTOMAS DE FRAQUEZA ORGANICA DE CRIANÇAS E ADULTOS.

TRISTÃO DA CUNHA

(Conclusão da página 99)

Ainda se fia a lã em antiquadas rocas e todos os homens sabem tricotar. Onze jovens, mobilizados em 1939, combateram na África, Itália, Normandia e no Pacífico. Muitos voltaram feridos.

E eis que se torna a falar em Tristão da Cunha com seus 200 Kms2, seus vulcões de 2.200 metros, sua rosto abrupta, a ilha onde se pode morrer muito velho, em média, depois dos oitenta anos. A União Sul-Africana quer instalar ali uma estação meteorológica análoga à que a Marinha Real Inglêsa instalou durante a guerra. Os sábios receiam que o dinheiro que há de chegar lá, com os homens do continente, transforme, irremediavelmente, os hábitos pacíficos e contamine a existência patriarcal da ilha da Solidão, mantida, pela distância, à parte de tudo o que agita e amedronta o mundo moderno.

O VIOLINISTA E O MILIONARIO

(Conclusão da pag. 73)

— Senhor, não ambiciono riqueza. Já vos disse que meu violino é minha única fortuna, e creio que sem êle não poderei viver... Não penseis que êle está enfeitiçado. A música flui do mais fundo do meu coração como de um manancial inesgotável, expressando tôdas as coisas belas que sinto...

Que se passou na alma de Gaspar? Uma brusca mudança se operou. A atitude de Silvio, suas palavras simples e sobretudo o milagre da música, eram sem dúvida a causa de tão extraordinário sucesso. Gaspar, afinal, compreendeu que o segrêdo da música do jovem não estava em seu violino, e sim na sua alma, pura, capaz de assimilar a essência divina das coisas mais simples. Êle jamais poderia tocar violino como Silvio.

E dêsse dia em diante quis ser outro homem. Encontrara, finalmente, o caminho da verdade, ignorado por tanto tempo, através do qual conseguiria captar um dia a beleza que existe nas coisas mais singelas.

Coleção Seth

MEU BRASIL

ALBUM fartamente ilustrado focalizando homens e fatos de nossa Pátria. Resumo dos principais eventos históricos, do Descobrimento até os dias atuais. 7.ª Edição.

Preço: Cr$ 12,00

NOSSO MUNDO

UM lindo volume de 46 páginas, com ensinamentos sôbre Geografia elementar. Sétima edição. Noções seguras de Cosmografia, Geografia humana, produções, divisão política da Terra. Várias páginas sôbre o Brasil.

Preço: Cr$ 10,00

PRIMEIRAS LETRAS

CARTILHA para principiante, com 300 desenhos, método altamente prático e elucidativo para ensinar a lêr. 17.ª edição.

PREÇO: CR$ 10,00.

FIGURAS GEOMETRICAS

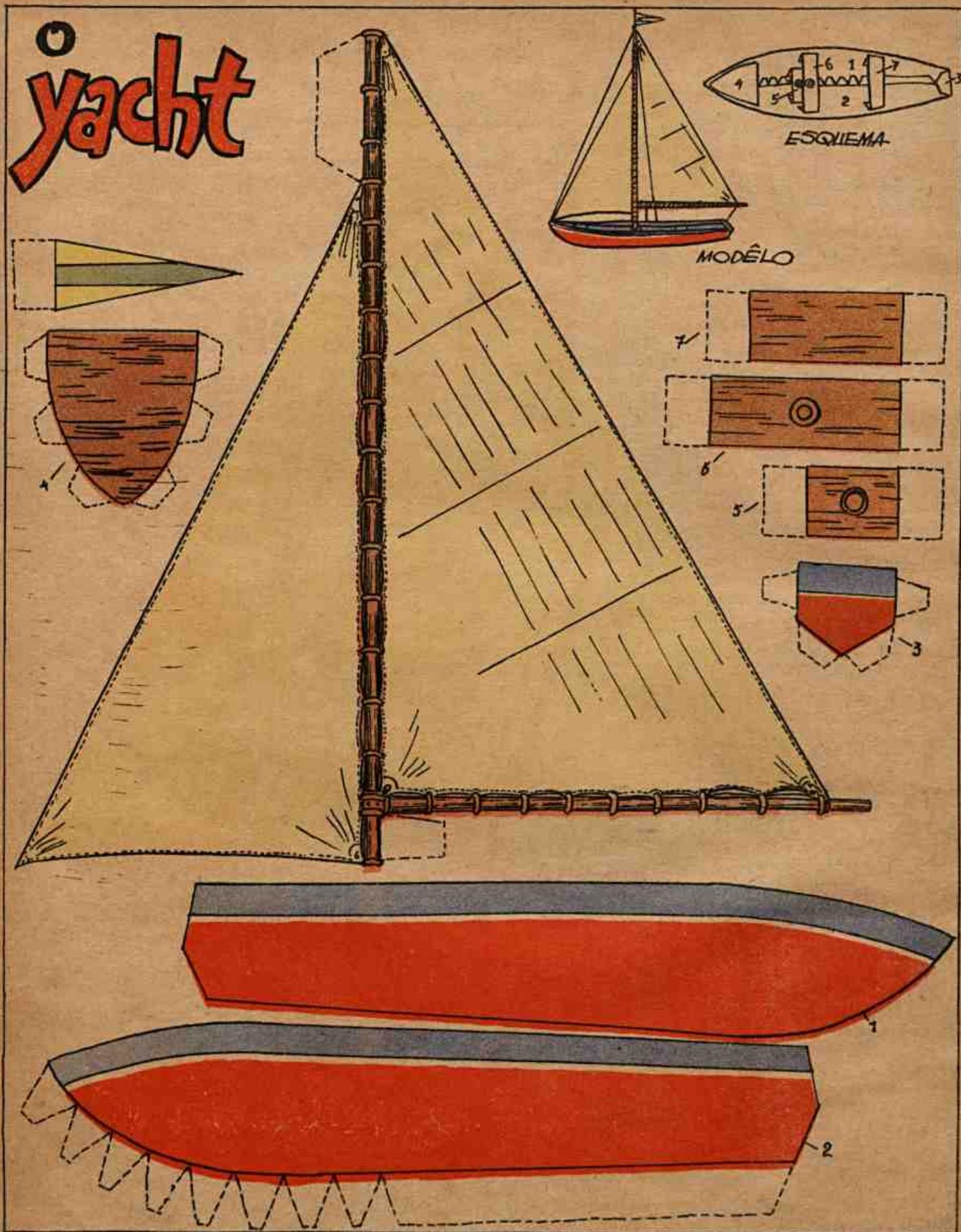
NOÇÕES elementares de Geometria prática, com resoluções dos problemas gráficos mais importantes: divisão de linhas, da circunferência, traçado de curvas, etc., 4.ª edição.

PREÇO. CR$ 6,00.

PRIMEIROS TRAÇOS

ENSINO racional e prático do desenho, com orientação no texto. Ótimo auxiliar para as escolas profissionais. Desenho decorativo e ornamental. 13.ª edição.

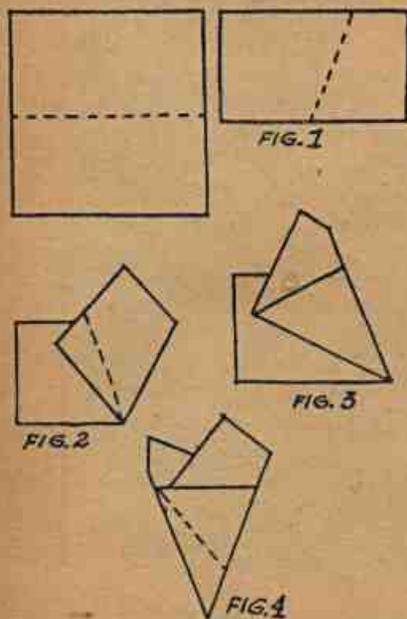
PREÇO: CR$ 6,00.

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal a partir de Cr$ 20,00.
DISTRIBUIDORES: S. A. "O MALHO"
RUA SENADOR DANTAS, 15-5.º ANDAR—RIO.

COLE-SE a página em cartolina resistente e recorte-se cada parte com muito cuidado.

Unam-se as peças 1 e 2 por meio das aletas e a peça 3 na parte posterior do barco. As demais são colocadas conforme indica o esquema, fazendo coincidir os números.

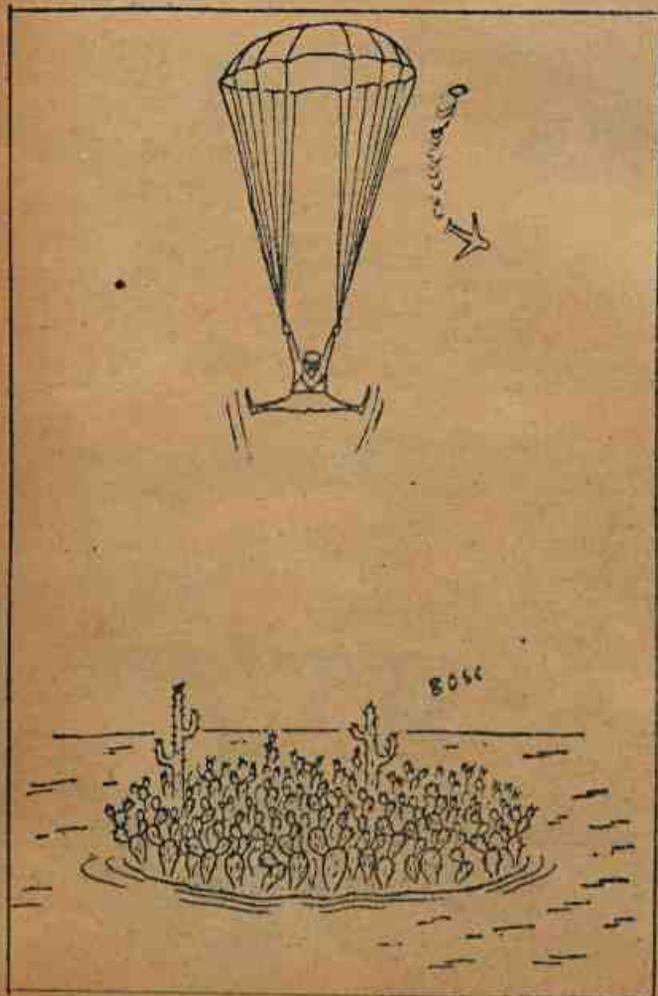
As peças 5 e 6 se perfuram pelos círculos e se passa por êstes um caniço ou arame, no qual se cola a parte posterior do mastro, prêso pelas 2 aletas. No tope do mastro vai a flâmula.

O COELHO SABIDO

COMO SE FAZ UMA ESTRÊLA DE CINCO PONTAS

No quadro ao lado, as diversas figuras ensinam como se consegue fazer uma estrêla de 5 pontas. As linhas pontuadas indicam onde se vai dobrando a folha de papel.

Na figura 4, a linha interrompida mostra o lugar onde se deve dar o côrte final. Primeiro se dobra a folha de papel ao meio. Depois, (fig. 1) na direção obliqua, o que dá a fig. 2. Dobrada esta, tem-se a fig. 3, que se dobra ainda até ter a fig. 4.

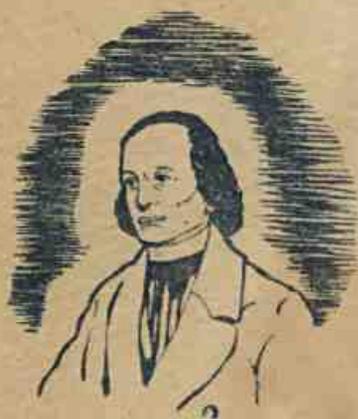
Aí mete-se a tesoura. . .

O AZAR DO PARAQUEDISTA

ALEXANDRE HERCULANO E A COMENDA

D. Pedro V, que muito admirava e estimava o insigne autor da "História de Portugal", resolveu condecorá-lo com a comenda da Torre e Espada. Mas Herculano, que detestava todas as manifestações de vaidade, e sempre coerente com a sua forma de pensar, recusou aceitar tal recompensa aos seus méritos de historiador e prosador. E' curioso conhecer o que ele escreveu sôbre o assunto:

"El-Rei o Senhor D. Pedro V, que Deus tem consigo, procurou-me um dia para me pedir, dizia ele, um favor. Era o de aceitar a Comenda da Torre e Espada. Recusei, e com a sinceridade que ele sempre encontrou em mim, expus-lhe amplamente os motivos da minha recusa. Aquele grande espírito, complexo de extrema doçura, de alta compreensão e de profundo sentir, debateu, sem se irritar, as ponderações, talvez demasiado rudes, que lhe fiz. Concluiu por me dizer que cada um de nós podia proceder naquele assunto em harmonia com as próprias convicções. Que ele cumpria o que reputava um dever de rei, e que fizesse eu o que a consciência me ditasse.

"Como os outros homens, os reis, embora se chamem D. Pedro V, estão sujeitos a apreciarem mal as pessoas e as coisas. Nem eu valia o que ele supunha, nem a comenda valia nada".

A TRANSMISSÃO TELEGRÁFICA DAS IMAGENS

E' atualmente o complemento indispensável do noticiário, precioso auxiliar do serviço de informações.

Foi, póde-se dizer, o escalão que permitiu chegar à televisão. E como ocorre, quase sempre, o nome do seu inventor é desconhecido, excéto de alguns estudiosos.

Ao abade italiano João Caselli corresponde não só o mérito de ter sido o primeiro a organizar um serviço regular de transmissão telegráfica de documentos gráficos, como também a glória, ainda maior, de haver realizado a perfeita sincronização de dois aparelhos colocados a grande distância, problema que até então era considerado impossível, e incluido, por muitos homens de ciência, no mesmo plano do movimento perpétuo e da quadratura do círculo.

Entre as primeiras provas de teletransmissão, especialmente demonstrativas, figura um "caselligrama" - assim era chamado então - de Joaquim Rossini, expedido a 29 de Janeiro de 1860 ao abade Caselli, enquanto êste realizava uns ensaios para estabelecer serviço regular entre Paris e Amiens e mais, caso notável, uma teletransmissão em caractéres chineses. Estas ultimas provas se realizaram com pleno êxito perante uma comissão enviada pelo imperador daquela nação — que naquela época ainda era império — a fim de resolver as numeráveis dificuldades que apresentavam a transmissão de telegramas em idioma chinês e sua tradução para os idiomas europeus. As provas se efetuaram sem nenhuma dificuldade e tiveram excelente resultado.

Caselli se destaca entre outros precursores, porque é, ao mesmo tempo, criador e realizador da forma prática e perfeita. Se seu sistema não teve a universal aplicação de que merecia, isso se deve não tanto às circunstâncias adversas que tantas vezes formam obstáculos no caminho dos inventores, como à falta de colaboração e meio de fortuna.

João Caselli nasceu em Siena em 27 de Maio de 1815, realizando estudos literários e cientificos em Florença, onde foi discípulo do grande físico Leopoldo Nobili. Dedicado à mecânica e à eletricidade, instalou um pequeno laboratório onde iniciou seus estudos e provas sôbre a transmissões telegráficas das imagens, problema que lhe interessava muito e que havia de resolver com seu gênio e paciência.

Caselli morreu em Florença em 1891.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

PREÇO Cr$ 30,00

(49.º ano de publicação)

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA S. A. "O MALHO"

Diretor

Antonio A. de Souza e Silva

Rua Senador Dantas, 15

5.º andar

Tel. 22-9675

RIO DE JANEIRO

Bom gôsto

para seus Filhos

O Departamento Infantil do MAGAZINE MESBLA apresenta sempre o que há de mais [illegible] e interessante para os seus filhinhos, quer na Seção de Roupinhas para meninos e meninas, como na Seção de Brinquedos, que é sem dúvida a mais completa do Brasil...

Vista os seus filhos com elegância e leve-os para ver um ambiente cheio de atrações, das quais êles jamais esquecerão...

MAGAZINE Mesbla

Às 3.as e 6.as, aberto até 22 hs

GRAFICA PIMENTA DE MELLO S. A. — RIO